

**COELHO NETTO**

**O RAJÁ DO PENDJAB**

O RAJÁ DO PENDJAB

## Obras de COELHO NETTO

---

- |   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| Serlão.   | Rei Negro.                           |
| A Bico de Penna.  | Capital Federal.                     |
| Agua de Juventa.  | A Conquista.                         |
| Romanceiro.   | Tormenta.                            |
| Theatro, vol. I (O Relicario,<br>Os Raios X, O Diabo no<br>corpo).              | Tréva.                               |
| Theatro, vol. II (As Estações,<br>Ao Luar, Ironia, A Mu-<br>lher, Fim de Raça). | Banzo.                               |
| Theatro, vol. IV (Quebranto,<br>comedia em 3 actos. e o<br>salnete Nuvem).      | Turbilhão.                           |
| Theatro, vol. V (O dinheiro,<br>Bonança, e o Intruso).                          | O meu dia.                           |
| Fabulario.  | As Sete Dóres de Nossa Se-<br>nhora. |
| Jardim das Oliveiras.   | Balladilhas.                         |
| Esfinge.  | Pastoral                             |
| Inverno em Flôr.  | Vida Mundana,                        |
| Apologos, contos para crian-<br>ças.  | Patinho torto.                       |
| Miragem.  | As quintas.                          |
| Mysterios do Natal, contos<br>para crianças.                                    | Scenas e perfis.                     |
| O Morto.  | O Paraíso.                           |
|   | Immortalidade.                       |
|   | Feira livre                          |
|   | NO PRELO:                            |
|   | Bazar.                               |
|   | Theatro lyrico,                      |
|   | Contos da Vida e da Morte.           |
|   | Canteiro da Saudade.                 |

PREÇOS, VÊR A TABELLA EM VIGOR

♦♦♦♦

*A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adheriram á convenção de Berne—(Em Portugal pela lei de 18 de março de 1911—No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1919).*

COELHO NETTO

---

# O Rajá do Pendjab

---

SEGUNDA EDIÇÃO REFUNDIDA

VOLUME II



PORTO

Livraria Chardron, de Cello & Irmão, L. da  
editores — Rua das Carmelitas, 144

Hillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

---

1927

**SEGUNDA PARTE**

---

**O THESOURO MYSTERIOSO**

## O REFUGIO DOS ULTIMOS TAMOYOS

Senhores da costa do Rio de Janeiro, os tamoyos constituíam uma formidável nação guerreira, temida das tribus vizinhas com as quaes andavam constantemente em luta — só os tupinambás eram respeitados pelos intrepidados selvicolas com os quaes tinham certo parentesco de lingua e de costumes. Eram robustos e audazes. Construíam solidamente as suas ocaras, cercando-as duma caiçara apuada e, como eram dados á musica e á dança, quando repousavam das guerras ou no regresso da caça ou da pesca, reuniam-se no terreiro e, ao som agudo dos tembis, ao chocalhar dos maracás estridulos, improvisavam e bailavam freneticamente.

No labio inferior traziam um osso atravessado e, nos dias de festa, cobriam-se de vistosas plumagens servindo-se d'armas bizarramente sarapintadas e emplumadas. Quando, nas aguas verdes, as galés de França disputavam ás de Portugal a posse

da região viçosa que surgira do seio dos mares, os tamoyos alliaram-se aos francezes, prestando-lhes mão forte contra os lusitanos nas campanhas renhidas, travadas em terra e no mar, campanhas das quaes sahiram vencedores os portuguezes sabia e valentemente guiados pelo espirito disciplinador de Estacio de Sá.

Em 1566 varios foram os encontros entre os soldados que se batiam á sombra do pavilhão flor-delisado e os que acompanhavam a bandeira das chagas ficando, por vezes, a victoria indecisa.

Os tamoyos, habeis canoeiros, manobravam as suas embarcações e do mar despediam as suas flechas certeiras causando grande damno aos de Portugal, pondo-os em alvoroço, e, não raro, em sobressalto e panico. Sahindo Belchior de Azevedo em exploração da bahia, para saber o destino dos Francezes e dos indios que, depois de combate desastroso, haviam desaparecido, dando folga bastante para que os seus inimigos levantassem fortificações, encontrou-os no mar dando-lhes batalha e, com tanta intrepidez atacou as canoas dos selvagens que, em pouco tempo de luta, a victoria pronunciou-se em seu favor, ficando muitas embarcações viradas e dezenas de indios mortos sobre as ondas.

Longe de descorçoarem, como se a derrota os estimulasse á vingança, depois de breves treguas, tornaram ás aguas com maior furor sendo, porém, de novo derrotados.

Fugiram deixando muitos companheiros captivos dos portuguezes, outros alanceados ou atravessados pelas balas mortaes dos arcabuzes, mas

recolhidos na selva natal, não se compadeceram com a derrota cogitando nos meios de tirar desforra dos que, não só lhes iam tomando a terra, herdada dos seus maiores, como ainda abatiam a ferro e fogo ou escravizavam a flôr dos seus guerreiros.

Aperceberam-se de armas, prepararam rapidas canôas e, vistosamente vestidos, fazendo atroar a sua fanfarrã selvagem, sahiram ao mar desafiando.

Andava uma força portuguesa explorandô as adjacencias do littoral, porque sempre contavam com as surpresas do indio — iam os homens em sete canôas remando descuidados quando se viram, de improviso, assaltados por sessenta e quatro embarcações tripuladas por copioso numero de indigenas que, bradando e atroando os ares com os horés estridentes, investiam de voga arrancada.

Os portugueses, posto que em numero reduzido, não se deram por desanimados e esperaram corajosamente o embate dos selvagens. Eram tantas as frechas que despediam os arcos que só o zunido que faziam nos ares bastava para levar o panico ao coração mais forte; as aguas fervilhavam com as que cahiam. E o estrondo do combate, com o barbariso do gentio e ainda os clangores dos instrumentos asperos, era horrisono e estarrecia os animos mais árdegos.

Chegaram outras canôas que, reunidas ás sete, que tão bravamente combatiam, com o fogo dos berços e dos mosquetes tamanho estrago fizeram nos indios, que quatro delles, apenas, lograram escapar, refugiando-se na visinha selva. Ainda assim, apesar de tantos desastres consecutivos, os

tamoyos alimentavam a esperança de vingar os mortos arrasando as fortificações do inimigo sem dar quartel a um só.

*Guaxará*, cacique do Cabo Frio, ordenou uma frota de 180 canôas dispendo-se a atacar o adversario e, como se fizesse ao mar, num leve barco, Francisco Velho que sahira a buscar madeira para a construcção da capella de S. Sebastião, viu-se subitamente cercado pelos indios.

Da praia, porém, Estacio de Sá não perdeu uma só das peripecias da luta e, rapido, guarnecendo, com os homens mais válidos, tres canôas, sahio a folgadas remadas em soccorro do mordomo da confraria de S. Sebastião, que se via em tão apertado empenho com poucos homens e armas em diminuta quantidade para fazer frente ao bravio e copioso exercito que avançava clamando.

Estacio de Sá carregou sobre os indios com grande braveza e denodo, ainda assim não teria escapado se um incidente providencial não levasse o panico á frota indigena, pondo-a em debandada e atordoada, dando ensejo a que o inimigo fizesse nella grande mortandade.

No mais acceso da luta fez explosão um barril de polvora. Tão grande foi o estampido, tão densa foi a nuvem de fumo que se levantou do sitio onde estava accumulado o inflammavel que os indios, aterrados, deram as costas ao inimigo, crescendo nelles o pavor quando uma velha india, tomando o facto como sobrenatural, pôz-se a bradar — que fugissem !

E todos remaram em rumo á praia, onde poiaram com grande perda de vidas e numerosos feridos.

Rechassados e perseguidos pelos portuguezes, que não lhes davam treguas, trucidando ou aprisionando os que encontravam, abalsaram-se desanimadamente os vencidos, demandando as profundezas das florestas virgens.

Esses válidos guerreiros, temidos por quantos habitavam as serras e as campinas, que deixavam tabas devastadas, o caras reduzidas a cinzas, taperas ao longo dos caminhos, fugiam tristemente, humilhados, apartando-se, para o sempre, das ribeiras do mar que, dantes, assenhoreavam. Eram os banidos — a Patria ficava além, tomada pelos que, numa manhã sinistra, navegando vagarosamente pelas grandes aguas solitarias, haviam saltado em terra cravando uma cruz na collina e cercando-a de fortificações.

A propria terra armava-se contra os seus filhos. Era nos seus outeiros verdes que se assestavam os obuzes, dentre as moutas de seus bosques partiam certeiras balas, os ramos das arvores davam as machas com que eram abatidos, os proprios troncos prestavam-se a ser escavados em canôas e sabiam pelas aguas em perseguição dos que haviam nascido á sombra dos seus ramos.

Lá iam elles, os banidos, ao acaso, desbravando caminhos, empenhando-se em combates com os de outras tribus que se lhes oppunham á marcha triste. Pudessem contar aos irmãos da floresta, que lhes embargavam o andar, que a terra que lhes fôra doada por Deus já lhes não pertencia, mas aos que haviam chegado de longe sobre as brancas gaivotas de azas largas; pudessem contar a dolorosa verdade, de certo os alliciarium e, juntos,

tornariam á praia donde haviam sido expulsos, repellindo o invasor se a ira permittisse que um só ganhasse as amuradas das náos altivas que se balauçavam orgulhosamente nas ondas do mar captivo.

Pudessem os seus irmãos selvagens comprehender-lhes a dôr, adivinhar-lhes os soffrimentos; pudessem prever a proxima calamidade e não haveria na brenha uma só tribu isolada, todas confraternisariam para a desforra commum, para a defesa da terra, para a expulsão do invasor.

Mas os miserandos, em vez de contarem com os irmãos, eram forçados a os atacarem para defender a vida. Avançavam lutando com o homem, com a féra, com a propria natureza hostil, marcando, com os cadaveres dos companheiros, a derrota desse exodo até o ponto em que se estabeleceram julgando que ali não chegariam os homens crueis com as suas armas flammivomas e atroadoras como os raios de Tupan. Hesitavam, escolhendo o sitio. Se viam uma serra agreste resolviam estabelecer-se á sombra do arvoredó, logo, porém, pensavam na belleza que attrahiria os ambiciosos: aquella verdura, aquellas aguas claras, aquellas relvas macias, ah! Já não lhes era dado ficar em sitios accetosos, eram os banidos—para elles os desertos seccos e desassombrados, para elles os penhascos este-reis, para elles as macegas. Nada d. que a natureza lhes mostrava no esplendor do viço e na maravilha da côr podia servir de asylo porque, em breve, novos bandos armados acudiriam desalojando-os, e elles já eram em numero tão reduzido, tantos haviam ficado varados pelas frechas, atas-

salhados pelas feras, feridos pelas molestias más, que os poucos que seguiam, unidos como uma só familia, cuidavam da vida do bando como da propria. Era uma raça que emigrava hostilisada por tudo, opprimida e sem destino, fugindo, fugindo sempre até encontrar um ponto socegado e longinquo onde pudesse, entoando o canto de morte, levantar a ocará que seria o tumulo.

Vagarosamente foram seguindo em rumo contrario á direcção dos rios. Porque muitos iam feridos e eram em grande numero mulheres e crianças, grandes pausas tornavam-se necessarias. Para isso escolhiam os sitios arredados e, como evitavam as campinas descobertas, era quasi sempre no mais fechado dos bosques que assentavam o acampamento de repouso; ainda assim, não raro, quando se julgavam mais resguardados, ouviam, no pavidó silencio da noite, o sibilo do selvicola ou o estalar do ramalho sob a pata das onças. Se podiam evitar a peleja com os irmãos da floresta abalavam, e quanto mais seguiam mais a saudade lhes pungia o coração.

Longe ficavam as terras amadas, as alongadas praias arenosas, onde o mar espunante gemia em noites de luar; longe ficavam, ainda cravados na terra, os esteios da ocará abandonada e, mais que tudo, os companheiros que, por mal feridos no combate, não podendo escapar á sanha do inimigo, gemiam em captivo humilde e vergonhoso.

Quantos sóes luziram no céu, dourando os campos! quantas luas passaram antes que alcançassem essas campinas rasas de macega onde apenas, de longe em longe, verdejava, como um barco de

flores em mar largo, um capão todo cercado de lindas palmeiras indaiás, abrindo os leques elegantes que tremem como flabellos á mais leve bafagem, não que antes de avistarem esses geraes goyanos não houvessem encontrado sitios apraziveis, mas se lhes pareciam bellos, logo se lhes tornavam suspeitos, pela certeza que tinham de que, em breve, os homens ambiciosos os haviam de tomar para seu goso. Preferiam um sitio agreste e de accesso difficil que, em vez de seduzir pelos encantos, repellisse pela aspereza, que, longe de acenar com palmas verdes parecesse, por seu aspecto, desolado, esteril e maninho. E foi justamente o que encontraram galgando as subidas ingremes e escalvadas da serra dos Pyreneus.

As rochas disformes, cobertas de mattos hispidos, ou nuas, negras, talhadas meio a meio pelos raios, deixavam entrever abysmos pedregosos, que eram logradouros de animaes peçonhentos. O arvoredo, raro e pêco, punha uma sombra rala nos caminhos de areia grossa e calhau; por um lado antros escancarados, humidos, sombrios; por outro penhas ingremes, rochas negras e a desolação dos lugares sem herba e sem agua. Por toda a parte como que se sentia o almiscar das feras: a serra era o retiro favorito das onças. Ali reuniam-se os casaes ferozes e, como o homem ainda não houvesse chegado a taes alturas, os animaes viviam á vontade, tranquillos, rugindo quando presentiam tempestades ou no silencio alvo das noites de luar.

No planalto superior, á sombra d'arvores floridas, correjos limpidos cruzavam-se. Grutas e cavernas succediam-se como abrigos naturaes, am-

plas, forradas por um tapete macio de musgo. A maior, aberta numa rocha immensa, com um respiradouro ao centro, recebia o sol que lhe dourava as stalactites e carminava as aguas tranquilladas de limpida ribeira que deslisava suavemente ao fundo.

Quem penetrava essa immensidade saxea tinha a impressão maravilhosa de um dia de ouro e azul: as stalactites pareciam de turqueza e o ar levissimo era dum tom ceruleo. Fletos e avenças rendilhavam as muralhas abertas em nichos e com esca-leiras como se por ali, em tempos idos, homens hou-versem tentado construir, na própria pedra bruta, um palacio ou templo colossal.

Os indios, invadindo a crypta resplandecente, pasmaram da magnificencia e alguns, como deslumbrados da grandeza da gruta, levantaram a voz glorificando Deus, senhor da terra, e logo trata-ram de explorar minuciosamente todos os recan-tos e, como só achassem paz e maravilhas, toda a tribu, de mais de tresentos homens, certa de que ali não seria perseguida, espalhou-se folgadoamente e, pela primeira vez, repousou tranquilla.

A vida sorriu-lhes nessa estancia agreste. As arvores não só lhes davam as largas sombras como prodigamente lhes offereciam os frutos dos seus ra-mos; a agua vinha fresca e pura por varias ribei-ras serpentinadas; a caça era abundante e nos ria-chos o peixe saltava em cardumes; ainda para maior regalo, não havia em toda a adjacencia vestigio de passo humano.

Aposentaram-se por grupos tomando cavernas e grutas — a maior foi destinada ao velho Mba-ra-eté e ao venerando Poraúbô, pagé da tribu, o an-

nunciador, que confabulava com Tupan quando se fazia mister consultar a vontade divina para uma acção qualquer em que se deviam empenhar os fogaçosos.

Mbara-eté era uma reliquia sagrada da tribu. Alquebrado pelos annos, quasi cego, o formidavel guerreiro que fôra na mocidade o terror dos goytacazes, legara a sua bravura ao filho, o destemido cacique de Cabo-Frio, o valido *Guaxará*, cujo nome bastava para levar o terror aos campos inimigos.

Mbara-eté, como signal da nobreza com que o proprio Deus quizera distingui-lo, tinha uma grande mancha rosada no peito forte e, posto que mal se pudesse mover, a sua palavra era ainda ouvida com acatamento e, quando se enfurecia, todos os guerreiros, que encaravam impavidamente a morte, estremeciam porque a palavra do velho chefe estrondava como a voz das tormentas — era como se o proprio Senhor do raio falasse por sua boca.

Não se apartavam jámais os dois senhores do destino dos ultimos tamoyos. Nesse tempo, porém, dos anciãos que haviam acompanhado a tribu poucos existiam. Mbara-eté dormia o grande somno numa igaçaba e Poraúbô, que pedira para ser enterrado á beira de um correjo, entre as indaiás sussurrantes, ali jazia e quantos outros, que haviam expirado, repousavam no fundo das cavernas, conservados como penates, ou á margem das ribeiras, á sombra do arvoredado sussurrante.

Os indios, que haviam explorado os arredores, sabiam o que nelles havia em riqueza, para elles, porém, a melhor riqueza era a paz que ali fruiam. No estio os dias abrasavam, no inverno fazia-se

mister o lume; accendiam fogueiras no fundo das cavernas e o aspecto maravilhoso encantava os proprios selvagens, pouco a pouco, porém, habituando-se, já não davam attenção ao que viam olhando com indifferença.

Já ali viviam havia longos annos quando, uma manhan, um delles, mais ousado, internando-se na brenha, descobriu, com surpresa, no saibro, péga-das humanas.

Duvidando, a principio, dos seus olhos, não tardou a convencer-se de que por ali outros companheiros seus haviam passado e seguiu já sem o enthusiasmo natural de quem faz uma exploração. Aquelle admiravel e socegado sitio, tão cheio de passaros que desferiam de ramo em ramo, já por outrem fóra visto e contemplado; já, por certo, sabiam na tribu da existencia daquelle paraíso de verdura onde uma fonte minava a agua mais branca e fresca daquellas paragens, de que lhe servia proseguir? Pensava em retroceder quando ouviu uma voz dóce e meiga, que vinha duma mouta, entreneçada com o canto dos passarinhos.

Ah! não fôsse alguma seducção do caapora perverso que, occultamente, estivesse armando cilada á sua curiosidade para vingar-se de elle haver penetrado aquelle retiro, talvez reservado aos seres mysteriosos da floresta. Ah! não fôsse o caapora. . . Mas que dizia a voz? que significavam aquellas palavras que elle mal percebia?

Avançou vagarosamente, apartando os ramos e viu entre as hervas, cercado de aves mansas, um homem branco, com uma vestimenta grosseira feita com a fibra do tucum, barbas immensas, de joelhos

diante duma cruz, curvado sobre um grande livro. As barbas longas e alvas chegavam de rojo ao chão; resmoneava levantando, de vez em vez, os braços para o céu e batia no peito penitenciando-se. O indio, contemplava, pasmado, o homem solitario tão entretido na leitura do immenso livro que nem dava pelo farfalho dos ramos que o tamoyo apartava. Posto que o odio o impellisse para aquelle irmão dos brancos, sentia-se o tamoyo detido por uma força estranha e quando o solitario levantou a cabeça e elle viu os seus olhos que resplendiam ficou de todo vencido pelo encanto poderoso daquellas pupillas fulgidas.

— Abaré ! clamou arrebatado e o solitario, voltando-se tranquillamente para o ponto em que se achava o indio e descobrindo-o, chamou-o em dôce *aba-neem*, o que causou grande espanto ao tamoyo que caminhou, mais attrahido pelo prestigio do que levado pela vontade. O asceta lançou um olhar tão meigo ao selvicola que todo o odio se lhe desfez no coração, nem animo teve de fitar o homem que parecia o senhor unico daquellas paragens de tanto verdor e de tanto perfume.

— Donde vens ? Quem és ? perguntou o eremita.

O indio disse chamar-se *Manandar*, como se dissesse « vigilante » e referiu, com todos os pormenores, a dolorosa peregrinação da tribu que, partindo da beira das grandes aguas verdes, chegara, depois de longo caminhar, áquellas paragens occupando as cavernas que encontrara como se a Providencia ali as houvesse posto para lhes servirem de abrigo. O solitario ergueu os olhos ao céu

e, meneando com a cabeça branca, disse, como se falasse ao sol :

— Por isso ! Por isso vêm tantas feras buscar tugurios nestes silencios. Por isso ouço tanto fremir a onça — tomaram-lhes as covas ! Pobres animaes e pobres homens !

O indio, sem perceber as palavras que elle dizia, fitava-o mudo e maravilhado. E elle, de novo, perguntou :

— Que faziam na serra e como viviam ?

E *Manandar* foi contando e, por mais que procurasse guardar segredo, as palavras sahiam-lhe da boca. O solitario ouvia e, quando o indio terminou, disse pausadamente :

— Pois bem, meu irmão, agora que sabeis onde vivo, vinde sempre vêr-me e trazei os vossos irmãos para que eu lhes fale de Deus. Pelo que me contastes muito tendes soffrido. Ah ! não ha dôr maior do que a de perder-se a terra em que se nasceu. Muito devem soffrer os vossos maiores, mas ide e dizei a todos que eu os posso consolar, não dando-lhes o que perderam, mas preparando-lhes uma patria melhor e que nunca lhes será disputada e onde, em dôce paz, viverão eternamente. Ide e para que não receeis trazê-los aqui, quero mostrar-vos o meu refugio, onde não ha uma arma, porque o seu baluarte ali está : é aquella cruz enterrada na areia, que me fala do céu e livra-me dos males. A caverna é immensa e nella vivo com as feras que me demandam. Como não lhes faço mal habituaram-se commigo e, tanto que adoecem, vêm de longe, lentamente, gemendo e procuram-me — lambem-me os pés, lambem-me as mãos e, como conheço a virtude

das plantas, allivio-as dos soffrimentos. Por tal beneficio tenho a amizade de todos os animaes e nunca fui desassocegado senão acariciado por elles. Quantas vezes, alta noite, desperto com o rugido das onças que me procuram. Vêm, ás vezes, sangrando, com uma frecha no corpo; eu não só arranco a arma como penso a ferida até que de todo sare e o animal possa voltar á vida que Deus lhe deu. Outras chegam com as patas rebentadas ou enfermas e muitas, sentindo a morte, arrastam-se até aqui, para acabar perto de mim. Eis a minha companhia, ha dez annos, neste degredo que eu mesmo escolhi para estar mais perto de Deus. Falo-vos assim para que não julgéis que vos quero trahir. Bem sei que desconfiais de todos os brancos, mas eu não me imponho pelas armas, não tenho commigo guerreiros : sou só, vivo solitario tendo apenas a companhia inoffensiva dos animaes da floresta. Quero que vejais o meu r tiro para que d'elle possais falar aos vossos irmãos trazendo-os aqui para que aprendam commigo a aproveitar a terra e para que eu lhes mostre o caminho do céu. *Munandar* olhava sem animo de seguir como se desconfiasse do solitario ; elle, porém, comprehendendo, tornou, exprimindo-se sempre em *abaneem* :

— Não me tomeis por homem de guerra : a minha missão é de paz. Vinde ! Quero que vejais attentamente a minha morada para que possais julgar do meu viver. Vinde. O caminho é seguro, não ha receiar. E, tomando o indio pela mão, foi com elle vagarosamente.

*Manandar* não oppoz a menor resistencia — ia como attrahido, sempre com os olhos no solita-

rio, que lhe falava de Deus mostrando-lhe, ao mesmo tempo, as delicias daquelle canto paradisiaco onde se havia installado para viver pensando no Senhor e cuidando da salvação da alma.

Deram logo em uma roça de cana e milho; perto um pomar viçoso e talhões de horta. Caminharam e, ao alto de uma ladeira, appareceu a gruta, á sombra de um bosque e á entrada, como esphynges nos templos egypcios, duas onças, com as patas cruzadas, olhavam em frente, immoveis.

*Manandar* estremeceu, mas o solitario animou-o.

— Vamos !

As feras, dando com o indio, puzeram-se de pé arripiadas, mas o cenobita acalmou-as. No arvoredo em volta cantavam centenares de aves, serpes deslisavam lentamente, atravessavam os caminhos, enroscavam-se pelos troncos das arvores ou, penduradas dos ramos, balouçavam-se como cipós de côres vivas; e, por todos os lados, havia animaes: uns dormindo á sombra, outros pastando e entre elles dois immensos tapires.

*Manandar* tinha a visão real do Paraiso de que lhe havia falado um missionario, faltava apenas a mulher. Onde estaria ella, a companheira do homem da solidão ? Em que moita mais florida e mais fresca repousaria a esposa que o Senhor offerecera ao habitante daquelle retiro encantador e de tanta paz onde os animaes viviam em trato amigavel, os mais ferozes junto dos mais meigos ?

Já estavam á entrada da caverna; do interior vinha um leve murmurio como de agua corrente e um suave cheiro.

*Manandar*, sem desviar os olhos das onças que agitavam as grossas caudas, como festejando o solitario, acompanhava-o e, quando penetraram, o indio ficou pasmado da grande belleza daquelle asceterio, comprehendendo que a vida não devia ser difficil ali entre tantos esplendores. Os muros de pedra tinham um fôrro de musgo esmeraldino e todo o sólo era um extenso e macio tapete onde brincavam pequenos cachorrinhos de onças e pombos mariscavam. Blocos de stalagmites subiam como dentes enormes encontrando as stalactites que desciam da abobada azulada; um regato fluia ao fundo e, por uma aberta, via-se a luxuriante selva e ao longe tapires e onças brincando em intina camaradagem. A um canto, junto de alto cruzeiro feito numa stalagmite, havia uma pilha de livros enormes, infolios e codices antigos e vasos pelo chão ou em nichos cavados na pedra.

O eremita ia caminhando. O ar era fresco e cheirava. Quando *Manandar* chegou ao fundo da caverna não conteve o seu enthusiasmo vendo o eido maravilhoso que o homem cultivava pacientemente — estava todo coberto de flôres e, por entre as flôres, andavam borboletas e guanumbis, libellulas e abelhas, com zumbidos e frufulhos de azas; rôlas turturinaavam occultas e um gaturamo chilreava no galho flexivel de uma roseira toda coberta de rosas.

O indio estava extasiado. Como podia aquelle homem solitario ter tantas maravilhas? trabalhariam com elle os animaes que o acompanhavam no degredo? *Manandar* não achava explicação para aquelle mysterio e contemplava o homem com ver-

dadeira admiração, bebendo-lhe as palavras com avidez. Elle, por fim, falou com a sua voz mais dôce do que o canto do sabiá da matta :

— Aqui tendes a minha vida, *Manandar*. Aqui passo os dias e as noites e dou-me por feliz porque nada me falta : Deus provê a todas as minhas necessidades. A minha horta tem um viço eterno, o sol amadurece os frutos das arvores que me cercam dando-me o alimento de que me nutro e, se adoço, tenho á mão as ervas com que combato todas as enfermidades. Ali tendes a cruz — diante della prosterno-me horas e horas pensando no martyrio do que se encarnou, nascendo duma mulher para remir das grandes penas a Humanidade ingrata, e, se deixo o meu Deus, debruço-me sobre os livros da sabedoria humana. A cruz é o mysterio do bem, os livros são as chaves de outros mysterios. Se julgais que vivo sósinho nesta caverna, que tem a apparencia de uma basilica, enganais-vos — tenho Deus commigo e, durante a noite, ás vezes mesmo nas horas claras do dia, os maus espiritos tentadores vêm rondar á entrada do meu tugurio.

Tenho-os visto sob differentes fórmas : ora aguilhoando os meus sentidos frageis sob o aspecto de uma mulher de allucinante belleza, núa, languida, convidando-me lascivamente para os meandros da floresta ; outras vezes são lautas mesas que apparecem servidas ou cidades gloriosas e fulgurantes que surgem por encanto, cheias de gente e de fausto, ou ninas attestadas de ouro e de pedras, ou dragões flammivomos que investem commigo. Tanto, porém, que me abraço com a cruz do meu

Senhor, tudo se desvanece e volta a paz a estes lugares. Já no correr da noite tenho acordado sentindo-me acariciado por mãos de mulher, faço o signal da cruz e logo fico livre ; ou então são gritos agudissimos, clamores, alguém que me chama com afflicção : corro á porta da caverna e vejo esqueletos, com lume nas orbitas e demonios assanhados dançando vivamente em circulo diante da caverna — gargalham quando me vêm e somem-se na tréva.

Eis a companhia que tenho, bem vedes que não é das melhores, entanto sou feliz porque já me habituei ás ciladas do demonio, não as temo e o Senhor, benigno na sua infinita misericordia, sempre que me vou deixando, por simplicidade, enmarañar nas perfidias do tentador, vem em meu auxilio com um aviso — uma féra que rugé, uma ave que canta de certo modo, dando-me a entender que tenho perto de mim o mau anjo.

Duma feita, tendo visto em certa arvore um fruto maduro e lindo, ia já com a mão para o colher quando a arvore se pôz a fugir diante de mim e o fruto estourou no ar. Como isto se deu, com grande pasmo meu, a arvore tornou ao seu lugar primitivo e eu, percebendo que nesse prodigio andara o Senhor, ajoelhei-me e durante o dia todo estive com a cabeça ao sol penitenciando-me para agradecer a mercê de tão alto soccorro. Eis a minha vida, *Manandar*. Agora que perto estais, vinde a miude ver-me porque não haveis de dar por baldados os vossos passos. Tanto vos ensinarei os meios de salvardes a alma como os que são necessarios ao homem para bem viver na terra. Ide e trazei convosco os vossos companheiros, dizendo-lhes que

estou tambem perto do sitio que escolheram para viver e falando-lhes de minha vida simples e de adoração de Deus e da sua obra — a natureza. Aqui encontrarieis paz e consolação, não só para as dôres do vosso corpo como para as que affligirem, com maior angustia, o vosso espirito. E agora, para que vos acreditem, levai esta cruz que vos livrará de todos os males e perigos que, por acaso, vos possam assaltar no caminho. E, tirando do peito uma pequena cruz de pedra branca, deu-a a *Manandar* reconduzindo-o á porta da caverna. — E se vos apraz qualquer das frutas que vedes por essas arvores, tomai quantas quizerdes para vós e para os vossos irmãos.

O indio curvou os joelhos, beijou a mão branca do solitario e partiu.

— Que o Senhor seja convosco e com os vossos irmãos, disse o ascéta abençoando-o.

*Manandar* partiu pensativo e foi por todo o caminho recordando as palavras meigas do solitario sem, todavia, poder explicar a existencia daquelle homem maravilhoso que domava as feras mais carniceiras apenas com um gesto, com um simples olhar. Quando chegou ás cavernas narrou miudamente o seu encontro e os indios, a principio alarmados com a noticia de que havia perto um homem branco, irmão, sem duvida, dos que haviam expulsado os seus maiores das terras vizinhas do mar, pensaram em vingar-se. *Manandar*, porém, falou-lhes de tal modo, exaltou tanto as virtudes do solitario que os tamoyos pensaram immediatamente, levados, a principio, pela curiosidade, em vêr o habitante da caverna azul, o domador das

onças bravas, o dono do eido em flôr e, ao luzir de uma madrugada, toda a tribu se pôz em marcha ficando as cavernas desertas, porque as mãis levaram escarranchados ás costas ou nos braços os filhos que não podiam andar e os velhos e os enfermos, seduzidos pelas palavras de *Manandar*, pediram insistentemente que os conduzissem. E todos partiram vagarosamente, pelos caminhos difíceis, guiados pelo tamoyo que primeiro dera no eremiterio amavel.

Quando avistaram as primeiras arvores do pomar do asceterio as onças entraram a rugir, arripiadas, com os olhos agudos, promptas para o combate, caso tentassem atacar o meigo senhor. *Manandar*, porém, deixando os companheiros á sombra de um bosque, subiu sósinho o ingreme atalho indo encontrar o eremita, como o vira da primeira vez, ajoelhado diante da cruz, enlevado em ascese. Não se atreveu a interrompê-lo e só quando o viu levantar-se, adiantando-se, annunciou-lhe a presença dos seus irmãos da floresta.

O solitario, sorrindo satisfeito, ordenou-lhe que fôsse buscar os companheiros e *Manandar* desceu a correr enquanto o eremita, prostrando-se de novo na terra, dirigia a Deus, com os olhos no céu todo azul, a seguinte oração :

« Senhor Deus, é por vosso amor que aqui me mantenho nesta solidão, onde me assiste apenas a visita da vossa infinita misericordia ; é por vosso amor que me privo de ver os homens meus iguaes e padeço o maior dos tormentos : o degredo, pequeno, entanto, comparado ao menor dos que soffrestes. Mas para que triumphhe o vosso nome neste

retiro, fazei com que as minhas palavras possam converter as almas do gentio que ahi vem, fazei com que eu consiga arredar do caminho que só póde conduzir ás penas tantos filhos da vossa graça creadora, tantos homens que andam aberrados, não porque sejam de maus instinctos, senão porque a ignorancia em que vivem é terreno propicio á superstição e á credice. Ajudai-me, Senhor Deus, porque a victoria, se fôr minha, será toda para vossa gloria. Ajudai-me.»

Os indios, guiados por *Manandar*, vinham chegando timidamente, com olhares espantados, como se desconfiassem, e, quando viram o homem, detiveram-se á distancia, muito juntos, sempre d'olhos nelle. As onças, de pé á entrada da caverna, agitando as caudas, rugiam e foi necessario que o eremita lhes fizesse um aceno para que se acalmassem deitando-se, sempre, porém, com os olhos nos indios que se apertavam. O eremita avançou então com os braços estendidos e, dirigindo-se aos *tamoyos* em *aba-neem*, falou-lhes :

— Homens, meus irmãos, agradecei ao bom Deus do Céu a misericordia de que usou comvosco fazendo com que viesseis todos — as mãis com os seus pequeninos filhos, os fortes conduzindo os fracos, os sãos carregando os enfermos, os válidos amparando os velhos até o asylo que, por graça do Altissimo, encontrei nesta terra hospitaleira. O demonio, que se regosijava com possuir-vos, vai, d'oravante, abrir mão de tão magnifica presa, porque sei que todos vós, que me procurais, não vindes a mim, pobre mortal, senão ao proprio Deus, de quem sou o mais humilde servo na terra.

Chegai-vos a mim que, se não vos posso dar entrada no Paraíso da felicidade perpetua, ao menos posso mostrar o caminho que conduz á Suprema ventura. Serei o guia que vos ha de levar á casa de Deus. Como *Manandar* vos trouxe até aqui eu vos levarei até o céu, se quizerdes seguir os meus conselhos, desprezando, para o sempre, as crenças falsas em que viveis illudidos pelos vossos pagés. Aproximai-vos de mim sem receio, que vos não ameço com a morte, mas offereço-vos a vida, não a vida ephemera deste mundo de cuidados e dôres, mas a vida de constante goso, sendo o maior o de vêr a face do Deus que vos criou e que criou a natureza, vossa irman.

Vinde a mim, quero ser o vosso guia. Vinde e trazei-me os que não podem caminhar e, se quereis o premio que Deus concede aos virtuosos, se quereis, depois da morte, viver na Eternidade, jurai seguir os meus conselhos e não só vos prometto o céu como ainda vos offereço todas as riquezas da terra, ensinando-vos os segredos que desconheceis e que fazem com que a arvore dê o fruto dôce e o campo produza o pão e o panno com que vos deveis cobrir.

Os indios, num só movimento, elevando os arcos, bradaram :

— Juramos !

— E prometteis seguir as minhas palavras, prestando-vos a tudo quanto eu vos ordenar ?

— Juramos.

— Vinde, então, commigo. Ha no fundo da minha caverna que, para gloria de Deus, será, d'ora em diante, um templo, um corrego perenne ; elle

lavará os peccados que tendes, deixando-vos puros como a estrella d'Alem.

Vinde ! E o eremita partiu á frente seguido pela multidão dos selvagens.

Entrando na caverna, que a presença do solitario tornava sagrada, os indios, posto que não estranhassem as maravilhas que outras, não inferiores, tinham nas suas habitações de pedra, todavia olhavam, não tanto para o que era da natureza como para o que singelamente ornava essa abside colossal. Diante da cruz que protegia o recinto o eremita deteve os passos ; voltando-se, então, para o sequito de barbaros, disse na linguagem que era a propria dos homens da floresta :

— Este, irmãos meus bem amados, é o symbolo que salva. Adorai-o, não pelo que elle vale, mas pelo que rememora. Quero, antes de purificar-vos nas aguas da ribeira, que com a sua voz já vos parece chamar para o baptismo, dizer como foi que o Deus Forte, o Deus Criador, o Deus Misericordioso que só com a luz do seu olhar, mais radiante que os sóes, podia incendiar os mundos, que com um gesto lento da sua mão abençoante podia arrazá-lo, prestou-se, humilde e submisso, a todas as torturas, não só as que lhe foram infligidas ao corpo como as que lhe lancinaram a alma.

Quiz elle sujeitar-se a tão feroz supplicio para dar o seu sangue em hostia pela humanidade. O mundo era como um grande corpo apodrecido onde os peccados verminavam. Precipitado de perdição em perdição já não havia contê-lo quando Jesus, Espirito Eterno, desceu ao ventre de uma mulher, tão pura que foi escolhida para ser o ciborio dessa

particula da Trindade, e deixando-a virgem, por que nasceu do seu seio como o perfume nasce de uma flôr, sem lhe pôr mancha, começou a semear bondade pelo mundo.

Tudo estava conflagrado, tudo era desordem e horror, quando elle começou a falar : ora á beira das praias, ora no cimo dos montes, nas selvas cerradas ou nos campos amenos : prégando a paz onde a guerra ardia, alumando os olhos dos que não viam, dando ouvido aos surdos, dando palavra aos mudos, fazendo andar o tropego, curando a chaga ao leproso, enxugando a lagrima e perdoando.

Se havia alguém soffrendo, fôsse d'alma ou do corpo, corriam logo emissarios a buscar o Messias ; e elle, sem um queixume, tivesse de andar leguas, ao sol, pelos poentos caminhos seccos ou sob o impeto das tormentas pelos atascaes, tomava logo o bordão e seguia. E nunca se recusou de coração puro e ardendo em fé. Resuscitou os mortos e, mais do que isso, deu a Eternidade da vida ás almas dos simples. Entretanto, irmãos meus, esse Deus de misericordia teve por paga de tantos beneficios a injuria, o açoite, o vituperio e, por ultimo, a ignominia do poste em que só eram punidos os malfeitores. »

Falando, o eremita parecia inspirado pela divina graça e quando, com o braço estendido para a cruz, feita na stalagnite, pronunciou taes palavras os indios, possuidos de um sentimento mixto de admiração e de pavor, foram avançando, cercaram-no, com os olhos muito abertos, cravados na cruz branca.

Elle então disse :

— Vêde bem, irmãos meus, quão diferente é o Deus de que vos falo desse outro que adorais. As obras do meu Deus, que hoje é também vosso, estão patentes em toda a natureza ; é o céu azul, de onde vem a luz que nos alumia ; é a terra com seus frutos ; são as aguas com os seus mysterios. O vosso Deus, entanto, só se manifesta pelo terror e pelos males : elle é o pavor na floresta, é a assolação na campina, é a peste nas ocáras, é a flagellação e a dôr. Voltai os vossos olhos para este symbolo e logo achareis lenitivo ; os que se agarram a estes braços são levados por elles ás regiões da paz. Nunca vos arredeis das palavras que digo : amai-vos e amai a natureza, que assim cumprireis todos os preceitos da lei ditada pelo Senhor. »

Os indios, extasiados, não se moviam e offegavam tão alto que havia na caverna um murmúrio de halitos.

Então o eremita guiou os passos gravemente para o fundo da caverna e a tribu compacta o foi acompanhando. Junto da ribeira, que fluia mansa sobre areias alvas, deteve-se o solitario e, de novo, dirigindo-se á turba, convidou-a ao baptismo.

A luz do sol refulgia intensamente e ; como se Deus quizesse festejar gloriosa e alegremente a redempção do gentio, fez passar leve aragem pelas folhas sacudindo-as brandamente e o sussurro que se levantou, de mistura com o canto do passaredo, foi como um hymno mystico da paisagem regido mysteriosamente pela Graça Suprema.

O eremita com uma casca concava de fruto caminhou lentamente para a agua ; afundaram-se-lhe os pés e, antes que começasse a cerimonia lus-

tral, elevou os olhos ao céu muito puro e um momento ficou extatico balbuciando.

Justamente terminava a oração quando um bando de garças brancas atravessou os ares indo pousar, não longe, á margem do baptisterio, que era a ribeira suave. Seriam enviados de Deus que vinham assistir á cerimonia ? Não pensou nisso o eremita, logo, porém, chamando o mais velho da turba, um indio quasi centenário, fê-lo entrar na ribeira e, molhando-lhe a cabeça, pronunciou as palavras de redempção :

— Eu te baptiso.

Foi tal o jubilo do ancião que se prosternou tremendo e pôz-se a dizer baixinho com os olhos lacrimosos, mas com um sorriso ineffavel no rosto : « Deus do céu, Deus do céu, Deus do céu », como se assim quizesse agradecer o beneficio.

Vendo tão estranho procedimento os companheiros precipitaram-se querendo todos o baptismo bradando :

— A mim ! A mim !

Os enfermos pediam que os levassem, as mãis apresentavam os filhos ; era um vozeirar alegre, e um a um, curvando a cabeça, todos recebiam contentes as gotas purificadoras, enquanto a luz irradiava triumphante nessa apotheose que os passaros harmonisavam com um perenne canto jocundo.

## II

### O EREMITA

Entre os missionarios chegados ao Brasil em começos do seculo XVI veio um frade muito jovem, natural de França, que obrou verdadeiros prodigios, catechizando tribus das mais bravias, que a outros se haviam mostrado infensas repellindo-os das tabas e trucidando os que se mostravam mais obstinados em doutriná-las nos evangelhos.

O moço frade, como se procurasse o martyrio, tanto que lhe constava um desastre da religião entre selvagens, roteava em rumo á estancia refractaria e, sem arma, senão a cruz, sem outro estirnulo mais que a Fé, abalsava-se ousadamente.

Em caminho, por mais aterradores que fôsem os vestigios de barbárie que encontrasse — ossadas humanas, restos de festins cannibalescos, trophes de chacinas, não se lhe entibiava o animo fervoroso.

Atravez das brenhas, no meio das grandes ar-

vores seculares ennastradas de cipós, que se cruzavam em redes, a escuridão era nocturna. Aquem e além os prados verdejantes, as varzeas, as campinas, as aguas luminosas. Na selva a escuridão taciturna, o silencio tragico, a humidade, o mysterio.

Posto que não contasse com a vida, tendo-a offerecido ao Senhor desde que se revestira para a missão beata de evangelizador, não podia conter o coração que se retranzia de medo diante de certos aspectos florestaes — lagôas lobregas, coalhadas deervas, onde se rebolcavam as sacurys e jacarés, acardunados, formavam ilhas de carapaças negras, covas que eram latibulos de feras.

Às vezes o vôo rápido de uma ave, que passava de um ramo a outro, com um leve farfalho na folhagem, fazia-o estacar pensando na frecha do gentio, lançada do alto das arvores. Transido, empalidecendo, preparava-se para morrer em graça e, ajoelhando-se, de mãos postas, fazia o acto de contricção confessando-se á cruz e, confortado, proseguia cantando hymnos ou recitando psalinos sem dar attenção ao rumor do arvoredado, ao barulho das aguas, ao fremito das feras, ao sibilo das serpes.

De uma feita, chegando á vista da aldeia de uma tribu de anthropophagos, viu nos espiculos da caigara numerosas caveiras, ossadas a eito em volta, signaes terrificos de carnificinas ali havidas, e tal era a grita que atroava o circulo da enorme ocaria que o jovem religioso, antes de ousar apparecer aos selvagens, concentrou-se em prece offerecendo o seu sangue em sacrificio pela Fé.

Os indios, que eram da tribu feroz dos botucudos, logo que deram por elle, correram em amo-

tinado tropel á entrada da cabilda, brandindo as armas, aos uivos furiosos. Tão ferrado ia, entretanto, o frade de coragem que nem lhe tremeram os passos, nem se lhe desbotou a eôr, antes, com animo sublime e bradando por Christo, alçou a cruz e foi direito á gente barbara cantando o psalmo de David :

« O Senhor é o meu pastor, nada me faltará.

« Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a aguas mui quietas.

« Refrigera a minha alma, guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome.

« Ainda que eu andasse pelo valle da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás commigo, a tua vara e o teu cajado me consolam.

« Preparas uma mesa perante mim na presença de meus inimigos ; unges a minha cabeça com o oleo, o meu calix trasborda. Certamente que a bondade e a misericordia me seguirão todos os dias da minha vida : e habitarei na casa do Senhor por longos dias. »

Foi avançando, sempre a recitar o psalmo, com os olhos no céu, sem preoccupar-se com o ululo do gentio, e assim chegou á entrada da taba remorando o passo logo que se sentiu cercado pelos primeiros indios.

A gente selvagem, dando com elle e tendo-o como presa certa, levantou um clamor de poracé : as tangapemas entrechocaram-se, frechas zuniram e houve um longo e resoante troar de borés como se assim quizessem festejar a victoria sobre o branco. O missionario, porém, que havia estudado demoradamente e cuidadosamente a lingua geral, pos-

tando-se no meio da taba assanhada, dirigiu a palavra ao que, pelos nodos e pela investidura, lhe pareceu o chefe da tribu :

— Homem, filho de Deus, meu irmão, se venho até a tua aldeia, onde tens estabelecida a grande familia dos filhos da floresta, não trago no coração outro desejo senão o de paz e de harmonia. Quem me vem guiando, desde muito longe, é o meu Deus, teu criador e criador de toda a natureza. Eu não conhecia os caminhos, entanto não me desviei da verdadeira trilha, chegando ás terras que dominas sem que outrem, a não ser o anjo do Senhor, me houvesse mostrado o rumo verdadeiro. Eis-me aqui. As armas que trago commigo são : esta cruz e nada mais, a não ser a minha palavra inspirada pelo amor de Deus. Que podes fazer de mim ? uma victima da tua crença falsa. Podes mutilar meu corpo, podes lançar a minha ossada ao tempo, como fizeste com as dos que me precederam com a mesma intenção que aqui me traz, de conduzir, a ti e aos teus, ao caminho da Graça, furtando-vos ás ciladas que os vossos falsos deuses armam na treva da vossa ignorancia.

Mas que é a morte do corpo se a certeza da gloria na vida de Além encoraja o que se propõe salvar os desgarrados ? A *dâr physica* é abrandada docemente pela certeza de que, desprendida da materia, a alma vai gosar uma bemaventurança infinda no seio de Deus.

Não julgues que receio o supplicio que premeditas. Não me fazem medo as vossas macanas, homens da floresta ; não me intimidam as vossas frechas, não me abalam os vossos esgares, estou firme

na minha fé e escudado na minha convicção de que Deus, sempre vencedor, ha de vir para o meu lado, não para defender-me por que, para isso, já eu tenho comigo a cruz, que é a mais forte das armas, mas para ajudar-me a convencer-vos, illuminando os vossos espiritos que o erro domina. Bem sei que outros muitos, vestindo, como eu, o burel religioso, soffreram morte cruel de vossas mãos, homens da floresta. Os caminhos que rodeiam este terreno estão todos assoalhados de ossarias que attestam a vossa crueldade e a descrença das vossas almas. Se julgais que mereço castigo igual ao que tiveram os meus predecessores aqui estou ante vós, fraco e desguarnecido de defesa, prompto a soffrer sem queixa, antes contente, louvando o Senhor no meu martyrio e pedindo por vós como elle, da cruz, pediu pelos seus inimigos. E agora tu, morubixaba, pensa e executa !

O chefe dos indios, que avançara orgulhosamente e com ares de ameaça, fitou o missionario, e manso, e brando, quando elle cessou de falar, depoz a arma, e, baixinho, balbucion : — Abaré ! Os outros, que se foram aproximando, fixaram a vista no frade murmurando, como o primeiro, a mesma palavra mysteriosa.

Houve, então, um movimento entre todos, alas abriram-se e uma velha mulher, encarquilhada e tropega, avançando, como de rasto com grugulhos, os olhos immensamente dilatados, chegou até junto do missionario. Curvou-se muito até tocar com o rosto as sandalias empoadas do evangelizador e por tres vezes beijou-as. Era grande, por certo, o seu prestigio na tribu porque todos, a um tempo,

alçando os braços fortes, avozeirando, prostraram-se de joelhos diante do eremita que, de pé, extasiado, apontava o céu, muito azul, illuminado pelo sol na hora meridiana.

Repentinamente a velha se pôz de pé com um nivo e, toda curvada, atirando os braços para traz, foi recuando e o gentio recuava com ella com atroada que ensurdecia. O missionario, não comprehendendo a estranheza daquella scena barbara, olhava quando, sahindo do grupo, um indio de ferocissima catadura, alto e membrudo, armado de pesada maça de madeira preta e nodosa, avançou até junto d'elle com esgares e tregeitos, dançando e fazendo molinetes com a arma terrivel em volta da cabeça vistosamente emplumada. Logo que chegou junto do moço frade pôz-se a ulular agachando-se, levantando-se, aos pinchos, rilhando os dentes com furia como para significar que lhe estava destinado o sacrificio que haviam soffrido os seus predecessores. O frade, porém, invocando o Poderoso Senhor, voltou-se atrevidamente para o indio e encarou-o. Os da tribu batiam as palmas, saltavam com alegria feroz, aos ululos e havia um tinir constante de maracás e um continuo soar agudo de borés e os echos das selvas mais augmentavam o clangor daquelle bailado estupendo que alvoroçava o arvoredo pondo em debandada as aves.

O missionario, porém, com os olhos fixos e duros, acompanhava todos os movimentos do indio como a serpe segue no ramo o passarinho incauto que, sem sentir o poder do olhar magnetico, canta e salta contente até que, attrahido, rola do ramo e morre. Os indios avançavam em tumulto aos gri-

tos e recuavam como uma grande vaga que reflue, tornando depois impetuosamente.

A velha, num momento em que todos paravam, ficando apenas bailando o indio que brandia a maça, sahio de novo do bando e avançou frenetica, em delirio, revirando os olhos, com um fio de baba a escorrer-lhe da boca, e agachando-se aos pés do missionario, pôz-se a beijá-los, mas com furia tal e taes rugidos que mais parecia uma onça defendendo a presa do que um crente humilde que venerasse.

O missionario, sem esquecer o grande indio, impoz a mão á cabeça calva da octogenaria e com um grito agudissimo dominou-a. A megera, que ficára de joelhos, não trocou de posição e, curvada, com os labios nos pés do moço frade, quedou petrificada, immovel sem que os indios percebessem. Elle, entanto, vendo que se havia operado o milagre, voltou a attenção para o selvagem e continuando a dominá-lo com o olhar, sentindo que já se lhe iam tornando lentos os movimentos e que seus olhos enlanguesciam, intimou-o em *aba-noon* :

— Pára !

Immediatamente o indio estacou com a maça erguida, o rosto contrahido em rictus medonho e o frade, vendo-se dominador, deixando os dois na hypnose em que os havia posto, dirigiu-se á tribu que já contemplava assustada o estranho espectáculo :

— Vêde, homens incredulos, a que estão reduzidos os que traioeiramente mandastes contra mim. Enquanto ia falando fitava o indio que lhe parecia o chefe da tribu. Vêde bem : o vosso irmão guer-

reiro, terror das tabas vizinhas, não se move, enquanto eu, nem sequer d'elle me aproximei; bastou, porém, que eu pedisse a meu Deus que o detivesse para que ficasse parado como se o houvessem prendido com liames. Invocai os vossos deuses poderosos para que lhe restituam o movimento, pedi aos vossos numes que o tirem da prisão forte em que o tem o meu Salvador, a elle e a esta velha mulher, que tantas vezes tingiu as mãos tremulas e enrugadas em sangue de innocentes. Chamai pelos vossos deuses, chamai pelos vossos pagés, elles que venham restituir a vida aos que aqui estão inertes, como de pedra.

E, como visse o chefe dos indios immovel, a fitá-lo sem um leve fremito das palpebras, elevou a voz e confiante bradou :

— Vêde o vosso chefe. Vêde !

Os indios voltaram-se para o morubixaba e, dando com elle immobilizado, levantaram um grande clamor, e brandindo as armas, iam arremessar-se sobre o missionario quando elle, certo de que Deus operava a seu lado, falou convencidamente, imperativamente :

— Para traz ! Que nenhum ouse avançar mais um passo porque não me custa fazer o mesmo que fiz aos tres que ali estão e amanha as aves do céu baixarão sobre vós e vivos, mas impossibilitados de agir, sentireis as dôres agudas dos bicos e das garras rasgando-vos as entranhas. Para traz ! Que nenhum ouse avançar um passo, bem vêdes que nada me é impossivel, não a mim, mas a meu Deus que não me desampara e que, por meu intermedio, vos quer chamar ao caminho que conduz á bemaven-

turança. Para traz ! e que nenhum ouse avançar porque ainda peor do que esse castigo outro posso pedir aos céus para convencer-vos e Elle, ouvindo-me, seccará os rios, esterilizará os campos, incendiará as florestas e espalhará as pestes que torturam e matam. Não vos quero mal, vim propondo-vos a paz, recebestes-me com a traição e eu, sem mover-me, respondi inutilizando a astucia e a crueldade dos vossos carrascos.

Uma nuvem ensombrou o sol e o frade, aproveitando-se desse incidente, levantou o braço para o céu e falou :

— Olhai ! Bem vêdes que Deus attende ás minhas palavras. Deixai-vos ficar onde estais e pedi aos vossos deuses que restitua a vida e o movimento ao vosso irmão guerreiro e á sacrificadora da tribu.

Os indios, tão aterrados ficaram com o acto que, em outro qualquer momento, nem lhes teria chamado a attenção que, ajuntando-se, conservaram-se como interdietos, trocando phrases, mas a nuvem passou e o sol, livre, resplandeceu de novo.

Os tres hypnotizados não se moviam, extaticos como os havia deixado o missionario. Dois indios, então, partiram a correr em direcção á floresta, e como reaparecessem, pouco depois, conduzindo um velho tardigrado, o missionario avançou alguns passos reconhecendo o pagé da tribu.

Os dois homens, que representavam deuses inimigos, estacaram fitando-se como rivaes. Compreendendo os indios que a luta que se ia travar seria decisiva na demonstração da verdade, guardaram-se em attitude respeitosa, fechando um cir-

culo em torno do frade e do feiticeiro. E foi o mesmo frade quem rompeu o silencio dirigindo-se ao seu mais terrivel inimigo, que era o velho pagé.

— Pagé dos Aymorés, tu que dizes falar com o Deus forte das alturas, tu que mandas nos elementos assoberbando os rios, fazendo com que as fontes séquem, chamando o fogo do céu sobre os campos, domando homens e feras, vê se teu Deus pôde vir agora em teu auxilio desfazendo o prodigio que realisei, graças ao favor d' Aquelle que adoro e cuja excellencia demonstro com a propria natureza. O chefe valoroso, cujo tacape é temido por todas as tribus que povoam estes altos sertões e estas serras agrestes, ali está immobilizado como um morto que espera a sua igaçaba funeraria; a velha sacrificadora, que pelos seus encantamentos conseguia, não raro, rivalisar contigo, ei-la aqui a meus pés, e este guerreiro moço, que parece desafiar o céu, com a sua maça de guerra, tambem succumbiu á minha prece e desse estado em que o vês não sabirá sem o soccorro do meu Jesus. Tu que tanto podes, põe em pratica os teus sortilegios e vê se consegues desfazer o que fiz.

O pagé, ouvindo as palavras do missionario, como se sentisse a sua superioridade, deteve-se indeciso antes de tomar resolução. De repente, como inspirado; tomando uma cabaca d'agua, pôz-se a aspergir o terreno, pronunciando palavras mysteriosas e, depois, a um gesto seu, sahiram do grupo varias mulheres com combucas e, uma a uma, em fila, dançando, foram seguindo o feiticeiro nas voltas e contra-voltas que fazia.

O primeiro tocado foi o chefe da tribu. O pagé

impoz-lhe a mão á cabeça, tocou-lhe o peito, depois as coxas, as pernas, os pés, dizendo imperativamente :

— Volta, volta, volta !

O guerreiro, porém, conservava-se immovel; foi então que o missionario, adiantando-se sobranceiro, tocando de leve o hombro do morubixaba, disse-lhe em *aba-noon* :

— Caninha !

Immediatamente o chefe, piscando os olhos, escancellando a boca, estirando os braços como se acordasse de um grande somno, fitou, com assombramento, o frade que não lhe tirava os olhos de cima, o mesmo fez á velha feiticeira e ao moço guerreiro, e os tres, reunidos, cançados, olhavam com pavor o homem prodigioso que os havia adormecido tão profundamente.

— Bem vês, pagé dos Aymorés, que os teus recursos desfalleceram porque foram de encontro a um poder soberano. Confessa a inferioridade do teu Deus, confessa-te vencido e, já que estás no fim da vida, aproveita os derradeiros minutos que te restam para que se não te perca a alma tanto tempo usurpada pelo demonio.

O velho pagé, que era o mais entranhado defensor das superstições, sendo o oraculo da tribu, o chefe espiritual dos indios, convencido pelos prodigios realisados pelo missionario, foi o primeiro a converter-se, pedindo, com arrependidas lagrimas, o baptismo, no que foi seguido por todos, conservando-se apenas fiel á sua antiga crença a velha feiticeira que, no dia da elevação da cruz no centro da ocára, abandonou a tribu atristuradamente

desapparecendo nas cerradas florestas sem que della jámais houvesse noticia.

Conquistada essa nação, que era a mais feroz da floresta, facil tornou-se ao missionario a catechese das outras tribus é, nesse trabalho piedoso gastou elle longos annos fatigantes, vendo, por mais de uma vez, a morte diante dos olhos.

Entre religiosos, porém, grassa tambem a inveja, esse torpe sentimento que tanto avassalla e ennegrece as almas, e frei Angelo soffreu rudemente os golpes que contra elle vibraram os falsos amigos que, como elle, vestiam o burel e elevavam a cruz pregando a virtude em nome de Deus, o misericordioso. Seus triumphos não podiam ser bem vistos pelos padres da Companhia de Jesus que começaram a conspirar contra elle, não lhe pouando a honra, desvirtuando-lhe todos os piedosos e arriscados trabalhos de conquista espiritual.

Quando se soube que havia conseguido impor-se á ferocissima gente das margens do Rio Doce foi tal o espanto que causou essa noticia, porque todos conheciam a indole bravia e sanguinaria desses lugres que, pelas suas atrocidades, eram temidos dos indios das outras nações, que logo os padres invejosos começaram a tecer a trama de uma intriga que desmerecesse o missionario no conceito do geral da ordem; e, quando correu em narrações a nova do prodigio estupendo que elle realisara matando e resuscitando tres selvicolas, os frades rivaes commentaram o caso desfavoravelmente, attribuindo o milagre a sortilegios, fazendo constar que frei Angelo, posto que vestisse o habito de religioso e empunhasse a cruz, vivia em conluio com

o demonio que o favorecia em todas as emprezas. Não só o apresentavam como parceiro de Belzebuth como ainda queriam deshonorá-lo com falsos boquejos — que era um devasso que conspueava a honra das virgens com as quaes vivia em contubernio.

Frei Angelo, que não podia ouvir a voz aleivosa da calumnia, tão entretido andava no seu mister e nos varios estudos que fazia, aproveitando os grandes silencios da floresta, teve della noticia quando se apresentou ao geral que o recebeu friamente, lançando-lhe em rosto os crimes que lhe imputavam os perversos adversarios.

Não poudo o frade conter as lagrimas, que lhe rebentaram dos olhos, e tentando desmentir as atoardas vilipendiosas não foi ouvido pelo jesuita, que lhe deu as costas, deixando-o pasmado.

Conteve-se, vexado, desde logo, porém, fez voto intimo de retirar a um ermo onde trabalhasse socegadamente, não sob as ordens de um igual, mas sob as ordens de Deus, e reunindo os seus haveres, que constavam de livros e de paramentos, embrenhou-se, confiado na misericordia e na justiça divinas, certo de que um dia a sua innocencia seria reconhecida.

Como o não vissem apparecer, caso que nesse tempo não causava espanto, deram-no por morto.

Elle, entanto, trilhava os sertões virgens, abria com a cruz a estrada que mais tarde devia ser percorrida pelos que invadiam as florestas levados pela cubiça e, por onde passava, como para balisar o seu roteiro, ia deixando o symbolo christão em tabas convertidas.

Moço e filho de uma nobre familia do Anjou, criado com todas as delicias que proporcionam as riquezas, o missionario soffria rudemente a intemperie, mas temperado de fé, resistia a tudo sem queixa, louvando o Senhor.

Elle proprio levava aos hombros a sua carga ou indios avassalados pela sua palavra prestavam-se a auxiliá-lo, indo com elle de ponto a ponto onde outros tomassem os fardos e os fossem transportando.

Se não encontrava frutos nutria-se de raizes ou de novedios, se não encontrava agua limpida ajoelhava-se á beira dos pantanos e, curvando-se, sorvia a agua salôbra; dormia nas cavernas ou debaixo das grandes arvores e se, durante a noite, ouvia o rugir da onça, ajoelhava-se esperando corajosamente a féra; nunca, porém, animal algum o atacou: passavam longe e elle ouvia as folhas estalarem sob as patas pesadas dos belluinos, sentia-lhes o almiscar e ficava contrictamente a rezar, confiado na graça de Deus, que o não desamparava.

Quantas vezes, tiritando de febre, recollhera-se ás grutas e, sobre um acamo de folhas, esperara a morte? Quantas vezes vira levantar-se a ivarapema acima de sua cabeça? Quantas vezes ouvira o silvo da frecha aligera? E proseguia, e as tribus de que se despedia ficavam cantando louvores ao Deus vivo e glorificando o missionario que as baptisara.

Sem rumo certo, caminhava ao acaso e, depois de tres longos annos de vida errante, alcançou essa aprazivel serra onde se estabeleceu solitario, elegendo para morada a caverna em que *Manandar*

e, mais tarde, todos os tamoyos o foram encontrar com os seus livros immensos, cultivando plantas e domando feras.

Os trabalhos, mais que os annos, haviam-lhe nevado os cabellos e enrugado a pelle, mas os seus olhos conservavam um lume forte de mocidade e o seu espirito era radiante. Ali vivia indifferente aos homens ingratos, praticando a caridade com a natureza, nos animaes e nas plantas que correspondiam com a gratidão.

Não se limitava a commentar os evangelhos enquanto estudava nos livros os segredos da Sciencia. O demonio, porém, que não perde de vista os puros e põe maior empenho em seduzir os que se consagram ao Senhor, armou ao eremita varias e terriveis ciladas.

A principio, porque possuia um coração todo bondade, deixou-se enredar nas tramas subtis do seductor reconhecendo, porém, em tempo a cilada antes de ser victima da possessão.

A primeira tentação em que ia cahindo foi na ribeira, logo que se estabeleceu na caverna. Anoi-tecera, o luar alvejava tão claro que o cenobita, sem fadiga, estirado na relva molle e fresca, podia lêr, quando ouvin como um prantear humano e soluços. Desacostumado dum tal ruido, levantou a cabeça seguindo com o olhar a direcção donde vinha aquella lamentavel dôr, tão sentidamente annunciada, e viu uma linda moça selvagem, inteiramente núa, com os cabellos soltos pelos hombros, pelas costas, sobre os virgineos peitos, rijos como dois frutos verdes. Não quiz o Senhor illuminar-lhe o espirito mostrando-lhe o perigo que corria

e frei Angelo, erguendo-se, foi ao encontro da moça. Tanto que o viu a nocturna apparição, com grande pudor escondeu o rosto nas mãos breves sem, todavia, occultar os demais encantos do corpo que transpirava mocidade e exhalava suave aroma. Avançando, ao luar, não poude o eremita conter a sua admiração excitada por tãmanha e tão perfeita belleza, não sabendo, todavia, como explicar a presença dessa criatura em tão remota paragem. Trouxe de interrogá-la brandamente e a linda moça, com uma voz delicada, que o receio e o pudor faziam tremula, procurando fugir aos olhares do asceta, contou a sua historia que mais parecia um poema de troveiro do que a narração ingenua do selvagem nunca retirada daquellas brenhas agrestes.

Disse que era de uma tribu que demorava dali a poucas leguas ; era a filha mais moça do cacique. Como era uso lançar-se ao rio, em sacrificio á yara, na primeira noite da grande lua, a moça cuja palma, collida dias antes, florecesse, quiz o Destino inculcá-la para o sacrificio. Por mais que pedisse, rogasse com lagrimas não houve misericordia para a sua mocidade e, á noite, antes de nascer a lua, quando o acauan levantava a voz triste nas brenhas, levada em igara até o meio do rio, lançaram-na á agua os seus sacrificadores.

Grande e intrepida nadadora, que era, manteve-se, durante algum tempo, occulta em um aningal até que se fez silencio, então, deslizando a surdas braçadas, ao sabor da corrente, alcançou a margem e, em um ponto obscuro, de cerrado arvoredado, tomou pé caminhando sem destino até que avis-

ton a claridade da fogueira que ardia na caverna. Ali estava a pedir abrigo.

Fraca e sem armas não se atrevia a proseguir na selva rondada pelas sussuaranas, cujos rugidos resoavam, e ameaçada pelos jacarés e pelas grandes cobras d'agua. Antes de nascer o sol partiria, até porque receiava ficar tão perto da taba, pois que, sabida a sua fuga por denuncia da yara, certamente os da tribu sahiriam a procurá-la e, rastreamdo-lhe as pègadas, não lhes seria difficil encontrá-la. Pedia apenas abrigo por uma noite — ficaria fóra, num leito de folhas e, á primeira luz da madrugada, pôr-se-ia em marcha, buscando destino. Condoído da sorte de tão jovem e formosa douzella, não consentiu Frei Angelo que ella ficasse fóra, ao frio da noite e, tomando-a pela mão, conduziu-a ao interior da caverna e elle proprio, ajuntando versas, fez-lhe um leito macio onde ella repousasse até o abrir da manhan. A india relutou, pudica, vencida, porém, pelas instancias do asceta, acompanhou-o acolhendo-se ao leito que lhe fóra preparado. A luz da lua cahia-lhe em cheio no corpo desnudo, patenteando-lhe toda a belleza das fórmas virginaes.

O frade não lhes dava, porém, mais attenção dó que as stalactites com as quaes já estava habituado. Encolhido no seu canto, onde ardia a fogueira, aproveitava a claridade das chammas para lêr os grandes livros nos quaes, a um tempo, se communicava com o céu pelas orações e exercicios devotos e estudava os mystérios da natureza, tanto a vida das plantas e dos animaes como a ordem que governa as coisas e os sêres da terra, como o giro

dos mundos luminosos que se manifestam á noite, constellando o céu. Estavam assim, a india adormecida e o religioso em estudo, quando atroou grande vozeiro fóra, com entrechoques d'armas e clangores de buzinas, como se toda uma tribu investisse a caverna em som de guerra.

Despertando alarmada, levantou-se a india. De um salto, achou-se junto do eremita e, abraçando-se com elle, a apertá-lo cingidamente d'encontro ao peito nú, carne á carne, pôz-se a soluçar dizendo espavorida :

— Salve-me ! São elles que me vêm buscar para a morte. Esconda-me ! São os sacrificadores. Tenha pena de mim ! Desde que nasci até hoje as acacias floresceram quinze vezes apenas. E hei de morrer ? Tenha pena de mim !

Havia uma cavidade que conduzia a uma especie de tunnel. Frei Angelo impelliu-a para esse esconderijo e como fizesse menção de voltar, ella agarrou-se-lhe com tanta força, pediu com tanta ternura e tantas lagrimas que o frade não se lhe poudo arranear dos braços e, sempre achegado ao seu corpo frio e palpitante, sentindo-lhe o halito quente e cheiroso e a ondulação do collo, ouvia o farfalho das folhas que em cima eram pisadas pelos perseguidores. Entretanto, desanimados ou convencidos de que outra direcção seguira a fugitiva, abandonaram a caverna e o ruido cessou de todo ficando os dois sempre juntos, apertados peito a peito. E a india grata, depois de arrancado suspiro, beijou rapidamente, furtivamente os labios do eremita que, pela primeira vez, sentiu percorrer-lhe o corpo o delicioso fremito da volupia. Quiz apar-

tar-se, lutou, mas os braços da india eram fortes e, mais fortes que os braços, eram os beijos com que ella o ia enfraquecendo e subjugando, tanto que o frade apenas balbuciava e ia afrouxando a resistencia, prestes a succumbir, quando um raio da lua, descendo por um intersticio, illuminou o rosto da moça selvagem e elle então viu, apavorado, que ella se ia transfigurando em esqueleto: cahiam-lhe as carnes das faces, os olhos afundavam-se-lhe e de toda a belleza não ficou mais que ossaria viscosa.

Comprehendendo, então, que era victima do demonio, ergueu-se impetuosamente, recuando para a caverna e, atirando os braços á cruz, pôz-se a bradar, com arrependimento e desespero, por Jesus e Maria e viu abrir-se a terra, e sorver-se no vórtice o esqueleto satanico deixando um cheiro forte de enxofre em toda a habitação.

Longos mezes esteve elle em penitencia lanhando as carnes com as disciplinas, privando-se de frutos e d'agua, passando as noites em oração ajoelhado nuna pedra hispida que lhe escalavrava os joelhos, deixando-os em chagas que sangravam e Deus, como para lhe provar que accitara os seus sacrificios, mandou-lhe, uma manhan, uma onça que, entrando na caverna, prostrou-se humildemente e lambendo-lhe as feridas logo as sarou.

Ainda assim, não escarmentado, outras vezes esteve para cahir nas insidias do demonio, que tomava differentes fórmias para perdê-lo. Em certa occasião, tentando vencê-lo pelo pavor, appareceu-lhe em fórmula de serpente negra e cornigera que, sahindo d'agua com grandes roncões, invadiu

a caverna de boca escancarada para devorá-lo, bastou, porém, que elle invocasse a Virgem Maria para que o monstro desapparecesse com um gemido, bufando um halito putrido que, por muito tempo, empestou a caverna, obrigando-o a dormir fóra, entre as arvores do pomar.

Por fim tão conhecedor se tornou do demonio e dos seus sortilegios que deixou de os temer e apenas presentia algum novo ardil diabolico, invocando Deus ou a Virgem logo os conjurava. Nessa continencia absoluta, tratando de alcançar a graça divina pelas muitas obras de caridade que praticava com as criaturas simples de Deus, vivia pedindo o perdão para os seus proprios inimigos e compondo hymnos, que escrevia nas cascas das arvores com um espinho de coqueiro, glorificando o Salvador e a Virgem Maria.

## A CAVERNA DE ESMERALDA

Impondo-se aos tamoyos pela brandura, frei Angelo não só lhes ensinou tudo quanto dizia respeito a Deus e á alma como tambem os industriou nos segredos da agricultura e das artes indispensaveis á vida, fazendo daquelle pugilo de homens um pequeno povo laborioso e honesto, que vivia em inquebrantavel harmonia grangeando a terra que, pela sua fertilidade, compensava vantajosamente o trabalho dos seus bemfeitores. As cavernas regorgitavam de viveres, as clareiras, transformadas em hortas, lourejavam ; as arvores pendiam os ramos carregados e, em curraes de ceva, engordava a caça apanhada em mundeus.

Viviam aos casaes — os homens empregavam-se na caça ou na pesca ; abatiam arvores e cavavam canoas, poliam arcos, aguçavam facas ; as mulheres cuidavam dos misteres domesticos aceiando os lares, que eram as cavernas, tecendo as vestes

que usavam, as redes em que dormiam ou arranjando com a plumagem das aves os atavios com que garridamente se enfeitavam.

Aos domingos, dias consagrados ao descanso, logo ao amanhecer, formavam todos e seguindo, pelos caminhos capinados, que a sombra dos ramos refrescava, iam ter á caverna do eremita. Elle já os esperava paraentado e, no altar, improvisado em uma rocha lisa e branca, officiaava á luz do sol, enquanto os passarinhos desferiam nos ramos alegremente e, ás vezes, desciam familiares pousando sobre o missal vetusto.

O vinho que commungava era extrahido da palmeira, a agua era do riacho limpido que corria no fundo da caverna, o calix, como os da primitiva igreja, era de madeira, nem por isso desmerecia de solemnidade o sacrificio a que assistiam todos os tanoyos, vindo os enfermos lentamente, apoiados aos homens validos e as crianças ao collo das mãis. Terminado o sacrificio, sempre acolytado por *Mu-nandar*, frei Angelo lançava a benção geral e todos erguiam-se satisfeitos regressando aos seus lares cantando.

E ninguem transgredia a ordem do eremita labutando em trabalho pesado; mas para que não cahissem em ocio preguiçoso, cuidavam das flores que perfumavam as cercanias do aldeamento ou tratavam de enfeitar as cavernas com orchideas que traziam da brenha ou com palmeirinhas e fétos.

Quasi esquecidos das antigas crenças raro era o que, quando o raio estalava e os ululos das tempestades echoavam, dizia baixinho o nome de Tupan; sentiam-se mais felizes sob a protecção da

cruz que haviam levantado no largo terreno que era a praça principal do pequeno villar perdido em tão remotas alturas.

Era ali que frei Angelo reania os corumins da tribu para a lição. Sentava-se no sopé da cruz e, formando as letras do alphabeto na areia, ia explicando o nome de cada uma até que todos as conhecessem e dissessem sem hesitação; passava depois aos monosyllabos, depois ás palavras, ás phrases e, por fim, abrindo a Biblia, chamava cada um dos selvícolas para que lêsse um capitulo de Moysés, um psalmo de David ou um dos livros dos prophetas. E todos aprendiam contentes e, á noite, em volta das fogueiras, repetiam aos anciãos o que lhes ensinara o frade.

Se alguém enfermava Frei Angelo não se fazia esperar e, enquanto lhe sobravam recursos, ia-os empregando para salvar o doente; se, entretanto, comprehendia que havia soado o momento final, ministrava-lhe os sacramentos e, falando-lhe de Deus, levantava-lhe o animo para que recebesse a morte, não com terror, mas resignadamente certo de que era apenas uma solução de continuidade entre a vida transitoria e de dôres e a vida afortunada no seio de Deus.

O cemiterio florescia em uma collina. Logo que um expirava outros, colhendo flores, cobriam-lhe o corpo e velavam-no, alumando-o com cirios que faziam com a cera das colmeias cultivadas nas imediações do aldeamento.

Quando frei Angelo, aspergindo o morto, o encommendava a Deus, os indios, ajoelhando-se, oravam constrictos, e o enterro sahia religiosamente

acompanhado por todos, mas sem lastima, porque havia a certeza da outra Vida além, no dôce azul alto e sereno.

O cadaver era depositado na cova, coberto de flores, depois a terra maternal abraçava-o, escondendo-o no seu seio. Chantavam uma cruz que, ás vezes, reverdecia e floria.

Se nascia um infante levavam-no em triumpho á caverna para que recebesse o baptisimo nas aguas da ribeira, tida por todos como um Jordão, e era ali igualmente que os noivos iam receber a benção nupcial, coroados de flores e precedidos pelos tangeres álares dos musicos selvagens.

Do que colhiam davam, não como dizimo, senão voluntariamente, uma parte ao eremita — parte que elle destinava aos invalidos para que se não tornassem pesados aos mais da tribu e assim praticava a esmola ensinando a caridade. Pouco reservava para seu uso porque, além da frugalidade com que vivia, tinha a sua horta que lhe dava o superfluo e as suas arvores sempre com os galhos de rasto, porque Deus bendizia o seu trabalho.

Nunca houve a menor desintelligencia entre os homens e como elle respeitava as tradições guerreiras da raça não se oppunha a que fôsse prestada obediencia ao que empunhava a ubira do commando. E quando, no largo terreno, ao luar, reunida a tribu, os guerreiros rememoravam, com danças e cantares, as antigas victorias, deixando o seu cenobio, elle assistia á poracé, como Moysés presidia ás manobras da gente guerreira de Josué, o conductor dos exercitos, e tal complacencia ainda o tornava mais querido.

Posto que não houvesse na vizinhança quem pudesse disputar aquelle recanto aos que nelle se haviam estabelecido, frei Angelo não se oppunha aos exercicios bellicosos para que a raça se mantivesse forte e heroica, porque já então elle a considerava como uma feitura do seu espirito — era como se a houvesse recebido de Deus rude e feroz para poli-la, educá-la preparando-a cuidadosamente para futuros empreendimentos.

Conhecendo os antigos estrategicos, muita vez sahiu a explicar as manobras e as evoluções com o tino arguto de um tactico experimentado. E os indios sentiam-se orgulhosos quando viam esse homem brando e meigo ordenar as disposições dos guerreiros, explicando-lhes as vantagens deste ou daquelle movimento que envolvesse o inimigo, que lhe rompesse as fileiras, que o levasse, por fim, desbaratado.

Elle ensinou aos alfagemes selvagens novos feitiços de armas e aos guerreiros como deviam lidar com ellas e assim, como um templario, ao mesmo tempo que prégava doçura e misericordia e exaltava o nome de Deus, ia preparando e aguerrindo os homens para que soubessem defender o terreno em que se haviam estabelecido, balisando-o com a santissima cruz.

Os caçadores aprofundavam-se nas suas excursões ao longo da serra percorrendo-a de extremo a extremo. Se a caça os levava muito longe, acampavam, á noite, em sitio bem agasalhado, e, acendendo fogueiras para espantar as onças, reve-savam-se na vigilancia.

Foi durante o estio, no tempo mais propicio á

caça, que um bando de tamoyos, levado por um intrepido conhecedor dos caminhos da montanha, perseguindo um casal de cervos, deu numa caverna em fundo de silvedo denso. A principio receiosos de que esse antro fôsse habitação de feras não ousaram penetrar; mas o guia, que era temerario, afoitou-se e, passando o aspero limiar da caverna, não poudo conter uma exclamação de espanto.

A luz, entrando por orificios e intersticios, fazia no interior da estranha mansão um dia verde. Verdes eram os grandes blocos de pedra anfractuosos, que formavam as paredes; verde era a abobada; verdes eram as stalactites que desciam como dentes agudos; verdes eram as stalagmites e o solo. Gotas de agua lentejavam com um leve e constante ruido, havia um fresco como de inverno no ambito dessa basilica florestal e, pelos cantos, a herva fina crescia rendilhada e dourada.

O indio, maravilhado de tanta belleza, ficou parado a olhar o esplendor mirifico da cava.

Os companheiros, achando longa a demora do explorador e receiosos de que lhe houvesse succedido algum mal, bradaram por elle em unisono e o indio, ouvindo a vozeria, responden com um grito que reboou soturnamente na crypta sonora.

Ouvido pelos de fóra, foi um atropêlo e todos precipitaram-se invadindo a caverna. Como o primeiro ficaram embevecidos, olhando, e a caça foi esquecida. Tam-se-lhes os olhos pelas virides muralhas docemente illuminadas pela claridade branda coada pelas frinchas; os ouvidos estavam attentos ao suave murmurio da agua que escorria, e era tão grato o perfume que trescalavam as plan-

tas, modestamente encerradas naquella immensidade, que os indios deram-se por bem pagos de haver feito tão dilatada viagem e com tantos riscos e accidentes desde as suas cavernas até aquelle ponto.

Reunidos, então, ao guia passaram a explorar o mysterioso sitio. Caminhando, depois de haverem feito alguns passos, o indio que ia á frente estacou assombrado, mostrando aos companheiros um esqueleto que branqueava no chão. Todos cercaram curiosamente o despojo humano e, agachando-se, como que procuravam interrogar a ossaria para que lhes dissesse o mysterio que parecia existir naquella cava, onde um drama, por certo, se havia desenrolado em tempos remotissimos.

Outro indio, porém, que se havia apartado do grupo, seguindo um dos angustos meandros do labyrintho, viu sentados junto ao muro dois outros esqueletos. Inexplicavel para os tamoyos era a presença de taes arcabouços. Tornando-se, porém, indifferentes aos funebres attestados de morte, foram caminhando sempre até que chegaram a um declive que levava a uma especie de clareira toda em sol. A vegetação era ahí luxuriante, arvores abriam cópas verdes, fétos forravam as paredes, no sólo havia como um fino tapete de relva, pontilhada de flôres.

Olhando em frente, enquanto os outros, repousadamente estirados pela relva, alegres com a presença do sol e por que viam por uma larga abertura o céu alto, muito azul, e os rebordos da montanha que formava o dorso verde da caverna forrados de herva macia e fina como velludo, viu o

guia tres estreitos caminhos sombrios correndo a novo labyrintho, que era a continuação da caverna dividida pela clareira. Sem consultar os companheiros encaminhou-se e, diante das tres entradas, indeciso, esteve a mirar escolhendo a que devia seguir.

O tecto, em ogiva e aspero, era baixo e humido; havia um constante estellicidio e um fio d'agua tenue escorria para a clareira como uma lagrima perenne. O indio aventurou-se pelo caminho da direita, curvado, agarrando-se aos lados, tão baixa, porém, se ia tornando a abobada que elle foi obrigado a agachar-se, caminhando de rasto, como um reptil. Um ar fino dava-lhe em cheio no rosto; mas a passagem tornou-se impossivel, tão estreito era o caminho que terminava em uma fenda luminosa, por onde o ar soprava a silvo.

Recuando oppresso, a arranhar-se nas arestas da rocha, reptando, por vezes, tanto se esgalgava angustamente a passagem, pouco mais que uma fenda sem ar, achou-se, de novo, o indio na clareira, decidindo-se, então, pela vereda central e, ainda que a houvesse de penetrar curvado, quasi de gatinhas, roçando com as costas pelo tardóz aspero do tecto, sempre lhe foi mais facil caminhar por ella.

O ar lufava rijo, em tromba, com um ronquido soturno, mas um rasto de luz insinuou-se e logo luziu um foco, e nelle reconheceu o indio uma sahida e para sitio aberto, onde dava o sol. Aforçurando-se, depressa alcançou a abertura e achou-se em amplo recinto, alto, onde as stalactites grossas, que se juntavam ás stalagmites, formavam uma columna-

ta desordenada, mas de tão intenso brilho que deslumbrava. Dir-se-iam talladas em blocos de diamante e, assim, tambem era a abobada, fulgido era o solo e a areia que o forrava amaciando os passos reluzia micante.

Ao fundo, rolando de grande altura, espumoso lençol d'agua despenhava-se com estupendo fragor e na bruma que se levantava das aguas curvava-se um arco iris como um symbolo da raça povoadora da terra.

As paredes irregulares em resaltos e concavos, rostros e reentrancias, ás vezes afundando em verdadeiros nichos e recavas, tinham todas o mesmo brilho scintillante de pedrarias e, por todos os angulos, penetrando por aberturas e orificios, o sol espalhava-se em irradiação polychromica fazendo em tal ambito um dia fantastico.

O indio olhava verdadeiramente deslumbrado e cada vez descobria maiores bellezas — eram nichos no fundo dos quaes, em verdadeiras aureolas de ouro, appareciam estranhas figuras, como as das imagens que os missionarios mostravam quando falavam do céu. Una escaleira que subia até quasi a abobada, toda forrada de luz, ia ter a uma especie de altar onde uma cruz de pedra abria os braços, pousada sobre uma peanha de gneiss em cuja base havia<sup>r</sup> duas iniciaes entrelaçadas.

Não se fartava o indio de olhar, hesitando entre os varios caminhos que irradiavam daquella especie de nave, uns por entre columnãs, outros rompendo em tunneis,<sup>r</sup> dentro dos quaes a luz era docemente azulada, como a do luar. Prendia-o, entretanto, aquelle lugar mysterioso, a cruz que lá

jazia em cima, no altar, apposto como se esperasse o sacerdote que nelle devesse officiar.

Tal symbolo era signal evidente de que, por ali, haviam passado christãos, homens brancos, só elles assignalavam os sitios e os caminhos de transito com aquelle marco sagrado.

Que haveria além, por aquelles meandros do immenso labyrintho ? Sem mais hesitar enveredou por uma das gargantas.

A principio foi-lhe facil caminhar, ainda que sentisse agua sob os pés, rasa em pontos, logo adiante dando-lhe pelos joelhos e do tecto, em lentejo perenne, o chuveiro fazia um crepitante murmurio na profundeza. De repente sentiu a parede como se o corredor ali terminasse, logo, porém, percebeu claridade cérula e, attentando, comprehendeu que déra, apenas, em uma especie de cotovello que se dobrava para a esquerda. Seguiu-o, aclarou-se o fundo, a agua appareceu reluzindo em rego e, alcançando a abertura, achou-se em outro salão, se não tão rico, tão amplo como o primeiro.

De estructura cyclopica, rude, amontoado de blocos em desordem, como destroços de um cataclysmo, contrastava com o anterior pela bruteza das muralhas escuras e humidas e a fórmula estranha das stalactites recurvas como se houvessem sido violentamente retorcidas.

A luz era escassa e lugubre. Aves estranhas, assustadas com a presença do intruso, puzeram-se a revoejar estonteadamente com estrondoso rumor d'azas e trissos sibilantes — eram enormes morecos que ali se refugiavam da luz durante o dia.

O indio estacou impressionado com o numeroso

enxame, reconhecendo, porém, os animaes, pôz-se a saltar, aos brados e o grande concavo repercutia reboantemente o seu vozeiro. A pouco e pouco foise o recinto esvasiando dos nictalopes. Então, saltando pelas chanfras do terreno, dirigiu-se a um canto onde o sol pousara em aureo tapete e distinguia objectos. Aproximou-se cautelosamente : eram grandes côfos apodrecidos que transbordavam ouro em pé, em pepitas, em esquirolas e, mais adiante, era a pururuca diamantina que enchia tres gordos ceirões de couro.

O indio, posto que não dêsse o justo valor á descoberta, não pôde conter o espanto e, mergulhando a mão em um dos côfos, pôz-se a peneirar o ouro que lhe cahia por entre os dedos em chuva luminosa ; depois tomou os diamantes e encontrou alguns de tamanho não vulgar que faiscavam, posto que ainda estivessem aggregados á pururuca e ao burgalhão.

Que grande mysterio haviam testemunhado aquellas pedras silenciosas ? Fôra os esqueletos ; no interior, na parte mais abscondita da caverna, aquelle incontavel thesouro que para ali fôra, por certo, levado por minerantes que, perseguidos pelos terriveis cayapós, que a lenda dizia serem os guardas fieis da mina santa que havia em remota collina, pereceram sitiados depois de terem, com esperança, escondido as preciosidades que haviam tomado á terra sagrada e ás agnas diamantinas.

O indio, homem simples, não sentia o prazer e a fascinação que a fortuna dá aos que lhe conhecem o poder : olhava maravilhado, mas sem ambição e parecia-lhe mais bella a caverna do que todas

aquellas divicias que ali jaziam como em abandono e que ficariam para o sempre ignoradas se o acaso não lhe houvesse levado os passos até aquelle sitio recondito.

Subitamente, ouvindo um grande zumbido, levantou a cabeça e viu numeroso enxame de abelhas que tinham por ali os seus favos. Não temendo o jataly e o bujuhy, que sabem fazer o mel perfumado, fugia á mumbaca, á vava, ao assanharão, ao arapuá e ao achupé terriveis, que investiam com elle como se o repellissem daquelles lugares quasi sacros onde apenas viviam elles, os noctivagos morcegos e alguma coruja merencorea aninhada em chanfradura da rocha, muda e immovel.

Temendo os terriveis insectos, retrocedeu ás pressas e, quando alcançou os companheiros, disse-lhes o que vira enumerando a quantidade de côfos de ouro e de diamantes que encontrara. Os indios logo pensaram no eremita — iriam dar-lhe a noticia do descoberto para que elle aproveitasse como entendesse o thesouro avultado. E commentando a feliz aventura daquelle dia, posto que tornassem sem a caça que haviam perseguido, iam contentes porque lhes parecia haverem encontrado coisa de maior valia do que os dois cervos alipedes que se haviam enlapado por traz daquellas rochas negras.

Quando chegaram ás cavernas, onde foram recebidos com alegres clamores, logo deram parte do achado e o guia seguiu para o eremiterio afim de communicar a frei Angelo a nova feliz.

O missionario repousava á sombra das suas arvores distrahindo-se com os animaes: a seus pés uma corça amamentava e nos ramos floridos os

passaros desferiam. Quando o indio relatou o que vira na maravilhosa gruta, o frade, que bem conhecia a alma ambiciosa dos homens, comprehendeu immediatamente que se tratava de alguma expedição mallograda, posto que lhe parecesse estranho que homens europeus já se houvessem aventurado em tão arriscados ermos á procura de ouro e de pedrarias. Outra, porém, não podia ser a explicação e, como o indio insistisse nos esqueletos que lá tinha encontrado, elle, caridosamente, comprometteu-se a acompanhá-lo á caverna, não tanto para vêr e admirar as riquezas, que não considerava, como para pedir ao Senhor, no proprio sitio em quo haviam perecido, por aquellas victimas da ambição.

Em determinado dia, sendo o tempo magnifico, logo ao romper d'alva, reunindo uma escolta de guerreiros, guiado pelo indio que havia feito o descoberto, dirigiu-se o eremita á caverna verde. Para os selvagens, habituados ás maravilhas da natureza, era quasi nullo o encanto daquellas vezes onde a mão da Providencia fôra tão caprichosa em tudo compor e ornar. Se desembocavam de uma garganta sinuosa e apertada, de altos rochedos negros, alcantilados em muralhas inacessiveis e estereis, onde apenas verdejava a samambaia graciosa inclinando-se das gretas da pedra ou pendida dos rebordos das rochas, o olhar alargava-se alegremente pela planicie onde os buritys, as jussaras e as indaiás sacudiam ao sol as palmas flexiveis, e fugindo, de azas abertas, rebanhos celeripedes de emas bravias, ariscos guarás ou assú-apáras esbeltos que, em fortes galões, ganhavam os cerrados.

Adiante, fulgindo ao sol, as aguas rebalsadas duma lagôa em cujas margens, amigamente reunidos, faziam alegre grasnada os marrecos e os patos selvagens; e os jaburús melancolicos, immoveis sobre uma pata, olhavam a agua espelhenta, pensativos. De vez em quando deslisava rapido, á flôr dagua, com um fulgir de escamas, um peixe dos que por ali viviam em cardumes, tranquilamente, nunca perturbados pelo homem; e nos ramos das arvores, que se miravam nagua quieta, myriades de passaros chilreavam. Frei Angelo, posto que vivesse em contacto com a natureza, não se poude furtar á admiração de tão perfectas maravilhas e deteve o passo contemplando embevecido tudo quanto a sua vista alcançava.

As aves abalaram e as capivaras, que sesteavam ao sol, mergulharam ariscas. O emissario seguiu então e os indios foram-no acompanhando através daquella região paradisiaca. Pouco a pouco, porém, justamente quando o sol alto mais escaaldava batendo-lhes de clapa sobre as cabeças, foram-se os caminhos tornando difficeis — ora era o areal espesso e fôfo onde os passos afundavam como em cinza quente, ou então o pedregulho solto que rolava debaixo dos pés mal calçados de cascas de arvores ou balseiros que lhes appareciam cobertos de mosquitos forçando-os a longas voltas, penhas lisas que lhes embargavam o caminho ou enredanças de hervas emmaranhadas, em trama de verdadeiras rêdes. A natureza, como nos contos maravilhosos, parecia ter querido oppor as maiores difficuldades aos que tentassem gananciosamente

conquistar o thesouro que além jazia sob a guarda funeraria dos esqueletos.

Foi ao cahir do crepusculo que os excursionistas conseguiram chegar extenuados á paragem que demandavam. Como se haviam provido de alimentos fizeram uma refeição abundante. Frei Angelo contentou-se com alguns frutos que levava num taleigo.

Passaram a noite fóra, não sem sobresalto, ouvindo o urro da sucury ou o fremito da onça. Jacarés abundavam nas aguas e os indios, sabendo da existencia do saurio perfido, não se descuidavam : ao mais leve ruido que se levantava nos matos visinhos acudiam, aos brados, afugentando o traizceiro reptil. Frei Angelo, porém, não temia as feras e tranquilisava os indios dizendo que Deus estava ali com elles protegendo-os; nada temessem. E, effectivamente, a noite correu serena—as bestas bravas atroavam o silencio com as suas vozes temerosas, mas não ousavam aproximar-se do pouso dos expedicionarios.

Ao amanhecer frei Angelo, que mal cerrara os olhos, levantou-se, rendeu graças ao Senhor e tomou o caminho da caverna, seguindo os passos do guia e, logo que encontrou o primeiro esqueleto, ajoelhou-se, fez uma oração pedindo a Deus pela alma daquelles que ali haviam expirado sobre riquezas vans, sem lembrar-se de que o unico thesouro é o da Graça com que o Senhor galardôa os que seguem os preceitos da sua Lei. Os indios imitavam contrictos o procedimento do seu chefe espiritual e assim, de ponto em ponto, em andar vagaroso, foram fazendo pausas propiciatorias sempre que encontravam um despojo humano.

Quando chegaram á clareira interior o guia tomou a frente mettendo-se pelo caminho central, no que foi seguido pelo corajoso eremita e pelos companheiros, um a um, de rastos, até que alcançaram o largo salão sombrio onde os morcegos logo se alarmaram e entraram a voar com surdo rumor de azas, batendo, de encontro ás paredes da caverna. A agua, como se houvesse engrossado com as chuvas, rolava volumosa.

O guia encaminhou-se para o lugar em que jaziam os côfos e, enterrando as mãos no primeiro, mostrou ao eremita a preciosa poeira, depois, derubando um dos ceirões de diamantes, o solo refulgiu em scintillações. E havia turmalinas verdes, topasios cardinos e outras pedras de brilho variegado.

Frei Angelo olhava sem querer tocar naquellas riquezas como se as considerasse impuras e, como os indios se arredassem, percorrendo os differentes caminhos da mysteriosa caverna elle, com os olhos arrasados de lagrimas, pôz-se a dizer baixinho :

— Quanto esforço perdido ! Ó ambição insaciavel dos homens, que é como os abysmos que se não contentam com as aguas fartas que jorram do céu e com as que nelles vertem as cachoeiras e, sempre avidos, parecem reclamar de Deus mais abundancia. Ó avareza ! aqui tens as tuas victimas. Este vivia, talvez, folgadoamente na sua aldeia com a sua gente ; tinha o seu campo e tinha o seu gado, dava-lhe a terra o pão e o lume e a ovelha vestia-o, tanto lhe bastava para que se julgasse feliz até que um arauto infernal foi seduzi-lo quando repousava junto a uma méda, ouvindo os pardaes alegres, aspi-

rando o bom cheiro dos campos, enquanto os seus bois, livres do jugo, pastavam nas vertentes.

«Deixa o arado e deixa a foice, homem simples. Que é a vida neste prado misero, em tão acanhado cardenho ? Para que has de ter as horas do somno tão avaramente cortadas ? Para que te has de estafar á soalheira e á neve, suando e tiritando se, com um anno de suave trabalho, podes conseguir maior fortuna que a do teu rei ? Anda dali, eia ! camponio ! . . . Vende esse tugurio e esse gado, faze-te de vela para o novo paiz, onde as rampas são gupiaras, onde as grotas são minas, onde os rios são forrados de diamantes. Faze-te de vela, deixa esse arduo trabalho de sementeiro e de ceifeiro e vai faiscar nos corregos e vai descobrir a ganga preciosa que traz a pedra rara. Eia !

«Um barco apresta-se no porto — está apparelhado e prompto, já começa a faina da partida. Eia ! corre ao caes e embarca antes que os ventos inchem as velas e arrastem, mar em fóra, o navio dos que vão buscar ouro.

«Sus ! de pé, camponio simples. Que se enferuge o arado, que a urze cresça no teu campo afogando a sementeira, que os vendavaes descolmem o teu casal, que os teus rebanhos tresmalhem, que importa . . . ? ha lá mais ouro do que ha de trigo nos teus campos nos fartos outonos. Com o que de lá trouxeres poderás abarrotar as arcas do teu celeiro, não de grão, mas de gemmas e de graniso de ouro.»

E o pobrezinho, escutando a seducção, embarcou-se. Quanto soffreu começando pela saudade nos mares grandes, pensando no desconhecido de-

pois da viagem através dos sertões agrestes, muita vez sem agua, ao sol, enfermo e caminhando para não ficar abandonado, porque os companheiros não esperavam ; a angustia e o medo e as privações e as desconfianças, porque entre homens ávidos, que têm como ideal a conquista vil, não póde haver sinceridade : entreolham-se respeitosos e, não raro, encontrando-se em solidões, se um desconfia que o outro, por mais feliz, fez uma descoberta, salta-lhe em cima armado e assassina-o para despojá-lo. Que lucrou esse infeliz depois de tantos infortúnios, inclusivè o de ser embargado, á volta, pela gente da cabilda, quando já tornava com o thesouro ? Logrou apenas a morte triste, encurralado numa gruta, ouvindo a poracé dos sitiantes e faminto e gelado, acabando sem Deus, agarrado ao thesouro inutil.

Essa é a morte do avarento. E se nisso acabasse ainda assim não seria grande a pena, mas Deus não lhe tomará contas do desusado e ambicioso viver quando surgir diante do seu throno ? Pobre camponio ! . . . Aquelle vivia, talvez, com abastança, tinha o superfluo, ainda assim não contente com o que Deus lhe dera, tanto que ouviu o annuncio da descoberta, logo se pôz em pé de jornada, alliciando companheiros de musculos fortes, porque já lhe parecia que havia de encontrar tão abundantes thesouros que, para os transportar, seriam necessarios alentados montanheses, sem lembrar-se de que, ainda encontrando essa fortuna, os homens contractados para seu serviço haviam de conspirar, tornando-se contra elle. Mas se não foi assim peor foi, porque além da natureza ostensiva e in-

grata, ainda encontrou a furia do incola que contra elle se armou, levantando-se em tumulto para abatê-lo.

Ó avareza ! muito has de rejubilar no inferno, que é o teu lugar, vendo tantas criaturas do Senhor sacrificadas ao teu capricho. Pobre gente ! Pobre gente !

Os indios tornaram, vendo, porém, o eremita tão attento, com os braços cruzados diante dos bojudos côfos, quedaram em respeitoso silencio e, distanciados, esperaram que os chamasse. Quando elle voltou o rosto o guia, adiantando-se, perguntou se queria que fôsem transportando lentamente o thesouro para as cavernas. O eremita acenou negativamente.

— Não, vivemos em paz, continuemos a viver assim, nada nos falta. O ouro é um metal funesto attrahe a desgraça, como que torna malditos os lugares em que jaz. A terra em que apparece o filão é revolvida, é brocada, cavam-na, remexem-na, maltratam-na e tão mau é esse metal que, se para lá o levarmos, certo estou de que algum espirito infernal, para amofinar-nos, sahirá espalhando a noticia da jazida e teremos de armar o braço para defender, senão as riquezas, as nossas proprias vidas ameaçadas pelos gananciosos.

Que fiquem onde estão. Voltemos satisfeitos com havermos visto tanta belleza e admoestados pelo exemplo que nos quiz dar o Senhor com tantos restos humanos esquecidos junto de tão preciosos haveres com que nestes maninhos lugares nem a vida puderam ganhar com elles os mesmos que os traziam. Voltemos com a lição que nos deu o Senhor.

E voltaram. Para abrandar a justa colera de Deus despertada pela ambição dos que haviam peccado tão longe do aconchego humano como do favor divino, entregou-se o eremita a apertados jejuns e, todas as tardes, ao declinar do sol, nú da cinta para cima, flagellava-se até sentir humidos de sangue os fios do latego que lhe lanhava as costas.

Penitenciando-se duramente, teve uma noite a visão annunciadora de que o Senhor havia escutado as suas orações aceitando igualmente os seus sacrificios.

Viu-se á borda dum abysmo de tanta profundidade e tão negro que a vista ficava perdida. O fumo subia enroscando-se em espiral escura e continua e animaes asquerosos arrastavam-se pelas paredes chammejando. Elle sentia o horror que infundem as coisas diabolicas e, tremendo, ia para ajoelhar-se reclamando o auxilio de Deus, quando viu baixar do céu uma grande ave que despedia clarões das azas brancas. A ave mergulhou no abysmo que se foi illuminando, como se por elle baixasse o proprio sol e, pouco depois, elle viu vir do mais profundo a mesma ave conduzindo no dorso um bando de homens, mas tão desfigurados e sentidos que mais pareciam espectros — alguns tinham frechas passadas através dos peitos, outros vinham com as cabeças esmagadas e deixavam ficar no vacuo uma luminosa esteira de ouro em pó e pedrarias. E a ave remontou com elles e foi, e foi sempre, clara e radiante, até desapparecer no céu.

Comprehendeu o solitario que o bom Deus, com aquella visão, quizera demonstrar que accedera aos

seus rogos e logo que sahiu do somno atirou-se de joelhos e, em fervorosas rezas, agradeceu o favor sublime que o Salvador lhe havia concedido. Contento por saber que haviam sido remidas as culpas dos infelizes tomou-se de tal alegria que os proprios animaes, que eram os seus companheiros, como que o estranhavam porque o olhavam longamente com olhares que bem traduziam o seu espanto.

Pouco a pouco, porém, voltando a vida á normalidade, ninguem mais falou da caverna e dos seus esplendores; de longe em longe, porém, um dos indios ia visitá-la certificando-se da existencia do thesouro!

Uma tarde, no tempo das grandes aguas, quando a montanha amanhecia branca de nevoa e as arvores humidas estillavam, quando as cachoeiras engrossadas rolavam com fragor estupendo e agua-ceiros copiosos transformavam campos em paúes, uma tarde em que o sol escasso e raro luzia aquecendo beneficamente as terras encharcadas, estava frei Angelo passeiando pelo seu horto, a pensar as arvores maltratadas pela aspera invernia, quando ouviu distinctamente um mugido longinquo.

Aquella voz nunca repetida pelos écos da solidão despertou-lhe a saudade; mas não teria sido illusão? As reminiscencias criam espectros que surgem, por vezes, aos sentidos: ouve-se a voz de uma pessoa amada, vê-se-lhe o vulto passar aereamente num fundo leve de bruma onde se dilue e desaparece, sente-se certo perfume... Não seria illusão? Talvez que, na jazida da memoria houvesse acordado, em determinada cellula, para logo desfazer-se, a lembrança bucolica de um mo-

mento nos seus campos nataes do Anjou, á hora de recolher-se o gado.

Mas de novo a voz dos bois echoou no silencio da tarde, longa e profunda. A impressão do eremita, de alegre que, a principio, fôra, tornou-se em receio. Aquelle animal que se annunciava era como a tuba do inimigo temido: o homem civilizado. Só elle poderia levar áquelles bravios sertões o companheiro submisso e fiel da labuta campestre, o forte dominador da leziria. Era a civilização cruel e avida que se denunciava: um bando, talvez, de aventureiros que vinha farejando o thesouro da caverna verde. E o frade estremeceu pela sorte dos indios, sabendo que os brancos não só despojavam a terra das suas posses como ainda escravizavam os homens.

Ficou á espreita alongando os olhos pelo caminho fronteiro á caverna e distinguiu claramente, além do mugido, balados de ovelhas e latidos de cães. Não podia haver mais duvida sobre a chegada dos homens brancos, só elles poderiam trazer aquelles animaes e o eremita meigo, como um velho pai que sente a sua casa ameaçada e vê em risco a prole, estremeceu. Voltaram-se-lhe instinctivamente os olhos para o lado em que ficavam as cavernas dos indios e no seu espirito amotinado idéas varias chocaram-se.

— Se forem poucos procurarei convencê-los com palavras brandas e certo estou de que concordarão commigo; se forem muitos e me não quizerem attender os indios são fortes e em numero bastante e eu proprio os conduzirei para que defendam a sua liberdade. Vê-los sahir daqui escravizados, nun-

ca ! Melhor é que todos fiquem mortos no limiar das suas cavernas, os esposos ao lado das esposas, os filhos perto das mãis e eu com elles.

Assim pensava sem deixar de attender ao ruído que se aproximava. De repente, não longe, varias vozes entoaram um canto suave. Frei Angelo adiantou-se surpreso e, apartando os ramos, fez um esconderijo donde pudesse vêr, sem ser visto, os que chegavam áquellas terras agrestes e desconhecidas. Não esperou muito tempo porque, como o sitio que havia escolhido ficasse á beira duma barranca, em cuja base corria o caminho que, em espiral, subia á caverna sagrada, baixando os olhos viu a multidão que chegava e, pasmado, maravilhado, reclinou-se tanto que o galho da arvore a que se havia agarrado curvou-se com risco de partir-se, precipitando-o de grande altura sobre o lapêdo.

Abriam a marcha da caravana varios indios, alguns com enfeites barbaros : o cocar, o enduape ; outros vestidos ao modo europeu ; dois grandes carros tirados por muitas juntas de bois, cobertos dum toldo de palha, subiam lentamente, rinchando ; quatro indios seguiam-nos a cavallo e na coda outros vinham tocando animacs, bois tardigrados, cabras, ovelhas. Cães esfalfados caminhavam vagarosos á sombra dos vehiculos.

Os indios cantavam um côro dolente e dos carros partiam vozes meigas. Já na volta do caminho um dos cavalleiros, estugando o animal, toinou a dianteira e, pouco depois, o eremita ouvia do esconderijo o galope do ginete. Curioso, deixou a beira da rampa e sahio ao encontro do advena que tão ousadamente, ignorando, por certo, que ali havia

habitantes, entrara por aquellas terras onde se haviam estabelecido os ultimos tamoyos. O indio justamente chegava á frente da caverna e continha o animal soffego que, sentindo o murmurio da ribeira, sedento procurava investir para beber. Dando com o frade o indio não poude disfarçar o espanto e, bem que nada dissesse, frei Angelo, pela sua physionomia, comprehendeu a surpresa que lhe havia causado o encontro; elle, porém, descendo do animal, avançou alguns passos humildes e, diante do cruzeiro, curvou-se com respeito fazendo o signal da cruz.

Já os outros da caravana appareciam no caminho quando o indio se voltou para frei Angelo: antes, porém, que lhe dirigisse a palavra, o eremita o interrogou em *abancem*:

— Quem és tu e que queres?

E o indio, erguendo altivamente a cabeça, respondeu em portuguez, com orgulho:

— Sou Parajára, neto de Guaxará, ultimo chefe da nação tamoya.

## IV

### O SENHOR DA UBIRA

O frade encarou-o surpreso, logo, porém, a sua atenção foi attrahida pela caravana que chegava. Os dois carros haviam parado antes da ingreme subida e delles desciam mulheres — entre ellas, porém, uma, mais bella que todas, desceu com uma criança ao collo, tomando immediatamente a direcção da caverna. Os animaes, cançados da grande marcha, tanto que foram alliviados da canga, estiraram-se pela relva fresca; os cães, com os focinhos baixos, a lingua pendente, iam e vinham farejando os caminhos e o eremita olhava, não mais receioso, porque não via entre os homens um só branco, e porque as palavras de Parajára, posto que pronunciadas com arrogancia, haviam tranquillizado o seu espirito.

Quando a india formosa chegou junto d'elle com a criança nos braços frei Angelo não poudo conter a admiração e um sorriso meigo afflorou-lhe

os labios, tão linda era, tão differente daquellas criaturas abaçanadas: mimosa e meiga, de olhos azues, rosada. Estendeu-lhe os braços e a criança inclinou-se-lhe ao peito e logo, correndo os olhos pelas immediações, balbuciou:

— Agua.

O frade dirigiu-se com ella para a caverna, seguido de Parajára e da india formosa; o resto da caravana caminhava á distancia, mirando admiradamente todos os cantos da caverna, tanto, porém, que avistaram a agua limpida, correram todos contentes e, estendendo-se a fio comprido á margem da ribeira, beberam sofregamente, enquanto o frade, com uma cuia, dava de beber á criança, que o olhava grata e enternecida.

Da outra margem da ribeira os animaes do eremiterio olhavam a multidão que enchia de desusado rumor aquella soledade. Um indio, depois que todos, saciados, sentaram-se ou deitaram-se na relva que avelludava a margem fresca, desceu para buscar os animaes. Os bois vieram subindo mollemente, ruminando; as vaccas com as suas crias, as cabras, os carneiros, as ovelhas e os cães, todos precipitaram-se e, mal chegaram á beira d'agua, toldaram-na com avidéz porque, não contentes com a que bebiam, ainda, querendo refresco, nella entravam e, em meio da corrente, ficavam sorvendo.

Os cães, porém, dando com as onças, arripiaram-se e entraram a rosnar medrosos. As feras, eriçadas, respondiam rugindo e foi necessario que frei Angelo interviesse para que socegassem. Acalmando-se, então, os animaes e adormecendo a maioria

dos homens e a criança, que foi deitada á sombra duma arvore, o frade interrogou o indio.

— Nós somos de Pirapora, a grande fazenda que fica á margem do immenso rio chamado S. Francisco. Era a mais rica e a mais bella de todo o sertão mineiro. Gonçalo Peres, seu dono, era o mais ousado de quantos entram os sertões com bandeiras. Eu era seu captivo de guerra, nunca, porém, como escravo fui tratado, mas como amigo, eu e minha mulher Poranga, que foi a companheira da senhora, mãe de menina.

E Parajára, depois de haver apresentado Urú, o gigante, Goah e os mais indios que o acompanhavam, narrou miudamente toda a historia tragica de Pirapora desde a chegada de Ferrão até o seu supplicio e o exodo da gente.

Frei Angelo ficou com os olhos marejados de agua e, curvando-se sobre Selva, que dormia, beijou-a na face, orvalhando-se a rosa fresca do rosto da criança com uma gota de lagrima.

— Pobrezinha ! suspirou. E agora? Que pretendes fazer ? perguntou a Parajára. Estou certo de que não has de querer enterrar nestas selvas agrestes tão linda criança, que não tem a mesma alma selvagem que tão bem se dá com as florestas. Ella, por certo, pelo instincto, ha de reclamar, mais tarde, a grande vida nas capitaes, ha de ter a nostalgia.

— Nem ficará na brenha, disse Parajára. Logo que chegar o tempo de sahir, sahirá para cumprir a promessa que, em nome della, fizemos junto da cruz que dá sombra aos tumulos de senhor e de senhora.

— Que promessa ?

— De vingar-nos da mulher má.

Frei Angelo quiz contrariar com palavras amigas o proposito do indio, mas Parajára, respeitosa, sem exaltar-se, rebateu-lhe os argumentos :

— Não, padre ; Selva é agora a filha branca dos tamoyos, e a vingança é o melhor prazer da gente da minha raça. Selva vivia feliz, senhor sofreu muito para garantir-lhe o futuro e ella agora é pobre e só no mundo. Para viver sem receio veio esconder-se na tribu. E a outra? a mulher má? Tem toda a fortuna que o senhor adquiriu com sacrificio, lutando com o indio bravo, batendo-se com a féra, caminhando dias e dias sem comer, bebendo nos paúes, e ella ha de viver feliz? Não! Deus do céu vingá-se dos seus inimigos, o inferno é a vingança de Deus. Parajára jurou sobre a sepultura da senhora que havia de fazer Selva feliz. Parajára jurou sobre a sepultura do senhor que havia de vingar a sua morte e Parajára vai trabalhar. Parajára sabe que ha muito ouro nesta terra dos cayapós deshumanos e dos mansos goyás e Parajára vai buscar, com os seus irmãos, um thesouro para Selva, maior do que o que ella perdeu e, quando ella tiver bastante, sahirá da floresta para vingar-se da mulher má.

— Para fazer a felicidade não bastam os thesouros da terra, Parajára, é necessario que o espirito tenha a sua fortuna e como pretendes enriquecer a alma da criança em tão remotas regiões ?

— A natureza ensina.

Frei Angelo lançou um olhar enternecido á

pequenita, que dormia tranquillamente á sombra da arvore, e tornou ao indio :

-- Se pretendes deixá-la aqui entrega-m'a para que eu me encarregue de preparar-lhe o espirito. Trata de afortuná-la com as riquezas voltárias da terra, e fia de mim o encargo de dotá-la com o thesouro imperecível porque, no dia em que ella se vir desprovida da ultima parcella d'ouro, não lastimará a pobreza, porque poderá recorrer ao precioso bem que ninguem lhe arrancará senão com a vida.

Eu vivo aqui com os teus irmãos, sou eu quem lhes fala de Deus e quem lhes explica os mysterios da natureza. Neste eremiterio vivo apenas acompanhado dos animaes que me buscam e das coisas que me cercam. Se queres cumprir a promessa sagrada que fizeste sobre a sepultura da senhora entrega-me a criança e eu encarrego-me de devolvê-la preparada e forte para a luta e mais segura com a riqueza que lhe hei de dar do que com quantos thesouros possas trazer do seio da terra abundante.

Parajára e Poranga trocaram um olhar enternecido e a india disse :

-- Sim, padre ; mas apartá-la de nós é impossivel. Ella é como nossa filha, nem viverá, tenho certeza, se nos não sentir em sua companhia.

— Vinde viver com ella ou trazei-m'a todas as manhans e levai-a todas as tardes. Digo apenas que acho indispensavel a educação, porque ella vai encontrar inimigos fortes com os quaes se ha de bater, e muita vez mais proveitosos lhe hão de ser os estudos que houver feito do que o ouro que levar.

O indio ergueu-se então e, com severidade, falou :

— Sim, padre, aceitamos a tua offerta, mas com uma condição :

— Dita-a.

— Não lhe toques no coração. Fala apenas ao seu espirito, incute-lhe o amor das letras, explica-lhe os mysterios, prepara-a, enfim, mas não lhe toques no coração, esse pertence-nos. Queremos enchê-lo de odio para que ella nunca enfraqueça na vingança ; queremos robustecê-lo para que elle não se amerceie apiedado ; queremos prepará-lo de sorte que o não vençam lagrimas nem preces, no momento em que ella tiver de operar contra a mulher má.

— Queres, então, modificar a natureza feminina ?

— Selva será a vingança e cruel como a vingança. O coração de Selva há de crescer no odio.

— Vais fazer uma criminosa.

— Não, padre. E se queres aceitar a condição desde já fica a criança sob a tua guarda, mas não lhe toques no coração. Esse pertence aos mortos que pedem vingança do fundo da terra. Ella é filha das victimas, é a pupilla dos tamoyos, e é preciso que saiba vingar-se.

— Pois bem, aceito a condição, disse frei Angelo.

— Pódes começar a preparar-lhe o espirito, disse Parajára.

— Ella será a filha de minh'alma. Nesta vida solitaria que levo, ha largos annos, muito tenho aprendido e guardo caladamente o thesouro da sabedoria, não por avareza, mas porque não vejo nin-

guem que delle queira participar. Os indios sentem-se attrahidos pela natureza e muito fiz conseguindo trazê-los até junto da cruz, mas é difficil, quasi impossivel, retê-los, muito tempo, longe da floresta, numa vida sedentaria, que é a vida do sabio. Essa criança será a herdeira do que possui e, já que entendes que não lhe devo tocar no coração, nelle não tocarei porque estou certo de que a sua propria alma se ha de encarregar de fazer o que pela minha promessa, jámais tentarei, sequer. Agora só posso offerecer o terreno que fica em torno desta caverna, que é a miuha morada, para que nelle te estabeleças com os teus irmãos.

— Não, padre, disse Parajára, eu vou ter com os tamoyos. Mostra-me o caminho que leva ás habitações dos refugiados, porque hoje mesmo quero apresentar-me.

— Não é longe, mas como ámanhan é domingo, dia do Senhor, elles têm de vir aqui, porque rezo nesse dia a missa propiciatoria. Assim acho melhor que aqui os esperes e eu mesmo quero ter o prazer de entregar-te a lança do commando, se é que a ella tens direito como dizes.

— Eu só ! exclamou o indio com orgulho.

— Tanto melhor porque, com o teu auxilio, muito farei pela tribu que considero, não como de dominados, mas como de amigos e companheiros na minha solidão.

Parajára resolveu acceder ás palavras de frei Angelo e o resto do dia, como estavam estafados da longa viagem que haviam feito, os indio passaram deitados á sombra das arvores, contentes por se verem restituídos á floresta, á grande brenha maternal.

Frei Angelo, logo que Selva acordou, tomou-a ao collo e pôz-se a andar com ella, mostrando-lhe todos os cantos da caverna e a criança, intelligente e meiga, ia perguntando, maravilhada d'aquella belleza agreste.

Á noite accenderam fogos e, como o frio era intenso, Poranga, com a pequena, acolheu-se a um canto abrigado da gruta onde passou a noite.

Rompia a manhan clara quando os indios, de pé, estremeceram ouvindo os uivos longinuos da fanfarra selvagem e o rumor da poracê. Parajára, com os olhos marejados, sabiu para o limiar da caverna e, alongando-os, procurava distinguir, através da folhagem densa, os que se vinham annunciando pelos instrumentos barbaros. Era toda a sua infancia que elle recordava ouvindo aquella estrupidante musica : eram os dias na taba, as festas selvagens, os seus primeiros amores até o momento em que, colhido pela gente de Gonçalo Peres, sem poder lutar, rendeu-se captivo. Todo esse passado subia-lhe á tona da memoria enquanto elle ouvia a ruidosa resonancia de borés e tembis que vinham abalando o silencio dos bosques nemorosos.

Todos os indios sahiram para a entrada da caverna e frei Angelo ficou diante delles com a pequena Selva e assim viram surdir d'entre as arvores o bando dos selvicolas que chegavam para a cerimonia religiosa.

Os indios, vendo á entrada da caverna tão grande ajuntamento, detiveram-se desconfiados, mas com a presença de frei Angelo logo as apprehensões se lhes dissiparam e foram avançando, semi-

pre com os olhos nos que estavam em volta do frade. Parajára, ansioso, quiz adiantar-se, mas frei Angelo deteve-o, dizendo-lhe quasi em segredo :

— Eu mesmo falarei. Tens comtigo alguma coisa que te faça reconhecer como chefe dos tamoyos ?

— Sim, a mancha de *Guaxará* no peito.

— Basta. Espera. Eu mesmo falo.

E o eremita dirigiu-se aos indios em *aba-neem* :

— Tamoyos ! Quiz Deus que viessem ter conosco, nesta estancia feliz que Elle nos apontou, outros homens da vossa raça heroica, que andavam dispersos. Sei que os haveis de receber com alegria porque é um pouco do vosso sangue e um pouco do vosso espirito, o que faltava ao corpo da tribu, tão mal favorecida na guerra, mas tão recompensada na paz. Não sei como aqui vieram ter por tão invios caminhos, apenas trilhados por feras. Elles aqui estão e agora compete-nos recebê-los e dar-lhes agasalho como a irmãos. Entre elles, porém, vem Parajára que se diz descendente do grande guerreiro *Guaxará*, chefe do Cabo-Frio e allega titulos que lhe conferem o alto posto de chefe. Se nelle acreditais, ei-lo aqui, acclamai-o, senão recebei-o ao menos como companheiro.

Parajára, porém, adiantou-se com orgulho e, chegando á frente da turba indigena, disse com a sua voz que estrondava :

— Tamoyos, meus irmãos, se vos lembrais de *Mbara-eté*, filho de *Guaxará*, que foi vosso chefe, fitai-me. Eu sou Parajára, filho de *Mbara-eté*, neto de *Guaxará*. Em pequeno, fugindo á vingança do

homem branco, que nos detestava, porque só nós havíamos ousado disputar-lhe, com as armas na mão, a terra que usurparam, internei-me na floresta com um bando de índios, tomando rumo diferente do que havieis tomado, vós os que aqui viestes trazidos por *Mbara-eté*. Muito tempo elle chorou a minha morte, por julgar-me perdido e dos que commigo partiram, bem poucos, com effeito, conseguiram salvar a vida em tão attribulada peregrinação, --- uns acabaram nas garras das feras, outros succumbiram ás frechas dos irmãos ingratos da floresta e a maior parte cahiu em poder dos bandeirantes. Foi o que me aconteceu. Mais feliz, porém, que muitos dos nossos irmãos, encontrei um homem que, tendo todas as virtudes do guerreiro, era generoso e leal. Não me humilhava como escravo, considerava-me como amigo. Depois de viver com elle varios annos tomei para companhia da cabana Poranga, moça da nossa raça, que havia sido recolhida commigo quando era bem criança, ficando tambem escrava.

A nossa vida na casa do homem branco foi sempre feliz, até que a má sorte foi perturbar a ventura que sempre reinara em Pirapora. Quando tivemos de abandonar a casa, infelicitada por tantas calamidades, lembrei-me de que uma vez, seguindo a bandeira valorosa do senhor, havíamos chegado até bem perto da ocara dos goyás, que não dista daqui mais que dois dias de viagem, e ali dos índios soubera que uma grande tribu, vinda de muito longe, havia tomado a direcção destas montanhas. Pelos signaes que me foram dados comprehendi immediatamente que eram os tamoyos

os novos habitantes da região, e, porque nunca esqueci a raça dos meus maiores, fiz proposito de os procurar logo que obtivesse a liberdade.

Foi uma desgraça que fez com que eu viesse mais cedo rastreando as vossas pègadas nos caminhos, desgraça que lamento e, confesso que, apesar do intenso desejo que tinha de rever-vos, não desejava por tal preço ganhar essa ventura. Eis-me aqui. A viagem que fiz vós a fizestes e bem sabeis quão difficil é a travessia d'essas terras dominadas pelos cayapós. Tão protegidos fomos, porém, que nem uma só vez nos encontramos com os donos das campinas seccas. Fêras apenas tivemos de combater, por vezes e, se alguns dos nossos ficaram nos caminhos, esses foram feridos por Deus que, nem sempre, nos foi favoravel. Emfim avistamos a subida da montanha e, depois de havermos hesitado entre varios rumos, porque nem estrada existe que aponte ao aventureiro a direcção, tomamos ao acaso, vindo os dianteiros derrubando os mattos para que pudessem passar os carros e os animaes. Eis-nos aqui. Já vos não falo da minha alegria e das lagrimas que senti nos olhos quando vos avistei; falo agora de mim. Não venho disputar honras, venho assumir o posto que me pertence allegando o direito que me assiste como unico descendente de *Guaxará*, o forte. Se não varrestes da memoria o que diz a tradição da tribu sobre o valido chefe, deveis saber que uma mancha escura o distinguia dos mais e, tanto empenho punha o valente em que a vissem amigos e adversarios que trazia sempre exposta e até a realçava com tintas para que, ao primeiro olhar, fôsse notada nos combates a man-

cha que era a confiança dos nossos e o terror do inimigo. Essa mancha, que foi transmittida a *Mbara-eté*, eu a tenho tambem, tamoyos.

E, arrancando a plumagem que fazia uma petrina vistosa, mostrou aos tamoyos a mancha hereditaria que lhe assegurava o dominio. Heuve um grande e respeitoso silencio entre os indios, todos ollavam extasiados e foi *Manandar* quem falou, adiantando-se aos companheiros.

— Parajára, filho de *Mbara-eté*, neto de *Guaxará*, o posto de cacique pertence-te, nem eu quero disputá-lo e aqui, em presença da tribu e do padre amigo que é o nosso governador espiritual, passo ás tuas mãos a ubira do commando. Fui aclamado porque a luta me favoreceu, mas o direito é teu e contigo nenhum guerreiro ousará, sem duvida, combater porque tens o espirito destemido do cacique invencivel. És o verdadeiro chefe e aqui mesmo acclamo o teu nome, certo de que todos te hão de receber e acatar como tuxava da nação.

Os indios aclamaram Parajára e frei Angelo, recebendo das mãos de *Manandar* a lança enfeitada de plumas, entregou-a ao antigo escravo de Gonçalo Peres, que a recebeu commovido. Frei Angelo encaminhava-se para o altar rustico quando Parajára, fazendo avançar Poranga, que havia tomado Selva nos braços disse, dirigindo-se ao numeroso bando :

— Meus irmãos, esta é a minha esposa e a criança que ella tem nos braços será, d'ora em diante, a filha da tribu. Como ella domina o coração de Parajára quero que seja aceita em todos os vossos corações — ella é digna do vosso amor.

Os indios aproximavam-se como se quizessem vêr melhor aquella que lhes era imposta e a criança olhava-os sem receio, sorrindo porque elles tambem sorriam.

As mulheres selvagens pareciam deslumbradas com a côr dos olhos e dos cabellos de Selva e foi com verdadeira alegria que a festejaram. Frei Angelo, em seguida, dirigiu-se para o altar e, á luz do sol, celebrou a missa dominical emquanto junto á ribeira o gado mugia e as ovelhas balavam. Finda a cerimonia toda a tribu reunida voltou para as cavernas e a Parajára foi offerecida a mesma gruta em que havia vivido *Mbara-eté*.

Nos primeiros dias, estafados da viagem, os indios não cuidaram de trabalho; alguns apenas fincavam esteios para cabanas preferindo viver apartados; logo, porém, que, com o repouso, readquiriram as forças, Parajára, nomeando capatazes entre os que com elle haviam vindo e conheciam os trabalhos ruraes, fez retirar dos carros os instrumentos agrarios e as sementes que haviam transportado e começaram a trabalhar a terra preparando-a para a sementeira, emquanto outros faziam uma caiçara e um aprisco para os animaes. Frei Angelo abençoou o terreno e a semente prosperou feracissima, dando colheita farta.

Os animaes tambem procriavam e crescia o rebanho commum. Começou vida nova para os indios que, interessados, procuravam alongar os beneficios e, com tantos gosos inesperados, abençoavam o chefe que Deus houvera trazido restituindo-o aos seus. Selva crescia, e affeita á vida selvagem, robustecia-se ao ar livre, na vida activa dos

campos. Ao nascer da luz já ella andava com outras indias, seguida de cães, saltando os corregos ou subindo aos penhascos, armada de arco e flechas.

Poranga vestia-a com as roupas que providentemente levava de Pirapora e lá ia ella, pelos bosques, como uma jovem Diana seguida das suas nymphas e da matilha de molossos, enchendo as selvas austeras com a vibração crystallina do seu riso infantil.

Foi nesse tempo que frei Angelo, vendo-a desenvolvida e forte, chamou-a para as primeiras lições.

## A VIRGEM E O ASCETA

O sitio escolhido pelo eremita para as lições foi a margem da ribeira, á sombra das arvores em cujos galhos, ininterrompidamente, o passaredo desferia. A principio, com uma vara, traçando na areia humida as letras do alphabeto, foi familiarisando a criança com os caracteres, até que passou ás syllabas, depois ás palavras, finalmente á leitura e na areia a discipula ia igualmente ensaiando-se na calligraphia e com tão lucida intelligencia que, em pouco tempo, escrevia correntemente o que lhe ditava o frade. Logo que a julgou preparada deu-lhe para leitura um grande volume da Biblia e Selva, não sómente lia como ainda decorava os varios capitulos do livro santo, apaixonando-se pelos episodios delicados. Á medida que o seu espirito se ia edificando a sua belleza resplandecia.

Menina ainda, mas crescendo, como as plantas, ao ar livre, tinha uma robustez de oreada e as

suas cores davam-lhe maior realce á pelle fina que o sol ia tornando côr de sandalo e dourada. Seus labios eram dum vermelho de coral e os olhos, muito azues, longe de lhe afeiaem a physionomia, embelezavam-na extravagantemente, assim como os cabellos que se haviam tornado de um castanho escuro.

Frei Angelo que, por não haver jámais abandonado os livros, não esquecera as sciencias nem as linguas que aprendera, antes em tudo se aperfeiçoara, não se limitou aos pequenos estudos. Com vivo interesse foi desvendando á criança todos os mysterios da natureza : desde a vida secreta das plantas, até o movimento dos astros luminosos na altura. Por vezes, porém, da austeridade do sabio, como duma cella grave de monge, sahe um rouxinol cantando para o clarão do luar, sahia o poeta. Quando, nas horas mornas da sésta, os dois, sentados á beira dagua, discutiam, quanta vez o eremita, esquecido do curso sereno da sciencia, desviou-se docemente por meandros poeticos. Uma manhan, vendo Selva com uma flôr silvestre, a proposito da vida mysteriosa dos vegetaes, falou dos serenios amores, dos meigos idyllios dos quaes são discretos confidentes as brisas, os luares e os insectos.

— Selva, essa pequenina flôr era noiva.

— Noiva, padre ?

— Sim, noiva. É possivel que hoje, á noite, quando as estrellas sahissesem, os vagalumes fôssem, com os seus cirios, alumiar a boda no ramo que orfanaste. O sol celebra nupcias diarias e, como se não bastasse o sol, a lua tambem as celebra. Nunca deste attenção ás vozes nocturnas da floresta ?

— Sim, padre.

— E nada tens percebido ?

— Ouço o rumor das arvores, ouço o escachôo d'agua que rola, ouço os turturinos das pombas selvagens, o silvo das serpentes e o rugido dos jaguares.

— Nada mais ?

— Nada mais, padre.

— É que ainda não ainas a natureza. Eu, que já me habituei com ella, comprehendo-lhe a linguagem. Ha occasiões em que distingo claramente palavras e cantos. A natureza é uma grande harmonia.

Selva ouvia embevecida e o frade esquecido, arrebatado pela imaginação, falava dos grandes amores dos seres e das coisas numa linguagem tão candida e tão dôce que a formosa hamadryade deliciava-se sem, todavia, sentir no coração, ainda adormecido, o influxo daquellas palavras que escapavam aos borbotões dos labios do eremita, como uma agua, muito tempo represada, que houvesse rebentado a comporta e transbordasse em caudal. Quando, porém, percebeu que derivava em considerações vagas deteve-se e, como que envergonhado, retrocedeu, reentrando na sciencia positiva e secca.

E Selva ia, aos poucos, conhecendo todos os segredos da vida e, familiar com os poetas que elle conseguira salvar no seu cenobio, recitava longos cantos extasiada, ás vezes á beira d'agua ou, solitaria, no cimo dum rochedo, com os longos cabellos voando ao vento. Uma vez Parajára, que não se descuidava da filha do senhor, sahindo sorra-

teiramente pelos estreitos caminhos da floresta, foi encontrá-la sentada junto de uma arvore annosa com o rosto nas mãos, os olhos molhados de lagrimas.

O indio avançou e, tomando as mãos da criança, a quem amava como filha, quasi a chorar, commovido, perguntou :

— Que tem, Selva ? Por que chora ? Que falta a Selva ?

— Nada, Parajára. Nada me falta. És tão meigo, Poranga é tão boa ! Frei Angelo quer-me tanto . . . Mas não sei . . . tenho saudades. Lembro-me de meu pai. Eu era bem pequenina, Parajára, mas o coração não esquece. Lembro-me d'elle e de Pirapora onde nasci.

— E Selva quer voltar a Pirapora sem cumprir a promessa que Parajára fez aos mortos ? E a sombra dos mortos, Selva ? E quando elles perguntarem á filha que ficou no mundo e ao escravo que jurou : porque não cumpriram a promessa, que ha de dizer Selva ? Que ha de dizer Parajára ? Não, Selva : Pirapora é uma tapéra, o caminho que nós temos de seguir é outro.

— E para onde vamos nós, Parajára ?

— Para as terras de longe, para lá do mar.

— E como havemos de partir ?

— É o meu segredo. Parajára não quer vêr os olhos de Selva molhados de lagrimas. Depois que Selva houver cumprido o que Parajára prometteu aos mortos, Selva será feliz.

Para distrahir-se, quando a melancolia a prostrava, a menina buscava atordoar-se, exercitando-se com as armas entre os guerreiros ou partindo num árdego ginete campo fóra.

Mas a puberdade foi desabrochando — a criança fazia-se mulher. As flores já não morriam esmagadas pelos seus dedos finos: ella tomava-as carinhosamente como enfeites e fazia capellas e tor-saes; a sua rêde de plumas trescalava, como se nella dormisse a primavera. As pequeninas aves interessavam-na — ella cuidava dos ninhos e se, por acaso, encontrava nos ramo simplumes orphãos, adoptava-os criando-os meigamente até que os sentia fortes para arrostarem a vida livre na floresta; então deixava-os num ramo ou sobre a crista de um rochedo para que escolhessem rumo. Alguns regressavam com o crepusculo, á caverna, preferindo o amavel captiveiro á liberdade no grande bosque e nas campinas vastas. A ribeira tornou-se a sua confidente. Quanta vez frei Angelo foi sorprendê-la debruçada sobre a agua limpida e quieta, mirando-se:

— Que fazes, Selva?

Ella corava e, vexada, dizia:

-- Poranga falou-me da Yara d'agua e eu estou aqui esperando de que ella appareça.

— Não, Selva; tu não esperas a Yara. Dize a verdade — arranjas ao espelho das aguas as flores do teu toucado.

Ella não respondia. Essas maneiras frageis preocupavam Parajára, que a não queria enfraquecida, mas forte, capaz de resistir á luta, encarando, com indifferença, a dôr, vendo, sem piedade, o soffrimento para que pudesse affrontar o inimigo terrivel.

Uma manhan estava frei Angelo meditando á entrada da caverna quando viu apparecer Para-

jára. O indio saudou-o e, sentando-se numa chandura da rocha, sem preambulos, falou de Selva :

— Padre, a menina está ficando com a alma fraca. A tristeza mora no seu coração; ella que, dantes, ria e cantava, agora só quer o silencio e não se sente bem senão quando está só. A sua alma heroica desfallece ; ella, que nada temia, tudo receia agora. Acho que os teus livros têm-lhe feito mal ; basta de leitura. Como as onças vêm, á noite, urrar perto das nossas cavernas, vou levá-la aos antros das feras para que adquira energia, encontrando-se de face com a rainha da matta, e mais tarde aos cayapós.

— Que ! Pensas em combater os indios terribes ?

— Penso em vencê-los.

— Mas para que has de querer ensanguentar estes lugares, onde até hoje tem reinado a paz ? Que interesse tens tu em fazer guerra aos cayapós se elles nem sequer suspeitam da nossa existencia ? Já algum deu motivo ao desforço pelas armas ?

— Não.

— Então por que vais alvoroçar a cabilda ?

— Para que Selva se habitue com o sangue.

— E pretendes levá-la á guerra, Parajára ?

— Irá commigo.

— E se morrer atravessada por uma frecha inimiga ?

— Não morrerá ! O espirito do senhor ha de acompanhá-la para defendê-la dos golpes adversarios. Selva tem uma missão a cumprir e, se a não realisar, a sua sombra ficará no mundo soffrendo,

porque os mortos nunca lhe perdoarão o perjúrio. Ella não pôde continuar na vida que vai levando, a entibiar-se. Os livros enfraquecem-na, padre.

— Bem, faze o que entenderes. Eu até hoje tenho cumprido a minha palavra : não lhe toquei no coração. Faze o que quizeres. Se entenderes que as caçadas e as guerras podem endurecê-la, leva-a aos antros das onças e ás ocáras dos cayapós, mas não venhas depois lamentar a tua precipitação.

O indio quedou pensativo e, erguendo-se depois, partiu lentamente pela floresta, meditando sobre as palavras prudentes de frei Angelo que zelava, com interesse, pela vida da criança que lhe fôra confiada.

Quando chegou á caverna Selva, á sombra de uma arvore, entre as virgens da tribu, exercitava-se atirando com um grande arco. O indio chamou-a e, conduzindo-a a um sitio apartado, fê-la sentar-se em uma pedra e, tomando lugar junto della, tirou da cinta o maravilhoso punhal que fôra do bandeirante.

— Esta arma que vês, Selva, acompanhou o senhor em todas as expedições ; muitas vezes eu a vi fuzilando no seu punho forte com uma gota de sangue pendurada da ponta, como um coral que ali se houvesse engastado. Era a ultima defeza porque elle só arrancava deste punhal quando se via tão apertado que não podia manejar a espada nem apontar o certoiro mosquete. Mas tambem devo dizer-te — nunca escorreu por este sulco uma gota de sangue de ancião, nenhum coração de mulher cessou de pulsar tocado por esta lamina, as crianças podiam collocar-se sob a ponta deste ferro mor-

tal que elle não baixaria — embebia-se sómente nos peitos validos dos que se podiam defender. É a unica lembrança que eu possuo de Gonçalo Peres — pertence-te. Mas ouve, este punhal, onde ha cravadas pedras preciosissimas, tantas quantas foram as expedições em que se empenhou teu pai, não é sómente uma arma, é tambem uma lembrança.

Quero que o tenhas como tens no seio a pequenina cruz que te deu o monge solitario. Que te sugere a cruz ? a idéa de Deus. Vendo-a lembras-te immediatamente do céu e tua alma concentra-se, pensas em Deus e nos mysterios da vida superior. Pois bem, guarda contigo esta arma, que é uma lembrança paterna. Sempre que sentires o teu animo alquebrado tira-a da cinta e olha-a longamente e certo estou de que has de pensar no que foi um homem forte e de honra.

Selva tomou o punhal da mão do indio e beijou-o muitas vezes, molhando-o de lagrimas. De repente, porém, pensando nas palavras do tamoyo, perguntou :

— Mas porque me falas assim, Parajára ?

-- Parajára sabe porque fala.

— Mas Selva não sabe.

— Não, Selva sabe bem. Selva não esquece as lições de frei Angelo. Selva não póde esquecer as palavras de Parajára.

— Nunca me falaste deste punhal.

— Não, nunca falei do punhal, mas falei do senhor e Selva não esqueceu as minhas palavras. Selva sabe que a mulher que matou senhor vive feliz. Ella possui toda a fortuna que pertencia a Selva, e gosa-a tranquillamente. Vive em um palacio mais

rico do que o dos principes. Selva come nas folhas grossas, ella tem baixelas; Selva bebe a agua dos ribeiros; ella bebe vinhos raros; Selva veste-se como uma selvagem; ella tem brocados; Selva arma a sua rêde; ella tem um exercito de negros e uma rolda de criados brancos — e senhor está esquecido na tapéra de Pirapora e Selva vai esquecendo o senhor. Selva pensa apenas nas flores cheirosas para enfeitar os cabellos; Selva pensa apenas nas aguas quietas para mirar-se; Selva não se lembra dos mortos nem dos vivos.

— Mas que queres que eu faça, Parajára ?

-- Pergunta ao punhal.

— Não te comprehendo.

— Porque Selva não quer comprehender. Quando Selva era pequenina dizia a Parajára que havia de escutar a « sombra do morto »; e que diz a sombra do morto ?

— É da historia que me queres falar ?

— Sim, da historia que todas as noites Poranga contava a Selva. O filho do homem que havia sido assassinado que, depois de muito tempo, conseguindo descobrir os assassinos de seu pai, vingou-se cruelmente.

Selva ergueu-se e seus olhos lançaram fagulhas :

— Sim, mas a filha do assassinado sabia que a mulher assassina vivia, conhecia o retiro em que se havia refugiado, mas que queres tu que eu faça ? Queres que eu tire vingança desse esqueleto crucificado ?

— Não . . . ! Esse padeceu, mas o outro vive.

— A irman de meu pai ? !

-- A irman de senhor.

— Onde ?

— Em uma cidade mineira.

— Como sabes ?

— Parajára não se descuida. O coração de Parajára é fiel aos mortos.

— Minha tia vive ! ? . . .

— Parajára já disse.

Selva baixou os olhos e ficou longo tempo concentrada ; de repente, levantando a cabeça, exclamou :

— Partamos, Parajára. Não julgues ser fraqueza o que é apenas melancolia. Quando me encontras taciturna nos sitios ermos estou ouvindo o meu coração e já uma vez te disse que tenho saudade desse tempo feliz que passou. Lembro-me bem de meu pai, ha occasiões em que o julgo vêr entre as arvores chamando-me.

— É a sua sombra que anda no mundo, disse o indio ; é a sua sombra que vem lembrar a promessa que lhe fizemos.

— Eu não a temo ! Prouvera a Deus 'que eu pudesse communicar com ella, sempre, porém, que me aproximo, a sombra amada desvanecese. Dizes que vem lembrar a promessa feita, pois eu não a esquecerei e tudo envidarei para que, no Além, fique contente o pobre espirito. Não me julgues fraca — sob esta investidura feminina ha uma alma forte e um coração fiel. Partamos, Parajára. Se conheces o destino que devemos seguir aponta-m'o e ainda que eu saiba ter de caminhar sósinha não hesitarei um instante.

— Não, eu irei contigo, Selva. Queria apenas conhecer a disposição de tua alma que me parecia

haver enfraquecido e, para fortalecê-la, estava disposto a aventurar-me em uma campanha incerta com os cayapós, senhores desta região, que se não podem medir-se connosco em igualdade de forças, podem vencer-nos pelo numero, porque as suas ocas cobrem grande terreno ao longo das margens do rio largo, mas eu esquecia a taba dos refugiados e, sem pensar na sorte dos que me têm por chefe, apenas me occupava com a promessa feita sobre os tumulos. Tudo sacrificava — a vida dos fortes e a vida dos fracos, para que a sombra não me viesse exigir o cumprimento da minha promessa.

— Não, Parajára, não quero o sacrificio dos tamoyos, nem é necessario que me leves á guerra, não porque eu tema encontrar-me com os inimigos, mas porque me sinto forte bastante para emprehender batalha mais esforçada contra os que me orphanaram sacrificando cruel e deshumanamente meu pai. Ordena e has de vêr que não sou fraca como pensas. Se fôr preciso dissimular, dissimularei; se fôr preciso commetter um crime que responda ao dos sicarios, a minha mão não tremerá quando brandir o punhal que me acabas de entregar. Effectivamente as lagrimas me tem escorrido dos olhos, não uma vez, muitas vezes, nem sempre, porém, a lagrima é signal de fraqueza.

— Os livros entibiam.

— Não os livros que me dá frei Angelo. Os estudos que, com elle, tenho feito deram mais energia á minha alma do que os exercicios bellicosos que constantemente me obrigas a fazer: eu venho mais retemperada quando torno da caverna placida onde estive ouvindo a palavra meditada do

eremita do que quando salto do lombo suado do ginete que me levou a galope pelas campinas e pelos valles. Não creias que os livros enfraqueçam.

É quanto ás palavras com que sempre educaste minha alma não as esqueci nem as esquecerei já-mais ; apenas, como nada conheço do que se passa além, esperava que me falasses para que, promptamente, obedecesse seguindo, sem o mais leve desvio, quer provocado pelo medo, quer movido pela piedade, o rumo que traçasse. É já que vens ao encontro da minha idéa podes falar, estou prompta a obedecer passivamente.

— Ainda bem, exclamou o tamoyo contente. Poderemos, então, partir brevemente, se Deus não fôr desfavoravel aos meus planos.

— Que tencionas fazer ?

— Vou apossar-me do thesouro dos Martyrios, que os cayapós guardam numa collina perto do grande rio.

— Queres, então, expor a tribu ?

— É preciso.

— Talvez não seja.

— Por que ? Selva, tu ainda, ha pouco, disseste que nada conheces do que se passa além ; pois eu devo dizer-te que melhor é andar-se com uma bateia de ouro do que com um troço de homens aguerridos. O inimigo que vais combater possui mais ouro do que muitos principes da terra ; para combatê-lo é necessario que leves armas iguaes, senão mais avultadas. Eu quero, não só mostrar-te o caminho, como preparar a necessaria provisào para que não tenhas de recuar antes da victoria.

Eu prometti ao morto tornar-te rica e has de sê-lo, Selva !

Uma tarde, tendo o eremita terminado a lição, justamente quando Selva que, nesse dia, não fôra acompanhada por Poranga, se preparava para sair tendo já prompto o seu ginete do céu que, de repente, escurecera, jorrou copioso aguaceiro batido por um vento forte que vergava os ramos, arrancando mugidos á floresta. Os relampagos succediam-se terriveis, estalavam raios e, em pouco, lenções dagua rolavam pelas barrancas e transformavam em correjos os caminhos. Selva, sem receio, quiz affrontar a tormenta, mas o eremita oppoz-se :

— Não, filha, com tal noite é temeridade sahir. Tudo é sombra ; embora conheças os caminhos, não é prudencia affrontares tão violenta tempestade. Fica, espera um instante, talvez estie e então poderás partir com segurança.

— Não, padre ; acho melhor que me deixeis seguir ; o meu ginete é intrepido e em curto galope me deixará na caverna onde Parajára talvez esteja preocupado e Poranga apprehensiva com a minha demora.

— Melhor é que julguem e tenham depois o desmentido do que possivelmente venham a chorar a tua imprudencia. Não consinto que partas : tens aqui abrigo seguro e confortavel e logo que melhore o tempo deixar-te-ei partir.

Selva, ante a disposição firme do monge, não insistiu. O rumor do vendaval crescia tonitruosamente ; os clarões dos relampagos aluniavam si-

nistramente a caverna e a mesma ribeira mansa rolava assoberbada, grossa, alagando as margens. Frei Angelo ajuntou um punhado de folhas seccas e ramalho, fez lume e, junto ao fogo, sentaram-se enquanto a tempestade bramia fóra, assustando os animaes do eremiterio.

Nos cantos da caverna ovelhas e anhos balavam transidos; uma onça domestica, que ali envelhecera domada pelo solitario, acolhida a um angulo, de quando em quando, rugia surdamente e os seus olhos flamejavam na sombra como dois carbunculos; aves selvagens entravam atarantadas buscando asylo e ficavam nos picos das stalactites sacudindo as pennas molhadas. Selva, que não tinha um só segredo para o seu grande mestre e amigo, falou-lhe dos planos de Parajára relativos á expedição contra os cayapós, afim de conquistar o thesouro da collina sagrada.

— Elle pretende levar a guerra aos ferozes tapuyos ?

— Sim, padre e já começa a preparar os guerreiros para a surtida.

— E o fim unico é a conquista do thesouro da collina ?

— Sim.

O padre curvou a cabeça e, depois de curto silencio, disse como em soliloquio :

— Nunca pensei que fôsem tão discretos os homens selvagens; logo, porém, alteando a voz, dirigiu-se á discipula: Selva, quiz o Senhor do céu, quando nos guiou a estes lugares afortunados, que vivessemos tranquillos, sem necessidade de derramar sangue de irmãos para que nos viesse ás mãos

alguma coisa de que houvessemos necessidade. Nada nos tem faltado até hoje e, em verdade, poucos têm sido os nossos agradecimentos ao Grande Bemfeitor que, tão sollicitamente, nos tem favorecido. Nada nos tem faltado e estou certo de que nada nos faltará jámais. Esse mesmo thesouro para a conquista do qual Parajára começa a armar guerreiros, temo-lo aqui bem perto e, para que delle nos apossemos nada mais é preciso do que o esforço dos que o devem transportar do sitio em que o deixaram os homens que o trouxeram das minas e que tão infelizmente pereceram junto dos côfos pejados de ouro e pedrarias. A meio dia de viagem das cavernas em que vivem os tamoyos ha uma gruta toda verde, que é um thescuro, talvez mais rico que essa collina sagrada que os cayapós defendem avaramente. Parajára, posto que seja o chefe da tribu, ignora o segredo dos indios.

-- Um thesouro ! exclamou a donzella com os olhos scintillantes, não de avareza, mas de curiosidade.

— Sim, Selva, um grande thesouro cuja historia mysteriosa ninguem conhece. Guardani-no esqueletos e, pelo que presumo, já em tempos por aqui andaram homens explorando o riquissimo veeiro, tão infelizes, porém, foram elles que, quando já se haviam assenhoreado da fortuna, tiveram um encontro com os indios, que os sitiaram, acabando alguns sob as maças tremendas, morrendo outros á mingua, no fundo da caverna, ao lado das numerosas riquezas que haviam descoberto. Esse thesouro pertence á tribu, mas como para o indio a melhor fortuna é a liberdade na sua floresta, es-

tou certo de que nenhum caso fazem dos montes de ouro e das gemmas que lá existem. Para que sejas tão rica como o mais rico principe indiano não é necessario que Parajára saia a batalhar, basta que tome o que ha na caverna verde, que lhe pertence visto ser elle o chefe dos tamoyos.

— E se apparecerem os donos, padre ?

— Os donos . . . Como queres que appareçam se todos foram victimados ?

Selva nada mais disse e ficou cabisbaixa, pensativa. O vento uivava e o rumor das aguas que rolavam ia a mais e mais crescendo. Frei Angelo, de quando em quando, levantava-se para alimentar a fogueira com grandes braçadas de ramos e folhas seccas e a chamma, subindo, punha reflexos sanguineos nas stalactites tornando a caverna purpurea como se fôsse de coral.

Mas o somno foi prostrando a donzella e o monge sentiu no hombro o peso da cabecinha da criança. Elle, que nunca se havia encontrado em tão delicada situação posto que, pela vida de constante abstinencia, houvesse, por assim dizer, extinguido todo o ardor do coração; embora considerasse como filha aquella formosa criatura que lhe havia apparecido no deserto para ouvir a sua palavra cheia de sabedoria, sentiu uma estranha sensação quando os finissimos cabellos da virgem, soprados pelo vento, que entrava a lufadas, lhe roçaram de leve a pelle tostada da face, e, no seu espirito timorato, lembrando-se das innumeradas tentações de que havia sido victima, passou uma suspeita. Bem podia ser que aquella que elle tinha tão achegada ao corpo fôsse uma empusa demoniaca.

Sabendo o demonio que Selva não podia ir á caverna ouvir a lição do frade, mandara, em seu lugar, um succubo e, para detê-lo, desencadeara a tempestade que estrondava nos ares.

Talvez fôsse uma nova cilada e frei Angelo, tremulo, pôz-se a rezar baixinho para que, se fôsse o demonio, logo desapparecesse. Não contente com a oração, procurou a cruz do seu rosario e, lentamente, tocou a fronte de Selva, mas a donzella, sempre adormecida, não fez o menor movimento. Então, como arrependido, o monge beijou-lhe os cabellos, mas um forte estremeccimento agitou-o.

« Deus Senhor ! Deus Senhor ! Deus Senhor ! pôz-se elle a dizer aterrado, como se houvesse commettido um grande crime. Reconfortai-me, Senhor, com a vossa Divina Graça, não porque eu receie cahir em tão nefando peccado que, se a mim mesmo enoja, quanto vos não ha de revoltar, mas varrei do meu espirito os maus pensamentos que o poluem, limpai minha alma das nodoas que a maculam. Bem sei que o demonio penetra o nosso ser e dialoga na alma com a essencia pura emanada de Vós ; não temo a victoria do poder sinistro, peço-vos apenas que façais sahir de mim esse interlocutor perverso. Quem sou eu ? pobre argilla fragil ; que será de mim se não vierdes misericordiosamente em meu auxilio ? Vinde, Senhor meu, meu Jesus, meu Salvador, vinde para que a alma do vosso servo não se torne de todo indigna de invocar o vosso nome Santissimo. Eu, ante Vós, estou afflicto e opprimido, recorro á vossa Graça, peço o vosso beneficio, imploro agoniado a vossa misericordia. Vinde ! Vinde ! Vinde ! »

Lentamente, tomando entre as mãos a cabeceira da donzella, deitou-a na palha secca e foi, de rasto, refugiar-se num canto, vigiando-lhe o somno. Então, lembrando-se de que não era um demonio que o acompanhava, pôz-se a pensar insistentemente no caso de S. Jacopo que, tendo accedido aos reclamos angustiados do pai de uma linda moça, cujo corpo o demonio havia escolhido por morada, por ser ella nova e de formosura deslumbrante, para que lhe não succedesse ceder fragilmente ao aguilhão da volupia, deixou-a em sitio seguro, longe do eremiterio. Em certa occasião, porém, estando a rezar junto della, viu-lhe a nudez do collo pubere e tanto bastou para que esquecesse, allucinadamente, Deus e, famelico de gosos, se arrojasse á carne, saciando-se, com grande prazer do demonio victorioso. Depois, para que não lhe imputassem o crime torpe, assassinou a sua victima e escondeu-lhe os despojos na terra.

Frei Angelo sentia-se obsidiado. Por mais que se esforçasse não conseguia arredar os olhos de Selva, que dormia tranquillamente. Subito, numa crise nervosa, começou a chorar, escondendo o rosto na palha em que dormia e tão altos lamentos proferia que a moça despertou assustada, chamando-o :

— Padre ! Padre ! Ainda com os olhos tontos de somno não podia avistá-lo, encolhido como se achava, no escuro. Padre ! Padre !

Descobriu-o, por fim e, ajoelhada junto d'elle, ouvindo-lhe os soluços, poz-se a perguntar enternecidamente :

— Porque chorais ? Que tendes ?

Elle fitou-a com lagrimas nos olhos. Estava

mais bella que nunca, illuminada por aquella luz sanguinea. Fóra, a tormenta ululava e a ribeira avultada passava com estrondoso fragor. Os passaros, que se haviam refugiado, piavam e, de quando em quando, uma das mansas ovelhas do eremiterio balia. Frei Angelo ergueu-se com os olhos immensos fixos no rosto de Selva e, estendendo os braços, como se a quizesse repellir, foi recuando, recuando, a pronunciar palavras inintelligiveis. Selva olhava-o espantada.

— Que tendes, frei Angelo ? Dir-se-á que a minha presença vos aterra. Por que assim me repellis ? Que vos fiz eu ? Vim, talvez, interromper a vossa oração, mas perdoai-me ! Como ouvi os vossos soluços julguei que soffrieis e quiz abrandar com as minhas palavras imprudentes o vosso sofrimento. Antes nunca eu houvesse deixado o sitio que me déstes para repouso e, se eu pudesse adivinhar que seria causa do vosso padecimento por certo que, em vez de aceitar a vossa offerta de asylo, teria sahido affrontando a tormenta. Porque recuais diante de mim, como se a minha presença vos cause espanto ou nojo ? Dizei-me, por Deus ! porque assim procedeis ?

Mas o eremita, sem dar attenção ás palavras de Selva, já havia chegado á margem da ribeira. O vento uivava, a chuva grossa encharcava-o e, quando elle sentiu a friagem, deteve-se.

Selva estava de pé chorando ; e elle, ouvindo-lhe o choro, sentiu-se arrependido, mas sempre á distancia, sem animo de aproximar-se, pôz-se a dizer :

-- Não chores, perdôa-me. O que viste, porque

infelizmente acordaste, foi uma scena de humilhação. Eu não perco ensejo de penitenciar-me para que o Senhor releve alguns dos muitos e grandes peccados que tenho. Caminhava para o exterior rezando uma jaculatoria quando despertaste; no meu extase tu não me pareceste quem és, mas outra criatura e eu, desconhecendo-te, procurei distanciar-me. Perdôa-me.

— Ah! padre! Que grande mal me fizestes!

— Perdôa, filha . . . !

— E pretendeis ficar exposto ao tempo agreste quando tendes aqui abrigo e lume? Julgais que Deus aceita esse sacrificio quando o fazeis apenas ao corpo, estando o vosso espirito a desvirtuá-lo com protestos? Porque não vos recolheis?

— Não, filha, deixa-me estar onde estou; deixa-me estar.

— Que eu vos deixe estar. Se, em verdade, ganhais a graça celestial com esse procedimento, porque procedeis com tamanho egoismo, indigno de vós, não me proporcionando ensejo de conseguir as salutares indulgencias do Todo Poderoso? Permitti que eu vá e juro-vos d'alma que, não só não sentirei o resfriado do aguaceiro como bendirei no coração a penitencia. Se não julgais que esse acto vos valha mercês porque então o praticais?

Frei Angelo tiritava; a sua voz mal podia sahir do peito regelado, as suas palavras eram quasi inintelligiveis:

— Não, filha, deixa-me! . . . deixa-me . . .

— Não vos deixo. Causa-me pena vêr-vos ahí soffrendo ou eu não vos estimasse como vos estimo.

Dizendo palavras taes encaminhou-se para o sitio em que se achava o eremita; elle, porém, dum salto, arrojou-se á agua grossa da ribeira e Selva, extatica, ouvindo o baque do corpo, soltou um grito formidavel e rolou na terra sem sentidos, quasi no limiar da caverna.

Quando lhe voltou o sentimento o céu baço, carregado de nuvens, clareava. Lançou os olhos em volta procurando frei Angelo, chamou-o sem obter resposta. As ovelhinhas, sem animo de sahirem, andavam catando aservas escassas que repontavam no interior da caverna.

Chovia ainda, não eram mais as grossas bâtegas violentas, mas borraceiro, que o vento desviava ora para um, ora para outro lado. Do eremita não havia signal e Selva, cheia de cuidado, já se ia lançar ao tempo ingrato quando ouviu rumor de vozes á entrada da caverna.

Era Parajára com outros indios. O chefe tamojo, preocupado com a ausencia da pupilla, logo á primeira luz da manhan, chamou um bando dos mais corajosos moços da tribu e sahiu procurando pelos caminhos, que as aguas revoltas haviam escavado, a desaparecida, não acreditando que ella houvesse ficado na caverna porque, conhecendo-lhe o genio aventureiro, parecera-lhe que, justamente, por ser a tarde tempestuosa, havia de ter querido affrontá-la, sendo, então, surpreendida por alguma cilada do temporal.

Logo, porém, que entrou descobriu o ginete que frei Angelo havia amarrado a um canto da caverna. O animal, reconhecendo o indio, relinchou contente como para annunciar-se. Selva precipitou-se

desesperada, afflicta, apregoando o triste e inexplicavel successo da manhan.

— Parajára ! Parajára ! frei Angelo atirou-se á ribeira ! Que será delle ! As aguas rolam com tanta violencia ! talvez o tenham arrastado para longe... Talvez já esteja morto, Parajára.

O indio ficou pasmado.

— Mas porque procedeu assim ?

— Não sei, Parajára. Quando desabou a tempestade eu quiz partir para que a minha demora não te sobresaltasse ; elle, bondosamente, oppoz-se, falando-me dos grandes riscos. Os raios cruzavamse e era tão negra a escuridão que nada se via diante dos olhos ; as aguas precipitavam-se das barrancas em verdadeiras catadupas. Eu quiz insistir : elle, porém, usando sempre de brandura, convenceu-me a ficar até que a tormenta abrandasse.

Fiquei e, cançada, adormeci perto do lume que elle havia ateiado para aquecer-nos. Acordei sobresaltada ouvindo lamentos — era elle que soffria : estava de bruços sobre a palha, invocando, em grande afflicção, o nome de Deus. Procurei-o para consolá-lo. Vendo-me, ergueu-se com tão grande espanto que cheguei a ter medo de mim mesma como se, durante o somno, algum espirito florestal houvesse por tal modo deformado o meu rosto que elle causasse horror a quem o visse. Frei Angelo recuava diante de mim, recuava e ficou ao tempo, a tremer, molhado até os ossos.

Enchendo-me de coragem, avancei até elle chamando-o para que se recolhesse. Foi então que, com um grito rouco, estendendo os braços como

para repellir-me, precipitou-se no caudal, desapparecendo.

— E não viste o rumo que levou ?

— Como havia eu de vêr se era noite negra e nada se divisava na treva? Bem que meus olhos aguçaram-se, nada, porém, conseguiram.

— Elle nada te disse ?

— Nada, senão que não me aproximasse d'elle.

Parajára ficou perplexo ; logo, porém, recuperando a calma, disse aos que o acompanhavam :

— Vamos procurá-lo. Se o não acharmos vivo, que, ao menos, lhe encontremos o corpo para sepultá-lo dignamente na terra que elle tanto amou e beneficiou.

— Elle, desde que começou a lição do dia, demonstrou por palavras que estava com o espirito abalado e eu, ingenuamente, dei credito ás suas narrações, explicou Selva.

— De que te falou elle ?

— De um thesouro que ha, a meio dia de viagem das cavernas, guardado por esqueletos numa caverna verde.

— Delirava, disse Parajára.

— Não ! exclamou um dos indios, avançando. Esse thesouro existe e pertence á tribu porque foi descoberto por um dos nossos.

Parajára encarou o indio com surpresa :

— Existe esse thesouro ?

— Sim, a meio dia de viagem das cavernas. Os caminhos são difficeis, mas o termo da peregrinação é num sitio tão formoso que, depois de o haver alcançado, não ha quem se queixe de fadiga.

— Entanto nunca me falaram dessa gruta verde.

— O segredo era de frei Angelo e os poucos indios que d'elle tinham sciencia, por haverem tomado parte na expedição que descobrira a fortuna occulta, juraram, diante do cruzeiro, que ali fóra está, nunca desvendá-lo, e se eu agora quebro o juramento, já não pecco, visto como o proprio monge foi o primeiro a transgredi-lo.

— Então não era delirio . . . ?

— Não, não era delirio.

— Quem sabe se não foi o arrependimento de haver desvendado o mysterio, que elle queria sempre encoberto, que o levou a praticar acto tão tresloucado ? E a que proposito fez elle a revelação ?

— Porque lhe falei dos intuitos que tinha de guerrear os cayapós, senhores das minas sagradas, cujas riquezas destinaveis ao meu dote. Foi para evitar que molhasses com sangue esta terra, que frei Angelo se desfez do segredo tanto tempo guardado.

— Bem, não percamos tempo ; vamos que ainda podemos encontrá-lo com vida ou, ao menos, o seu corpo. Dividamo-nos em duas turmas, uma que explore esta margem direita, outra que vadeie a ribeira para explorar a esquerda. Apesar da cheia, nem tão larga ella se tornou que uma beira se esconda á outra. Assim pois aquelle que o descobrir deve immediatamente dar annuncio aos companheiros para que não só cesse a pesquisa como a afflicção das nossas almas gratas por quem tanto tem feito pela tribu, já christianisando-a, já ensinando aos homens que a compõem os segredos das culturas e do trato dos animaes. Eia ! não percamos tempo.

Dois indios fortes metteram intrepidamente o peito ás aguas, que, violentas, rolavam impetuosas em torno dos seus corpos, sem comtudo os desviar do rumo que seguiam e, em pouco, dando ainda váu a ribeira assoberbada, acharam-se na outra margem. Parajára, um indio jovem e Selva seguiram ao longo da margem direita.

Foram caminhando sem que vissem o mais leve vestigio da passagem do eremita. O indio moço mettia-se pelos capões, batia os mattos e, de quando em quando, com todo o ar dos pulmões, lançava um grito evocativo: «Frei Angelo!» Selva chorava e, já desalentados, pensavam em retroceder quando os indios, que iam pela margem esquerda, bradaram annunciando que haviam encontrado o eremita.

Parajára, com toda a sua voz, ordenou que o transportassem e, pouco depois, dois indios metteram-se pela agua, a váu, carregando o monge que parecia desfallecido.

Pallido, regelado, o missionario não dava o menor signal de vida, mas Parajára, estendendo-o na areia, pôz-se á esfregar-lhe o corpo chamando o sangue á circulação, e abriram-se-lhe lentamente os olhos, um suspiro fraco fugiu-lhe do peito e Selva, que se havia ajoelhado junto d'elle, carinhosa, tomando-lhe as mãos, ia dirigir-lhe a palavra, quando, abrindo desmedidamente os olhos, o frade rouquejou repellindo com energia a donzella.

— Não ! não !

— Mas que vos fiz eu, frei Angelo? Que vos fiz eu?

— Não ! não !

A moça teve novo acesso de pranto e, como Parajára lhe fizesse signal para que se retirasse, afastou-se emquanto o frade, ansiando, continuava a agitar-se, atirando os braços como se repellisse alguém. Carregado cuidadosamente pelos indios foi transportado á gruta e logo um dos tamoyos, cavalgando o ginete de Selva, correu a buscar um dos piagas da tribu, que conhecia a virtude daservas, para que se encarregasse do tratamento do santo varão.

Uma grande febre queimou-o durante duas longas noites terriveis de delirio.

Por vezes, de olhos incendidos, levantava-se, com os braços estendidos e, aos gritos, esconjurava o demonio invisivel:—«Vai-te! Vai-te! Porque has de querer precipitar-me no crime agora que vou encerrando a vida sem macula? Vai-te! Deixa-me em paz no silencio que busquei e onde me tens achado sempre forte e inatacavel. Como não pudeste, com o teu proprio recurso, encarnaste-te na pessoa que estimo e ias conseguindo vencer-me. Ah! não fôsem as aguas que me afastaram de ti, não fôsem as aguas e que seria de mim presentemente. Vai-te! Vai-te!»

O piaga procurava acalma-lo, ia praticando a sua sciencia maravilhosa até que conseguiu repousá-lo. Oito dias foram necessarios para que recuperasse de todo a calma.

Falando, então, ao indio queixava-se do demonio que o não deixava, procurando, por todos os meios, desviá-lo do caminho do virtudes que elle havia traçado para seu viver.

Todos os indios visitavam-no e demoravam-se

com elle ; Selva, apenas, não lhe apparecia, detendo-se no limiar da caverna para colher informações dos que sabiam sobre o mestre amado. Só quando elle, notando a ausencia da discipula, perguntou por ella, Parajára permittiu-lhe a entrada.

Selva, que guardava nas feições abatidas indícios de soffrimento, quando avistou frei Angelo ficou de tal modo commovida que teria rolado por terra se os braços fortes de Parajára não a tivessem amparado.

— Então, minha filha ? Porque não me tens apparecido ? Todos procuram-me e me vêm trazer consolo, só tu ficaste longe como se a minha molestia não te houvesse apiedado.

— Não, padre. Meu desejo era estar sempre ao vosso lado ; mas como podia eu acompanhar-vos se me repellistes ? Receei que a minha presença vos causasse desgosto e deixei-me estar apartada, mas a todos que vos vinham vêr as minhas ansiosas interrogações perseguiam. Que vos fiz eu ? Porque me repellistes ? Já me não considerais a vossa filha predilecta ?

O padre fitava-a commovido e mudo e duas lagrimas desceraam-lhe dos olhos.

— Não, filha, não te repelli a ti senão ao demónio que havia surgido entre nós dois, para perder-me no conceito do Senhor. Não te repelli, e porque havia eu de o fazer se sempre te tens mostrado minha amiga e carinhosa, como talvez não fôsse minha filha, se eu a houvesse gerado ? Não, não creias que te houvesse repellido, seria grosseria e mais ainda: ingratição. Viste-me allucinado, desvairado, procedendo sem tino, impellido pela loucura e

tomaste em má conta o meu soffrimento. Nem eu sei que fiz e, se quizesse, não recomporia o drama nocturno que se passou nesta caverna, enquanto a tempestade reboava nos céus e as aguas alagavam a terra.

Nada sei do que se passou nessa noite terrivel, nada sei e bom é que a memoria não resuscite os incidentes para que ainda me venham causar soffrimento. Esquece o que aqui se deu porque eu tambem esquecerei quanto sei, que é bem pouco, visto que do maior não tenho sequer lembrança. Esquece e volta a viver como dantes. Tornemos aos livros que tanto consolam.

E frei Angelo, em presença de todos, beijou Selva na fronte. Com mais alguns dias de resguardo ficou de todo restabelecido e as lições recommçaram.

Parajára, entanto, logo que viu o frade revivido, como queria dar começo á vingança que sobre os tumulos jurara levar a termo, organisou uma expedição para ir ver os thesouros da caverna verde e tratar do transporte immediato afim de que partissem para o tragico destino. Escolhidos entre os indios mais robustos os que o deviam acompanhar, foram tambem tocados varios bois com bruacas de couro novo, nas quaes deviam vir o ouro e as gemmas que na gruta havia e, guiado por um dos tamoyos, que tomara parte na primeira expedição, uma madrugada antes de nascer o sol, partiram.

Apezar de dar crença a tudo quanto lhe haviam dito relativamente ao thesouro da caverna, Parajára esperava sempre que não fôsse tão precioso como affirmavam os que o haviam visto, e, assim,

ao penetrar a espelunca verde, quando, no mais profundo da crypta interior, viu os côfos atochados de ouro e pedrarias, não poude calar o entusiasmo.

— Ah ! Selva ! exclamou mettendo as mãos no ouro que refulgia. Ah ! Selva ! eu, que lastimava haveres perdido a fortuna accumulada pelo senhor, agora vejo quão insignificante era ella comparada ao que aqui está e que nem fadiga nem sangue nos custou. Bem nos dizia o senhor no tempo em que andava com a sua bandeira explorando as terras, que se viessemos nesta direcção goyana achariamos ouro em tão grande copia que nunca mais nos seria preciso sahir á aventura padecendo tanto, mas como se Deus, que tudo prevê, houvesse destinado á filha tão preciosas riquezas, sempre andou elle desviado deste rumo até que a traição negra o levou.

Ah ! Selva ! a vingança está aqui, agora sim ! poderás empenhar-te na luta, segura da victoria porque dispões largamente do grande e unico elemento. O ouro, esse é o soldado fiel que não cansa nem se bandeia, elle é o mais forte. Diante d'elle não ha resistencia de praças, nem valentia de guerreiros. Elle é o grande general, corta mais que o aço queima mais que o brulote, destroe mais que a bombardarda, corre mais que os ginetes. Elle é o famulo leal — é a chave que abre todas as portas ; é o talisman maravilhoso com o qual o desejo não tem jámais occasião de esperar.

Que formosura ha que se não abrande ante a voz crystallina desse lume solidificado ? Ouro, chamma crystallizada, raios de sol que as minas captivaram . . . és tu a unica verdadeira força da

natureza. Ah ! Selva, que elle nas tuas mãos tenha bom emprego, não tanto para teu gozo, senão para a vingança necessaria.

O indio estava em tal alegria que falava desatinadamente. Com os braços erguidos dava graças aos céus por aquelle achado feliz, que não só precipitava os acontecimentos como ainda livrava a tribu de uma guerra que elle, posto que nunca houvesse receiado batalhas, não augurava feliz, não porque fosse maior a bravura do inimigo, mas porque eram em tão grande numero naquella região, que ainda que percessem ás centenas por dia sempre, durante um anno sangrento, outros haviam de vir do fundo dos bosques vingar os mortos e os tamoyos cederiam fatalmente á quantidade, como cede a onça valente ás cordas dos caítitús selvagens.

Parajára, que nunca dera apreço ao ouro, no tempo em que andara com Gonçalo Peres explorando os sertões, rejubilava naquelle momento, sentia um prazer indizível em contemplar aquelles côfos micantes que ali estavam transbordando, e se um indio não se houvesse aproximado, certo se deixaria ficar extasiado diante do maravilhoso descoberto.

— Podemos partir, Parajára ?

— Sim. Vamos pensar no meio mais facil de conduzir todo este ouro sem desperdicio. A passagem da caverna é estreita, é impossivel absolutamente transportarmos os côfos; assim, acho de melhor aviso que o tomemos ás pequenas porções e, ficando um do outro lado, o vá recebendo a pouco e pouco e levando para as bruacas.

Assim se procedeu. Dois indios, com cuités, levavam o ouro até a angusta passagem e lá o entregavam a outro que o recebia e derramava numa bateia, logo conduzida para o sitio em que se achavam os bois que deviam transportar os preciosos fardos. Foi longa a faina e fatigante, e já a noite vinha toldando o céu quando os trabalhadores, exaustos, pediram repouso.

Ali acamparam e, repastados fartamente, adormeceram, recomeçando o trabalho na manhã seguinte. Só para o meio dia começaram a transportar as pedras preciosas e, quando a expedição se poz em marcha para a povoação, Parajára começou a pensar nas difficuldades do transporte de tamanha riqueza, sem que o fisco dêsse por ella e exigisse o quinto que por lei lhe era devido.

O indio, então avaro, não queria tocar na menor parcella do thesouro e defenderia de armas na mão a mais insignificante pepita, caso alguém tentasse disputá-la. Parecia-lhe que, cedendo ao intendente uma parte daquelle ouro, lesava a donzella que era a possuidora, e preocupava-se, procurando um meio de illudir a vigilancia dos que tão argutamente fiscalisavam.

】Lembrou-se de cavar troncos de arvores para esconder o ouro no ôco, transportando-o assim disfarçado até o primeiro porto, de onde se fizesse de vela para outra região, para essa terra de que lhe falara tanto Gonçalo Peres. Mas... como havia elle de chegar ao porto sem ser embargado pelos agentes do Rei, aos quaes não passava despercebido o mais esperto contrabando?

Lembrou-se de aconselhar-se com frei Angelo.

Ah ! elle conhecia bem os homens e conhecia as terras de além, só elle poderia dar-lhe um meio de passar, sem ser incommodado, por entre os dragões que vigiavam as estradas por onde costumavam apparecer garimpeiros. Mas o eremita prestar-se-ia ao que tantas vezes chamara um crime ?

E o indio, incommodado, logo que chegou ás cavernas, recolheu-se pezaroso e, como não pudesse conciliar o somno, enquanto os tamoyos da expedição descarregavam os bois partiu pelos caminhos escuros, seguido apenas de um cão fiel, em direcção á cabana do eremita.

Quando frei Angelo o viu apparecer a taes deshoras ficou naturalmente surprehendido e logo, para espantar cuidados, perguntou por que se abalancara a caminhada tão extensa áquellas horas da noite ?

— Padre, venho falar-te de Selva.

— Que ha, Parajára ? perguntou o eremita carregando o sobr'olho.

— É tempo de partirmos. Cheguei da caverna verde e, sem tomar alimento algum, sem buscar repouso, enquanto os indios, que commigo foram para transportar os thesouros, descarregavam os animaes, vim aqui tomar conselho contigo sobre o meu procedimento doravante. Vou deixar a tribu, transmittindo a ubira a Manandar. Devo cumprir o juramento que fiz sobre o tumulto de senhor. Parto com Selva e só tornarei á tribu no dia em que houver realisado o que prometti. Não procures contrariar-me — jurei e ainda que tivesse a certeza de que minh'alma havia de soffrer na vida futura não recuaria. Não venho pedir-te conselho sobre isso,

mas que me indiques um meio de transportar o ouro que possuímos sem que nos venham tomar o passo os cobradores da real fazenda. Bem sabes que é a quantidade grande, não sendo, portanto, facil levá-la dum lugar a outro. A minha primeira idéa foi cavar troncos escondendo no interior o ouro de modo que, assim, carreando lenha, facilmente passassemos.

Frei Angelo sorriu.

— E achas, Parajára, que os fiscaes da corôa darão livre passo á tua lenha ? Nem parece que já andaste em bandeiras. Penso que deves desistir desse plano por perigoso : não só perderás todo o ouro como ainda a tua liberdade correrá grande risco. O meio que parece mais facil vai tomar-te muito tempo.

— Não importa desde que o resultado seja feliz.

— Ouve então. Se bem conheces essa região deves saber que ella tem, a leste, a Bahia cujo littoral extenso nem todo é vigiado, havendo ainda grande parte em poder do gentio.

A viagem pelo interior do paiz goyano poderá ser embaraçada pelas tribus que andam em grande numero guerreando-se, mas não ha reccio de encontro com gente do rei porque, conhecendo as difficuldades da travessia e a furia do selvagem, ninguém se aventura nestes ermos onde apenas missionarios intrepidos têm chegado pagando alguns com a vida o excesso de zelo. Assim, pois, reunindo uma boa partida de indios, podes transportar o thesouro atravessando a região montanhosa até á serra da Tabatinga, cuja vertente de léste escorre para a Bahia, subindo um pouco para o norte, com

viagem difficil porque ha grandes trechos do sertão onde a agua é escassa. Depois ha o grande rio chamado S. Francisco; transposto e seguindo sempre na direcção de léste, com penosa viagem embora, ganharás a costa, fazendo então uma exploração cuidadosa, não só para que possas ter o embarque garantido como para que te não persigam os que andam a dar caça ao indio e ao garimpeiro.

— Sim, padre. Mas como arranjaremos nós o barco que nos ha de transportar ?

— Não te será difficil encontrá-lo no porto de S. Salvador, onde tantos mercadores têm navios de commercio, com os quaes fazem negocio desde que o preço os seduza.

— Mas quem se entenderá com elles ?

— Tu.

— Eu ? Mas nunca fiz negocios dessa natureza. Bem podias acompanhar-nos, não só porque nos guiarias na travessia, como, principalmente, porque nos serias de grande auxilio em tudo quanto pretendemos fazer.

— Eu ! Queres, então, que vá contigo . . . que seja cúmplice em uma obra que condemno ?

— Nada farás desde que estejamos de posse do navio que nos ha de transportar ás terras d'além.

— E que pretendes fazer além, se a pessoa contra a qual conspiras está aqui ?

— Selva precisa ver e aprender, padre.

## VI

### ALÉM MAR ! ALÉM MAR !

Frei Angelo, apesar dos justos escrúpulos que tinha, cedeu aos instantes rogos de Selva e de Poranga e dispoz-se a acompanhar os viajantes, com a condição, porém, de regressar ao seu cenobio logo que os houvesse embarcado.

Numa linda e fresca madrugada, havendo, na vespera, passado a Manandar a ubira do commando, com vinte homens escolhidos, poz-se em marcha o bando de Parajára. Frei Angelo, com os olhos humidos, despediu-se dos indios que choravam a sua partida, despediu-se dos animaes e de todos os acceitosos cantos do seu eremiterio recomendando a sua caverna, pedindo que uma familia a occupasse afim de que os animaes damninhos não destruíssem os preciosos *in-folios* que ali deixava. Toda a tribu acompanhou os viajantes até a base da montanha, dali por diante seguiram sós com os animaes cargueiros, que transportavam toda a riqueza da caverna verde.

A travessia foi morosa e arriscada. Quantas vezes tiveram de retroceder em meio dum caminho avistando ao longe, por entre as arvores, o fumo que denunciava uma aldeia de cayapós. Quantos encontros tiveram, quantos combates nos quaes Selva e Poranga, apesar da opposição de Frei Angelo e de Parajára, compromettiam-se portando-se bravamente como os mais intrepidos do bando.

Quatro longos mezes consumiram na viagem até que avistaram o mar e Frei Angelo, acampando, fazendo esconder as riquezas, desceu á Bahia com dois indios carregados de ouro para ajustar um barco que os levasse á metropole. Quasi tres mezes gastou nesse trabalho e Parajára, desensofrido, começava a desesperar, vivendo difficilmente numa região onde falhava a caça e eram raros os frutos quando Selva, que se apaixonara pelo mar e passava os dias nas dunas alongando os olhos pela vastidão das aguas viu, ao longe, uma vela muito branca. Era um ligeiro brigue que parecia dirigir-se para o ponto da costa em que se achavam.

Correu com a noticia ao acampamento e todos, alvoroçados, desceram á praia esperando ansiosos que o barco aproasse. Um vento favoravel impellia-o e, em pouco tempo, a ancora mordida a areia e, num esquife remado por dois homens, descia Frei Angelo, mas com trajos taes que a mesma Selva não o reconheceu e só quando, saltando em terra, elle pronunciou o seu nome com lagrimas de alegria lançou-lhe os braços ao pescoço. Acudiram todos desejosos de rever o excellente monge e o mesmo espanto que detivera Selva em reserva deteve os indios, mas tanto que o reconheceram, com

mostras de intensa alegria, puzeram-se a dançar com desabalados meneios. Os indios, que haviam acompanhado o eremita, foram disputados porque todos, curiosamente, queriam interrogá-los e admiravam-lhes as roupas e os enfeites que traziam. Cessadas as demonstrações de alegria Frei Angelo, apartando-se do grupo, internou-se com Parajára, Poranga e Selva, dizendo-lhes :

— Como vedes o barco que consegui arranjar por preço altissimo é bello e seguro. Chama-se *Estrella dos mares* e á prôa podeis vêr o symbolo, que é uma imagem da Virgem estendendo, em aceno de bonança, a mão sobre as vagas. Quem o comanda é um velho lobo do mar, homem de aspecto antipathico, mas que me parece leal. Não lhe disse o que carregavamos, apresentei-me como mercador de resinas balsamicas e contractei a viagem até o reino, fretando o brigue para que nelle pudesse seguir á vontade com a carga e com os homens da minha companhia. Já lhe entreguei parte da quantia pela qual ficou ajustado o negocio, devendo entregar-lhe o resto quando chegarmos ao nosso destino.

Quer isso dizer que vos acompanho com uma contrariedade apenas : a de deixar o meu bosque amado e o meu silencio, porque protestara nunca mais vêr homens que não fôsem os puros selvagens ainda não viciados pela cubiça e pela inveja. Vou, porém, convosco porque, não conhecendo o mundo, certamente sereis trahidos desde que percebam que levais riquezas. É necessario, pois, que todos, a bordo, acreditem que sou um mercador de resinas e que Selva é minha filha e vós todos

meus companheiros que, por me estimardes, não me quizestes abandonar e commigo seguís. Disso depende a fortuna da nossa viagem e que ninguém alluda, sequer, ao thesouro que levamos.

— Ninguém falará, padre.

— E agora manda trazer para terra o embrulho que deixei no esquife, mas que vão homens de pulso porque são armas e pesam.

Índios foram descarregar o bote e frei Angelo distribuiu as armas, recommendando sempre a maior discrição a todos para que os de bordo não suspeitassem que o navio levava carga de tamanho valor. O capitão era um homem forte, mas de feições tão grosseiras que chegava a ser repellente. Ao encontrar-se com Parajára em terra, tratou-o com desprezo e mesmo a frei Angelo dirigia a palavra com tal aspereza que o frade esteve, por vezes, a rescindir o contracto; mas não querendo comprometter a expedição, fazia-se desentendido. O embarque foi feito com o maximo cuidado e a maruja agasalhou a carga sem suspeitar; apenas o capitão, meio desconfiado, ponderou :

— Oh ! tanta resina ! e não ha perfume algum.

— É que ella vem muito coberta justamente para que se não desvaneça o aroma, explicou frei Angelo sem desconcertar-se.

Todos a bordo, fez-se ao largo o brigue. Selva não se fartava de olhar o mar e quando a terra de todo sumiu e ella achou-se entre agua e céu, encostou-se tristemente á amurada, onde o capitão a foi encontrar chorando.

— Ó linda moça, por que chora ? Fazem-lhe medo as aguas ?

— Não conheço o medo, respondeu altiva.

— Ahn! ahn... Não conhece o medo!

— Não!

— Talvez tenha occasião de o conhecer.

— E folgarei com isso porque será para mim uma novidade.

— Se aquella nuvem que ali vem não traz mentiras, dentro em pouco a menina terá o que tanto deseja conhecer.

— E dar-me-ei por feliz.

— Fala como marinheiro velho.

— E vejo o mar a meus pés pela primeira vez.

— É um excellente companheiro, mas falso como Judas. Recebe-nos de bôa cara e, quando nos apanha ao largo, todo se encrespa e então é que são ellas ! Essa mansidão é astucia. Vê como o céu escurece ?

— Sim, vejo.

— Aquella nuvem negra que ali vem traz tempestade nas entranhas. Esta brisa, dentro em pouco, será tufão; este friso do mar mudar-se-á em vaga mais alta do que o mastro mais alto do brigue que nos leva. E começa a refrescar. É bom que a menina desça para não soffrer alguma injuria do mar insolente.

— Não, capitão ; se permite, fico aqui.

— É perigoso.

— Tanto melhor.

Mas Frei Angelo, nos seus trajos de mercador, adiantou-se e, chegando á Selva, justamente quando o capitão reunia a maruja para ordenar a manobra, pondo o brigue á capa contra o grande vento que se annunciava, disse-lhe meigamente :

— Vamos filha; não é prudente ficares aqui em cima exposta á tormenta que não tarda a desabar. Mal se vê na escuridão, os ventos estrefegam-se no espaço e já os relampagos fulminam. Não queiras affrontar o horror de uma borrasca. Vem.

Cedendo ás instancias do seu bom amigo Selva desceu para o beliche que lhe haviam arranjado confortavelmente, á ré.

As previsões do commandante não tardara em realisar-se. Escureceu a subitas, apenas, de quando em quando, fulvos relampagos abriam sulcos de claridade, alumando o mar grosso e o céu turvo.

Os trovões estrondavam com demorada repercussão e os raios zebavam o negro espaço. O bri-gue jogava — ora subia cavalgando os vagalhões, ora inflectia de prôa, em afinco, como se fôsse perder-se nos cavados abyssos ululantes e a maruja, na faina, corria precipitadamente, guindava-se ás vergas para ferrar uma vela, fechava as escotilhas e, por vezes, a agua impetuosa varria o barco, lavando-o dum bordo a outro e ouvia-se o ranger do cavername que parecia gemer de angustia aos trancos da tempestade.

O capitão, sem perder a calma, junto ao leme, dirigia a manobra; a sua voz stentorica dominava o fragor. Os índios, reunidos á proa, apertavam-se aterrados e fechavam os olhos, como se não quizessem vêr o horrivel espectaculo; o proprio Parajára, que nunca recuara diante dos perigos, sentia o sangue gelado nas veias; mas para não desalentar Selva, fazia-se de valente. Só Frei Angelo mantinha imperturbavel calma e, á medida que a tempestade recrudesca, contava historias para dis-

trahir a menina, que, por não vêr, ignorava o risco em que andava a sua vida na immensidade do oceano revoltado. Mas o capitão surgiu repentinamente e o frade abordou-o :

— Então, capitão ?

— Estamos mal parados. Ando no mar ha 35 annos e nunca me vi em tamanho temporal. Queira Deus que não erremos o roteiro.

— Como ?

— Indo parar nas arcias em vez de aportarmos a Lisboa.

— Então receia ? . . .

— Eu não receio — espero. Nesta vida nem sempre a agulha dirige, vem ás vezes um pé de vento e lá vai a gente de catrambias ferrar a ancora lá onde vivem as tainhas.

— Entretanto parece que vai amainando.

— Suba ao convés e diga-me depois se vai amainando. Eu, pelo sim e pelo não, vim aqui commungar para que os ventos não me apanhem desprevenido. Se é christão e gosta do bom vinho posso offerecer-lhe um trago.

— Não bebo, capitão.

— Pois faz mal — a bebida conforta. E a menina ? Ainda não conheceu o medo ?

— Está calma.

— É valente como um velho marujo. Pois olhe, os tapuyos lá estão á proa deitando os bofes pela bôca e mais covardes do que bugios á beira dagua.

— Então á nossa . . . ! E se não nos virmos mais até lá . . . !

E virou de um trago o caneco de vinho. Mas um grande estrondo abalou o navio e uma voz bradou:

-- Homem ao mar !

O capitão atirou o caneco de estanho a um canto e subiu precipitadamente a escada da escotilha por onde, ao mesmo tempo, cachoeirou aos gorgolões um grande jorro d'agua espumante.

— Eh ! já o mar nos entra pela casa. Ave Maria !

Um raio partira o mastro de mezena e um homem fôra cuspidó ao mar.

Mas no porão do navio passava-se alguma coisa que devia comprometter mais a ventura da viagem do que a tormenta.

O cozinheiro de bordo, negro d'Africa, era um typo de hamadryas, alto, ossudo, de catadura feroz, tão antipathico que toda a companhia o detestava. Arrastava pesada grilheta e, ás vezes, punham-lhe ao pescoço a gargalheira. Andava sempre resmungando, de cara franzida, com os olhos vermelhos como duas chagas, afuroando os cantos.

O capitão tratava-o com rispidez, por vezes cruel. Pela mais leve falta fazia-o arrastar para o convés e dois possantes marinheiros zurziam-no com calabrotes breados, deixando-lhe o dorso em sangue.

O negro não soltava um gemido, por isto os de bordo temiam-no dizendo-o aparceirado com o demonio, que alguns affirmavam ter visto, na fórma de um bugio, de olhos lampejantes, empoleirado nas vergas de onde falava ao negro.

Zohá, chamava-se o africano. Só um ilheu, homem taciturno, o pulso mais forte da tripulação, chegava-se ao cozinheiro com o qual, nas horas de calma, quando cessava a labuta, ficava conver-

sando intimamente, á proa. Por sua desmedida força deram-lhe a alcunha de *Oabrestante*.

Quando ia mais feroz a tormenta Zohá desceu ao porão, onde tinha os seus agasalhados e, passando junto da carga que, com os trancos do brigue, andava aos reboções, viu que alguma coisa luzia, como um rastilho de fogo no chão. Deteve-se e, baixando a candeia que levava, passou o dedo pelo luminoso filete, tirando-o todo dourado porque, efectivamente, era ouro que havia sahido dum dos ceirões, nos violentos balanços do navio.

Arregalando desmedidamente os olhos, o negro pasinou extasiado a grugulhar contente, indo de um a outro ceirão e apalpando-os como se quizesse sentir a fortuna que ia ali escondida.

— Quanto ouro! É no espirito bronco e perverso do africano gerou-se immediatamente a idéa de apossar-se de tudo aquillo. Oh! elle conhecia o valor do metal!

Com o conteúdo daquelles ceirões elle se tornaria maior que os régulos das suas aldeias, maior que os razes da terra de Gondar — teria uma côrte e exercitos, governaria os povos do centro africano. Mulheres viriam dos mais longinquos aduares pedir a protecção do seu braço; negros errantes buscariam a sua cubata e elle forte, amado e feliz, levaria as suas lanças de terra em terra, conquistando toda a Africa formosa, com os seus montes, com os seus rios, com os seus desertos, com as suas florestas e com as lindas raparigas negras, cujo almiscar punha arripios sensuaes nas carnes. Mas como havia elle de apoderar-se daquella riqueza? Como desfazer-se dos homens que iam a bordo?

E, se conseguisse livrar-se de todos, como levaria o brigue ás costas africanas, se não conhecia o roteiro dos mares nem sabia guiar aquelle animal alado que andava á flôr das aguas impellido pelos ventos ?

Conjecturava, agachado diante dos ceirões, quando se lembrou do *Cabrestante*. Sim, elle tambem tinha desejos de viver tranquillo na sua ilha, e *Cabrestante* era forte e conhecia a manobra. Dividiria com elle a fortuna e seriam ambos felizes. Rindo satisfeitamente subiu á cozinha.

A tempestade bramia e toda a maruja estava a postos empenhada em luta contra os elementos. Zohá procurava com os olhos aquelle que devia ser o seu companheiro ; justamente viu passar o ilhéu, com um gamote, correndo em direcção á prôa.

O negro ardia em ansiedade, não podendo guardar aquelle segredo venturoso. Chamou o colosso :

— Eh ! *Cabestante*. Vem cá.

— Não, agora não posso saborear os teus pitéus. Guarda-os, porque se o mar não entender que devemos ir encher a pansa aos peixes, logo que serene cá virei á gamella.

— Eh ! *Cabestante* . . . É coisa melhor . . . É fortuna.

O marujo parou, franzindo o sobreceño.

— Fortuna, dizes tu ?

— Fortuna, *Cabestante* : Ouro !

— Ouro ! Onde isso ?

— Aqui . . . ! Ouro como não ha em todo o mundo.

— Estás sonhando, Zohá, ou os relampagos já te queimaram os miolos.

— Não, *Cabestante*, Zohá viu . . . Ouro assim ! e apinhou os dedos.

— Onde ?

— No porão. A carga que veio para bordo como resina é ouro. Um dos saccos rebentou e o pó está lá espalhado. Olha, *Cabestante*. E o negro, depois de haver chegado ao postigo para vêr se havia alguém por perto, que pudesse apanhar o segredo, compromettendo-lhe o exito, mettu a mão no bolso e tirou uma pitada de ouro. Vê, *Cabestante*.

O marujo inclinou-se e, com os olhos brilhantes de cubiça, affirmou, tremulo de commoção :

— Sim, é ouro, Zohá. É ouro ! Bom ouro !

— Está assim . . .

Mas o capitão bradou pelo marujo.

— Adeus, Zohá. Pede a Deus que o vento caia para podermos trabalhar. Adeus.

— Pensa, *Cabestante*. É a liberdade !

— É a fortuna, accrescentou o marinheiro, partindo a correr para acudir á manobra.

A madriá foi-se abonanzando, um raio de sol esquivo atravessou as nuvens densas que carregavam o céu tempestuoso e a maruja, que já contava com a morte, viu com alegria voltar a calma. Zohá, que não se preocupara durante a borrasca com outra coisa senão com o ouro que havia descoberto, desceu varias vezes ao porão para contemplar a immensa fortuna e, logo que o ilhéu, descansado, o procurou na cozinha, esperou um momento favoravel e levou-o ao bojo do brigue mostrando-lhe todos os ceirões pejados. *Cabestante* ficou maravilhado :

— Ah ! Zohá . . . isto é espantoso. Foi Deus que

nos quiz dar tão grande riqueza. E o patife a dizer que era resina. Mas como havemos de nos apoderar de tudo isto ?

— Tomando conta do navio.

— Matando a tripulação e os passageiros ?

— Então ?

— Menos a pequena que é uma boa fatia, disse o marujo, a rir, com os olhos scintillando de lubricidade; e ficou pensativo. Ha um meio! exclamou de repente. Mata-se o commandante e a gente vem connigo. Eu responsabiliso-me pelos homens e os que não quizerem vir . . .

• Fechou a mão e atirou um murro formidavel a uma taboa partindo-a.

— E quando ha de ser, *Cabestante* ?

— Hoje ou ámanhan.

Falavam assim quando ouviram grande vozeria. Ficaram á esenta e o marujo, para que não dessem pela sua ausencia, subiu agodadamente a escada indo tomar o seu posto entre os companheiros. Com a tormenta haviam abandonado a verdadeira rota e seguiam em rumo das Indias pelo caminho que então as galés sulcavam em busca da especiaria. Frei Angelo, vendo o capitão desesperado, a blasphemar, tranquillizou-o.

— Tanto melhor, capitão. Talvez consigamos vender, com mais vantagem, nos mercados orientaes a nossa carga. Não vos amofineis por isso. Se é por nossa causa que vos incommodais, tranquillisai-vos e vamos aproveitar esse vento de feição e gosar a delicia do tempo que tão lindo e brando vem compensar os horrores dos dias tormentosos.

— Ah ! Falais como homem que traz consigo

a filha : se tivesses uma mulherzinha nova á vossa espera e uma criancinha, um anjo que já deve andar e falar, não terieis essa linguagem tranquillã. Pouco se me dava ir parar ao polo, se não tivesse as duas criaturinhas que são a minha consolação.

— Ah! se fazeis empenho, já não insisto.

— Emfim.... se entendeis que lá com os indios podeis fazer melhor negocio estamos tão perto de Gôa que, com mais um dia ou dois, podemos ir vêr os elephantes que carregam marmanjos e as grandes cobras que saracoteam. Vamos lá. Isso é uma viagem alegre. Quando a gente está em bom porto bem póde viajar sem agulha.

E ficou combinado que aproveitariam o desvio, surgindo num porto qualquer da India. Zohá, porém, que nada perdia e andava com o ouvido aguçado, escutando todas as conversas, comprehendeu que se não tratassem de realisar immediatamente o plano sinistro, visto que em dois ou tres dias estariam com terra á vista, nada fariam, procurou falar a *Cabrestante*.

— Ah! *Cabestante* . . . se não andamos com isso já perdemos tudo. Estamos perto de terra.

— Pensas . . . ?

— Sim, o capitão falou e Zohá ouviu.

— Sim, mas Zohá não sabe que o homem do leme vai manobrando por minha conta e toda a maruja está connosco.

— Ah! *Cabestante* . . .

— Agora ouve cá — e os tapuyos ?

— Ora . . . !

— Ora! Não fales assim. É preciso pensar nelles.

— Mar tá ahí, *Cabestante*... e ouro tá no porão...

— Então hoje á noite. Eu atiro-me ao commandante, os homens tomam conta dos tapuyos e do tal da resina e depois... Eia! para o mar largo...!

— Para a fortuna!

Riram contentes... e não ouviram um leve rumor como de passos que se afastavam cautelosamente.

Estava Parajára junto á amurada, olhando eutretidamente o mar, quando um indio o chamou de parte: era Urú. O cacique, pondo os olhos no companheiro, comprehendeu, em rapida inspecção, que se tratava de alguma coisa grave e acompanhou-o, indo ambos para um sitio recatado onde pudessem falar sem ser ouvidos.

— Que há, Urú?

— Parajára, o ouro foi descoberto e a bordo conspiram contra nós.

O cacique estremeceu pensando em Selva.

— O ouro?!

— Sim, Parajára. Com a tempestade um dos côfos estourou, o ouro espalhou-se no porão e foi descoberto por esse horrendo negro Zohá, que faz a cozinha. Elle, comprehendendo que sósinho nada podia fazer, mancomunou-se com o marinheiro que aqui chamam *Cabrestante* e esse, por sua vez, com promessas de fortuna, conseguiu chamar á causa infame toda a marinhagem e, hoje, á noite, pretendem trucidar-nos tomando o mesmo *Cabrestante* conta do navio.

— E o capitão?

— Já está um homem indigitado para assassiná-lo.

— E como pudeste chegar ao conhecimento do plano?

— Ouvindo, Parajára ; encostando o ouvido ás portas, porque desconfiei do negro e, como elles julgam que não conhecemos o portuguez, falam francamente diante de nós. A noite vem perto, é necessario que, quanto antes, tomemos todas as providencias para não sermos apanhados de surpresa.

— Vou já annunciar a Frei Angelo o que me acabas de dizer para que se entenda com o capitão. E continúa a vigiar.

— Vou para o meu posto.

Quando Parajára lhe deu parte da confidencia de Urú, Frei Angelo ficou pensativo, mas em subita resolução sahio do beliche procurando o capitão que passeiava no convés. Chamou-o.

— Capitão, o senhor confia nos homens que tem a bordo?

— Como em mim proprio.

— Faz mal.

O velho marujo franziu o sobr'olho e encarou o monge.

— Porque me diz isto ?

— Porque sei que o capitão é um homem leal e posso provar que os seus marinheiros são traidores que conspiram contra a sua vida.

— Contra a minha vida ! rugiu o lobo do mar.

— Mais baixo, capitão ; se quer ter a prova do que lhe digo espere a noite e ha de vêr que não exagero.

— Conspira-se, então, diz o senhor. Porque?

— Eu vou ser verdadeiro e peço-lhe que me releve a mentira de que lancei mão quando fiz o trato com o senhor. A carga que eu trago não é resina.

— Ah! bem me pareceu, disse o capitão com ar triumphante, bem me pareceu . . . Mas então que diabo traz o senhor naquelles saccoes ?

— Ouro.

— Ouro!

— Ouro, capitão.

— Ó homem de Deus!

O bom do marinheiro ficou tão surprehendido com a noticia que rompeu a rir, não tomando a serio a affirmação do frade.

— Pois quer que eu acredite que haja na terra tanto ouro, homem de Deus! Nas Indias não ha metade do que lá está. Com tudo que produzem as minas dos Brasis não se encheriam dois dos saccoes que lá vi em baixo.

— Pois estão todos cheios, capitão e, se não lhe repugna uma visita ao porão venha convencer-se.

— Homem, eu creio muito na sua palavra, mas já a historia das resinas . . . Não se me dava de ir até lá. O tempo está firme, podemos perder meia hora a vêr isso. Vamos lá.

Caminharam, e como toda a maruja estivesse á prôa, desceram sem ser vistos e o capitão, quando Frei Angelo lhe pôz diante dos olhos as amostras do thesouro, ficou boquiaberto, meneando com a cabeça, a murmurar maravilhado :

— Tem razão . . . tem razão. . . Pois eu lhe digo, meu caro senhor, tenho transportado muitos exploradores e não me lembro de jámais haver visto tanto ouro junto. O senhor poderia comprar o mundo a

Deus se elle o vendesse. Irra ! Logo, porém, lembrando-se do que lhe havia dito o monge, indagou : É então por isso que conspiram contra mim ?

-- Contra todos nós. O negro Zohá descobriu o thesouro que vê e, para apoderar-se d'elle, convidou todos os marinheiros, a cuja frente está o *Cabrestante*, para logo mais á noite executarem-nos.

— Ah ! cães, rugiu o velho marujo.

— Mas não ha risco : elles são doze, nós somos vinte e tres e os índios que vem connosco são os mais valentes da nação tamoya. Estejamos preparados e quando se der o assalto, elles que-vêm certos da victoria, hão de achar a morte onde pretendiam encontrar o que lhes aguça a ganancia. Preparemo-nos, fiquemos todos alerta e que venham.

— Sim, disse o capitão, mas . . . E quem ha de trabalhar no brique se dermos a todos os mari-nheiros o castigo que merecem ?

— Nós, capitão.

— Ah ! meu caro, não é tão facil como parece. Este animal tem manhas e, para lidar com elle, é necessario grande pratica, principalmente nestes traiçoeiros mares asiaticos que vamos agora sulcando.

— Capitão, conheço os homens que me acompanham, são intelligentes e têm boa vontade : com uma lição ficam ali capazes de manobrar como os mais peritos marujos. Demais, estamos a dois dias de terra e não será difficil levarmos o brigue até á costa de Gôa. Eu irei ao leme.

— O senhor !

— Eu, capitão. Tenho as minhas noções de

nautica e verá que não sou dos mais atarantados. Difficilmente o mar, por mais que se enfureça, conseguirá arrancar-me a canna da mão.

— E se cahir um vento, o que não é de estranhar nestes mares?

— Manobrarei conforme o capitão entender. Eu não seria capaz de arriscar a vida da criatura que mais amo no mundo, capitão. Se me offereço e offereço os meus homens é porque sei que não deixarei o brigue ir a syrtes nem os meus homens recusarão cumprir as suas ordens.

— Mas como poderei manobrar com esse gentio, se não nos entendemos?

— Todos comprehendem o portuguezs, capitão.

— É maravilhoso. Bem acredito nas suas palavras. E agora, que vamos fazer?

— A que horas pretendem os taes mandar-nos visitar o fundo do mar?

— Á noite.

— Ella ahi vem.

— Vamos esperá-la no convés. Mas é necessario que não demonstremos desconfiança alguma para que possamos apanhar todos os patifes.

— Vai ser uma curiosa caçada.

— Eu responsabiliso-me pelo meu.

— E eu por todos, capitão.

— Garanto que se elle não tiver sete folegos com o primeiro murro vai vêr o Padre Eterno.

— Bem, a nossa conversa já se vai tornando longa e os homens vigiam-nos. Vamos, capitão e façamos como costumamos fazer — uma ligeira mudança de habitos póde levantar suspeita no es-

pirito dos homens. O criminoso desconfia de tudo. Cuidado !

— Eu vou daqui apanhar a minha catalan e, com ella na cinta lá me acharão os amigos na minha cadeira, no convés, tomando fresco.

— E eu vou para o meu beliche.

— E os indios ?

— Já estão prevenidos.

— Então boa noite . . . E que amanha nos vejamos.

— Havemos de ver-nos. Subiram.

A noite baixava e pelo mastro acima ia um marujo com a lanterna. Cantavam á prôa e uma suave melancolia descia do céu violaceo onde desabotoavam estrellas. Estavam todos os indios a postos, armados, e Urú não perdia um só dos movimentos de Zohá e do *Cabrestante*. Grande era o movimento á prôa, risinhos, cantares ; alguns marinheiros espojavam-se nas taboas humidas gabando a noite luminosa, outros cochichavam mysteriosamente, e os indios, á distancia, muito juntos, pareciam indifferentes, alheios a tudo e só occupados com o céu bordado a estrellas.

— Deixem lá ! Vale a pena a gente viver neste lado do mundo. Olhem que noite !

— Ora ! não é mais bella do que as que por lá temos.

— Sim, mas clara como esta ? !

— Ou mais.

O mar largo, diamantino, vinha aljofrar o brigue com ardentias e todos os astros das alturas reviam-se no dilatado praino como em espelho. A noite ia adiantada quando o marinheiro que vi-

giava soltou prolongado suspiro como de saudade.

Logo, porém, toda a gente que dormia á prôa levantou-se, pé ante pé, e foi seguindo, uns para o convés, outros em direcção ao beliche, e o brigue, tocado pela brisa, sulcava as aguas suavemente.

Já iam á distancia os marujos quando varios vultos sahiram rastejando como repteis ao longo das amuradas e, tão silenciosamente, que não se ouvia sequer o leve ruido das mãos e dos pés tocando o solo. Subito um grito agudissimo, partindo do convés, atravessou o silencio ; ao mesmo tempo, ouviu-se o baque de um corpo e a voz de Parajára bradou :

— Urú !

Os vultos, que iam de rasto, ergueram-se a um tempo e os marinheiros, que já invadiam os beliches, foram envolvidos pelos indios que os derrubaram, desarmando-os.

*Cabrestante*, porém, que havia tomado á sua conta o capitão, foi mais agil do que os companheiros, conseguindo agarrar o velho marujo que se distrahira. No instante, porém, em que, vibrando a faca, ia crava-la no peito do nauta, um ferro agudo atravessou-o, dois braços fortes tomaram-no e, em pouco, o mar abriu-se recebendo um corpo agonisante . . . e outros e outros rolarão.

Os indios, freneticos, apunhalavam cruelmente ; escorregava-se em sangue, havia um ininterrupto gemido e, de quando em quando, um indio passava com um marinheiro ás costas, ainda nas vascas da morte e, chegando á amurada, despejava-o no mar.

Só um dos conspiradores não appareceu — Zohá.

Debalde o procuraram durante a noite, correndo todos os cantos do brigue. O negro havia desaparecido.

— Atirou-se ao mar, com certeza, disse Frei Angelo.

— Não, capitão, esse negro é a propria perversidade. Estejamos em guarda . . . Felizmente, amanhã ao meio dia, no maximo, estaremos deitando a ancora no porto indiano.

— Desconfia de alguma coisa, capitão ?

-- Conheço Zohá, meu senhor. Ha tres annos que trabalha commigo.

— Mas onde estará elle ? Todo o brigue foi percorrido, nem um só canto ficou por examinar.

• — Esperemos.

No dia seguinte, ás 11 horas da manhã, um indio que descera ao porão subiu aterrado bradando :

— Agua ! Agua !

Correram todos ao encontro do tapuyo que parecia assombrado e, como elle apenas repetisse: Agua ! Agua ! mostrando com um gesto o bojo do navio, o capitão desceu para examinar ; antes, porém, que chegasse ao porão, exclamou :

— Estamos alagados!

Frei Angelo sem perder a calma ordenou aos indios que arriassem as chalupas, enquanto outros subiam os pesados ceirões.

O mar invadia o brigue que ia afundando lentamente, mas os tapuyos, animados por Parajára e por frei Angelo, trabalharam com tanta presteza que todo o thesouro foi transferido para as chalupas, entrando nellas, que eram tres, toda a gente,

e os indios, remando com força, conseguiram afastar-se, começando pouco depois a *Estrella dos Mares* a adernar, oscillando, e, quando já o mar chegava á amurada, os da chalupa viram apparecer junto ao mastro grande, o negro que sorria ferozmente.

— Então, que vos dizia eu? Lá está Zohá!

— Ah! cão, rugiu Parajára.

— Mas pouco mal nos faz. O tempo está magnifico e, antes de cahir a noite . . . Vêm aquella bruma além? é Gôa, lá estaremos. Vamos offerecer velas ao vento que nos protege.

! E, justamente quando a aragem tufou à vela da primeira chalupa, ouviu-se um grande grito: voltaram-se todos—o brigue desaparecia e Zohá, atirando-se ao mar, nadava como um golfinho.

— Que esse negro não chegue a terra, rugiu o capitão colerico.

— Não chegará, disse tranquillamente Frei Angelo aperrando um mosquete.

Um tiro partiu. E as chalupas, impellidas pelo vento, partiram em direcção á bruma longinqua que era a cidade do marfim e do balsamo.

FIM DA SEGUNDA PARTE

# TERCEIRA PARTE

---

O RAJÁ DO PENDING

## NO ARRAIAL DO TIJUCO

No anno de 1790 era extraordinario o fausto no arraial do Tijuco, em Minas Geraes. Depois dos riquissimos *descobertos* diamantinos, com a noticia da riqueza do sólo, acudiram, de toda a parte, aventureiros em procura do precioso carbureto cujo primeiro achado era, por uns, attribuido a Bernardo da Fonseca Lôbo e por outros a um frade que, havendo residido em Golconda, vendo os tentos de que se serviam para marca de jogo os do Tijuco, conheceu que eram diamantes e propalou a noticia. Fôsse como fôsse a pedra lucida tornou-se valorisada e ambicionada, o ouro foi preterido e a exploração começou sob a vigilancia de um intendente, sendo o direito da mineração concedido a contratadores que pagavam annualmente ao governo, por escravo empregado no serviço das minas e das gupiaras, a capitação de 220\$000.

O governo, que já trazia o povo avexado, aper-

tou com mais força o arrocho, com avara ambição, querendo participar largamente dos novos benefícios que a terra offerecia. Foram annulladas as cartas de datas concedidas anteriormente para a mineração do ouro, fazendo o superintendente novas e restrictas concessões. O que fazia um *descoberto* tinha direito a uma data de trinta braças no lugar que escolhesse. Nas lavras e ainda fóra dellas, em distancia de duas leguas, não podia haver lojas ou vendas. O que comprava diamantes a escravo via os seus bens confiscados, sendo a terça parte dos mesmos entregue ao denunciante, a titulo de premio. Os frades eram expulsos da comarca, não porque se compromettessem em furtos, mas porque prégavam: « que os *quintos* eram *tributos* e não *direitos reaes* » alimentando assim idéas subversivas no animo do povo.

Chegando ao Reino a noticia dos *descobertos* bandos de aventureiros partiram em demanda da fortuna e, posto que as leis fôsem apertadas, sempre eram mais brandas para os reinóes do que para os aborígenes. A historia dos tempos coloniaes está cheia das perseguições movidas contra o povo sempre suspeitado.

Succediam-se os *bandos* vexatorios, as devassas eram diarias e, aterrando as gentes, rondavam os ferozes dragões que eram mais carrascos do que vigilantes. Os denunciantes gosavam de todos os favores, eram benquistos e remunerados com dinheiros e empregos de confiança nos officios do governo.

De 1740 para diante resolveu o governo ceder por contracto a mineração diamantina, sendo a arrematação feita por quatro annos. Foram primei-

ros contractadores João Fernandes de Oliveira e Francisco Ferreira da Silva. Não podiam os contractadores ter em serviço mais de 600 escravos, alguns, porém, abusivamente, chegaram a empregar quatro mil. Nesse tempo o garimpeiro ousado, affrontando a colera das autoridades, minerava e combatia.

« A caça que se dava ao garimpeiro, diz um fidelissimo chronista (\*) que grandes serviços me vai prestando, era cruel, desapiedada, encarniçada : eram perseguidos e se procurava exterminá-los como a animaes ferozes.

As partidas do rei, disseminadas por todo o districto, patrullhavam os corregos, os campos, as serras, os montes, sem cessar, dia e noite, rendendo-se, renovando-se ; se encontravam o garimpeiro desprevenido, sua captura devia ser feita a todo o transe.

Quanto ainda os campos diamantinos alvejam com os ossos de nossos infelizes patricios, testemunhando a barbara tyrannia que sobre nós pesou outr'ora !

Nunca o garimpeiro aggreidia as tropas reaes, mas, quando accommettido, sabia defender-se com coragem e, quasi sempre, as rechaçava se a peleja travava-se em igual numero e condição, porque combatia para salvar a vida e a liberdade : quando victorioso voltava pacifico para o trabalho e não procurava tirar proveito da victoria ; e, quando vencido e prisioneiro, no meio dos maiores soffri-

---

(\*) Dr. Felicio dos Santos, *Memórias do Districto Diamantino.*

mentos porque o faziam passar, não trahia seus companheiros e nem confessava os cúmplices que poderia comprometter.»

E narra o mesmo chronista o commovente e heroico episodio, do qual foi protagonista uma mulher garimpeira que, vestindo trajos de homem, andou com tal bravura numa refrega que se tornou odiada dos dragões. Presa e recolhida ao carcere guardou absoluto silencio, apesar das torturas a que foi submettida, sendo então reconhecido, com espanto de todos, o seu verdadeiro sexo. No dia seguinte, quando a procuraram na cadeia, havia desaparecido.

Mas vamos á era em que se desenvolvem as scenas que temos a narrar. Vejamos, com o chronista citado, o fulgor da vida no arraial do Tijueo, no liberalissimo e faustoso tempo do terceiro contracto :

« Da animação que teve o commercio nos primeiros annos do terceiro contracto, da indolencia das autoridades e tolerancia do contractador, principal investigador de uma civilisação nascente, resultou o bem estar de muitos e a riqueza de alguns; isto é, um excesso de capital disponivel, parte do qual se procura naturalmente empregar na satisfação de novas necessidades secundarias, mas que não são menos imperiosas : a riqueza traz o luxo que quasi sempre, quando bem regrado e em harmonia com as posses de cada um, indica o gráu de prosperidade de um paiz.

« Notavel alteração soffreram os costumes do um povo, isolado nesse canto do Brasil. Procurou-se imitar á risca os usos e modas da metropole, que

tambem, por sua parte, procurava imitar o que via na França. Usavam os homens trazer cabelleiras trançadas em fórmula de rabicho, entrelaçadas com um cadarço de gorgorão, arrematando na extremidade por uma laçada; chapéu á Frederico, de tres pancadas, camisas de folhos com collarinho baixo, gravata de lenço branco bordado, collete de setim macau, bordado de lentejoulas e comprido em fórmula de fraque, com abotoadura de pedras, casaca de velludo de diversas côres, degollada, comprida, sem enflaque, com portinholas e cauhões largos e dobrados, calção largo de sêda ou velludo, apertado com fivella de ouro por cima de meias de sêda perola, sapatos pretos pont'agudos com fivellas com cravação de pedras (está entendido que não falamos de diamantes), bastão grosso, de castão e ponta de ouro, relógio com cadeias de cornalina, rico florete de bainha de ouro e guarnição em fórmula de um S, daqui dizermos ainda hoje *os tempos das adagas de gancho*.

« As senhoras traziam uma coifa de sêda branca presa na cabeça com alfinetes e borla de fio de ouro na extremidade, camisa de folhos apertada ao pescoço, espartilho de barbatanas, sobre o qual vestiam um *macaquinho* de velludo, com rica abotoadura e flôres de pedras pendentes sobre o peito, grosso afogador e pesados brincos de pedraria encastoadas, saia de immensa roda com longa cauda que trançavam no braço, sapatos de bico agudo levemente voltado para cima, com altos saltos de madeira, bastão fino; traziam os dedos das mãos quasi inteiramente cobertos de anneis de ouro.

« Em casa usavam de um folgado timão apertado

adiante e ajustado por uma cinta de sêda com borlas pendentes. Não nos esqueçamos do polvilho feito com trigo macerado ou gomma de maudioca com que empoavam os cabellos. Quem se achasse em uma das reuniões daquelle tempo julgar-se-ia no meio de um respeitavel senado.

« Um dos mais graves e sérios estudos do tempo, continúa o chronista, era o da denominada politica ou civilidade, isto é, da maneira por que cada um devia, em publico, regular o seu comportamento. Para este estudo havia mestres, mestres de nomeada, mestres que se mandavam vir de longe, com grandes despezas e pingues ordenados. Escreviam-se tratados longos, que se imprimiam e nitidamente se encadernavam, sobre a materia, que era inesgotavel; nelles se discutiam questões que tinham a apparencia da maior gravidade e importancia e sobre que divergiam, com grande perigo da etiqueta, as opiniões dos mais abalisados autores e praticos.

« Por exemplo -- era questão grave entre elles e, não nos consta que até hoje tenha sido decidida de uma maneira satisfatoria, se o cavalheiro em um jantar devia sentar-se á mesa com o espadim, ou se devia antes tirá-lo. Em uma sociedade a menor discrepancia das regras do ritual, ou inobservancia das etiquetas burlescas e ridiculas, que se era obrigado a observar, constituia grave crime de lesa civilidade, e o delinquente era apontado a dedo, como homem grosseiro e falto de educação.

« Se hoje, como naquelles tempos, uma linda moça nos cumprimentasse, apanhando delicadamente o meio do vestido com as pontinhas dos dedos, fazendo uma cortezia em fôrma de genuflexão,

que procurava tornar engraçada e airosa com uma leve inclinação da cabeça, o mais severo cavalheiro vêr-se-ia desarmado da conveniente seriedade. Mas eram costumes do outro tempo ; dos nossos tomará conta a posteridade.

« Havia, porém, uma ocasião em que parecia abrandar-se um pouco a severidade dos rigorosos artigos do ritual da etiqueta — era nas reuniões da família, que hoje chamamos bailes, quando a musica electrizava os espiritos e convidava para a dança damas e cavalheiros ; e eram frequentes essas reuniões. Não era, como no tempo de agora, em que as velhas, ao som dos instrumentos, vão em um canto tomar as posições de quadros de sala, e os velhos jogar a bisca e, quando muito, o voltarete.

« Todos dançavam, não essas contradanças modernas, compassadas, monotonas, lentas, sem significação : era o minueto engraçado e expressivo, com languidos e voluptuosos requebros ; contradanças ardentes e animadas ; valsas figuradas, onde cada figura parecia significar um sentimento, um desejo, um pedido ; o doudejante fandango regulado e aquecido pelo som, vibrante de um chique-chique de prata. O tempo assim corria, as horas passavam, e o sol, muitas vezes, surprendia os dançantes fatigados, mas não saciados. »

Com a prisão e subsequente retirada de Felisberto Caldeira Brant, que era a alma do arraial, a vida faustosa no Tijuco teve uma ligeira solução de continuidade, mas com o desembargador João Fernandes de Oliveira, o luxo voltou com mais pompa, tornando-se, então, mania a competencia,

não querendo tal apparecer em publico menos ornado e com menor sequito do que o seu visinho.

O desembargador João Fernandes, rico como um nababo, era de desmedido orgulho; não tendo as sympathias que conseguira adquirir Felisberto Caldeira, impunha-se pela fortuna; só uma criatura o dominava, era a mulata Francisca da Silva, conhecida por *Xica da Silva*, antiga escrava, a qual o soberbo contractador tomara por amante.

« Dominadora no Tijuco, com a influencia e poder do amante, fazia alarde de um luxo e grandeza que deslumbavam as familias mais ricas e importantes. Quando, por exemplo, ia ás igrejas — e então era ahí que se alardeavam grandezas — coberta de brilhantes e com uma magnificencia real, acompanhavam-na doze mulatas esplendidamente trajadas; o lugar mais distincto do templo era-lhe reservado. Quem pretendia um favor do contractador a ella primeiramente devia dirigir-se, na certeza de ser attendido, se conseguia grangear-lhe a protecção. Os grandes, os nobres que vinham ao Tijuco, os enfatuados da sua fidalguia, não dedignavam-se de render-lhe homenagem, curvavam-se a beijar a mão á amante do vassallo do rei.

Uma anecdota mostrará como ella tratava os portuguezes, que, a seu turno, tratavam os brasileiros com o maior desprezo.

Alguns portuguezes vieram de Lisboa demandando fortuna nesta nossa terra, onde constava que magicamente se enriquecia de um dia para outro. Para terem um principio de vida, como era costume, foram pedir a protecção de Francisca da Silva. Esta os recebeu com benevolencia, por lhes

haverem sido recommendados por grandes da côrte : depois voltando-se para um escravo :

Cabeça, disse, trata desses marotinhos.»

*Cabeça* era o escravo que tomava conta da casa : uma especie de mordomo ; *marotinhos* era o nome que ella dava aos portuguezes.

Depois, como um favor especial, mandou que fôsem trabalhar com os escravos no serviço do contracto.

Depois elles ficarão ricos e poderosos, e muitos de nós, que ainda vivemos, chegarão a conhecer alguns delles.

Francisca da Silva era uma mulata de baixo nascimento. Fôra escrava de José da Silva e Oliveira Rollin, que a libertou a pedido de João Fernandes. Tinha as feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça rapada e coberta com uma cabelleira annelada em cachos pendentes, como, então, se usava ; não possuia graças, não possuia belleza, não possuia espirito, não tivera educação, emfim não possuia attractivo algum que pudesse justificar uma forte paixão. Quando João Fernandes tomou-a por amante, já ella tinha tido dois filhos : um delles foi o celebre Dr. Simão Pires Sardinha, com cuja educação despendeu uma somma fabulosa.

Este formou-se em varias faculdades, viajou pelos principaes paizes da Europa com ampla autorisação, de que usou largamente, de despende o que quizesse, e finalmente, com a protecção de João Fernandes, occupou differentes empregos de importancia na côrte, os quaes desempenhou com distincção. O seu estudo predilecto era o das scien-

cias naturaes. Ignoramos qual fôra o outro filho de Francisca da Silva, e que destino tivera.

Ainda ahi nas fraldas da serra de S. Francisco, em aprazivel situação, vimos os restos de uma chacara que João Fernandes mandou construir para sua amante : até hoje o lugar conserva o nome de *chacara da Xica da Silva*.

Era um magnifico edificio em fórma de castello, que por um acto de vandalismo injustificavel foi ultimamente destruido para com seus materiaes formarem-se dentro da cidade casas de mau gosto ; era um dos poucos monumentos que ainda nos restavam testemunhando os tempos feudaes do Tijuco ; excitam na verdade recordações penosas pelo que soffremos de despotismo intoleravel ; mas foi esse o tempo da nossa infancia ; e quem não se apraz em recordar-se dos acontecimentos passados no principio da vida ?

Era, como diziamos, um magnifico edificio soberbamente construido, com sua rica e linda capella, uma espaçosa sala, que servia de theatro particular, o unico que então havia ou era permittido, com todos os petrechos necessarios, com seu delicioso jardim de exoticas e curiosas plantas, cascatas artificiaes, fontes amenas cujas aguas corriam por entre conchas e crystaes, sombreada por arvo-redos exquisitos transplantados da Europa.

Francisca da Silva, que nunca tinha sahido do Tijuco, por um capricho feminino, quiz ter idéa de um navio ; João Fernandes apressou-se em satisfazê-la. Mandou abrir um vasto tanque e construir um navio em miniatura, que podia conter oito a dez pessoas, com velas, mastros, cabos e todos os

mais apparelhos das grandes embarcações. Frazesse palacio que nos dias festivos do contractador reuniam-se seus amigos e pessoas importantes do Tijuco. Havia ahi jantares sumptuosos a Lucullo, á tarde passeios no jardim e pescaria no tanque em escaleres dourados, á noite bailes e representações theatraes. Representavam-se os *Encantos de Média*, o *Amphitrião*, *Porfiar amando*, *Xiquinha por amor de Deus* e outras peças conhecidas daquelles tempos. É escusado dizer o luxo que Francisca da Silva ostentava nessas occasiões, e as homenagens e congratulações que recebia dos convivas. O dinheiro e poderio do amante elevavam-na á condição das senhoras das familias as mais distintas. Por esse tempo a America Inglesa dava começo ás guerras da sua independencia; o espirito de liberdade, como um effluvio electrico, fazia estremecer todos os povos americanos. Já se falava em despotismo, tyrannia, independencia, liberdade, direitos do povo — palavras antes desconhecidas. Alguns escriptos de philosophos e livres pensadores da França, como objecto de contrabando, tinham-se introduzido entre nós e começamos a sentir o peso do jugo metropolitano—a isto a côrte denominava contagio revolucionario e a inquisição, em sua linguagem mystica, lepra hebraica.

Nestas circumstancias e estado dos espiritos Pombal julgou prudente chamar o contractador a Lisboa por ser elle o vassallo mais rico do reino e tê-lo junto de si para melhor observar seus actos. Com este fim veio ao Tijuco o conde de Valladares, governador da capitania. Trazia uma ordem do rei que, na melhor oportunidade, devia apresentar

a João Fernandes em virtude da qual era este obrigado a recolher-se immediatamente a Portugal. A ordem vinha mais acompanhada de instruções secretas, que autorisavam o conde a usar da força e conduzi-lo preso com as necessarias cautelas no caso de haver resistencia.

João Fernandes, que ainda conservava recente memoria do que succedera ao infeliz Caldeira, e já com sobeja razão suspeitava as intenções do Marquez a seu respeito, procurou conjurar a tempestade, que via prestes a cair sobre sua cabeça. Conhecendo o character interesseiro do conde de Valladares que, calculadamente, dissimulava o fim a que tinha vindo ao Tijuco, no intuito de tirar algum proveito, tratou de pôr em execução os meios apropriados de trazê-lo a seu lado. Convidou-o para seu hospede e recebeu-o em sua chacara com uma magnificencia de principe: era o que lisonjeava o espirito frivolo do conde. Bailes, theatros, caçadas, passeios, ricos presentes, jantares opiparos quotidianamente para os quaes se convidavam as principaes pessoas do Tijuco, nada poupou o contractador para obsequiar o seu nobre hospede. Todos os dias, na occasião da sobremesa, um criado collocava junto ao prato do conde uma salva de prata cheia de grandes folhetas de ouro, escolhidas e procuradas para offertar-lhe — era o postre que elle mais apreciava e que agradecia ao contractador com um sorriso de benevolencia em que este lia uma promessa de esperanza.

O conde, porém, tratava só de ganhar tempo e não perdia ensejo opportuno de tirar proveito da sua nova amizade.

Apesar de tantas distrações, festas e repetidos obsequios o conde um dia tornou-se pensativo, melancolico, não havia razões que o fizessem declarar o motivo dos seus pezares, que envolvia em um mysterio impenetravel. Assim deixou passarem-se dias em obstinada meditação. Afinal, a insistencia reiterada do contractador, resolveu patentear-lhe o seu segredo :

Declarou-lhe que muito sentia ter de manifestar a um estranho negocios puramente domésticos, que só lhe interessavam ; mas que a elle o faria como um testemunho de amizade vencendo o natural constrangimento. Contou que sua familia em Portugal era pobre ; que a unica herdade que possuia achava-se hypothecada por uma grande quantia, que o prazo da divida estava a vencer-se e entretanto ainda elle não tinha a necessaria quantia para resgatar os bens dos seus avoengos ; que a idéa de vêr esses bens passarem para as mãos de estranhos era o que mais o impressionava e entristecia, visto que não lhe restavam esperanças e nunca pretendia ser pesado aos amigos. Outras coisas ainda mais bellas disse o conde. João Fernandes não as acreditou, mas percebeu que elle queria mais ouro.

No dia seguinte o contractador offerecia ao nobre conde a quantia necessaria para resgatar a propriedade dos seus antepassados pedindo-lhe a graça de aceitá-la como uma lembrança de amizade. Este, com o cavalheirismo proprio de um fidalgo, recusou a principio ; mas, emfim, vencido pelas instancias do contractador, acabou por aceitá-la, não como um donativo, disse elle, mas como um emprestimo, que pagaria logo que melhoras-

sem as suas circumstancias. Immediatamente o illustre cavalheiro tornou-se prazenteiro e voltou ao seu bom humor habitual.

Entretanto assim corria o tempo sem que o conde se resolvesse a manifestar o verdadeiro motivo de sua vinda ao Tijuco.

Mostrava sempre a mais estreita amizade ao contractador, que se não cançava em obsequiá-lo.

Um dia, porém, chegando um estafeta de Villa-Rica, o conde, simulando haver recebido um prego da parte de el-rei, com ar de estudada repugnancia, vai ter com o contractador. Este perturbou-se vendo a agitação e desalinho de seu semblante.

O conde tira de um envolvero um papel selado com as armas reaes, beija-o, e com lagrimas nos olhos, lê ao contractador o decreto no qual el-rei ordenava-lhe que em tres dias, contados da intimação, se retirasse do Tijuco e seguisse para Lisboa, sob pena de ser considerado como inconfidente.

O golpe foi brusco, inesperado. João Fernandes hesitava, não sabia se deveria obedecer á ordem da côrte deixando sua familia e o Tijuco, que ha tantos annos estava affeito a dominar, e ir para Lisboa onde ignorava a sorte que o esperava, mas que previa não lhe ser favoravel, ou se deveria resistir, sujeitando-se ás consequencias de uma revolta declarada.

Muitos de seus amigos aconselharam-lhe este ultimo arbitrio, protestando que estavam promptos a coadjuvá-lo. Havia então alguns jovens brasileiros, entusiastas das idéas de liberdade, que só

esperavam um chefe ou um signal para se declararem em revolta contra o jugo da metropole, como faziam então os anglo-americanos, certos de que o primeiro grito de emancipação seria repercutido por todo o Brasil.

Felisberto Caldeira Brant, em taes conjuncturas, teria abraçado este partido; mas João Fernandes, homem rico, millionario, temia comprometter sua immensa fortuna. Conta-se que á noite fôra á sua casa um individuo desconhecido e que estiveram em conferencia secreta até bem tarde; ninguem soube o que trataram, mas suspeitou-se ser um chefe occulto de garimpeiros, que lhe offercera seus serviços e de seus companheiros.

João Fernandes, — confiado na sua riqueza e influencia de seus amigos e principalmente do marquez de Pombal, cuja indisposição pretendia mudar á força de presentes, — entendia que, chegando a Lisboa; venceria todas as difficuldades, confundiria os inimigos que o denunciaram na côrte, e logo voltaria para o Tijuco. Nesta confiança, que o conde de Valladares procurava animar com perfidos conselhos, partiram juntos. Falharam, porém, todos os seus calculos: chegando a Lisboa nunca mais pôde obter licença para voltar para o Tijuco, onde logo se aboliu o contracto dos diamantes e estabeleceu-se a extracção por conta da fazenda real.

O marquez de Pombal sabia que a fortuna do contractador era em grande parte devida á infracção das condições do contracto, e, como indemnisação, conta-se que o obrigara a entrar para os cofres reaes com a quantia de onze milhões de

cruzados. Este desfalque, porém, não abalou a sua fortuna, e ainda lhe ficaram immensos capitães.

Naquelles tempos quasi sempre o destino final das grandes fortunas era vincularem-se. É natural no homem querer deixar depois de sua morte um monumento, uma lembrança de sua existencia, de sua passagem rápida sobre a terra; será uma vaidade, uma parvoíce, um desejo sem fundamento: para que serve a gloria de além-tumulo? mas é da natureza humana.

Nos tempos antigos os nobres que alardeavam a ignorancia como uma qualidade que devia ser essencialmente apresa á fidalguia, entendiam que a unica maneira de perpetuarem seus nomes consistia em dar lustre á uma familia de que formavam o tronco.

Entre outras instituições, mais ou menos vans, que descobriram para esse fim, figura a dos morgados, instituição iniqua, anti-economica, que Portugal importou da Hespanha.

A lei de 3 de agosto de 1770, que regularisou os morgados em Portugal, estabelecendo regras sobre sua instituição e acabando com as desordens, que occasionaram sua multiplicidade e a ampla liberdade das clausulas das nomeações, esta lei, no preambulo, reconhece os inconvenientes dos morgados, como contrarios á natureza do direito de propriedade, criando uma classe de bens sem verdadeiro proprietario, que delles possa dispôr livremente, contrario á justiça e á equidade, lançando muitas vezes na miseria a maior parte dos filhos do mesmo pai, para dar ao primogenito o patri-

monio da familia, que devera ser dividido com igualdade e contrario dos principios da sciencia economica, amortizando valores que são tirados do giro ordeiro do commercio e accumulando grandes propriedades territoriaes, que sendo divididas poderão ter resultados mais vantajosos.

A lei reconheceu estes inconvenientes, mas deixou os morgados subsistindo, *como necessarios*, diz ella, *nos governos monarchicos para o estabelecimento e conservação da nobreza, para que haja nobres, que possam com decencia servir ao rei e ao reino, tanto na paz como na guerra.* Isto é, sacrifiquem-se muito embora os interesses das outras classes, mas não se deslustre a nobreza !

É como então se legislava.

Por provisão de 21 de agosto de 1775 João Fernandes de Oliveira, como primogenito, devia ser o primeiro administrador. (1)

Numa clara manhan o morgado do Grijó, João Fernandes de Oliveira, filho do rico contractador que se finara em Lisboa, preparava-se para sahir a cavallo quando foi procurado por um gigante abaçanado e tão recoberto de ouro que os do Tijuco, posto que habituados ao fausto, pasmaram de tanto luxo e ainda se lhes augmentou o espanto quando souberam que a estranha personagem não passava de um escravo.

João Fernandes recebeu com fidalga gentileza

---

(1) Obr. cit.

o gigante que, depois de o haver saudado, prostrando-se tres vezes com a face na terra, tirou da larga manga da cabaia de sêda, que vestia, um pequenino cofre de marfim que lhe entregou dando a entender, por mimica expressiva, que nelle se continha a explicação da sua presença. Effectivamente, aberto o cofre, achou nelle o morgado finissima lamina de marfim na qual o sannyasi Karma sollicitava, em nome do seu senhor, o rajá Varuna, uma entrevista para o dia seguinte.

João Fernandes, alvoroçado, pediu um instante para responder accedendo desvanecido ao que lhe requeria o intermediario do principe indiano e o giganté, com as mesmas reverencias e zumbaias, partiu deixando attonitos quantos o viram, tão ricamente revestido de sêdas e coberto de gemmas que, caminhando ao sol, scintillava como uma joia viva. Para receber dignamente o seu hospede João Fernandes ordenou preparativos especiaes pondo em serviço todos os seus escravos: — uns polindo os soalhos, outros brunindo os metaes, batendo os tapetes e, no parque, limpando as aléas, retirando da agua as folhas cahidas para que tudo apparecesse bem aos olhos do asiatico.

No dia determinado fardou os seus mais bellos escravos e dispô-los em duas alas no vestibulo de marmore da sua nobre residencia, ficando um distanciado como vedeta, para annunciar, a som do trompa, a aproximação do indiano.

Gente acudiu ás immediações da chacara da Xica da Silva para vêr o faustoso forasteiro e o sol ia ganhando o meio do céu quando a atalaia atroou os ares com o seu retumbante instrumento.

João Fernandes, mandára levantar, no salão mais rico da sua vivenda, um throno com baldaquino de finissimos pannos do Oriente, entre tecidos de ouro com preciosas franjas em cujas pontas scintillavam pedras preciosas. Estendido no soalho lustroso um fôfo tapete ensurdecia os passos e, de longe em longe, um negrinho, com uma caldeirinha e um hyssope, aspergia essencias perfumando o ar que trescalava docemente. Musicos invisiveis executavam varios instrumentos.

Ouvindo o annuncio da sentinella João Fernandes lançou os olhos em volta para certificar-se de que tudo fôra cuidadosamente tratado e estava digno de quem se aproximava. Assumiu, então, attitude digna, descançando a mão sobre o punho da espada cravejado de pedras.

O indiano, precedido por um bando de negros ricamente vestidos, chegou aos degraus de pedra polida do palacio apeando-se, então, do ardego ginete em que fôra. Os negros, que traziam riquissimos brocados, ajoelhando-se, estenderam-nos pelo chão para que os pés do saunyasi não tivessem o menor contacto com a terra; e elle caminhou lentamente, nobremente, com fulgor.

Era um alentado e gracioso ancião: alto e espadado, a tez abaçanada, longos cabellos brancos, olhos de um brilho vivo. Vestia ampla tunica de sêda amarella, á cabeça levava uma especie de mitra, empunhava um sceptro de marfim encimado por uma roman de ouro inerustada de rubís e um grande collar, cujas camandulas eram grossas perolas, dava-lhe duas voltas folgadas ao pescoço descendo-lhe pelo peito forte.

O seu andar era magestoso e grave e, como se lhe não causasse surpresa a escravatura, que fôra postada ao longo da passagem e que perfumava o caminho que elle ia trilhando, passava indifferente de olhos altos, dirigindo-se para o cerimonioso salão onde João Fernandes o esperava.

Logo que a mysteriosa personagem penetrou o palacio a musica invisivel começou a soar, melodiosa. Os sons pareciam subir da terra em brandos accordes e vozes humanas juntaram-se ás dos instrumentos com tanto concerto que era um encanto ouvir-se o que executavam. Diante do throno em que se sentava João Fernandes o asiatico, cruzando as mãos no peito, inclinou-se respeitosa e tres vezes saudando o rico morgado á maneira oriental. João Fernandes correspondeu e, com um gesto, offereceu ao seu hospede um assento todo forrado de damasco attalico que fôra collocado ao lado do throno. Depois de curto silencio o asiatico pronunciou com solemnidade :

— Que a Suprema Paz seja o premio da vossa vida. Venho em nome do meu grande e illustre senhor, o rajá do Pendjab, entender-me convosco sobre assumpto do seu exclusivo interesse.

— Vosso senhor ! exclamou João Fernandes, verdadeiramente espantado por parecer estranho que um homem que assim se apresentava fôsse apenas um aio ; e o oriental repetiu calmo e grave :

— Meu senhor.

— Falai então e francamente porque os que nos cercam são simples escravos e o receio da morte torna-os discretos.

— O rajá, meu senhor, disse o austero sannyasi.

em viagem pelo mundo, deseja vir passar algum tempo nestas terras por curiosidade e interesse. Como possui as minas mais ricas de toda a Asia quer conhecer os processos de que usam os exploradores desta região para estudá-los applicando-os, caso lhe pareçam bons e, como deseja estabelecer-se, com os homens que o acompanham em numero de cem, despachou-me para que viesse entabular com vosco o preço de compra ou arrendamento desta residencia, caso não a querais vender. Em todo o arraial que percorri não ha outro predio que possa comportar, como convem, o rajá e a sua comitiva, e como me disseram que pretendeis partir dentro em dias, entendi que não vos poderieis agastar com a proposta, que, por minha voz, vos faz o meu senhor.

— Agastar-me, porque ? Quem vos falou da minha partida estava bem informado. Penso em fazer uma viagem a Lisboa, mas não pretendo vender esta propriedade, porque não me desfazo dos bens que me foram legados por meus pais. Aqui nasci, aqui viveram os meus maiores : esta casa é um patrimonio sagrado, mas para que não percais a vossa viagem, podeis dizer ao vosso amo que aceito a proposta de arrendamento por um anno, deixando-lhe eu todos os meus escravos, que hão de servi-lo com a mesma solicitude e a mesma obediencia com que me servem a mim. Quanto ao preço dissei-lhe que o não ponho, dando-me por bem pago com a honra de hospedar tão illustre principe. Podeis tornar com este recado e, dentro de uma quinzena, conto deixar preparada e digna de recebê-lo a casa que elle tanto honrou com a sua escolha.

— Senhor, em nome do meu illustre amo agradeço-vos a gentileza.

— O meu intendente ficará para fazer a entrega da chave e o vosso senhor andarará aqui como proprio dono.

O sannyasi ficou um momento immovel, em silencio, braços cruzados, olhos baixos. De repente, levantando a cabeça, declarou risonho :

— Meu senhor agradece-vos o offerecimento e acaba de communicar-me que, amanha mesmo, deixará o Rio com a sua comitiva em viagem para este sitio.

João Fernandes cravou os olhos esgazeados no sannyasi :

— Como dizeis ? ! O vosso amo communicou-se comvosco ? !

-- Sim, senhor. Enquanto estive em silencio falava a meu senhor e ouvia-o.

— Elle não está no Rio ?

— No Rio, mas se estivesse na India seria o mesmo. Nós communicamo-nos pelo pensamento.

João Fernandes ia de pasmo em pasmo, maravilhado. Varios crioulinhos adiantaram-se com immensas salvas de prata que, dois a dois, traziam suspensas pelas alças, carregadas de frutas, outras com refrescos perfumados ou amphoras de vinhos raros.

O oriental contentou-se sobriamente com um refresco e, dando-se por apressado, retirou-se com o mesmo cerimoniaal com que se havia apresentado.

Quem lhe pudesse ler no intimo, ouvir o que elle ia dizendo no coração quando passou diante de certa casa, num dos pontos mais nobres do Ti-

juco, ficaria, de certo, surpreso. Porque lhe fuzilavam tanto os olhos negros ? Porque lhe tremiam as mãos ? Que palavras cruéis balbuciava com a fronte tão carregada ? Ninguém ouvia, nem mesmo os negros que o seguiam de perto, em cortejo respeitoso. O povo, agglomerado nas ruas, olhava com deslumbramento o embaixador de Varuna e logo a noticia correu espalhando-se pelo arraial — que na chacara da Xica da Silva, cedida por João Fernandes, vinha hospedar-se um principe indiano.

À tarde foi o morgado procurado por um dos seus amigos : Affonso de Saavedra, jovem advogado, recentemente chegado dos cursos de Coimbra, filho de uma rica viuva, Ignez Saavedra, cujo marido, enriquecido como bandeirante, deixara-a com dois filhos sendo o primogenito Affonso e Leonor, formosissima donzella cujo coração era ambiciosamente disputado por todos os moços nobres do Tijuco.

Curioso, o moço advogado quiz saber o motivo daquella embaixada, receioso de que se tratasse de nova perfidia da côrte. Não fizessem ao filho o que já haviam feito ao pai. Mas João Fernandes tranquillizou-o e, montando os dois a cavallo, sabiram pela fresca da tarde ao longo dos caminhos floridos.

— E tu conheces o rajá ?

— Não, não conheço. Sei apenas que é um dos principes mais ricos do Oriente. Comprehendes que um homem que manda como embaixador aquelle indio, que trazia no corpo mais pedrarias do que ha nas arcas de muitos senhores que por ahi pavo-

neam de millionarios deve ser extraordinariamente rico.

— E cedeste-lhe a chacara ?

— Por um anno.

— Vamos então hospedar um principe asiatico ?

— A apostar que preferias uma princeza ?

— Não. desde que elle seja homem com quem se possa viver. Geralmente esses rajás são barbaros ; entendem que, com deslumbrarem os olhos com a fulguração dos seus thesouros, humilham o mundo ; e são de uma crassa estupidez.

— Esse vem estudar os processos da extracção do ouro, porque é possuidor de muitas minas nos seus Estados.

— Ah ! então não viaja por simples prazer ?

— Creio que não.

— Ainda bem. Sinto apenas que aqui não estas porque juntos muito haviamos de rir do tal nababo.

— Quem sabe lá ! Olha que a civilisação irradiou do Oriente.

— Julgas que vamos ter a visita de um Zo-roastro ?

— Não digo tanto, mas talvez não seja um rude barbaro como esperas.

— Em todo o caso será uma novidade no Tijuco. A vida vai-se tornando tão insipida neste arraial que se o proprio diabo annunciasse a sua vinda estou certo de que seria recebido com alvoroço. Venha pois o nababo !

— Sinto deveras não poder adiar a minha viagem, porque gosto dessa gente asiatica. E do que

tenho lido e ouvido creio que são homens que levam a vida pelo bom caminho, tomando o goso por companheiro de viagem. Gastam prodigamente, amam com furor, mesmo no culto são grandiosos. Se eu já não houvesse despachado para Lisboa a carta com o annuncio da minha partida deixava-me ficar por aqui mais algum tempo.

--- E porque não a retardas ?

— É impossivel — vou a chamado de pessoa de minha particular amizade, um amigo dos mais leaes que meu pai encontrou no tempo do seu degredo. Degredo, sim, porque outra coisa não foi a sua estadia em Lisboa, forçada por esse ministro barbaro. E, pronunciando palavras taes, João Fernandes, como se desconfiasse dos proprios mattos, porque iam pela estrada deserta, relanceou um olhar em volta.

— Mas pretendes tornar ?

— Sim, a menos que, no momento do meu embarque, algum esbirro não me appareça com uma intimação, detendo-me. A côrte suspeita de toda a gente ; para que um homem comece a ser olhado com desconfiança basta que possua alguns bens e exerça alguma influencia.

— Em parte ha razão, Fernandes. Em Minas fermentam idéas subversivas, não geradas no espirito dos que aqui vivem, bem sei, mas trazidas pelos que chegam do estrangeiro. Porque lá os da Nova Inglaterra andam em guerra para sacudir o jugo da metropole, querem os daqui imitá-los. Acho que o governo procede com cautela. Não quero dizer com isto que teu pai fôsse um conspirador. Não tinha a corôa subdito mais honrado e fiel do

que elle, outros ha, porém, que devem andar constantemente vigiados.

Fernandes reteve o animal e, fitando o companheiro, perguntou :

— E achas que é criminoso quem sonha com a liberdade do seu paiz, Saavedra ?

O moço, assim interpellado pelo amigo, não achou resposta prompta e tartamudeou :

— Se houvesse oppressão . . .

— E não ha ?

— Não.

— Ah ! não . . . Achas então que o procedimento da gente d'El-rei com os naturaes do paiz é brando e de amigos ? Achas que não são oppressões o confisco dos bens, o degredo para Angola, as verdadeiras caçadas humanas que fazem os dragões perseguindo os gariunpeiros, a desconsideração, o desprezo com que são tratados os que aqui nasceram, os filhos da terra tidos como ilotas humildes pelos portuguezes que relevam culpas aos patricios e não perdoam a minima falta aos autochtones ?

— Falas como parcial da revolução.

— Não, não sou parcial da revolução, acho até que nada se trama nesse sentido, mas a corôa, que traz o povo tão vexado, deve comprehender que esse arrocho não póde ser duradouro e então combate as idéas apenas suspeitadas, afasta do campo da acção os que, por influencia de fortuna ou prestigio intellectual, possam, em dado momento, tomar a frente do povo conduzindo-o, num movimento de represalia, até a independencia. Tu não podes amar este paiz, mas dize : se visses a tua patria de novo dominada pelo castelhana que farias . . .

— Ah! lá foi a conquista.

— E aqui é a escravidão.

— Fernandes, nós somos dois rapazes amigos e eu estimo-te sinceramente. Grande seria a minha dôr se te acontecesse alguma coisa. Que tens tu com isso? Possues milhões, és querido, tens todos os dotes que constituem um homem perfeito, para que te has de querer comprometter em uma luta desigual? Vives! Que tens tu com o garimpeiro que, de homem, tem apenas a apparencia, porque é uma fera que anda pelos montes e pelos andurriaes assaltando os que passam descuidados?

— Não é exacto. O garimpeiro é um foragido — vive nos sitios inaccessiveis, soffrendo privações, mas não assalta, não rouba — é uma victima, não um bandido. Defende-se quando é atacado, mas não provoca. Não ha um só processo que demonstre ter sido um garimpeiro apanhado a depredar, a furtar, a rausar donzellas — são homens rudes, selvagens, mas honestos e quem os faz assim é a propria lei que, em vez de offerecer protecção aos que trabalham, vareja-lhes as casas, leva-os ao tronco, dá-lhes morte cruel, deixando familias numerosas em triste abandono pelo que succede perderem-se muitas donzellas que, no desespero da fome, entregam-se chorando e cheias de vergonha aos que primeiro apparecem. Ah! tu me darias razão, Saavedra, se houveses nascido aqui.

— Não sou dos que entendem que se deve opprimir: os governos conseguem mais do povo com a clemencia do que com a tyrannia, mas o respeito á lei é necessidade de ordem social. Querias que a extracção do minerio fôsse permittida a todos? Já

sei que vens argumentar com a riqueza da terra, isso, porém, daria em resultado uma terrível anarchia porque, julgando-se todos iguaes e abandonados aos seus proprios instinctos, que seria d'essa mesma terra? O prestigio da autoridade é indispensavel e esse prestigio ou é mantido pela persuasão ou pela força.

— Dize de preferencia: pela crueldade. Mas deixemos esses assumptos. Vamos tratar do que nos interessa. Que dizes de uma grande festa na minha chacara para receber o rajá?

— Pretendes fazer . . .

— Que dizes?

— Eu . . . francamente . . . lembro-te o conde de Valladares.

— Desconfias que esse principe indiano seja um espião da cõrte portuguesa?

— Não sei, mas não te parece estranho que um nababo duzentas ou trezentas vezes millionario, em vez de demorar nas grandes cidades européas, onde a vida é um prazer constante, venha exilar-se neste arraial triste, entre montes, e tão escasso de recursos que os mais abastados vivem com sobriedade?

— Mas não te disse que elle vem para estudar os processos da extracção do ouro e do diamante!

— E crês?

— Não tenho razão para desconfiar.

— Tens os precedentes.

Calaram-se. A tarde cerrava-se em ouro e purpura. Na igreja do Carmo soavam vagarosamente as badaladas da Ave-Maria. Os escravos, que trabalhavam nas minas, vinham recolhendo-se com

as suas bateias, alavancas e almocafres. As aves gazilavam já acconchegadas aos ninhos e os curiangús saíam para a estrada, aos saltinhos, annunciando a lua. As vozes nocturnas levantavam-se dos largos campos, dos vallos profundos e uma bruma tenue afumava os montes.

— Vamos voltar, propoz Saavedra.

— Se fôssemos ao rancho das cruzes ?

— Á casa assombrada ?

— Tens medo ? O jovem advogado sorriu cravando os acicates no ginete. Essa historia de assombramento é bem arranjada, meu amigo. Posto que digam que aquillo é um sitio maldito, percorrido por espectros, porque ali foram enforcados varios garimpeiros no tempo do conde das Galvêas, posso garantir que, tendo, por vezes, em horas altas da noite, transitado sósinho pela estrada nunca encontrei duendes que me embargassem o passo, em compensação já vi uma formosa criatura dirigir-se á casa mal assombrada . . .

— Uma mulher ?

— Sim, mulher e formosa !

— Viste-lhe o rosto ?

— Não, mas posso garantir que o era porque o galante Rodrigo, é homem exigente e era elle quem a acompanhava.

— E seguiram para o rancho das cruzes ?

— Como nós vamos seguindo.

Escravos que passavam, alguns com algemas, reconhecendo o grande morgado, inclinavam-se humildemente pedindo a benção.

— Ahi vão os teus protegidos, Fernandes. É para taes brutos que pedes a liberdade ? O meu

alazão vale mais do que qualquer desses negros e que, não sendo escravos, soffrem tanto ou mais do que os proprios escravos. Mas não insistamos no assumpto. Estamos diante do rancho.

Era um tejupá á cuja sombra havia tres cruces toscas. Velhas beatas costumavam accender velas ás sextas-feiras para alumiar as almas dos garinpeiros que ali haviam sido executados as quaes, no dizer do povo, appareciam de quando em quando assombrando os caminhanes.

— Se descansassemos aqui um instante, Afonso ?

— Queres esperar as almas penadas ou Rodrigo e a sua dama ?

— Preferia as almas. Damas tenho-as eu visto muitas e almas seriam as primeiras.

— Pois eu preferia a dama. Mas a noite já se vai tornando fria. Acho mais prudente voltarmos. Deixemos o caminho livre a Rodrigo que, talvez, já esteja por ahí ansioso a espiar-nos. Temos hoje ladainhas.

— São capazes de julgar que andamos em aventura de amor e como temos em grande conta a nossa virtude... disse a rir o morgado.

— A mim pouco me importa que me julguem azevieiro. Que não me accusem de conspirador, o mais... Se me não virem na igreja são capazes de dizer que frequento conciliabulos de conspiradores.

— Principalmente porque andas commigo, que não sou olhado com bons olhos.

— Por isso não. Ninguem suspeita de ti, Fernandes.

— Também meu pai era tido em conta de leal servidor da corôa, todavia . . .

— Mas vamos, os sinos sôam. E dando de re-deas aos cavallos galoparam pela larga estrada em direcção ao arraial.

## II

### A FAMILIA SAAVEDRA

Dentre as familias que, nesse tempo, habitavam o Tijuco, era a dos Saavedra uma das mais requestadas, não só pela grande fortuna de que dispunha, que lhe permittia viver com fausto, como pela distincção fidalga com que recebia.

D. Iguez Saavedra, illustre dama, que se dizia descendente de nobilissima casa do Alemtejo, que havia dado ao reino nobres e indefessos pares, notaveis não só nas armas como tambem nas letras, tendo um dos seus conseguido a mitra episcopal, posto que ainda conservasse no rosto certa frescura de mocidade, tinha a cabeça toda branca e vestia, modesta e austeramente, de preto, como se quizesse guardar luto perpetuo pelo chefe da illustre casa, morto no sertão, á frente de uma bandeira.

Virtuosa no viver e de muita religião todas as manhans ia, em piedoso exercicio, á igreja do Carmo e, ajoelhada ante o altar da Virgem, rezava

com tanto fervor que, muitas vezes, as lagrimas lhe saltavam dos olhos e, tão emocionada ficava que, para arredá-la do templo, era necessario que escravas acudissem. Taes provas de contricção faziam com que ella fôsse considerada como um exemplo que os padres apontavam beatamente.

Dois filhos cercavam-na de cuidados sollicitos: Affonso e Leonor. O primeiro, já tivemos occasião de o encontrar na estrada do Tijuco, em companhia do morgado do Grijó. Vejamos a douzella e justamente quando, sem artificios, desataviada de ornatos, mais formosa parece na simplicidade do traço com que deixou o leito, que ainda conserva o sulcô do seu formoso corpo virginal.

É quasi uma profanação penetrarmos essa camara que a castidade habita, mas por uma janella aberta sobre o cuidado jardim entra o sol e um jasmineiro entorna a folhagem florida. Ei-la de joelhos diante da imagem da Virgem. As suas escravas, que são as suas mais fieis amigas, conservam-se á distancia. Reza. Vêde a sua abundante cabelleira loura que, rolando em ondas, despenha-se-lhe dos hombros e ainda se espalha pelo chão fazendo com que os olhos illudidos acreditem que o sol da linda manhan a reveste de luz.

Vêde a alvura da tez macia e fresca e da fronte marmorea e olympica. Comparai-lhe os olhos azues com o céu e dizei se ha, entre elles, alguma differença. A boca é uma flôr de cacto, o pescoço torneado, subindo dentre as finas rendas da bata de linho, é uma maravilha; o collo, que se denuncia por um manso estuo, é pequenino e as mãos são como flôres, mimosas e delicadas.

Agora que ella se levanta, vêde-lhe a graça ondulante do talhe, vêde-lhe as curvas suaves do corpo, e escutai-lhe a melodia da voz, mais dôce que os sons do cravo que ella fere com sentimento quando, nas festas domesticas, lhe pedem um romance apaixonado que faz sonhar os jovens e arranca suspiros ternos aos velhos melancolicos. Juntai a essa belleza corporal todas as bondades, a alma mais caridosa e meiga que jámais se occultou em coração humano e tereis . . .

Ah ! não — é bem mais linda que a descripção a pinta, é bem mais linda. . ! Imaginai com o pouco que eu vos disse a criatura admiravel que, por fraqueza, não consigo fazer com que vejais. Se os moços suspiravam por ella ambicionando possui-la, os velhos abençoavam-na, e, em todo arraial, a pobreza dividia entre a Virgem do Carmo e Leonor Saavedra o seu culto, porque uma concluia o milagre que a outra começava.

Essa criatura delicada, que tinha o porte altivo de uma rainha, não se desdourava de fazer parar a sua liteira á porta das choupanas e de ir, com as suas mãos finas, mais brancas do que as açucenas, acariciar o enfermo e a criancinha pobre, como uma santa que era, formosa e caritativa como a propria Virgem do Carmo.

Foi numa gloriosa manhan muito azul que uma das mucamas de Leonor, justamente quando a acompanhava ao banho, falou com certo ar de mysterio da proxima chegada do principe indiano, porque havia surpreendido uma conversa de Affonso e de João Fernandes. No Tijuco commentava-se com aguçada curiosidade a presença do mysterioso

asiatico, que fôra portador do recado do rajá e muitos, por verem-no com tantas galas, haviam-no tomado pelo proprio principe de sorte que, quando a mucama referiu o que ouvira Leonor, que já afflorava a agua tepida com a ponta do pequenino pé, deteve-se perguntando :

— Então o principe não é esse bugio velho que por ahí passou ?

— Não, nhauhan ; esse é um aio.

— Aio ! com tanta riqueza ?

— Então, nhanhan ?

— Tu estás sonhando, Luiza.

— Nhanhan, se eu falo é porque sei ; eu não advinho. Nhanhan bem sabe que sou esperta : só não sei o que não quero saber. Hontem eu andava passeando no jardim quando vi dois homens no banco que fica por baixo da latada, falando muito em segredo, tão juntinhos que a sombra dos dois na claridade da lua era uma só. Fui chegando devagarinho, devagarinho e vi que um d'elles era nnonhó.

— É o outro ?

— Era o morgado. Como eu gosto de andar a par de tudo fui-me arrastando como uma cobra. Olhe lá ! nhanhan, não vá agora dizer a nnonhó que eu lhe contei estas coisas ! Mas fui indo, fui indo e fiquei mesmo debaixo do banco quietinha, encolhida, e ouvi tudo.

— É que disseram elles ?

— Falaram do principe.

— É moço ?

— Parece que sim. Disseram que elle tem muitas minas e muitos escravos e que vem ao Tijuco só para ver como se trabalha na mineração.

— É casado?

— Disso não falaram. Querem vêr que nhanhan está apaixonada pelo principe que não conhece! ?

— Não, não estou apaixonada, mas gostaria de casar com um principe indiano. Quando, em pequena, me contavam, á noite, historias de reinos encantados ficava horas e horas na cama a fazer castellos. Imaginava-me uma linda princeza, tendo por madrinha uma poderosa fada que me fazia todas as vontades, dando-me palacios maravilhosos, seges tiradas por leões, muitas pedras finas e escravos negros que me levavam em palanquins ao som de musicas. Meu marido era um principe que vivia encantado em um bosque e eu, com o auxilio da minha madrinha, ia desencantá-lo e voltava com elle para o meu palacio todo de marmore, ouro e marfim, no meio de um exercito de gigantes.

— E nhanhan queria viver assim ?

— Se queria . . . !

— Quem sabe se esse principe não é encantado . . . ?

— Não ha encantos, Luiza.

— Então não ha fadas, nhanhan? e bruxas?!...

— Qual . . . !

— Pois eu acho que ha. Tenho visto tanta coisa . . .

— Tu ?

— Eu sim, senhora.

— Pois eu, até hoje, ainda nada vi que me provasse a existencia das fadas. Ah ! se esse principe fôsse como os das historias . . .

— Nhanhan era capaz de casar com elle ? . . .

— Eu ? hoje mesmo.

— E eu ia com nhanhan ?

— Se quizesse.

— Comtanto que elle não me assustasse . . . porque dizem que essa gente encantada ora apparece muito bonita, ora apparece com focinho de bicho e roncando que nem porco. Já me contaram que uma moça casou com um principe muito bonito, que tinha uma estrella de ouro na testa : pois na mesma noite do casamento elle virou urso e comeu-a. Eu, com gente encantada, nem p'ro céu. De que serve dinheiro, belleza se aquillo tudo é coisa do diabo ? Nada ! Se esse principe vier, é bom que nhanhan, que já está com essas idéas, vá examinando bem o homem para não se arrepender mais tarde.

— Descança, nada farei sem o conselho de minha madrinha. Estou certa de que ella não me deixará cahir nas mãos de um ogre.

— Pois sim . . . Mas olhe que a agua está esfriando. Enquanto o principe encantado não chega, vá vosmecê tomando o seu banho. Lê riram.

Leonor metteu-se nagua e, enquanto a muçama lhe ia maciamente esfregando as costas, sempre enlevada no seu sonho, continuou a falar do principe e da vida que levaria se o desposasse.

Affonso tambem esperava com ansia a chegada do rajá e, á noite, no esplendido salão dos Saavedra, damas e cavalheiros não falavam em outra coisa senão na proxima vinda do principe indiano. A viuva, porém, sempre recatada, parecia indifferente. Tambem ella, além da sua idade, era de

natural tristonho e amava tanto o silencio que passava os dias encerrada no seu quarto ou na capella, donde os filhos iam arrancá-la trazendo-a sempre lava-la em lagrimas. Leonor dizia, afagando-a mimosamente :

— Ah ! mamãi, nem tantos são os seus peccados para que se mortifique assim. Não ha em todo o Tijuco criatura mais religiosa do que a senhora nem que tão estrictamente cumpra os mandamentos. Para que se ha de martyrisar tanto ? Deus não quer sacrificios. A vida já é triste e nós devemos procurar amenisá-la e não entristecê-la mais. Se é por papai que chora, descance ; elle não foi um homem honrado e piedoso ? Foi, então . . . ? Vamos, não chore mais. Venha commigo, vamos dar uma volta pela chacara.

E a viuva seguia abafando os soluços. Às vezes, á noite, sentando-se na cama bradava pelas escravas que acudiam encontrando-a espavorida, com os olhos immensamente abertos, a tremer, pronunciando palavras inintelligiveis. Logo saltava da cama e, reunindo todas as negras, mandava illuminar a capella e ficava em oração até o romper do dia. Todas as sextas-feiras os sinos da igreja do Carmo dobravam funebremente, já todos sabiam que D. Ignez lá estava, muito devota, ouvindo missas que mandara rezar pelos mortos. Aos sabbados a portaria da sua casa ficava apinhada de pobres e ella distribuia esmolos fartas, recommendando a todos que pedissem por ella ao Senhor. Se lhe constava que havia algum enfermo, logo mandava preparar a sua cadeirinha e ia levar-lhe alento e recursos. Santa senhora !

Leonor, para alegrá-la, falando a proposito do rajá, dizia que, se o desposasse, havia de levá-la para a India. Queria vê-la num alto e resplandecente palanquim ou sobre o lombo de um elephante moroso, coberto de xaireis preciosos. Affonse tambem ajuntava palavras aos dizeres da irman combatendo a melancolia da viuva :

— Tenha paciencia, mamã, mas nós precisamos acabar com esta vida taciturna. Todas as casas do Tijuco abrem-se festivamente, só a nossa se conserva severamente fechada, é por isso que temos fama de avaros e orgulhosos. Eu respeito a saudade, mas tambem não podemos passar a vida a commungar e a ouvir missas, que isso até faz mal. Cuidemos d'alma, mas não esqueçamos o corpo.

— Que queres que eu faça, Affonso ?

— Quero que se divirta.

— Mas se eu não tenho gosto, filho.

— Porque habituou-se a essa vida mystica, de beatice. Ha por ahi outras viuvias mais recentes que não se embiocam tanto.

— Mas... eu não sou como essas mulheres : eu sinto. Quem sabe se pensas que finjo ?

— Não digo que finja, mas acho que deve combater a tristeza. Afinal nem parece bem que nos divirtamos quando todos a vêm sempre balbucian-do rezas á beira dos altares. Nem que a senhora tivesse um remorso.

A viuva estremeceu e cravou os olhos no mancebo.

— Remorso ! Eu ? Remorso de que, Affonso ?

— De nada, mas é o que parece.

— Porque ? Alguem disse isso ?

— Não, ninguém disse ; digo eu.

Ella suspirou e retirou-se para os seus aposentos muito pallida e nervosa. Leonor, sempre feliz e afagando o sonho do seu noivado com o principe indiano, continuava a falar á sua mucama confiante, fazendo planos de uma vida magnifica em palacios fantasticos e, até horas altas da noite, as duas, no quarto, á luz duma lampada, conversavam enlevadamente sobre essa ventura imaginaria.

### III

#### O PRINCIPE VARUNA

Oito dias depois de haver João Fernandes deixado o Tijuco numerosa e estranha caravana entrou no arraial e logo espalhou-se a noticia da chegada do rajá.

A curiosidade foi grande: queriam todos vêr de perto esse nobre filho das regiões maravilhosas do Oriente. Para as donzellas, como Leonor, e para as crianças elle vinha d'um fundo de deslumbramento, como uma personagem de lenda; para as velhas beatas tinha alguma coisa de mystico, porque lembrava os magos que haviam adorado Jesus em Bethleem.

O sol brilhava quando dois negros formidaveis, com plumas longas na cabeça, montando fogosos ginetes, atravessaram as ruas sordidas do arraial, cheias de cães, enlameadas, por entre o casario acaçapado da pobre gente; depois uma cavalgada ostentosa, com jaezes de ouro, passou ladeando

riquissima liteira; e outras seguiram-se e, até á tarde, rodaram pesados carros e mulas trotaram carregadas em direcção á chacara da Xica da Silva.

Ninguém viu o rajá. Alguns, affirmando terem lóbrigaõo o interior da liteira no momento em que uma lufada levantara a cortina, descreviam, com muita imaginação, o principe; outros affirmavam com convicção que elle se havia deixado ficar atraz para entrar á noite, quando todos estivessem recolhidos e houve quem ficasse até tarde, á jauella ou caminhando pelas ruas caladas, com o ouvido á escuta.

Elle, porém, já lá estava na sua residencia provisoria e, como se ainda quizesse aguçar mais a ausia dos moradores da povoação, encerrou-se na grande casa e debaide curiosos iam rondar as immediações, nada conseguiam ver através das janelas discretamente fechadas.

Todas as manhans dois grandes negros, com adagas á cinta, vestidos á maneira asiatica, iam ao mercado; mas, ou porque fôsem mudos ou por não entenderem a lingua dos naturaes, não respondiam ás perguntas que lhes eram dirigidas e logo que se haviam aviado, enchendo profundos ceirões que levavam aos flancos de jumentos, tornavam ao palacio, sempre acompanhados de multidão curiosa.

Commentava-se variamente a presença do indiano e já corria, com visos de verdade, que era um falso principe e verdadeiro espião do marquez de Pombal, que ali se installara para observar a vida dos ricos senhores, cujo procedimento ia-se

tornando suspeito ao terrível ministro de D. José. E, longe de procurarem entabolar relações, os afortunados do Tijuco pensavam em retrahir-se para que o embaixador do grande carrasco não chegasse a estabelecer intimidade, entrando-lhes no segredo da vida. E assim, repentinamente resfriados os animos, houve uma acalmia favoravel a Varuna, que preparava esplendidamente a sua nova residencia para inaugurar uma vida de fausto com que devia deslumbrar a gente do arraial.

Affonso Saavedra, incontestavelmente o moço mais elegante do tempo que, por assim dizer, dava a nota nos salões, respondia com graçolas ás palavras timidas dos que annunciavam para o Tijuco uma nova éra de delações e de injustiças :

— Ora, meus amigos, não façamos juizos temerarios. Quem ahí está é um principe indiano, um principe authentico, com a sua côrte exotica. Acreditam que o avaro marquez daria tamanha prodigalidade para exercer justiça, quando sabemos que elle não tem escrupulos em mandar prender fulano ou sicrano, porque é homem para embarcar o proprio rei com um ferro aos pés para as areias de Angola ! Qual ! Os espiões do Pombal são todos da laia do conde de Valladares, incapazes da mais infima despeza, e o homem que ahí está conosco é um dissipador da minha escola. Vão aos jardins e vejam : nem quando se construia no bosque do Libano o famoso templo de Salomão havia tanto martellar e andavam tantos operarios em exercicio.

— Mas porque não apparece esse homem ?

— Sei lá .

— Vai já para um mez que aqui está e ainda ninguem lhe viu a côr dos olhos.

— Quer, certamente, pôr a casa digna da sua fidalguia

— Ora ! que mais pôde elle fazer ? Onde irá elle encontrar casa mais rica do que essa ? Nem que fôsse um rei !

— É um principe.

— Pois sim, fie-se nelle.

— Não o receio. Não conspiro, por isso não temo as denuncias; o medo ainda me não fez bater o coração. Se disser contra mim alguma falsidade, não me será difficil justificar a minha innocencia ; se injuriar-me não repetirá a outro homem as palavras vis que me dirigir. Espero tranquillamente que se desvende o mysterio, mas quasi que affirmo que esse mancebo ou velho tão mal suspeitado e temido, é uma excellente criatura que nos vai proporcionar magnificos prazeres.

— Eu é que não ponho os meus pés na tal casa.

— Nem eu !

— Nem eu !

— Tenho muito amor á vida.

— Não me hei de esquecer do que aconteceu ao desembargador João Fernandes, que por muita complacencia e ingenuidade foi acabar em Lisboa, sem nunca mais poder tornar, para morrer, ao menos, nas terras do Tijuco.

— Pois eu, se fôr convidado, lá irei com muito prazer, e confesso que ardo em impaciencia. Esses asiaticos sabem levar a vida — gosam como deuses. Ou eu sou um homem sem presentimentos ou o Tijuco vai ter uma phase de esplendor.

— Ou de delações.

— De delações, pois que seja ! Comtanto que nos divirtamos. Eu tenho tentado falar a hindús negros que apparecem por ahi, mas os brutos são surdos como penedos. Hontem pareceu-me vêr uma linda moça morena passeando nos jardins.

— Viste ?

— Não digo que vi, porque a sua passagem foi rapida como a de uma apparição, mas pelo que meus olhos perceberam posso garantir que era de esbelto talhe e donairoza.

— Mas . . . era mulher, Affonso ?

— Talvez fôsse homem, esses orientaes, com as vestes que usam, deixam ás vezes, a gente em duvida sobre o sexo. Homem ou mulher, quem quer que fôsse, nada tinha de suspeito. Emfim . . . esperemos. A menos que não seja por ahi um bruxo, mais dia, menos dia ha de apparecer. Esperemos.

— Mas não com os copos vasioz.

-- Como queiram. Eh ! homensinho . . . !

Conversavam assim em lobreza locanda, á luz fumarenta de uma lanterna tisnada Affonso Saavedra e varios rapazes alegres do Tijuco. Affonso guiava todas as tardes o seu ginete para os lados da chacara da Xica da Silva e ali ficava curiosamente na esperança de vêr alguém, quando não fôsse o rajá, um dos homens da sua companhia, tudo, porém, lhe apparecia deserto e calado.

— Parece uma casa fantastica, aventurou um dos rapazes. O parque está mais viçoso agora do que no tempo de João Fernandes que, entretanto, era exigente — não ha uma folha secca nas ala-

medas, a agua dos lagos fulgúra sempre limpida, tudo reluz. De gente, porém . . . nem sombra!

— São, com certeza, os genios da noite que se encarregam do serviço.

— Não digas brincando, Affonso.

— Falo serio.

— Que ha encantos está provado.

— Sim, não nego: o das mulheres bellas, por exemplo.

Ergueu-se impetuosamente:

— Mas, pelo amor de Deus, não queiram vocês que eu os tenha em conta de ingenuos. Que as velhas beatas acreditem em duendes vá, mas rapazes alegres, que cingem uma espada, que galantéam, que correm aventuras . . . pelo amor de Deus! Querem vocês fazer uma partida ao rajá?

— Qual?

— Vamos lá pedir-lhe ceia. Se é um fidalgo ha de receber-nos gentilmente; se nos mandar expulsar pelos famulos terá amanha o trabalho de os enterrar. Dito?

— Não.

— Tens medo do genio truculento que guarda a entrada da chacara?

— Não, mas é uma descortezia irmos bater á porta da casa de um homem que ainda não vimos sequer.

— Pois eu estou prompto.

— Não tenhamos tanta pressa. Se o rajá é um homem como nós outros por certo que não se ha de deixar ficar para o sempre entre as grossas paredes do palacio. Cá fóra sempre o ar é mais puro. Não tenhamos pressa, elle ha de apparecer.

— Certamente.

— E se não apparecer nós lá o iremos buscar para que se mostre. É necessario que conheçamos o hospede que temos na terra.

— Elle ha de apparecer, Affonso.

Effectivamente um dia appareceu. Iam os escravos para as minas, era ainda indecisa a luz da manhan, quando, da chacara famosa, sahiram dois guapos cavalleiros.

Um era airoso mancebo, de feições delicadas, levemente moreno. Ligeiro buço sombreava-lhe o labio superior; vestia á oriental, trazendo á cinta uma riquissima adaga lavrada, scintillante de pedrarias. O companheiro, posto que não tivesse o viço da mocidade, era um magnifico varão robusto e esbelto.

Abaçanado e glabro, tinha tal fulgor nos olhos que o seu olhar como que alumiaava.

Montavam garbosos alfarios negros e dois lebreus seguiam-nos a par e passo.

Logo que foram avistados, a noticia correu e todas as casas desacostumadamente abriram-se áquella hora matinal, porque a ansia de vêr os hospedes de João Fernandes era maior que o prazer do somno e do que o voluptuoso aconhego tepido do leito. Velhas donas, raparigas, rapazes, sahiram ás portas e, vendo o celebrado principe, foram unanimes em dizer que a natureza havia sido prodiga com elle dando-lhe tantas graças.

— Mas meu Deus! parece uma moça! exclamavam.

— Que lindo que elle é!

E o principe, domando com donaire o seu gi-

nete, sorria aos elogios que lhe dispensavam. Quando passou diante da casa de D. Ignez Saavedra um gritinho chamou-lhe a atenção. Voltando-se viu á janella Leonor.

A donzella, maravilhada com a belleza do principe, não poude sustar aquella expansão e cravou longamente os olhos no indiano que, com gentileza, fez um ligeiro aceno de cabeça. Luiza, que se achava ao lado de Leonor, observou risonha :

— Elle cumprimentou, nhanhan.

— Como é lindo ! poude apenas murmurar a donzella presa á gelosia, seguindo com o olhar o principe que ia longe.

Durante todo o dia não se falou em todo o Tijuco senão no apparecimento do rajá. Affonso de Saavedra estava radiante e andava de grupo em grupo, dizendo :

— Então ? Ah! têm o emissario do marquez, um guapo rapaz e lindo como a mais linda moça. Bem me dizia o coração. Creio que agora, depois que o viram, não insistirão em dizer que é um miseravel delator encarregado de vir aqui fiscalisar os nossos actos para transmittir á côrte accusações e mentiras. Hão de vêr que é um cavalheiro, porque não creio que tão formoso rosto possa esconder alma perfida.

E todos que haviam visto o rajá concordavam com Affonso. Quem seria o velho que o acompanhava ? diziam uns que era o pai, o velho rajá que abdicara; outros, fazendo-se informados, garantiam que era um aio de confiança e nasciam conjecturas diversas.

Varuna, que havia percebido o movimento de

Leonor quando passava diante da casa dos Saavedra, de volta á sua residencia, galopando pela estrada larga, falou ao companheiro em voz baixa, bem que não houvesse viv'alma no caminho áquella hora de trabalho :

— Viste á janella da casa aquella linda moça, Parajára ?

— Sim . . . vi.

— Quem será ?

— É a filha do homem branco. Quando deixamos Pirapora já a mulher má caminhava vagarosamente, mal occultando a gravidez.

— É linda, Parajára !

— É linda ! repetiu o indio que os leitores reconheceram sob o faustoso disfarce.

— Francamente, não me ha de ser difficil representar com ella a farça terrivel.

— Nem com elle, ajuntou o tamoyo ; o rapaz é airoso e tem os traços delicados.

— Tanto melhor.

— E acredito que não has de ter muito trabalho com a menina porque, á primeira vista, o seu coração resentiu-se. A surpresa apenas não lhe daria tanto brilho aos olhos.

— Julgas que ficou impressionada, Parajára ?

— Garanto !

— Bem. Vamos então cuidar da festa.

Correram dias. O povo, já habituado com o rajá que, todas as manhans, sahia a passeio acompanhado do asiatico, não perdia, entretanto, enseo de o vêr e bastava que uma criança o annunciasse para que se escancarassem todas as janellas e a gente acudisse a olhar.

Uma manhã, o mordomo do rajá appareceu em casa de Ignez Saavedra com um convite para a festa com que elle pretendia inaugurar a sua residencia.

Toda a nobreza do Tijuco recebeu convite igual e como entre o dia da distribuição e o da solemnidade medeiava dilatada semana, foi grande a ansiedade principalmente das damas, que desejavam ver de perto o principe, apenas entrevisto nessa manhã da sua primeira apresentação.

Foi grande o movimento no arraial: as muçamas, tiradas do serviço, passavam os dias costurando entre nuvens de rendas, com fios d'ouro e arrecadas de perolas e, até noite alta, aquellas mesmas casas, que tão cedo cáhiam em silencio, rumorejavam em serões alegres. Os mancebos, por seu turno, recorriam aos alfaiates, encommendando, com pressa e capricho, os trajos com que deviam apparecer na festa do nababo. As armas, cuidadosamente brunidas, ganhavam brilho ao sol; as joias, posto que scintillassem ainda, eram lavadas e escovadas; os mesmos arreios dos animaes das liteiras davam cuidados aos senhores que, por emulação, para que não apparecessem inferiores ao visinho, recommendavam aos escravos o mais esculpulozo aceio e muitos dos negros que trabalhavam nas minas e nas gupiáras foram retirados para serviço de maior urgencia.

Dos rapazes que costumavam ostentar os seus ginetes faustosamente ajaezados raros eram os que appareciam nas ruas como se quizessem tomar repouso para, no dia tão ansiosamente esperado, mostrarem-se frescos e descansados, com as viçosas

cores que depressa esmorecem com a fadiga e os excessos. O proprio Affonso, tão irrequieto e amante de aventuras que, pelo menos uma vez por semana, sahia com amigos a uma batida nos serros, fiscalisava os trabalhos dos negros, recommendando que pulissem o punho da adaga ou corria ao seu alfaiate para vêr o andamento em que ia a sua fatoriota, toda de finissima seda da India. Leonor, tão indifferente a festas, andava azafamada activando as mucamas, querendo mais perolas e diamantes, e isso não passou despercebido á austera D. Ignez que, sorrindo e fazendo-lhe mimos, observou que não era sem surpresa que a via tão occupada.

— Parece que sympathisaste com o principe, minha filha.

— Eu!? Por que diz isso, mamãi?

— Andas tão activa e zelosa . . . tu que nunca deste importancia a festas, preferindo viver aqui como freira.

— Ah! não me interessam as festas do Tijuco. A essa vou apenas por curiosidade. Mamãi bem sabe que tive sempre o espirito voltado para o Oriente. Depara-se-me occasião de vêr un principe em todo o seu esplendor, é natural que a aproveite. E, se me occupo tanto com os meus vestidos é porque não quero que as outras, que me não costumam vêr, possam imaginar que sou descuidada ou sem gosto. A não ir bem, melhor será deixar-me ficar em casa. A senhora não pensa assim?

— Certamente. Mas tu não precisas de tantos atavios porque tens os mais raros, que Deus te deu.

— Quer dizer que sou bella . . . ?

— Eu não, dizem todos.

— Ah ! dizem todos, mas nem por isso dariam attenção á minha belleza se eu me mostrasse com trajas pobres como uma mendiga.

— Ora ! exclamou Luiza. Nhanhan com esse vestido velho e simples faria mais do que todas essas moças daqui, mesmo que ellas fôsem vestidas com pedaços de céu. Quem é ahí que tem uns olhos como os de nhanhan ? Eu se fôsse moço . . .

— Que farias ? perguntou Leonor sorrindo.

— Eu ! se fosse moço e rico . . . Ora ! Eu só queria vêr.

— Casavas commigo . . . ?

— Era logo . . .

— E se eu não quizesse ?

— Nhanhan havia de querer.

— E se eu não gostasse de ti ?

— Eu furtava nhanhan.

Riram, mas Leonor, vendo que a mucama se ia distrahindo com a conversa, tornou-se logo sizuda :

— Está bem, vamos com isso, não ha tempo a perder. E mamã já mandou forrar a minha liteira ?

— Sim, mandei.

— De sêda carmezim, como eu pedi ?

— De sêda carmezim, com flores de ouro.

— E as lanternas ? Quero as maiores, de prata.

— Irão as de prata.

— E os negros, que me vão acompanhar, bem fardados. Eu sei que todos estão caprichando e se eu vir alguém com mais luxo do que eu, volto para casa e nunca mais saio.

— Mas, minha filha, faze o que entenderes; eu estou por tudo. Se quizeres levar commigo todos os negros leva-os.

— Isso não.

— Então ? O meu prazer será grande se souber que foste a mais rica, não digo a mais bella, porque d'isso estou eu certa. E o principe, se é homem de gosto, pensará connigo.

— Ora ! o principe . . . um homem que está acostumado a ver as mais lindas mulheres do mundo.

— Mas ainda não viu a mais bella.

— Já sim, senhora, emendou a mucama, por signal que ficou tão espantado que se voltou todo no cavallo para olhar.

— Para que has de mentir, Luiza ?

— Mentindo ? Eu não estou mentindo, nhanhan. Eu vi !

— Que viste tu ?

— Que vi ? Ora . . . ! Então nhanhan pensa que eu sou cega ? Então o principe não voltou a cabeça para olhar vosmecê ?

— Como olhou para mim olhou para todas as outras que estavam ás janellas.

— Que outras, nhanhan . . . ?

D. Ignez sorria ouvindo a discussão da filha com a mucama. Leonor, com duas rosas nas faces, olhos baixos, não respondia e Luiza, garrula, referia-se á belleza do rajá annunciando, com malicia, que as moças do Tijuco iam ficar com as cabeceiras viradas porque o indiano, além de rico como ninguem, era de uma belleza sem par.

— Realmente é lindo ! aventurou Leonor.

— Como poucas moças, acrescentou Luiza. Eu nunca vi homem com uma cara assim, juro por Nossa Senhora !

A noite desejada chegou, e, como se o céu quizesse também concorrer para o brilhantismo da festa a lua, em pleno, illuminou os caminhos nesse tempo perfumados pelas flores silvestres. Desde cedo começou a affluencia á chacara da Chica da Silva — cavalgadas e sequitos de liteiras e cadeirinhas e as cercanias ficaram como um acampamento vistoso com o luxo das librés dos pagens e dos palafreiros e conductores de vehiculos. Um povareu curioso apinhava-se diante da residencia; vendedores de doces, frutos e refrescos apregoavam; formavam-se rodas de dança ao som de violas e machetes. O parque e a casa estavam profusa e artisticamente illuminados. Ao longo dos tableiros, orlando-os, ardiam fogos de côres em linhas bizarras ou eram desenhos que se destacavam graciosamente da verdura. Aqui uma desconforme serpente contorcida ameaçando um alce; adiante uma avestruz chammejante a galopar pela relva. No lago, além dos pequeninos barcos que se cruzavam caprichosamente decorados a lanternas semelhando flores, com musicos ao centro, destacava-se uma ilhota fulgurante onde uma afinada orchestra executava minuetos e gavotas. Por vezes mulheres surgiam da agua cantando como sereias. Em todas as moutas instrumentos abemolavam.

O pomar tinha um aspecto fantastico, — as arvores estavam carregadas de frutos luminosos e tanta era a luz que os que vinham ao longe olhando, o céu para aquella banda, tinham impressão do romper d'alva.

À entrada do palacio haviam estendido um velario de sêda com franjas de ouro, sustentado por varaes de prata e, na varanda, como no vestibulo de um templo oriental, formando alas, quatro elephants enormes, que pareciam vivos, sacudiam as trombas molles, donde sahiam rolos de fumo aromatico que embalsamavam a noite. O soalho, copiosamente regado a essencias, trescalava e, numa sala interior, transformada em bosque, uma fonte de perfumes murmurava, entre rosas. Tantas eram as flores que as paredes quasi desappareciam e, de espaço a espaço, nas salas, ao longo dos corredores, um hindú, ricamente vestido, montava guarda firmado á lança.

No grande salão o fausto era deslumbrante. Imenso tapete, alto e fofo, representando a entrada de Duchanta no eremiterio de Cannva, forrava todo o soalho, com a maciez de um relvedo. Pelos angulos grandes perfumadores expandiam, em novellos de fumo, o capitoso aroma das resinas orientaes. Os moveis eram preciosos e, no meio do salão, nos ramos de uma arvore de prata, ardiam milhares de pequeninas lampadas em fórmula de frutos.

Como a ceia devia ser servida no parque, este fôra convenientemente preparado, coberto duma areia micante que, com o fulgor das luzes, dava a impressão do ouro. O salão de jantar fôra reservado para uma surpresa. Num bosque de palmeiras espalhavam-se cabanas. Toda a casa ornamentada tinha aspecto feerico. Negros, perfilados diante das portas, com altas lanças, immoveis, pareciam esculpturas. Gazellas mansas com colla-

res de guizos, os cascos doirados, iam e vinham tilintando; aves esvoaçavam, encandeizadas com a fulguração das luzes; simios grugulhavam escondendo-se, medrosos, entre os arbustos e melancolico, indifferente, um velho de grandes barbas, sentado a um canto, lamuriava tamborilando em atamanes. Numa saleta havia uma fonte de refrescos e dum rochedo de crystal manava um fio rôxo de vinho de Chiraz.

Affonso Saavedra, que ansiava por se vêr diante do príncipe, lidava com Leonor para que fôsse mais expedita porque tardava em sahir da camara e já os salões deviam regorgitar de convidados.

— Ora, mano, não ha tanta gente assim no Tijuco.

— Sim, mas ao baile não vai sómente a gente do Tijuco: centenas de convites foram espalhados pela redondeza.

— Descança que havemos de achar lugar.

— Sim, mas bem sabes que não vou ali simplesmente para dançar o minueto; quero vêr a ornamentação e tratar com o príncipe para verificar se tem o espirito tão rico como as suas areas.

— Peço-te apenas um minuto para que Luiza me empõe os cabellos e já desço. Manda chegar a liteira e podes retirar o teliz do teu cavallo.

Com effeito, instantes depois Leonor, mais bella que nunca, muito elegante no seu fino vestido de brocado, descia pelo braço do irmão para tomar a liteira que a esperava no pateo. Dois negros fardados, e com os braços dos Saavedra, esperavam apoiados ás varas de descanço terminando em forquilha de prata; dois outros, com pesadas lanter-

nas de prata, flanqueavam o vehiculo que um pagem precedia com outra lanterna e, para guardar a donzella, um grupo de escravos escolbidos entre os mais bellos e mais fortes seguia-a d'arma em punho.

O ginete de Affonso, negro e luzidio, escarvava o solo soffregos, como se tambem tivesse pressa, e, quando Leonor accommodou-se cerrando as cortinas da liteira, o pagem elevou a lanterna, os portadores tomaram aos hombros os varaes e puzeram-se a caminho.

A noite, bella e serena, de immaculado luar, estava cheia de cantos porque os senhores, occupados com a festa, esqueciam os escravos e os negros iam e vinham pelas ruas, em bando, zangarreando á cantarola.

Leonor, levada maciamente na liteira, ia tão entretida com o seu devaneio que nem ouvia os cantos dos escravos que saracoteavam trabucando nos seus atabaques ou picando as aspas dos urucungos.

O sonho possuia-a e que sonho era esse que, pela primeira vez, occupava o espirito voluvel da donzella ? era o Oriente. Indo ali, não se julgava em um pobre arraial de Minas, mas em Bassora ou em outra inaravilhosa cidade da India, cujas florestas estremecem com o fremito dos grandes tigres ou farfalham abaladas pelos monstruosos elephants ; cujos rios são viveiros de amphibios truculentos, mas em compensação, aguas e bosques recendem porque nelles desabrocham as mais bellas e perfumosas flores que Deus criou.

Julgava-se em caminho para o palacio de um

príncipe formoso, disputado por todas as mulheres, não sómente pela belleza do seu rosto e pela graça do seu corpo, como pela agudeza do seu espirito e valentia do seu braço. Escolhida, ia assentar-se no throno em que elle resplandecia como um astro entre os mais validos guerreiros e os mais castos sacerdotes.

Já de longe lhe chegava o aroma que as auras nocturnas traziam do palacio, e ella entreabria a cortina como para aspirar melhor o delicioso perfume; e, como visse o irmão que levava o ginete a par da liteira, como a guardá-la, interrogou-o:

— Affonso, que delicado aroma é esse?

— Não sei. Realmente é delicioso.

— E desconhecido. Nunca o senti.

— Nem eu.

— De que flôr será?

— Não conheço flor que dê tal cheiro.

— É estranho.

— Quem sabe se o príncipe não fez brotar, por encanto, uma nova flora para que a sua festa tivesse um perfume de magia? Dizem que esses indianos têm segredos para tudo, são servidos por genios que, da noite para o dia, edificam cidades. Quem sabe se o nosso hospede não possui um talisman...?

— Talvez.

De repente, porém, Leonor, lançando os olhos ao longe, não conteve uma exclamação:

— Oh! Que é aquillo...? Olha o céu...!

— É verdade.

— Parece incendio.

— E é justamente para os lados da chacara.

— Não vá o fogo privar-nos da festa.

— Mas realmente . . . Está tudo em carmin : o céu, as arvores, mesmo ao longe chega o reflexo.

— Talvez seja a iluminação.

— Não creio.

E Leonor, afflicta, falou aos portadores para que apressassem o andar e, com os olhos na claridade púrpura, nem sentia o fresco da noite tranquilla e de luar.

Por toda a extensão do caminho ardiam fogueiras em volta das quaes bandos alegres de africanos dançavam aos pinchos e liteiras passavam, e cavalleiros. Luzes tremeluziam como grandes vagalumes; mesmo nos serros appareciam oscillantes pontos luminosos bailando. Eram convidados que vinham de longe precedidos pelo escravo encarregado de os alumiar. Os negros, em passo cadenciado, iam num trotesinho, com arquejo tão afinado que parecia um canto e Affonso, sempre de olhos além, animava-os de quando em quando :

— Léstos, rapazes. Vocês têm muito tempo para descansar.

Cavalleiros passavam a brida solta, e, reconhecendo o moço Saavedra, saudavam-no, mas como iam ansiosos, não se detinham.

— Boa noite !

— Boa noite !

E lá iam, estrada fóra, levantando nuvens de poeira.

— Porque não desces a cortina da liteira, Leonor?

— Ora, o céu está tão lindo!

— Mas vais chegar coberta de pó.

— Mais um instante. Tambem esses rapazes vão tão devagar... Assim nem amanha chegamos lá.

— Estás afflicta! commentou Affonso, a sorrir.

— Não! mas a liteira fatiga-me.

— Estamos perto. Que te dizia eu...? Vês a chacara?...

— Sim, vejo... toda illuminada! Que linda!

— O que julgavamos incendio é um simples reflexo. Olha quanta gente á porta.

— Vai ser uma difficuldade para entrarmos.

— Não, eu vou á frente para abrir passagem. E, cravando os acicates, lançou o animal a galope.

## IV

### A RECEPÇÃO

Outro sem a energia de Affonso teria desanimado diante da multidão apinhada em frente da entrada principal da chacara. Eram pagens, de librés e altos chapéus emplumados, guardando liteiras ou cavallos de preciosos jaezes, outros que soffreavam ginetes; negros que haviam escapado á vigilancia dos senhores, almocreves, caboclos, até garimpeiros que, disfarçados, aproveitando-se do movimento, haviam deixado os seus agrestes refugios descendo á villa. Em esteiras familias pobres folgavam á luz de fogueirinhas que, illuminando, ao mesmo tempo cosiam bolos de farinha e leite. Cães rebolecavam-se alegremente na relva e o pregão dos vendedores de guloseimas, frutas e agna fresca atroava.

Chegando aos primeiros grupos, Affonso bradou e os da turba, reconhecendo-o, logo abriram passagem, certos de que elle a forçaria, ainda que

a custo de alguma vida. E o estroina, atirando o ginete ás úpas, fez caminho á liteira, tanto, porém, que souberam quem nella ia os da plebe romperam em aclamações alegres e a donzella, para corresponder ao carinho do povo, entreabriu a cortina e mostrando-se risonha, agradeceu, acenando com o seu pequenino lenço de rendas.

Diante da porta, duas altissimas pyramides verdes, cercadas de luzes, illuminavam os primeiros degraus alcatifados por um alto e fôfo tapete persa. Hindus enormes, vestidos com sumptuosidade, dois dos quaes empunhavam charamellas de prata, prestavam homenagem aos que appareciam.

Quando a liteira chegou ao vestibulo os buzinadores atroaram os ares com os seus instrumentos argentinos e o clangor foi tão grande que a donzella estremeceu levando as duas mãos aos ouvidos. Affonso saltou agil do animal offerecendo a mão á irman que, ao apparecer á claridade dos innumerous fogos, deslumbrante de belleza e de graça, os proprios guardas, postados em alas, murmuraram extasiados, elles que vinham do paiz onde a padmini e a chitrini fazem a delicia dos homens bem fadados.

Ainda que não comprehendesse as palavras que diziam, facilmente percebeu que della falavam e com admiração alegrando-se, não por vaidade, mas por se ouvir elogiada pela gente do principe, cuja imagem se lhe fixara no coração. Seguiram.

Não pisavam a terra, mas flôres que forravam toda a aléa e, de espaço a espaço, um alto alampadario de finissimas campanulas de crystal, espalhava claridade. O ar era puro aroma e, todo o

parque parecia de ouro, porque as luzes faziam brilhar, não só a folhagem do arvoredo como os troncos. Leves sons de instrumentos accordavam entre os massiços floridos e Leonor, deliciada, inclinando-se ao braço do irmão, murmurou :

— Que lindo, Affonso !

— É maravilhoso !

— As festas eram aqui deslumbrantes no tempo da mulata, duvido, porém, que fôsem como esta.

— Eu era menino, mas lembro-me bem das festas de *Sinhá Xica*, mas como esta . . . Olha aquelle bosque. Não ouves ?

— Um som de harpa.

— Sim. E as arvores . . . Olha o lago — está coalhado de barcos cheios de mulheres.

— Sim, são mulheres.

— Cantam.

— E tocam.

— Se aqui fóra é assim imagina o que será lá dentro.

Iam seguindo, mas detiveram-se num claro. Um grupo de bailadeiras, ao som da musica de um gádara, dançava cantando o dekhamin. Mas um grande velho surgiu dentre as moutas — magro, livido, de olhos profundos e singularmente brilhantes. Logo que o viram apparecer calou-se o musico e as bailadeiras foram recuando, levipedes como se as levasse um vento de magia. Depois de lançar os olhos em volta, vendo-se só, o velho tirou vagarosamente de uma bolsa que lhe pendia ao flanco um cálamo pequeno e pôz-se a soprar produzindo uma musica monotonica. Subito, irromperam, celeres, aos silvos, innumerous capellos que se

foram ajuntando em volta do fakir, colleando, enroscando-se, subindo-lhe pelo corpo. Leonor, aterrada, não conteve um grito e agarrou-se com força ao braço do irmão.

— Vê, Affonso! os terriveis animaes... Ah! meu Deus, pobre velho!

Affonso, posto que tambem houvesse empallidido, para animar a irman que tremia, falou com segurança:

— É uma farça, Leonor; não temas. Bem vês que as serpentes parecem estonteadas e o homem continúa a tocar, prova de que nada receia.

--- Não, mas vamos daqui! Vamos, pelo amor de Deus!

--- Pois vamos.

--- Depressa!

Iam caminhando quando duas das maiores capellos, desenroscando-se do corpo do magnetizador, com sibillos percucientes, rapidas, ás rabinadas, fazendo farfalhar a folhagem, avançaram furiosas para onde se achavam os dois irmãos. Leonor levou as mãos á cabeça e soltou um grito:

— Misericordia!

No mesmo instante, porém, souu um brado e os terriveis ophidios, que já formavam bote, tolheram-se á distancia e, entre elles e os dois irmãos, um lindo mancebo appareceu.

Era o rajá. Vestido á maneira oriental, com o caftan á cabeça, uma cimitarra de ouro á cinta, o jovem principe, apenas com o olhar, deteve as serpentes que ficaram magnetizadas e logo, contorcendo-se, enroscando-se, foram fazendo volta e subito, partiram rapidas, desapparecendo. Livres de

tão temiveis inimigos os dois irmãos respiraram e Affonso adiantou-se para agradecer ao seu inesperado salvador a providencial intervenção. O príncipe, porém, offerecendo, com muita distincção e graça, o braço a Leonor que ainda não havia readquirido a calma, disse amavel :

— Não tendes que agradecer. O que eu fiz qualquer camponio faria. São uns pobres animaes que um fakir, que me acompanha, trouxe da Bactriana e com os quaes passa os dias e as noites em colloquio. Bem sei que para as damas que não estão acostumadas a espectaculos de tal genero a presença desses repteis deve causar espanto, mas com a continuação habituaem-se e até os aceitam como companhia. Rudra, o velho que lá está acocorado com a sua tailapaca, dorme entre as suas serpentes e leva-as para onde vai. Para que me acompanhasse foi necessario que eu lhe permittisse trazê-las.

Leonor que ao primeiro olhar, havia reconhecido o príncipe, perguntou commovida :

— Sois vós o príncipe Varuna ?

— Vosso escravo, senhora. Porque me foram dizer que a arvore de siricha, que eu trouxe da India, ardia com os fogos da illuminação, sabi apresado, para não perder esse unico exemplar da preciosa planta, cujas flores são o ornamento predilecto das damas do meu paiz. Attribuo tal boato a algum espirito benefico, porque sem elle eu não teria descido ao parque, tendo assim ensejo de prestar-vos tão pequeno serviço.

— De salvar-nos a vida, príncipe, emendou Affonso, e Varuna, como para o não desmentir, sorriu.

Formidavel rugido trovejou longamente e, como o rajá sentisse o estremeamento de Leonor, acalmou-a.

-- Nada receieis.

-- Mas que é isso ?

-- São os tigres saudando a lua.

— Ao que parece trouxestes convosco toda a India, inclusivè as feras ?

— Effectivamente. Se me quizerdes dar o prazer de vir um dia visitar-me mostrar-vos-ei os animaes que me acompanham.

-- E andam soltos ? perguntou Leonor.

— Sim, minha senhora, no pateo que mandei construir.

-- E não ha risco ? . . .

— Nenhum. Os homens que os acompanham têm grande poder sobre elles. Para submeter todas as feras que aqui tenho basta o olhar daquelle velho que vistes lidando com as serpentes.

E não permitti que transportassem sómente as feras, mas tambem os deuses de cada um para que, longe da patria, não lhes faltasse a consolação suprema.

Ali, naquelle bosque, ha uma imagem gigantesca de Kali ; mais adiante, naquelle palmar, ha um pequeno templo consagrado a Brahma e, á beira da agua, Ganga, em um nicho, aceita, todas as manhans, os votos dos seus fieis. Assim o homem não sente tão forte a dôr da nostalgia.

Proseguiram lentamente, conversando e Leonor, enlevada, nem prestava attenção ás maravilhas esparsas, ás luzes, aos grupos de cantores e de tangedores que irrompiam dos bosques, aos que anda-

vam nos bateis do lago e á profusa illuminação, mais clara do que o luar.

Quando chegaram á varanda dois elephantes, levantando as trombas, borrifaram-nos de essequencias e pequeninos pagens negros surgiram a correr, prostrando-se diante do principe, com a face de rojo, uma das mãos apposta á nuca. Elle passou indifferente e, quando appareceu no salão, que já regorgitava de convidados, conduzindo pelo braço Leonor Sáavedra, houve um murmurio de alegria. As damas, porém, despeitadas, já achavam que a linda moça procedia com vaidade julgando-se, talvez, amada do principe pelo facto de elle a haver acompanhado e logo que elle a deixou, offerecendo-lhe descanso em altos coxins de sêda, ella comprehendeu que a inveja começava a trabalhar nos corações das suas companheiras que, propositadamente, a evitavam, sorrindo com ironia ou dirigindo-lhe indirectas sarcasticas. Não se mostrou sentida falando a todas com o dôce sorriso, que era o mais lindo enfeite do seu rosto, contando o episodio das serpentes, e como o principe lhes apparecera. Uma das que a ouviam, commentou escarinhá :

— É estranho ! Havia taes monstros lá fóra e ninguem, senão tu, teve a infelicidade de os vêr. Eram grandes ?

— Sim.

— Nós vimos alguns, mas de ornamento, e esses, em vez de se nos mostrarem ameaçadores, receberam-nos pulverisando-nos com perfumes. Tu só foste infeliz. Em todo o caso foi bom o encontro porque, em vez de seres apanhada pelo dente das

capellos, foste trazida pelo braço do rajá! E o caso é para felicitações e não para lastimas.

Leonor, comprehendendo que era o despeito que assim tornava loquazes as suas amigas, longe de aborrecer-se, sorriu e para evitar enfado, aceitou o braço de Affonso que, tendo percorrido as dependencias internas do palacio, viera procurá-la enthusiasmado para levá-la a vêr o soberbo espectáculo que seus olhos haviam, com delicia, longamente admirado. E, os dois seguiram atravéz dos salões, detendo-se de ponto em ponto, ora embevecidos na musica suave de um instrumento desconhecido, cujos sons sahiam, como por encanto, dentre os pequeninos bosques de palmeiras, ora diante da fonte de perfume ou na vasta sala de jantar onde as bailadeiras dançavam o nache.

Já se iam organisando as danças nos salões, mas Leonor, sem enthusiasmo pelo minueto ou pela gavota, preferia percorrer as salas e contemplar demoradamente aquelles raros espectaculos, tão novos para os seus olhos. O principe fazia as honras da casa, disputado por todos e os seus aios sollicitos que, em riquissimas cabaias, suppriam, muitas vezes, a sua presença. O que causava espanto era que todos se exprimiam em portugûês, com um fugitivo, quasi imperceptivel sotaque.

No momento, porém, em que Leonor atravessava a larga portaria que, toda em luzes, levava ao parque, descobriu com os seus olhos sagazes o principe, que parecia ter sahido para respirar ao frescor da noite. Logo que a viu adiantou-se gentilmente e, como outros pares passeavam ao longo da alameda, offereceu-lhe o braço e seguiu com ella

para uma das pequenas mesas, onde os tres tomaram lugar. Andavam em volta expeditos negrinhos servindo ignarias e refrescos e tanto que os viram logo dois delles avançaram inclinando-se com muita graça e respeito. Consultada, ella apenas aceitou um refresco, no que foi acompanhada por Affonso.

— O principe não vai aos salões ? .

— De lá venho, minha senhora, mas tão fadigado que me sinto como enfermo. Posto que tenha tido sempre uma vida de grande actividade em um paiz onde o meu prazer é a caça, porque ando aos tigres e aos elephantes enquanto o tempo permite que percorramos os juncaes, sinto-me amollentado, estou quasi a dizer -- enfermo.

— Enfermo ? !

— O medico que me acompanha nada receia, mas a sciencia dos homens é tão falha . . .

— Mas é incommodo de longa data ? perguntou Affonso.

— Não, appareceu-me no primeiro dia em que sahi a passeio neste lindo arraial.

Leonor, ouvindo taes palavras, que o principe pronunciou com os olhos fitos nella, sentiu o sangue subir-lhe ao rosto e estremeceu tão violentamente que Affonso percebeu e, sobresaltado, perguntou :

— Que tens ?

— Nada.

— A noite vai esfriando sensivelmente ; será melhor recolhermo-nos, disse Varuna, fazendo menção de levantar-se.

— Não, estamos bem aqui. E, para voltar á conversa que a ia interessando, disse : No primeiro dia em que sahiu demorou-se talvez de mais junto aos

ribeiros. Os que ali trabalham são victimas das febres.

— Não, não fui para o lado dos ribeiros, internei-me e o meu passeio foi curto. Para ser franco, devo dizer que a minha principal doença é a nostalgia. A saudade da terra dá-nos alquebramento só comparavel ao das grandes molestias.

— E está ha muito tempo fóra da India ?

— Ha um anno.

— Deixou lá os seus ?

— Os meus ?

— Seu pai, sua mãe . . .

— Ai ! delles . . . ! Era eu bem pequeno quando os perdi.

— É orphão ?

Varuna acenou tristemente com a cabeça e, em uma voz repassada de tristeza, disse :

— Minha mãe morreu e eu nem sequer falava ; meu pai, esse foi mais desgraçado . . .

— Como ? perguntou Leonor sinceramente interessada.

— Perdeu-o a generosidade. Meu pai foi um dos homens de maior energia que tenho conhecido. Oriundo de uma familia de kchatrias que, pela desventura das guerras, cabiu em miseria, bem moço deixou as margens do Ganges seguindo aventureiramente pelos reinos asiaticos, tendo apenas como bein a sua inquebrantavel audacia. Foi como caçador de elephantes que começou a sua fortuna, elle e um pária fiel que só deixou de o acompanhar quando, victimado pela traição, subiu á região sagrada o que na terra alcançara as maiores honrarias.

Senhor do Pendjab, bem cedo perdeu a padmini que tomara como companheira e que lhe deu, como penhor de amor, dois filhos num mesmo parto: minha irman, tão cedo roubada á vida, e eu. Dando-se todo inteiro aos filhos quiz meu pai, mais por misericordia do que por escrupulo da nossa educação, porque tinhamos lealissimos servos que velavam por nós, confiar-nos a uma sua irman que vivia pobrememente á beira do Ganges e despachou emissarios que a trouxeram, a ella e a um homem moço, ao qual dizia a má mulher dever immensos favores. Confiada á sabedoria dos brahmanes deixou ella um filho que lhe ficara do matrimonio.

Logo que chegou aos dominios de meu pai a vida, que ali era feliz, foi-se tornando insupportavel.

Os trabalhadores das minas, que viviam em perfeita harmonia, começaram a soffrer as influencias da sizania e o homem perfido, que era amante da má mulher, querendo assenhorear-se dos thesouros, paciente, honestamente accumulados por meu pai, ligou-se com um feiticeiro e começou a sua criminosa operação, ministrando a meu pai, que confiava absolutamente na irman, que o embahia com palavras amoraveis, os mais terriveis philtros que operaram cruelmente tirando-lhe os movimentos e, por fim, a vida.

O pária que, desde o primeiro encontro com a mulher má, mostrara por ella a maior antipathia, descobriu a infamia, não a tempo de evitar o crime nem a fuga da perversa, mas podendo ainda frustrar os planos infernaes do bandido que, para desfazer-se de mim e de minha irman, alliara um

exercito de thuggs que foi todo desbaratado e dizimado por astucia do pária. Preso o mau homem, soffreu o supplicio da cruz, mas a mulher, que escapara com a fortuna e grávida, essa nunca mais foi vista.

Eu e minha irman crescemos nas serras do Lahor e ali, graças á dedicação dos que se nos conservaram fieis, reconstituimos a fortuna e, com o achado de um thesouro, ganhamos mais do que se houvessemos recebido intacta a herança do nosso infeliz pai e hoje, eu que jurei, sobre o tumulo do desventurado, vingar o assassinio nefando, ando pelo mundo em peregrinação até encontrar a mulher má, que vive com os dois filhos, o legitimo, que foi educado pelos brahmanes e a espuria. Bêem vedes que um homem que vive para cumprir tão triste missão não póde ter o genio alegre. Os que me não conhecem acham-me orgulhoso quando, em verdade, sou apenas um triste.

--- E com razão, disse Leonor commiserada.

— E sabeis onde reside a má mulher ? perguntou Affonso.

— Sim, sei : sei graças aos meus adivinhos e ao pária que fareja a sua vingança . . . e, dentro em pouco, terei saciado o meu desejo cumprindo a promessa que fiz sobre o tumulo do morto amado.

Mas a areia do parque crepitou pisada, as folhas farfalharam.

— Oh ! exclamou o principe lançando os olhos a uma mouta ; os dois irmãos voltaram-se, seguindo o seu olhar.

Lentamente dirigia-se para a mesa em que se achavam os tres um homem alto, de lividez cada-

verica, vestindo tunica escura, recamada de estrelas. Era tão intensa a luz do seu olhar que os dois irmãos estremeceram apavorados e Leonor ergueuse de golpe.

— Que me queres ? perguntou Varuna, que tambem se havia erguido.

O estranho homem, levantando vagarosamente a mão, mostrou a lua que brilhava no céu.

— Maya ! exclamou Varuna.

— Maya ! repetiu em voz cavernosa o intruso e, sem mais dizer, voltou, desapparecendo no arvoredo.

Varuna, visivelmente comovido, tomou delicadamente a mão de Leonor, dizendo-lhe :

— Perdoai-me, senhora. A vossa companhia encantou-me de tal modo que me fez incorrer na censura da pessoa que mais estimo na vida : minha irman.

-- Vossa irman ? Pois não dissestes que creis só no mundo ?

— Sim, disse, minha senhora, e não faltei á verdade, mas o poderoso Governador das Luzes, que chamou para sua companhia aquella que foi o esplendor da India, dum extremo a outro extremo, e que hoje é uma das maravilhas celestiaes, permite que, de quando em quando, eu gose da sua companhia. Justamente hoje ella devia apparecer reencarnando-se, visto que o seu espirito vai para dois annos que se desprendeu da formosa materia e anda errante no espaço.

— Morta !

-- Sim, morta !

— E ides vê-la ?

— E abraçá-la porque, com o plenilunio, ella readquire a sua fórma corporal. Esse homem que vistes é um dos mais sabios ascetas da India. É ao seu poder extraordinario que devo a ventura de poder ainda gosar da companhia daquella que veiu ao mundo commigo, na mesma hora, na mesma dôr.

— São gemeos ?

-- Sim, gemeos. Foi-se precipitadamente e eu fiquei a chorá-la até que o grande Indra, por uma complacencia misericordiosa, quiz que ella, de espaço a espaço, baixasse a ter commigo.

— Ah ! como eu desejava vê-la . . .

— Talvez vos arrependesseis.

— E eu, principe . . . ?

— Se quizerdes . . . Posso entender-me com ella e, se fôr do seu agrado mostrar-se a outrem, não vos furtarei o prazer, porque realmente feliz é aquelle que a póde vêr. E, em segredo, sómente para Leonor, ajuntou: Como eu me considero feliz por ter na terra visto uma apsara.

Leonor baixou os olhos e o seu pequeno coração bateu precipite.

Varuna tornou então:

— Espero que me desculpareis e agora rogo que não divulgueis o meu segredo.

— Ó principe !

— Vou prevenir o meu mordomo para que me substitua na sala e se eu ousasse pedir-vos-ia, senhora, que procurasseis dar á minha festa a alegria que lhe darieis se fôsse vossa, como é. Eu parto. A lua em breve desapparecerá e é necessario que, antes que o seu disco desmaie, eu ouça os pedidos de minha infeliz irman.

— E quando poderei vê-la ? perguntou Affonso.

— Talvez amanha, se ella permittir.

— E como hei de saber a sua decisão ?

— Eu vos mandarei aviso. Mas cuidado ! Se uma só palavra disserdes, nada vereis e talvez tenhais de soffrer as consequencias da vossa indiscrição, porque os espiritos são crueis.

— Nada direi.

— E vinde com o coração preparado para que não succeda ficardes apaixonado por uma appareção.

— Descançai.

— Varuna ! bradaram ao longe.

— Chamam-me. Permitti . . .

— Então até amanha.

— Sim, até amanha.

E o principe desappareceu na espessura do arvoredo. Os dois irmãos ficaram muito tempo sem dizer palavra. Por fim Affonso exclamou :

— Extraordinarias coisas temos visto em tão pouco tempo.

— Realmente !

— Bem dizem os livros que a India é a terra dos grandes mysterios.

— Uma alma que volta ao mundo e reencarna-se . . . Pudesse eu vê-la ! Tu vens, Affonso ?

— Se venho ? ! Amanha . . . ! Só se o espirito não se quizer manifestar em minha presença.

— Enfim, vamos. Já devem ter notado a nossa ausencia.

— Vamos.

E tornaram para os salões.

## MAYA

No dia seguinte, em todo o arraial, outro não foi o assumpto das conversas e cavaqueiras nos salões, nas lojas, nos ranchos e até nas roças entre os escravos senão a sumptuosidade da festa do rajá. Alguns convidados, sem medir louvores á riqueza e ao gosto que os haviam deslumbrado, commentavam com resentimento a retirada subita do indiano dos esplendidos salões. Affonso e Leonor, os unicos que conheciam o motivo de tal procedimento, calavam-no dentro do segredo que haviam promettido.

A festa terminou com a noite. Á sahida dos convidados já o sol dourava as arvores.

Leonor, uma das primeiras a retirar-se, recolhendo-se fatigada e commovida ao leito, não conseguiu conciliar o somno. Não era a impressão do que vira que a mantinha desperta, mas aquelle que, entre todas lhe parecera a maior maravilha,

não pelo fausto do trajo, que o vestia como de luz iriada, mas pela belleza do rosto de um moreno eburneo illuminado por uns olhos grandes, negros, mas cheios de brilho como as noites de luar, e nostalgicos.

As mucamas, que a despiram, notaram-lhe a tristeza, surprenderam-lhe suspiros, por mais, porém, que a interrogassem não lhe arrancaram resposta.

Despedindo-as deitou-se e o sol encontrou-a alerta a escutar embevecidamente as palavras que lhe dissera o principe e que lhe haviam ficado no coração della sahindo em lembranças como se exhalasse de um frasco o arôma da essencia nelle contida.

Estava certa de que era amada. E se elle a pedisse? Se a desposasse levando-a, num palanquim de ouro, para aquellas terras de magia de onde sahem, avocados por talismans, os genios e as fadas e onde nasce o sol?! E imaginava-se em um palacio como os descriptos nas historias de encantamentos, todo de cedro, marmore, ouro e pedrarias, mirando-se nas aguas azues de um lago coalhado de flores e voejado de passaros canoros.

Assim fantasiando, só ao raiar dalva conseguiu adormecer, continuando em sonho o que na vigilia imaginara.

Ao apparecer para o almoço, vendo-lhe D. Iñez a pallidez do rosto e as olheiras rôxas e profundas, estranhou-a:

— Como estás abatida, Leonor. Naturalmente dançaste demais. Porque não ficaste deitada, repousando?

— O leito aborrece-me. O que vi impressionou-

me a ponto de me não deixar dormir. Passei a noite toda em claro. Já havia sol quando adormeci.

-- Linda a festa, não ?

— Mamãe não pode imaginar o que foi. Um conto de fadas.

-- Muita gente ?

— Os salões regorgitavam. E no parque, mamãe . . . Só visto ! Por mais que alguém tente descrever o que aquillo foi, não conseguirá, sequer, dar o debuxo da maravilha.

— E elle ? o rajá ?

Leonor baixou os olhos e o seu pequenino collo arfon em suspiro antes que a boca se pronunciasse :

—Gentilissimo, de amabilidade captivante. Tanto de meigo e de cortez tem elle quanto de valente. Não fôsse a sua bravura e teriamos sido victimas de duas terriveis serpentes, das que chamam capellos, cuja dentada é mortal. No momento em que atravessavamos o parque, distrahidos com a ornamentação bizarra das alamedas e dos bosque, as cobras romperam de um baledo, aos silvos, investindo connosco. Cercaram-nos aprumando-se com os capellos abertos, o que é nellas signal de furia, e já formavam bote para atacar-nos quando o principe appareceu, como se surgisse da terra e, pondo-se entre nós e as serpentes, dominou-as de prompto.

— Mas então elle tem bichos desses no parque ?

— Esses e tigres e leões e até elephantes, cujos barritos estrondam como trovões. Isso é uso na India. Não ha principe ou nobre indiano que não tenha nas suas residencias animaes de luxo e feras.

As do rajá vivem em um pateo gradeado que elle mandou construir perto do lago.

— Mas isso é um perigo para todos aqui !

— Tambem me pareceu, a mim, depois, porém, que vi a jaula immensa e os belluarios que lidam com os animaes que, só com o olhar, dominam os mais furiosos, convenci-me de que não ha risco algum.

— Comtudo . . . Eu é que lá não ponho os pés.

Leonor passou o dia todo a descrever o que vira : as luminarias, as bailadeiras, as musicas, as serenatas no lago e as danças graciosas nos salões fulgurantes, as fontes de vinhos raros, as pyramides de frutas, as mesas lautas da ceia servida por donzellas que pareciam envoltas em nuvens estrelladas. Quando, porém, se referiu ao principe a sua voz aqueceu-se e os olhos, accendendo-se em luz vibrante, denunciaram o incendio que lhe inflamava o coração. Não passou despercebido a D. Ignez o ardor da filha :

— Parece que o rajá entrou no Tijuco conquistando, á primeira investida, uma praça até então inexpugnavel. Não admira tal victoria quando quem a consegue possui um talisman..

Disse e sorriu maliciosamente.

Comprehendendo a allusão, Leonor amouu :

— Já vem mamãe com historias. Então eu não posso dizer o que vi ? Pergunte a Affonso.

— Não te estou a reprehender, minha filha. O coração tem, como a flor, o seu tempo de desabrochar. É natural. E attrahiu-a a si beijando-a carinhosamente.

Affonso também passara a noite em claro pensando no que lhe dissera o príncipe sobre Maya, a donzella espectro, que viria da morte visitar a vida. Ansiava pela noite para vê-la. Leonor foi encontrá-lo a pensar, estirado na preguiçeira do seu gabinete.

— Então? Vais sempre, á noite, ao convite do rajá?

— Certamente.

— Que pena eu tenho de não poder acompanhar-te.

— Não! Não foste convidada e ainda que o houvesse sido eu não te levaria. Se eu vir que não ha perigo para o teu espirito procurarei obter do príncipe licença para levar-te commigo amanha ou quando elle determinar.

— E promettes contar-me tudo que hoje vires?

— Prometto.

— Se é, em verdade, uma morta que resuscita, um espirito que se reencarna?

Affonso não respondeu, concentrado, com o olhar ao longe, como a seguir um pensamento. De repente, voltando-se para Leonor, exclamou em tom de surpresa:

— E eu que estou apaixonado por essa mulher!

— Que mulher? A irman do rajá?

— Sim.

Leonor soltou uma gargalhada:

— O que, Affonso! Apaixonado por um fantasma... Que loucura!

— Loucura, será... a verdade, porém, é que não penso em outra coisa. Se a vir... não sei...

— Havia de ter graça — eu com uma cunhada do outro mundo. Deixa-te de fantasias. Has de ser sempre o mesmo visionario.

— Fantasia ou lá o que seja, a verdade é que estou apaixonado.

— Dize antes: mal assombrado. E olha que não tens muito tempo. Começa a anoitecer. Trata de vestir-te para jantar.

À mesa Affonso debicou apenas. O luar começava a abrir-se quando elle montou a cavallo partindo para a chacara da Xica da Silva.

Era a hora em que se recolhiam os escravos que trabalhavam nas minas. Vinham em chusmas, cantando tristonhamente, alguns com algemas aos pés, cujas correntes tiniam nas pedras dos caminhos.

Affonso passava sem vê-los, absorvido inteiramente na idéa daquella entrevista com a morta. E no seu intimo a razão e a imaginação discutiam o estranho caso:

— Não será dólo, mystificação desse principe, uma scena de magia com que elle pretenda divertir-se á minha custa? É lá possivel que alguem tenha poder sobre a morte?

— Mas não és tu mesmo que affirmas que os indianos possuem segredos maravilhosos? Pelo que tens lido e ouvido sobre esse Oriente dos magos não deves estranbar que o principe realise o que prometteu. Não é elle da terra em que ha jogues que dominam as forças da natureza?

— Sim, admitto que dominem os elementos, a morte, porém, essa é um segredo cuja chave se acha na mão de Deus.

— Vais ver.

— Sim, vou vêr, mas forrado de incredulidade. Não me fiarei nos olhos, exigirei provas palpaveis.

Se no espirito se lhe travava tal duello o amor ia-lhe tomando todo o coração: amor de sonho, poesia.

Chegava á alameda que conduzia á chacara, quando um som forte, de trompa, rolou nos ares calados. Assustando-se, o ginete arrifou e teria cuspidido longe o cavalleiro se outro fôsse que não Afonso. O jovem, porém, contendo o árdego animal, relanceou um olhar em volta procurando o buzinaador e descobriu um negro agigantado, tendo um leão preso por uma corrente e ao punho uma trombeta longa, de bronze.

Ao dar com o enorme felino o ginete empinou-se ás upas, saltou aos corecoveios, espavorido e foi só á força de esporas que o mancebo conseguiu fazê-lo avançar, em desabrida disparada de fuga até o portão da chacara onde, a um sacalão das redeas, estacou arquejante e a tremer nos jarretes, alagado em suor.

O rajá, que se achava á varanda, recebeu Afonso com alegria.

— Adiantei-me, talvez, á hora, príncipe.

Varuna sorriu:

— Contava com vosco mais cedo. A prova do que digo é que vos estava aqui esperando, e admiro-vos por só agora haverdes chegado.

— Porque, príncipe? Que ha nisto de extraordinario?

-- A revelação de uma voutade energica. Estou em jurar que, desde a nossa conversa de hon-

tem, não viveis senão para a hora que vem perto e pela qual a vossa curiosidade anseia.

—Tendes razão, príncipe. O mysterio attrahe-me.

— É natural. O nosso espirito não se contenta com o que os olhos lhe dão : ha alguma coisa além do mundo material, para lá dos horizontes que nos detêm a vista e todos, ainda os mais simples e rudés, buscam divisar esse arcano, só accessivel aos que conseguiram a perfeição. Ainda não é chegada a hora. Os jogues estão rezando a guaiatri, que é a prece maior do nosso culto. Opportunamente teremos aviso. Vamos esperar no pateo, que transformei em pequeno bosque de açocas, a flôr paradisiaca. Ali ficaremos á vontade.

Lentamente atravessaram os salões desertos e o maior, luxuosamente guarnecido de pannos de sêda e de moveis sumptuosos tauxiados a ouro, enbutidos de coraes e perolas, que lembrava as vimanas dos palacios hindús, chegando ao pateo, no meio do qual, entre arvores, uma fonte sussurrava refrescando e perfumando o ar.

O luar alvo rebrilhava nas folhas. Sons brandos passavam mysteriosamente no silencio ; de espaço a espaço, brusco, retumbava o dolqui.

Mal haviam chegado ao acceitoso retiro, logo, dentre a folhagem florida, sahiu gracioso grupo de donzellas, caminhando duas a duas ao rythmio de guizos de ouro que traziam em volta dos artelhos, conduzindo a éharana que pousava em tripode formada de tres serpentes entrelaçadas, tamboretas de sandalo, amphoras e copas de ouro recamadas de pedrarias.

Sentaram-se os dois e a cada um serviu uma

donzella o vinho ambarino e oloroso das amphoras. E disse o príncipe levantando a sua copa á altura dos olhos :

— Bebamos á Vida, á Vida sempre renovada, porque vos ides convencer de que a morte vale tanto como a noite : é apenas um intervallo de silencio entre duas existencias. Bebamos á Vida !

— Á Vida ! repetiu Affonso.

Correu um arripio de vozes mysteriosas repetindo, em echo, o brinde dos mancebos. Um momento ali estiveram ouvindo sons maviosos de cantos e de instrumentos. Por fim Varuna ergueu-se e convidou :

— Vamos. Os jogues devem estar terminando a oração.

Desceram ao parque em pleno luar.

Seguindo lentamente pelas alamedas palhetadas de mica, que refulgia scintillantemente, aqui, ali atravessadas por vultos que pareciam de nevoa, tal era a alvura pellucida das tunicas que os vestiam, deram num bosque no meio do qual se elevava uma construcção oval, em tudo semelhante ás dágabas cingalesas.

Não se lembrava Affonso de tal mole no parque que, tantas vezes, percorrera em todas as direcções no tempo de João Fernandes. Esteve para interrogar o príncipe, vendo-o, porém, retrahido, callou-se.

Em uma plataforma, que servia como de penha á dágaba, rondavam merencoreamente, em silencio, vultos envoltos em albornozes brancos. Diante de uma porta baixa, de bronze cinzelado em

carantulas e signos hieraticos, Varuna parou e, fitando os olhos em Affonso, disse :

— Appello para a vossa honra lembrando-vos o compromisso a que vos obrigastes de esquecer, ao tornardes por esta porta, tudo quanto se vos manifestar. Não tomeis como espectaculo de fantasmagorias o que virdes, mas como demonstração da omnipotencia d'Aquelle que rege a Vida. Que o vosso espirito aproveite com essa prova e eu me darei por compensado de todos os sacrificios que me custou a longa e penosa viagem em que vim espalhando pelo mundo triste o beneficio da divina palavra. Pisais o limiar do Mysterio. Que Buddha vos inspire iniciando-vos na Verdade Suprema.

Curvando, então, a cabeça Varuna balbuciou breves palavras e, assim como elle as sussurrava, ia-se a porta abrindo, leve e surda. Entrando, aclararam-se os mancebos em amplo recinto, todo forrado de negro e florido de lotus de prata, illuminado por cirios altos, que faziam verdadeira columnata com capiteis de chammas.

Dos angulos do tecto pendiam de correntes de prata enormes lampadarios de cem luzes cêrulas e violaceas. Homens de bruços oravam em resmungo. Em grande altar, erguido ao fundo, um Buddha enorme, de ouro, presidia e, diante d'elle, em cenotaphio de ébano, com incrustações de ouro e recamos de pedrarias, cercado de caçoulas nas quaes pivetes de aguila e outros agárbates defumavam, jazia um esquite, junto ao qual Karma, o sannyasi, trajando sumptuosamente, mantinha um lirio alçado entre as mãos, em gesto de offertorio.

Justamente acima do esquite o tecto abria-se

em claraboia através da qual o céu apparecia estrellado. Vozes suaves modulavam e, de quando em quando, monotonamente, um tympano tinia.

Affonso olhava maravilhado quando o principe, tocando-lhe no braço, disse baixinho :

— Vinde.

Caminharão em direcção ao esquife e Karma, tão absorvido estava no seu extase, que os não sentiu. Varuna subiu os degraus do estrado em que assentava o cenotaphio e, chamando Affonso, fê-lo aproximar-se do esquife.

Lá estava a morta ricamente paramentada e tantas eram nella as joias que o seu corpo parecia esbrasido. Um veu tenue cobria-lhe o rosto e, quando Varuna o afastou, Affonso não conteve um gesto de espanto ante a belleza que ali se lhe deparava, inerte.

— Minha irman ! exclamou o principe commovido e, inclinando-se, beijou-lhe a fronte gelida e cercada de lírios.

E disse então a Affonso :

— Vinde. A luz da lua, dentro em breve, incidirá sobre ella despertando-a. Vinde. Quero collocar-vos de modo que tudo possais vêr.

Subindo com elle ao mais alto degrau fê-lo sentar-se em um escano e desceu até o altar prostrando-se de bruços, como se achavam os ascetas. E um silencio funerario pesou no ambito estalejado, de quando em quando, pela crepitação dos cirios.

Affonso sentia-se dominado pelo mysterio, entontecido pelo aroma calido dos incensorios. Errava airadamente com os olhos de um para outro lado, estremecendo arripiadamente ao mais leve

rumor. De repente um raio pallido da lua, descendo em frecha da claraboia, inflectiu sobre o corpo da morta. A uma palavra do sannyasi todos os ascetas levantaram-se e, alçando os braços votivamente, entoaram um cantico profundo.

Subito, a impeto, Affonso levantou-se do escano e de pé, estatelado, pôz-se a arquejar de medo. Linguas de fogo, lividas, subiam do soalho em surto terebrante, desprendiam-se levantando-se no ar, pairavam um momento, tremulas, e extinguiam-se como as fonsas que espirram dos braseiros; scintillas estrellejavam os cantos obscuros e o silencio encheu-se de uma melodia suave, como de vozes que se cruzassem mysteriosamente no ar.

Karma que, até então, se havia mantido immovel, adiantou-se gravemente até o esquife e, estendendo os braços, com as mãos espalmadas, invocou o espirito de Maya. Varuna, elle apenas, conservou-se de bruços. E o sanuyasi falou :

— Maya ! A Lampada de alabastro alumia-te, a sua luz algida paira sobre o teu corpo, vaso de que foste a essencia e que perdura, tal como o deixaste, conservado pelos aromatas, que repellem a podridão. Baixa do teu paradeiro excelso, torna ao teu jazigo de outr ora e anima-o, desinverna-o da morte. Reentra na materia inerte e restitue-lhe o movimento: illumina-lhe o cerebro para que pense, aquece-lhe o coração para que sinta, deflue-lhe o sangue como o sol da primavera funde os gelos, para que circule. Maya, resurge !

Um canto heroico resou. Ao som das vozes o corpo que, até então, se mantivera em rigidez cadaverica, começou a mover-se lentamente, soer-

guendo-se no esquite. Primeiro, os braços estenderam-se como em espreguicamento e os dedos, contrahindo-se, pareciam buscar apreender alguma coisa no espaço. Depois a cabeça, que a luz do luar illuminava, alteou-se e os olhos, amortecidos como se se abrissem de longo sorano, foram, pouco a pouco, adquirindo brilho e resplandeceram vívidos; os labios desbotados foram-se colorindo e a morta sentou-se passando, repassando a mão pela fronte, a desfolhar os lirios que a cingiam.

— Maya! insistia o sannyasi, apossa-te do corpo, que foi teu, revive-o! Se te fizemos descer do Paraiso foi em cumprimento do que nos pediste nas ultimas palavras que pronunciate em vida: que, de quando em quando, com o prestigio lunar, te chamassemos á terra e ao teu corpo embalsamado em essencias para que pudesses rever a tua grande saudade e senti-la. Não interromperiamos a tua ventura celestial se não houvessemos jurado cumprir o que nos pediste, Desperta! Resurge no teu corpo, volta á vida, como a semente reviga na terra ao calor do sol.

Completo-se o milagre com o despertar da consciencia. Os olhos de Maya vívidos, inquietos relanceavam tudo em volta, arfava-lhe o collo em estúio de fadiga e um suspiro escapou-se-lhe dos labios entreabertos.

Karma adiantou-se, estendeu-lhe os braços e a resuscitada, sorrindo, numa alegria infantil, desceu do esquite resplandecente de belleza e logo os instrumentos musicos soaram em hymno.

Ainda com passo incerto Maya desceu do estrado e a sua primeira palavra foi o nome do ir-

mão : « Varuna ! » Respirou sofrega, longamente e, estranhando o aroma esparzido no ar, franziu a fronte e, fitando o olhar em Karma, disse :

— Não nos achamos na India . . .

— Não ! affirmou o sannyasi.

-- Ainda que o aroma lembre o que lá se expande das flores e das resinas ha aqui alguma coisa que não conheço. Em que paiz estamos ?

— No Brasil.

Ella concentrou-se um momento, logo, porém, sorrindo, perguntou :

— Que viestes aqui fazer e porque me fizestes despertar tão longe dos pagos bem amados ?

— Quiz o rajá que viessemos e a sua vontade é para nós o mesmo que é o vento para a poeira e para as folhas mortas.

— E que é feito d'elle ?

— Espera-te. Ei-lo ali ajoelhado ao altar, agradecendo a Buddha omnipotente a graça da tua descida.

Maya, porém, em vez de dirigir a vista para onde se achava o irmão volveu-a para Affonso, que se mantinha immovel, como petrificado.

— Quem é ? perguntou.

— Um mancebo que, depois de te haver contemplado na morte, quiz vêr-te no resurgimento.

— É indiano ?

— Não.

Passando, então, a dextra pela fronte Maya suspirou e, elevando o olhar para a claraboia, fitou-o no plenilunio, dizendo devotamente :

— Ó lua, pallida, morta, fantasma de um sol extincto, astro de neve, frieza melancolica, demo-

ra-te no céu, prolonga os minutos silentes da noite para que a minha saudade se sacie.

Quedou algum tempo em ascese, descendo, por fim, a passos graves, seguindo direita a Affonso.

Com o andar desprenderam-se-lhe os cabellos rolando despenhadamente em ondas de azeviche quasi até os pés, calçados em papuzes de fios de ouro e recamos de perolas.

— Sêde bemvindo, disse estendendo a mão ao mancebo.

No exaltado arroubo em que se achava mal respondeu Affonso ao gesto carinhoso e ali ficou contemplando, extático, a rediviva. Mas uma voz partindo de junto do altar, pronunciou commo-vida :

— Maya !

— Varuna ! respondeu alegremente a resuscitada e, esquecendo Affonso, precipitou-se na direcção da voz que a invocára e, á luz dos brandões, viu o mancebo erguer-se de pé, sorrindo, de braços abertos para receber a irman, o principe Varuna.

A semelhança dos dois era tão flagrante que o assombro que causara a Affonso o prodigio da resurreição desvanecem-se ante o maior da parecença dos dois. Olhava offegante, maravilhado de tanta belleza que se reflectia do rosto de um no do outro, quando os viu abraçarem-se e partirem, unidos, em direcção a uma porta, que se abria ao fundo e pela qual sahiram. Foi a sannyasi que o tirou do extase, não com a severidade com que costumava falar, mas em tom meigo, impondo-lhe, de leve, a mão ao hombro :

— Vejo que vos impressionastes com a reencarnação de Maya. O corpo, mantido como em somno, não fez mais do que despertar. O mesmo seria verdes abrir-se uma casa á chegada do morador. Na primavera, quando o sol começa a fundir os gelos nas montanhas, as plantas revigam e muitos animaes, que jaziam transidos, recobram a energia e sahem de rasto, caminhando ou em vôo restituídos á vida. O calor, que tudo reanima, operou o milagre da resurreição. Vinde vê-la.

E o sannyasi atravessou o lugubre salão. Affonso seguia-o em passos de somnambulo. Os ascetas, que se achavam prosternados, levantavam-se com um ruge-ruge de sêdas e, cabisbaixos, balbuciando palavras mysteriosas, sahiam em passos subtis; e os cirios, sem que alguém os assoprasse, apagavam-se um a um e o interior da dágaba ficou illuminado pelo luar melancolico.

Chegando ao fundo da quadra, que recendia a arómatas, Karma correu um reposteiro negro constellado de estrellas de prata, e o parque appareceu alvo e silencioso. As sombras das arvores tiznavam a arcia das aléas e dois vultos apenas animavam a solidão.

— Lá vão elles, disse o sacerdote e Affonso, de olhos fitos, acompanhava o meigo par que apparecia e desaparecia por entre os grossos troncos.

— Que idade tem ella ? perguntou o mancebo.

— Dezeseis annos, porque os da morte, sendo já eternidade, não contam. Se vivesse, teria hoje dezoito.

— Era noiva quando morreu ?

— Quem vos disse ?

— Creio ter ouvido ao rajá.

— Não. Morreu sem ter conhecido o amor.

— Feliz criatura ! suspirou o mancebo baixando os olhos.

— Feliz, sim; dizeis bem. Feliz porque não soffreu, mas se houvesse sido verdadeiramente amada tão rapida não teria sido a sua passagem na terra.

— Porque ?

— Porque se alguém a houvesse amado, com toda a força do amor, ter-se-ia, de certo, sacrificado por ella.

— Como ?

— Offerecendo uma oblação a Siva.

— É o deus da vossa religião ?

— Uma das suas hypostases. Siva, certamente, accitaria a offerenda e Maya seria ainda a padmini por excellencia, porque na India, em toda a Asia immensa, enquanto ella viveu outra não houve que pudesse com ella competir em formosura e graça. Mas não falemos do que foi. É melhor esquecê-la. Se essa illusão conseguisse impressionar alguém, triste seria a sorte desse desventurado.

— Sim, quando verificasse que amava um espectro.

— Espectro seria se elle a não quizesse resgatar da morte.

— Resgatar da morte ! ?

— Sim, fazendo com que a alma de novo se prendesse ao corpo para nova existencia.

— E será isso possivel ?

— Sim, é possivel.

— Como ?

— Já vos não disse que Siva attende aos rogos,

dos seus filhos e defere-lhes os pedidos se forem acompanhados da hostia que lhe é agradável ?

— E que hostia é essa ?

— Porque m'o perguntais ?

— Porque sou curioso.

— Curioso ou apaixonado ?

— Curioso apenas.

O sacerdote encarou-o penetrantemente e, impondo-lhe a mão ao hombro, disse em tom profundo :

— Mancebo, o que ides ouvir deve ficar gravado em vosso coração, como a fogo. Não vos quero occultar a condição tremenda da qual depende o resgate dessa alma em transitio. Vinde commigo. Lá fóra, no arvoredo, ninguem nos ouvirá. As sombras aqui são traioeiras. Vós outros, que viveis no tumulto, ignorais o que só na quietude das dágabas se aprende. A lua está clara, a flôr da Vida está aberta, espalhando espiritos ou essencias como as outras flores espalham o pollen da fecundidade. Vamos por dentro da vida mysteriosa. Pareceis corajoso.

— Nada temo.

— Ainda bem.

Encaminharam-se para um palmar, tão densa, porém, era no seu recesso a escuridão, que Affonso não se atreveu a proseguir e, estacando, intimou o sacerdote :

— Falai. Não ha aqui quem nos ouça. Para que avançar mais ?

— Seja ! concordou Karma.

Fitando-o, então, falou :

— Disse-vos e repito que Siva accederá ao pe-

dido se o mesmo lhe fôr feito sobre a oblata que o seu desejo exige.

— Sim. E essa oblata . . . ?

— Para resgatar uma vida só o preço de outra vida.

Affonso sorriu superiormente :

— Tão pouco !

— Pouco . . . ? Assim vos parece porque julgais, sem duvida, que o deus se satisfaz com qualquer offerenda. Não ! Amor por amor ! eis a permuta. Ides entender-me melhor. Consultai o vosso coração e dizei qual é a pessoa a quem mais quereis na vida ?

— Minha mãe ! bradou o mancebo, como em triumpho.

— Pois bem, se quizesseis resgatar o espirito de Maya terieis de offerecer a Siva o coração de vossa mãe.

— Oh ! exclamou Affonso horrorizado.

— Eu não vos disse que a prova era terrivel ?

Depois de um momento o mancebo, que estava a pensar, perguntou em voz tremula :

— Admittindo, porém, que eu commettesse tão horroroso crime, Maya seria minha ?

— Como a escrava o é do senhor.

— E o seu coração ?

— Seria dentro do vosso como uma pedra no engaste em que a encarna o joalheiro.

— O coração de minha mãe ! suspirou o mancebo, baixinho, como se falasse á propria consciencia.

Karma, que não perdia um só dos seus gestos, uma só das suas palavras, falou sorrindo :

— Cuidado ! Não vos succeda o que a tantos jovens na India levou á desventura. Maya quer dizer — illusão. Não vos enleveis em miragem. Viveis, buscai o vosso amor na vida. Não o vades procurar no tumulto, vestido com o sudario e velado de crepe. O rajá fez mal em mostrar-vos o que só aos iniciados é permittido vêr.

— Pareço-vos impressionado ? Juro-vos que não estou.

--- Leio o contrario em vossos olhos.

--- Julgais-me tão insensato que me apaixone por uma visão ?

— O amor desvaira.

--- Por Deus ! sois injusto commigo. Estou impressionado, confesso, mas tão só pelos phenomenos que vi. Quanto a Maya . . . causa-me piedade apenas.

— A piedade nasce da ternura e a ternura é um começo de amor.

— Sim, mas se esse amor é um sonho . . .

— Ha um meio de o tornar realidade.

— O mais nefando dos crimes.

--- Não deixa de ser um meio.

--- Por tal preço, estou certo, o espirito de Maya não achará quem o resgate.

— Se não achar quem a ame verdadeiramente.

— E acreditais que alguém seja capaz ?

— Conheço o poder do amor.

— Não creio.

— Sois ainda muito jovem.

— Nem tanto como pensais.

— Nunca amastes.

— Sim, nunca amei.

— Pois na India innumerous mancebos, se fôsem dignos do amor de Maya, não teriam hesitado.

— E eu ? Serei eu digno do seu amor ?

— Porque não ?

— Ella é princesa.

— E vós sois nobre.

— Sim, mas a minha linhagem não se pode comparar á dos Varuna, que descendem de reis.

— Isso não impede que lhe offereçais a mão de esposo, porque tendes todos os dotes de fidalgo.

— De fidalgo... repetiu Affonso, como em echo.

— Só um obice vos separa — o altar de Siva.

— Ah ! isso . . . jámais ! Minha mãe . . . Nem eu, nem homem algum commeterá tal crime.

— Não conheceis o coração do homem. Emfim . . . Já vos disse o que me cabia dizer-vos. Agora um ultimo conselho : Não torneis á dágaba, evitai a visão. Se antes de a ouvirdes soffreis assim, que será de vós no instante em que ella vos falar e lhe sentirdes o halito. Evitai a visão, evitai-a ! Ide-vos em paz. Quero acompanhar-vos até a varanda, onde vos espera um pagem, com o vosso cavallo á redea. E esquecei quanto vistes.

Caminhavam em direcção á varanda quando Affonso, voltando os olhos para o lago, viu um pequeno barco e nelle dois vultos abraçados. Deteve-se nervoso.

— São elles ? perguntou ao sacerdote.

— Sim, são elles : Varuna e Maya. Mas ide. Não vos detenhais.

Effectivamente, junto á escada da varanda, um joven hindú mantinha á redea o cavallo de Affonso.

— Ide em paz e que em vossa memoria não fique lembrança do que aqui vistes.

Affonso picou o animal de esporas lançando-o a galope. Já os gallos amiudavam annunciando a manhan, a nevoa ondulava nos cerros e nos valles formava extensos algodoades. Começava o vôo alegre dos passarinhos. Gados mugiam soturnamente. Quando elle deu por si estava á porta da casa. Os sinos tocavam á missa e turmas de escravos, alguns arrastando grilhetas, caminhavam vagarosamente com um resmungo de cantilena triste.

## VI

### TORMENTOS

Embiocada em mantilha, com uma mucama, D. Ignez tornava da igreja ainda ciciando rezas, quando, ao passar junto de um caramanchel, no jardim, viu Leonor, atirada a um banco, em attitude de soffrimento, o olhar perdido e lagrimas nas faces. Surpreendida, parou e ficou algum tempo a olhar a donzella que, tão enlevada estava no seu extase angustioso, que nem lhe percebeu a presença. Que teria a linda moça para que tão cêdo deixasse o leito e como tão demudada se lhe mostrava? Com o coração apprehensivo e terna, inclinou-se-lhe ao rosto, chamando-a :

— Leonor . . .

Ouvindo o seu nome, a douzella estremeceu como se houvesse sido apanhada em pratica criminosa.

— Mamã !

— Que tens, filha ? Tu, aqui fóra, tão cêdo !

— Passei mal a noite.

— Fadiga. Certamente dançaste demais. Despedindo a mucama sentou-se ao lado da filha, tomando-lhe uma das mãos com meiguice. Dançaste demais e estás resentida. Porque não ficaste deitada ?

— Não, não estou cansada, mamãi.

E, fitando nella os olhos com suave expressão de ternura, suspirou :

— Ah ! mamãi, não imaginas como fiquei impressionada com o que me contou o rajá. Eu, que o tinha por um dos homens mais felizes da terra, lastimo-o agora porque o considero um grande desventurado.

— Como, minha filha ! ? Pois tão lindo mancebo, rico e poderoso como o proprio rei, nosso senhor . . . que póde desejar no mundo que lhe não vá immediatamente ter ás mãos ? Que desgraça será essa tão forte que se imponha á fortuna ! Exageras, de certo, e bem sei eu porque . . . Não fôsse eu mulher, minha filha. Com o coração impressionado, vendo através do amor, que tudo augmenta, logo te pareceu ella immensa e irreparavel.

— Não, minha mãe, não é o amor que me faz vêr maior o soffrimento do rajá ; vejo-o com a mesma piedade com que o vê Affonso e, quando tornamos da festa, recordando as palavras que ouvimos, se connosco viesses havias de vêr que meu irmão falava com mais sentimento do que eu.

— É um mysterio ? E quererás tu, por acaso, ter um segredo para mim ?

— Não de certo e, se o quizesse ter, não te despertaria a curiosidade.

— Conta-me então o que foi.

— O rajá descende de uma familia de kechatrias, da Irdia. O pai, deixando o lugar do seu nascimento, internou-se na Asia aventurando-se como caçador de elephantes, sempre seguido de um homem fiel que só o abandonou no tumulto quando, victima de negra traição, cahiu para nunca mais. Depois de esforçados trabalhos conseguiu tornar-se senhor do Pendjab, mas a sorte não lhe foi de todo favoravel porque, quando começava a gosar a fortuna, perdeu a fidelissima esposa que lhe deixou nos braços um casal de gêmeos — o principe e a irman. Dedicou-se aos dois filhos, que eram o seu enlevo, mas como não podia dominar o seu espirito de aventura, para que tivessem alguém que delles cuidasse, com interesse e desvelo, lembrou-se o infeliz senhor de mandar buscar para sua companhia uma irman viúva, que vivia pobre nas margens do Ganges.

— Uma irman . . . perguntou D. Ignez com leve tremor na voz.

— Sim, uma irman. Despachou emissarios e, pouco tempo depois, com fausto e jubilo, entrava-lhe nos dominios a mulher que trazia, como favorito, um homem de quem se dizia muito grata pelos innumerados favores que d'elle recebera em dias asperos. A verdade, porém, minha mãe, como sem duvida percebeste, é que essas duas criaturas viviam criminosamente ligadas por amor impuro.

— Foi o principe que assim te falou ?

— Não, minha mãe, o principe não foi a tanto : disse poucas palavras, o resto adivinhamo-lo nós. Partindo para o Pendjab a má mulher deixára nas

margens do grande rio, confiado a sabios brahmines, um filho que lhe ficára do esposo. Logo que assumiu o governo do palacio do rajá a vida, que ali era calma e feliz, foi-se tornando insupportavel, minada pela intriga, agitada de odios. Os trabalhadores das minas, que viviam em perfeita harmonia, começaram a soffrer com a influencia malefica da mulher e o homem perfido, querendo apoderar-se das grandes riquezas, honestamente accumuladas pelo valoroso caçador, ligou-se a um feiticeiro e começou a sua obra miseravel propinando ao seu bemfeitor, em doses lentas, mas constantes, um terrivel veneno que, operando, primeiro lhe tolheu, lentamente, os movimentos, matando-o, por fim, em tormentos exercuciantes.

Nesse ponto da narrativa, pôz-se D. Ignez de pé e, com os olhos muito abertos, pallida e tremula, sem poder dominar a emoção, avançou para a filha, falando-lhe quasi em rosto com uma voz que silvava :

— Elle disse-te tudo isso . . . ? tudo isso ? !

— Sim, mamãi, disse-me.

— Ou foram os seus feiticeiros ? Tu devias ter visto lá os feiticeiros, porque affirmam que elle traz grande numero de adivinhos e de envenenadores. Foi elle mesmo quem te falou ?

— Elle mesmo, minha mãe.

— E que mais ? Continúa ! Que mais ?

— Morto o rajá, o pária seu companheiro que, desde o primeiro encontro com a mulher má, mostrara por ella a maior aversão, descobriu o crime, não a tempo de evitar que se consummasse, senão quando já era tarde para o remediar e pôz-se de

alcatéa junto das crianças. A mulher má, senhora absoluta das riquezas, para evitar qualquer vingança, porque os antigos companheiros do caçador de elephants, sem duvida excitados pelo pária, murmuravam, abalou do Pendjab com os thesouros do irmão, e o homem perfido, querendo desfazer-se dos gemeos que, mais tarde, poderiam embarçar-lhe a vida, alliciou uma farandula de thugs e pretendia dar combate á gente fiel, que velava pelos dois innocentes, quando foi astuciosamente derrotado pelo pária, padecendo a mais horrivel das mortes que poderia inventar a imaginação excitada de um indio vingativo. A mulher, porém, que escapara com a fortuna e grávida, nunca mais foi vista.

Ignéz arquejava e, de olhos altos, com estranho fulgor nas pupillas, parecia indifferente e surda á narração e foi necessario que a filha a chamasse:

— Estás ouvindo, mamãe ?

— Sim, estou ; continúa.

— Salvos milagrosamente pelo pária, os pequenos criaram-se nas serras do Lahór e ali, com o achado de um thesouro, reconstituíram a fortuna tornando-a cem vezes mais avultada. Desde a mais tenra idade o pária, que havia confiado os pequenos a um velho eremita, foi-lhes incutindo no coração a idéa da vingança. Infelizmente, porém, a donzella justamente quando todas as suas graças desalotavam, foi chamada ao céu e, só na terra, o príncipe peregrina, certo de que ha de encontrar, para vingar-se, a mulher má que fugiu com os thesouros e os dois filhos — o legitimo e a espuria. Então, mamãe, acha que esse mancebo é feliz ?

D. Ignez guardou silencio. Os dentes batiam-lhe como em accesso de febre e pallida, fria, alagava-se em gélido suor. Levantando-se de golpe, com os olhos esbrasidos, a boca contrahida, poz-se a dizer :

— É um feiticeiro ! É um feiticeiro !

Vendo-a Leonor tão demudada, espumando, os cabellos desfeitos, os olhos a saltarem-lhe das orbitas, teve medo e gritou. Perto ficavam os aposentos de Affonso e uma das janellas, escancarando-se, deixou vêr o rosto do alegre rapaz que deixara a cama sobressaltado.

— Que tens ?

— Acode, Affonso, implorou Leonor, mamãi está mal.

Effectivamente D. Ignez parecia haver enlouquecido. Caminhava gesticulando, ia e vinha, parava arvoadamente, esmurrando o espaço, sempre a rosnar, numa colera surda : « É um feiticeiro ! É um feiticeiro . . . » Leonor evitava-a procurando refugio entre os arbustos, quando ella investiu, como impellida :

— Olha, ouve bem : tu lá não tornas. Não quero que voltes ao palacio do feiticeiro, ouviste ? Não quero !

Aterrada, a menina acenava affirmativamente, encolhendo-se quando Affonso appareceu, a correr, em trajo leve, adiantando-se para D. Ignez.

— Mas que foi . . . ?

Antes que Leonor explicasse D. Ignez avançou para o rapaz com as mãos crispadas, os labios trincados, rugindo e, agarrando-o pelos hombros, disse :

— É preciso denunciá-lo, Affonso; é preciso denunciá-lo. É um feiticeiro, ouviste ? é um feiticeiro . . .

— Quem, minha mãe ?

A velha rugiu e esticou os braços para as bandas da chacara da *Xica da Silva*, repetindo num silvo :

— Feiticeiro !

— O rajá ?

— Sim, o rajá ! É um feiticeiro.

— Porque diz isto, minha mãe ?

— É um feiticeiro . . . É preciso denunciá-lo quanto antes, ouviste ? Quanto antes.

E, sem mais palavras, avançou perdendo-se numa alameda em sombra. Os dois olharam-se muito tempo, unidos no mesmo assombro. Por fim Affonso perguntou :

— Mas que foi ?

— Ella encontrou-me aqui sentada, falou-me e, como me achasse triste, querendo saber a causa, eu disse-lhe a verdade : Que ainda estava commo-vida com o que nos contara o rajá ácerca de sua infancia. Mal lhe falei nos crimes de que fôra victima o bom indiano ella entrou a empallidecer, e ficou que eu tive medo e gritei por ti. Mamã é tão nervosa, coitada. Foi emoção.

— Sim. Fizeste mal em contar-lhe taes coisas. Mas vamos vê-la porque parece que se encaminhou para o fundo do parque. Vamos vê-la.

E, sem esperar a irman, encaminhou-se a passos apressados, seguindo pelo caminho que tomara D. Ignez, agitada, murmurando numa allucinação inexplicavel.

Com a fresca da manhan as plantas estavam de um viço alegre e um grato aroma embalsamava o ar fino. Uma velha negra andrajosa, com uma gri-

lheta aos pés, e um póte á cabeça, caminhava arrastadamente para a fonte a resmungar, dando, porém, com o senhor, ajoelhou-se humildemente e pediu-lhe a benção. Affonso passou indifferente á desgraçada que ficou ainda algum tempo de joelhos, seguindo-o com um olhar enternecido. Era a sua mãe preta.

Porque ficara uma noite fóra num sitio visinho, á cabeceira de um filho, escravo, que adoecera de febre, tornando a casa foi logo submettida ao supplicio da escada e prenderam-lhe aos pés o pesado ferro, tão pesado que ella mal podia caminhar e rythmava os passos com gemidos. Affonso relanceava olhares ansiosos dum a outro lado e, assim, chegou ao pomar.

D. Ignez estava parada entre as arvores, immovel, de braços cruzados e olhos baixos. Vendo-a, Affonso chamou-a :

— Mamã !

Ella voltou-se de golpe, sarapantada e, como se o não reconhecesse, ficou a mirá-lo, de sobr'olho franzido.

— Que tem a senhora ?

Aproximando-se carinhosamente offereceu-lhe o braço e a velha deixou-se conduzir sem protesto, muda, sempre d'olhos baixos, preocupada e triste. Chegando á casa, como se a calma lhe houvesse voltado, disse retirando o braço, compondo a mantilha que se lhe despregara dos cabellos brancos :

— Deixa-me. Não te incomodes mais. Foi uma crise, passou.

E, como para agradecer-lhe a solitudine, beijou-o

na frente. Affonso sentiu como a applicação de um ferro em brasa, tanto queimavam os seus labios. Leonor, que já a esperava, quiz acompanhá-la aos aposentos que ella occupava; a velha, porém, oppôz-se:

— Não, vou só... Não tenho mais nada. Vou só. Se precisar de ti mando chamar-te. Foi uma crise, passou.

E, deixando os filhos, caminhou para o comprido corredor ao fim do qual ficavam os seus vastos commodos, contiguos á capella, sempre illuminada.

As mucamas, que trabalhavam em lencaria no grande salão, vendo a physionomia demudada da senhora entraram a cochichar, commentando:

Que teria havido? nenhuma dellas podia atinar com a verdadeira causa e logo que ficaram livres da presença dos jovens senhores, chamaram a mucama que acompanhara D. Ignez á igreja e carregaram-na de perguntas. A rapariga confessou, com espanto, que nada houvera. A senhora ouvira a missa tranquillamente, e sahira sem dar mostras de soffrimento, distribuindo áos pobres as esmolas do costume, visitando, de passagem, uma velhinha entrevada, de nome Brigida, que tinha o leito tão perto da porta que os transeuntes viam-na deitada, a fiar, e, mesmo da rua atiravam-lhe moedas. No jardim encontrara Leonor e ali se haviam demorado, conversando, certamente, sobre algum segredo porque, para ficarem mais á vontade, a senhora despachou-a. Taes informações aggravaram mais a curiosidade das mucamas e, enquanto ellas cochichavam conjecturas, esquecidas da tar-

refa em que trabalhavam, Leonor e Affonso, na varanda, lembravam o rajá.

— Não te esqueças, Affonso, que prometteste contar-me tudo quanto visses no palacio. Tão curiosa fiquei quando para lá foste que não consegui conciliar o somno durante a noite e bem podes ver pelas fundas olheiras que trago que a minha vigilia foi completa. Cumpre, pois, a promessa que fizeste, tirando-me da ansiedade. Que viste? É, então, verdade que a defunta resuscita?

— Sim, é verdade, affirmou Affonso com um suspiro.

— É verdade!? exclamou Leonor maravilhada. Tu viste?! Estás certo de que não foste victima de algum encantamento?

— Estou certo.

— Conta-me então... Conta-me. Estamos sós, podes falar sem receio. Conta-me tudo, tudo!

— Promettes guardar segredo? Eu devia reservar-me contigo, porque vejo que não tens força bastante para calar o que ouves. Que necessidade tinhas de repetir á mamãe o que disse o rajá, para que ella assim ficasse impressionada, quasi louca, como ficou? Leonor baixou os olhos sem responder e Affonso continuou: Bem ouviste a recommendação de Varuna: «Cuidado, se uma só palavra disserdes nada vereis e talvez tendeis de soffrer as consequencias da vossa indiscrição, porque os espiritos são vingativos.»

— Nada direi, Affonso, juro-te por minha madrinha, Nossa Senhora da Conceição e não hei de querer que soffras por uma tagarellice inutil. Po-

des falar sem receio; guardarei as tuas palavras para o sempre.

Affonso, então, certificando-se de que não havia ali por perto quem o pudesse ouvir, pôz-se a referir á irman todos os episodios dessa noite de tão extraordinarios acontecimentos e, quando falou de Maya, fê-lo com tal ardor que a donzella o interrompeu com malicia:

— Dize a verdade: tu ficaste impressionado pela morta.

Houve um curto silencio e Affonso, enchendo-se de resolução, affirmou:

— Sim, e outro qualquer ficaria. Não é uma criatura da terra, Leonor. A belleza, a graça, o donaire são tantos que não ha palavras que os descrevam. E dizer-se que ha um meio de a reintegrar na vida dando-se ao deus um precioso refem.

— Ha um meio?

— Seguro, disse-me Karma, o sacerdote. Aquelle mesmo que chamou o rajá quando com elle nos entretinhamos em conversa.

— E porque não o tentas, já que tão grande é a impressão do teu peito?

— Ah! se eu te dissesse o que exige o deus sanguinario para operar o milagre da reencarnação. Para que Maya torne á vida e me siga como esposa é preciso que eu dê, como oblação, ao deus máu da India, o coração de nossa mãe! . . .

— Oh que horror! E tu, Affonso . . . ?

— Eu! Oh! Leonor . . . julgas-me capaz de commetter tal crime?

— Não, de certo. Mas que pretendes fazer?

— Evitar o rajá. Nunca mais tornarei ao seu palacio para não vêr, para não soffrer.

-- E eu farei como tu.

— Ah ! sim e deves fazer porque eu percebi que de lá sahiste com o coração ferido.

Leonor não poudo negar e confessou ingenuamente, sem que as suas faces córassem, porque o seu amor era puro !

-- Sim, Affonso, amo-o e soffro, porque comprehendo que nunca poderei realisar o que tenho como um sonho infeliz. Elle está para mim como está para ti essa criatura que viste sabir da morte. É tambem o inatingivel. Tu nada esperas ; eu igualmente nada espero. Eu, que tenho andado na vida indifferente ao amor, sinto-o agora e comprehendo o soffrimento dos que amam. Não que alguém tenha soffrido tanto como eu, porque não acho medida para o meu amor. Fui com a alma virgem e transbordante de ternura para esse jovem impassivel e os que me cortejam já vem experimentados, porque antes de me encontrarem conheceram outros amores. Quando o coração ama verdadeiramente fica como que tollido de assombro e emmudece. Eu não sei dizer que sinto, todas as palavras são pobres para exprimir a verdade. Sei apenas dizer que o amo, que o amo muito e muito, Affonso !

Ao dizer taes palavras a donzella inclinou a cabeça e, lançando os braços ao pescoço do irmão, rompeu em soluços fortes aconchegada ao seu peito.

— Não te afflijas, Leonor. És mais feliz do que eu e, para vences, tens a tua mocidade e a tua

formosura e não te debates em aventura macabra. O homem a quem dás o teu coração virgem pôde recebê-lo, eu sim... eu é que sou digno de lastima, porque fui-me inclinar sobre um tumulo, como um salgueiro funereo. Eu sim... ! Que posso eu esperar de uma finada? Acreditas que se possa levar á igreja uma defunta? Tu amas e eu sou victima de uma allucinação. Tu estás no real; eu vivo no imaginario; o que vês é a verdade; o que eu vi foi a illusão. Não te amofines, descança e tem fé. O rajá é moço e, ainda que a idéa cruel de vingança lhe encha o coração, sempre nelle ha de haver espaço, pequeno embora, para a ternura. Não te afflijas.

— Melhor seria que eu nunca o houvesse visto. Eu era tão feliz, vivia tão tranquilla, com a minh'alma tão socegada... e hoje a minha vida é um sobresalto, soffro como não te sei dizer. Que são as noites para mim? supplicios. Quando todos repousam, quando as mesmas coisas descançam eu, perseguida pela idéa insistente, padeço. É horrivel!

Ficaram algum tempo, como em arroubo, até que se apartaram indo Leonor fazer companhia a D. Ignez.

A capella illuminou-se e a viuva, repellindo os proprios filhos, dirigiu-se para junto dos seus santos, trancando-se cautelosamente. Logo que se viu só ajuntando as mãos, atirou-se de joelhos, num pranto infeliz, e, prostrando-se, com a face de rojo, pôz-se a clamar batendo no peito punhadas soturnas. Por fim, levantando os olhos e fitando a imagem do crucificado, com as lagrimas a lhe rolaem pela face, pôz-se a dizer:

— Meu Senhor! Meu Senhor! tirai-me de tão grande ansiedade. Não creio que tantas coincidências de factos sejam simples capricho do acaso. Vinde por mim, illuminai-me e bem mereço eu a vossa misericórdia, porque duramente tenho procurado conquistar a vossa graça, praticando, com zelo, tudo quanto ordenam os sagrados mandamentos. Fui cúmplice do mais hediondo dos crimes, não tanto por maldade, senão por desvario de amor, bem o sabeis. Tudo quanto se me ordenava eu cumpria e, não poucas vezes, Vós, que lêdes nos corações, vistes, sem duvida, quão grande era a minha repugnancia a certos actos. Mas que havia eu de fazer se era uma criatura passiva, escrava humilde do amor, capaz de todas as villanias desde que as ordenasse aquelle que eu tinha como senhor do meu corpo e dominador da minha vontade? Foi iniquo o que fiz com meu pobre irmão e com a misera criança innocente, que não sei se é viva ou morta, porque apenas conseguí saber que, levada pelos indios ficis, se havia internado na floresta donde nunca mais sahiu noticia della. Mas esse principe, quem será elle? talvez um enviado de Selva. Mas como se terá ella transportado á Índia sem recursos, porque tudo quanto nos paíões havia de valor desceu commigo nos preciosos cargueiros?! Que interesse terá esse principe em servi-la? Talvez para lhe ganhar a estima.

Fez uma pausa com os olhos no Christo crucificado e, aceitando essa idéa, repetiu surdamente:

— Sim, para ganhar-lhe a estima. Ella deve ter exigido essa prova de amor.

Calou-se de novo e, pensando, com vergonha,

nos filhos que lhe ignoravam todo o passado infame, ficou numa grande prostração moral sem poder tirar os olhos da imagem.

Os cirios crepitavam na capella e fóra, na faina do trabalho, escravos cantavam melancolicamente.

— E se elles vierem a saber? Se a noticia espalhar-se? Ninguem mais, por certo, ha de querer receber-nos. A mim pouco se me dá o desprezo do mundo porque delle vivo, ha muito, apartada, bem o sabeis, Senhor Deus, mas os pobresinhos sem culpa? nelles é que ha de recahir a viltá.

De novo inclinou a cabeça mantendo-se queda, em ascese, no silencio mystico da capella.

— Não me quero furtar ao castigo, disse, por fim, de mãos postas, se ainda o mereço, apesar das penitencias com que tenho procurado remittir a vossa colera, Senhor; mas que elles não padeçam, que os innocentes não soffram pelo que não commetteram. Eu aqui estou, fraca e arrependida, prompta para o golpe com que pretendais castigar-me, mas tirai os vossos olhos das miseras crianças, que nada fizeram. Elle nem conheceu o sitio ensanguentado por tantos crimes nefandos; ella nem era ainda nascida. Um dos culpados, o maior, recebeu o castigo cruel no mesmo lugar em que delles se fez merecedor; a cumplice sou eu. Aqui tendes a minha fraqueza, a minha velhice, o meu arrependimento, a minha vida, mas que a Vossa ira não passe de mim. Eu aqui estou para todos os castigos, resignada e contente, meu Senhor.

Depois dessas palavras ferventes, ditas por entre lagrimas sinceras, D. Ignez levantou-se e, vagarosamente, alquebrada, foi sentar-se numa estalla

que havia junto a uma das janellas e ali ficou pensando. Toda a sua vida lhe passou diante dos olhos. Viu-se em Portugal, na aldeia, lutando com a miseria e com o frio; viu-se no mar, em rumo para o Brasil; viu-se em Pirapora, em companhia do irmão e do reinol e todos os crimes que tiveram por scenario o forte alcáçar e as mattas frondosas que o circumdavam ella os viu claramente, nitidamente, como se ali se realisassem e suspirou desabafando-se em arrependimento diante de Deus misericordioso.

Repentinamente, em surda revolta contra o homem que fora seu amante e que a arrastara a todos aquelles crimes, bateu com o pé nas lages da capella e murmurou meneando com a cabeça :

— Ah ! Manoel ! Manoel ! Para que havias tu de, por ambição, seduzir-me para que eu prestasse o meu concurso á obra tão indigna e covarde . . . ? E porque fiquei como victima soffrendo mil vezes mais do que soffreste, porque a tua tortura foi rapida e a minha começou no momento em que, com a comitiva que me deste, deixei Pirapora e dura até hoje, cada vez mais forte e agora maior, porque vejo ameaçados os que, sem culpa alguma, hão de ser responsabilizados, simplesmente porque sahi-ram do meu ventre. Não eramos felizes ? Que nos faltava ali no meio da abundancia ? Ah ! ambição ! ambição !

Impressionada com a demora de D. Ignez na capella Leonor foi, cautelosamente, escutar á porta, nada, porém, conseguiu ouvir ; por fim, em sobresalto presago, bateu de leve chamando-a :

— Mamã !

A viuva estremeceu vivamente e ergueu-se dando volta á chave, porque havia reconhecido a voz da filha. Leonor, vendo o rosto desfigurado da mãe e as lagrimas que o molhavam, avançou impetuosamente abraçando-se com ella :

— Que tens, minha mãe ? Tu soffres e não me queres dizer a causa do teu soffrimento. Oh ! como me arrependo de te haver repetido a historia do rajá ! Conhecendo, como conheço, o teu coração sensível, eu devia comprehender que soffrerias com tal narrativa. Mas não te afflijas tanto, minha mãe ; outros ha mais infelizes do que o principe ; elle, ao menos, póde ter todos os gosos materiaes, porque dispõe de avultadissimos haveres e os pobresinhos nem uma enxêrga têm e morrem á mingua nos caminhos. Se quisessemos participar do soffrimento de todos os infelizes a vida seria um pranto perenne. Realmente é commovedora a historia, mas a certeza da vingança é consolação para o principe. Não te afflijas mais.

D. Ignez queria dizer alguma coisa á filha, mas não achava palavra e, muda, com lagrimas a lhe escorrerem dos olhos macerados, deixou-se levar passivamente para a varanda, onde ficou, como uma convalescente que, depois de longa enfermidade sahisse, ainda fraca e atordoadá, para o esplendor do sol, revendo a natureza forte.

Affonso recolhera-se aos seus aposentos e, agitado, preocupado, passeiava ao longo do salão onde tinha a bibliotheca e as suas armas preciosas.

A scena mysteriosa da reencarnação de Maya não lhe sahia do espirito e as palavras de Karina soavam-lhe aos ouvidos insistentemente, em se-

dução. Elle, porém, em luta intima, repellia a idéa de um crime tão revoltante — nunca seria capaz, a não ser em luta franca, de attentar contra a vida de uma criatura, mesmo de um escravo, quanto mais daquella que, com o ser, lhe dera o carinho e os cuidados solícitos, empenhando toda a sua ternura para o tornar feliz. Parecia-lhe tão absurda essa idéa que sorria quando ella lhe passava pela mente.

— Pobre espirito ! demora para sempre na tua residencia paradisiaca contentando-te com as curtas estações no corpo que foi tua formosa residencia. Pobre espirito ! Se na India não encontraste quem te resgatasse muito menos encontrarás aqui onde não é tão grande o fanatismo nem o coração procede como animal bravo, que segue apenas os impulsos do instinto. Torna ao seio do Immaterial donde baixaste e já não foi pequena a colheita que na terra fizeste, porque vai contigo a miaba tranquillidade, vai contigo o meu Pensamento. Sobem duas almas ao Paraiso. Duas almas . . . ! Meu corpo, d'ora avante, Maya, ficará vazio como o teu, reanimando-se apenas quando luzir no céu o plenilunio, que é o astro que te annuncia.

Assim falando ia Affonso dum a outro extremo do salão, cabisbaixo, taciturno. Subitamente, porém, tomado por uma idéa, deteve-se e ficou a olhar perdidamente, extatico :

— Que fazer ? Sim, que hei de eu fazer para possui-la . . . ? Talvez seja possivel conseguir dos deuses obtê-la mediante offerenda menos cruel. Karma, que se communica com os numes, bem póde abrandá-los.

Porque ha de ser minha mãe ? Porque ? Passou a mão pelos olhos nervoso, irritado e deixou-se cahir numa ampla cadeira, sempre preocupado com o que vira e ouvira na dágaba sinistra.

— Antes nunca eu a tivesse visto ! suspirou. Mas será ella, então, a mulher mais bella do universo para que assim me domine... ? Não sei... não sei ! É a radiancia do Paraíso que a torna um esplendor. Não é uma mulher da terra, é uma apsara.

Tomando, então, a cabeça a mãos ambas, sacudindo-a num grande desespero, pôz-se a dizer, com furor :

— Mas porque fui eu a essa sessão mysteriosa ? Por que não tive forças para combater a minha curiosidade, Deus meu, para que assim esteja peccando em pensamento ?? Que fui eu fazer ? Que fui eu fazer ?? Ah ! estonteado !

Bateram á porta justamente quando Affonso caminhava para uma das janellas. Era uma negra que o chamava para o almoço.

— Já vou.

Passou as mãos pelos cabellos e, retorcendo os bigodes, sahio procurando dar tranquillidade á physionomia transtornada pela luta intima que nelle se travara. Leonor havia conduzido a velha para a mesa e procurava distrahi-la quando Affonso appareceu. Vendo a attitude dolorosa da mãe o manco, fingindo-se alegre, adiantou-se risonho :

-- Então, mamãe ? como vamos ?

A viuva encolheu os hombros sem levantar a cabeça.

— É isso ! Decididamente o nosso peor inimigo.

é o coração. A senhora enterneceu-se com a vida infeliz do príncipe e quiz compartilhar do seu soffrimento. Ah ! minha mãe se, com as nossas lagrimas, pudessemos minorar o soffrimento do proximo até eu, que sou avesso ao pranto, traria os olhos constantemente razos d'agua, mas as lagrimas cahem e somem-se na terra como se some o orvalho.

-- Isso mesmo já eu lhe disse, assegurou Leonor.

-- E é a verdade.

— Mas nós não podemos governar o coração, affirmou a velha em voz que lhe sahia difficil e através de soluços. Commovi-me, foi isso ; mas já passou. Agora, com calma, penso apenas, não no soffrimento do rajá, mas na perfidia dos seus inimigos.

— Póde, então, rejubilar, minha mãe porque o rajá, que, além de immensamente rico — possui mais ouro nas suas minas do que o Rei, Nosso Senhor, em todos os seus thesouros, tem ainda poderes sobrenaturaes — garantiu-me que não está longe o dia da vingança, porque os espiritos que obedecem á sua voz, andam perto da criminosa e, dentro em pouco, o odio terá o seu resgate.

Os olhos de D. Ignez fuzilaram e ella, que tão prostrada estava, pôz-se a prumo impetuosamente, perguntando :

-- Que espiritos, Affonso . . . ?

— Não sei, minha mãe ; posso, porém, garantir, que elle os domina, porque vi coisas extraordinarias numa das dependencias do palacio.

-- E como nada me disseste ?

— Porque jurei guardar segredo.

— Mesmo á tua mãe ?

— Mesmo á minha mãe.

— Não confias em mim, meu filho ?

— Como não confio ? Mas minha mãe, que tanto zela pela honra dos seus filhos, não ha de querer que um delles falte a um juramento . . . e eu jurei.

D. Ignez não insistiu e o almoço terminou em morno silencio, passando os tres á varanda, onde costumavam ficar á sombra dos jasmineiros, cujas ramadas floridas a enfeitavam e perfumavam.

O sol do meio-dia cahia a pino e ás raras sombras quietas acolhiam-se os passarinhos piando. Longe, na roça, os negros cantavam uma triste melopéa e o corrego, que deslisava perto, punha um leve sussurro no ar parado e quente, como um choro de nympha soffredora.

As duas senhoras, sentadas, pareciam invadidas pelo effluvio languido da hora e, d'olhos perdidos, caladas, como que sonhavam emquanto as abelhas zumbiam e os colibrís pairavam de flôr em flôr, beijando-as amorosamente.

Affonso, de mãos para as costas, cabisbaixo, passeiava ao longo da varanda quando um negro, nú da cinta para cima, veio a correr annunciar que um cavalleiro estava á entrada, entre as palmeiras, pedindo para falar ao senhor Saavedra.

Affonso ordenou que o introduzissem e os tres, curiosos, levantaram-se para vêr chegar aquelle hospede que, em hora tão importuna, procurava o mancebo.

Debruçados á balaustrada alongavam os olhos quando ouviram o tropel ligeiro do ginete, que logo appareceu fozoso, com os preciosos jaezes reluzindo ao sol, trazido por um forte e elegante cavalleiro, que vestia folgadas abalonas de sêda e tinha o busto

coberto por um manto bordado a ouro. Abrindo-se o manto, com o vento, via-se-lhe, no cinto largo, de brocado, as coronhas marchetadas das pistolas e o cabo riquíssimo duma adága. Á cabeça um turbante com uma pluma tremendo ao vento.

Era moreno e gracioso e o seu porte inculcava valentia e nobreza. Trazendo, com altaneiro garbo, o ginete até junto á varanda, em rapido sacalão de redeas fez com que o animal quasi tocasse a terra com os joelhos, querendo assim prestar homenagem ás senhoras, que ainda não haviam sahido do espanto que provoocara tão destra manobra, quando viram na varanda o hindú, que havia saltado, atirando as redeas ao pescoço do ginete que, de narinas dilatadas, ficou escarvando o solo com surdo relincho.

Comprehendendo que era uma mensagem do rajá mais cresceu a curiosidade entre elles e, lembrando-se do que lhe havia dito Affonso, não teve animo de fitar o mensageiro que se adiantava, em gracioso andar, trazendo um pequeno estojo ricamente cravejado de gemmas. Depois de curvar-se respeitosaente ante as senhoras dirigiu-se a Affonso e, procurando fazer-se comprehender, como se as houvesse decorado, repetiu as seguintes palavras :

— Meu amo e senhor, o rajá Varuna, do Pendjab, querendo dar-vos uma prova de apreço e estima pede-vos que acciteis, como lembrança, este mimo que, sem valor na apparencia, muito vale porque andou com um dos homens mais leaes e valentes que têm vivido na terra. É o punhal com que o rajá, senhor dos elephantes, sabia nas suas expe-

dições arriscadas. Em prova do grande apreço em que vos tem, meu senhor, o rajá, vo-lo offerere.

Recebendo o estojo, Affonso abriu-o vendo logo, rutilando sobre um fundo de sêda carmesim, a esplendida lamina presa a um cabo de ouro no qual havia engastado um diamante negro. O mancebo não conteve a alegria e, tomando entre dois dedos a arma preciosa, fez que brilhasse ao sol mostrando-a á mãe e á irman. Leonor, com um sorriso nos labios, aproximou-se para examiná-la melhor enquanto Affonso falava ao mensageiro : que disesse ao principe que elle iria ao palacio agradecer pessoalmente tão valiosa offerta.

O hindú retirava-se a recuansos, com respeitadas zumbaias, quando D. Ignez, pondo os olhos na arma fulgida, soltou um grito agudissimo e, agarrando a cabeça a mãos ambas, tombou no chão, como morta. Os dois jovens, alarmados, precipitaram-se para ampará-la e não viram o sorriso que franzia os labios do mensageiro, que montava a cavallo, partindo a toda redea pela extensa rua de palmeiras onde as cigarras cantavam.

Aos gritos de Leonor acudiram mucamas que lentamente, foram levando D. Ignez desmaiada enquanto Affonso, preocupado, attribuia as successivas crises á vingança de algum escravo que andava a propinar mandingas á senhora.

## VII

### JURITY E URUTÚ

O dia esplendido, com um sol fulgurante de verão, que lavrara em fogo céus e terras, tornando arroxeados o azul, exsiccando o solo e encoscorando as folhas, um desses dias árdegos em que as ribeiras mingúam e nos concavos dos aguaçães a terra resequida estala em fendas e os pinhos adormecem na sombra, começava a declinar na tarde, arejado a leves bafagens que balançavam mollemente os ramos e faziam tremer os arbustos.

O perfume daservas e das flores, até então abafado, impregnava o ar macio e languido. Os bengalis, no immenso aviario, desferiam com saudade, talvez, dos bosques de *tannamaram*, onde os tigres se ajuntam. A flôr da açoca exhalava o seu suave aroma e no pateo das feras, de quando em quando, rugiam leões ou o barrito estrondoso de algum elephante atroava trovejantemente.

Na varanda, reclinado em rico cataló de sêda,

cercado de almofadas e coxins, com o rosto em uma das mãos, Varuna olhava o céu melancólico. Junto d'elle uma indiana formosa tirava sons de uma vina.

De repente o rajá suspirou com angustia, estendendo o braço como para mostrar o sol que mergulhava em nuvens de ouro :

— Ah ! Poranga . . .

A indiana, como se despertasse, em sobresalto, de pesado somno, deixando o instrumento, achegou-se do principe. Varuna voltou-se e, passando a mão de leve pela fronte, como se a quizesse alliviar da fóta de sêda recamada de perolas e rubis, meneou tristemente com a cabeça.

— Que tens, minha filha ? perguntou a indiana carinhosamente. Que tens ? andas ultimamente tão triste ? Terás, por acaso, saudade da terra que deixamos ?

— Não, Poranga, na patria, onde nos achamos, não posso ter saudade da terra do exilio. Soffro, bem dizes, soffro porque, ficando a tão curtas jornadas deste sitio os lugares que amo, não só porque nelles nasci como tambem porque lá jazem os corpos de meus pais, não posso mover-me para visitá-los. Penso tanto nessa romaria piedosa que me impõe o amor . . . ! Vê-los, aos amados lugares, demorar-me nelles tanto quanto exigir a minha saudade e depois tomar o rumo das silenciosas montanhas onde vivi na santa companhia de Frei Angelo . . . !

— Pretendes, então, encerrar a tua mocidade em sitios tão agrestes ? Não te seduziram os encantos das côrtes europeas onde, com a fortuna que

possues, ainda guardando o mysterio em que te envolves, poderás viver como os mais poderosos principes ?

O rajá acenou negativamente sem tirar os olhos tristes do céu.

— Não, Poranga, terminada a minha dolorosa missão pretendo recolher-me ao silencio. Apraz-me a vida solitaria. Já escolhi um claustro para encerrar-me — esse será a gruta de Frei Angelo. Elle lá deve estar porque não nos quiz seguir e, tanto que pôz pé em terras brásileiras, logo se internou demandando pressurosamente o seu sertão com os indios que definhavam de nostalgia. Com os livros que adquiriu os dias lhe correrão suaves e felizes, porque é um puro, sem pensamento mau algum que lhe perturbe o espirito.

Outro suspiro cortou-lhe a palavra e a indiana, depois de curto silencio, disse :

— Selva, eu conheço a razão da tua tristeza.

— Não, não conheces.

— Tu entendes que é uma crueldade o que fazemos. O teu coração bondoso revolta-se.

A indiana ia continuar quando o galope de um cavallo fez com que os seus grandes olhos negros se voltassem para a alameda e logo viu um cavalleiro que trazia o animal arquejante e suado, annunciando que vinha de longe, a bom correr. Diante da varanda saltou lesto da sella atirando as redeas a um pagem hindú que se adiantara. O rajá levantou a cabeça olhando a fito o recém-chegado.

— Então, Parajára, perguntou o rajá, que outro não era senão Selva, a pupilla dos indios.

— O tempo tem feito muito, disse o tamoyo. A mulher má é uma ruína. Tive-a perto dos olhos. O tempo quiz também castigá-la. A consciencia, como um verme interior, muito tem concorrido para a devastação. Se a visses terias pena, talvez.

— Havia de ter, respondeu Selva com firmeza. Parajára franziu o sobr'olho como se lhe não agradasse a resposta da donzella, e Poranga descerrou os labios num sorriso triste.

— Havias de ter! ? insistiu o indio, com uma ponta de ironia.

— Sim, Parajára. Não me forces a mentir ; bem sabes que não ando nesta empreza com o coração, porque já me repugna e commove vêr soffrerem dois innocentes.

— E que culpa tinha o senhor para que elles o martyrisassem ? Queres fugir ao juramento que fizeste ? Selva, a sombra do corpo do senhor vem, todas as noites, lembrar a promessa. Se tens pena vai, deixa-me só e eu provarei á pobre alma que ainda não esqueço o que prometto mostrando assim que a minha amizade de escravo é mais fiel do que o teu amor de filha. O que prometti no dia que abandonei Pirapora, quando eras pequenina, hei de cumprir. O coração da mulher má ha de seccar em cima da sepultura do senhor, aos pés da cruz em que foi sacrificado o reinol. Parajára não perdôa, Selva pôde desistir. Os mortos são esquecidos depressa, principalmente quando os vivos tomam conta do coração.

— Não, Parajára, não esqueci meu pai, julgo, porém, iniquo o procedimento a que me forças,

porque sei que pretendes tirar vingança dos innocentes.

— Sim, para que a mulher má padeça — ella soffrerá mais pelos filhos do que com o proprio soffrimento. O que imaginamos vai-se realisando: a menina ama o rajá e o moço está delirantemente apaixonado pela visão da dágaba.

Ouvindo palavras taes os olhos de Selva flamejaram e o seu rosto delicado tornou-se de palidez mortal. Poranga, que a observava, notou-lhe as mudanças e, como se com ella soffresse, suspirou tristemente.

— És achas que a paixão que o domina fará com que não recue ante o crime nefando?

— Tenho certeza! affirmou o indio. Elle deve vir hoje á noite, porque sabe que a lua vai declinando; deve vir e, talvez, torne á casa para buscar a hostia de sangue, principalmente se o philtro de Karma operar como espero.

-- Um amavio! Um philtro de amor?

— Um philtro de amor e de morte.

— Então achas que a belleza de Maya não é bastante para vencê-lo, Parájára?

— Não. Quero, porém, usar dos mesmos meios de que se serviu a mulher má para torturar o bandeirante.

— E, para isso, escolhes o mancebo?

— Sim . . .

Selva trincou os labios e, depois de pensativo silencio, não podendo conter as palavras, disse:

— Porque não propinas o philtro á donzella, que parece resistir com mais energia á seducção? Ambos são filhos e ella vein do tempo do crime,

o outro é anterior á perfidia, nem sequer conheceu o sitio onde foi barbaramente victimado aquelle que vingamos. Se tens de escolher peço-te que dêes preferencia á donzella e deixa a Maya o encargo de subjugar, sem outro auxilio além dos seus dotes naturaes, o que já parece seu escravo.

O indio não deu a perceber que comprehendera a intenção da pupilla é, seccamente, surdamente, respondeu :

— Assim seja. Um delles ha de soffrer como o senhor soffren . . . que seja a moça.

Dizendo palavras taes, foi-se, a largos passos, para o interior deixando Selva surpreendida com a rudeza de seus modos.

Poranga, não fôsse ella mulher! entrara no segredo de Selva e, querendo abrandar-lhe o soffrimento sem, todavia, comprometter o desejo inabalavel do esposo, cujo odio, longe de arrefecer com o tempo, mais, com elle, crescia, pôz-se a lembrar os tormentos do bandeirante como para avivar no coração da moça a chamma de vingança que se ia apagando. Selva, porém, com os olhos humidos e a voz tremula, contrariou-a :

— Não, Poranga, não quero deixar impune o crime de Pirapora, mas a minha educação religiosa faz com que me revolte contra o que pretendeis fazer. Que culpa têm os filhos ? Aqui, no livro que nunca me abandona, vêm as palavras do propheta. Ouve-as, vou lê-las e depois de as ouvires dize-me se penso como christan ou não.

Afastando-se, tirou debaixo de uma das almofadas um volume da Biblia e, folheando-o, disse, espalmando a mão sobre uma pagina :

— Aqui tens, escuta a voz de Ezequiel.

E, lentamente, pôz-se a lêr no livro sagrado, no qual bebera todos os principios de moral e de religião :

« E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia : Que motivo ha para terdes entre vós convertido em proverbio esta parabola na terra de Israel dizendo : Os pais comeram as uvas em agração, e os dentes dos filhos é que se acham botos.

Por minha vida, diz o Senhor Deus, que esta parabola não passará mais entre nós por um proverbio em Israel. » Ouve bem, Poranga, ouve e dizo depois se penso ou não como uma respeitadora do Livro Sagrado. Se erro na opinião dos homens, estou com a verdade prégada pelos ministros de Deus. Mas ouve :

« Eis ahí está que todas as almas são minhas, como é a alma do pai, assim tambem a alma do filho é minha ; a alma que peccar essa morrerá. E se um homem fôr justo e obrar conforme a equidade e a justiça. Se não comer nos montes e não levantar os seus olhos para os idolos da casa de Israel, e se não offender a mulher do seu proximo . . . E se não entristecer a ninguem, se tornar o penhor ao devedor, se não tirar nada do alheio por violencia, se der do seu pão ao que tem fome, e ao nú cobrir com vestido ; se não emprestar a juro e não receber mais do que o que emprestou, e se apartar a sua mão da iniquidade e fizer um verdadeiro juizo entre homem e homem. Se andar nos meus preceitos e guardar os meus mandamentos para obrar segundo a verdade este tal é justo, certamente viverá, diz o Senhor. Porém, se gerar algum filho ladrão que

derrame o sangue e que commetter qualquer destas faltas, ainda quando não commetta todas estas, que coma sobre os montes e que manche a mulher do seu proximo ; que entristeça ao necessitado e ao pobre, que tire, por violencia, os bens de outros, que não torne o penhor ao seu devedor e que levante os seus olhos para os idolos, que commetta abominações ; que empreste a juros e receba mais do que o que emprestou, acaso viverá elle ? não viverá ; antes, depois de ter executado todas estas acções detestaveis, infallivelmente morrerá, o seu sangue será contra elle mesmo. Porém, se elle tiver um filho... » Attenta agora, Poranga : « se elle tiver um filho que, vendo todos os peccados que seu pai commetter, temer e não fizer coisa semelhante ás que elle obrou — que não comer sobre os montes e não levantar os seus olhos para os idolos da casa de Israel, e não violar a mulher do seu proximo ; e que não entristecer a pessoa alguma, que não retiver penhor, nem tirar nada por violencia, que der do seu pão ao faminto e ao nú cobrir com vestido ; que apartar a sua mão da injuria do pobre, que não receber usura nem mais do que emprestou, que observar as minhas ordenanças, que andar nos meus preceitos, este não morrerá por causa da iniquidade do seu pai, mas certissimamente viverá . . . »

Com estas ultimas palavras, fechando o livro santo, Selva voltou-se para Poranga.

— Bem vês, é o proprio Livro Sagrado que assim ordena : o filho não deve carregar com as culpas dos pais. E não é justo, Poranga ? Não te parece uma iniquidade isso que de mim se exige ? Pois Parajára não percebe que me martyrisa for-

gando-me a proceder em desacordo com o meu coração ? Dize, Poranga ; responde.

— Que queres que eu diga ? Bem conheço a verdade, mas não a devo dizer : é melhor que ella fique conmigo.

— E porque ? Porque não a dirás ?

— Ouve. Eu era bem pequenina ainda quando me contaram o triste romance de Potyra, a mais formosa das moças da minha raça, aquella que passava por ser filha duma yára com um guerreiro tamoyo. Andavam os meus em guerra com os goytacazes, já muito sangue havia corrido e o fogo lavrara em muitas aldeias quando, depois de uma derrota soffrida pelos nossos, os veneráveis juraram não dar treguas aos goytacazes enquanto houvesse um tamoyo na selva capaz de atesar um arco. Potyra, cujo collo começava a abotoar, ouviu o juramento dos maiores sem dizer palavra, quieta e triste, e logo que a tribu se pôz em marcha para a taba inimiga ella, deixando-se sempre ficar atrazada, ajoellou-se á beira da fonte maternal e, invocando aquella que a havia gerado, assim falou :

— Mãi, tu que me lançaste no mundo quando bem me podias ter conservado no teu collo como um nenuphar ; tu que me entregaste aos homens, quando me devias ter guardado nas aguas serenas, ouve o que te diz o meu coração alanceado. Vão os meus contra os goytacazes, detestados desde que um dos seus destros guerreiros venceu em combate aquelle que amaste ao clarão da lua, vão todos e o arvoredado atroa com a poracé tremenda, dize, porém, yára minha mãi, tu que tiveste no coração frio um amor tão forte, e que por elle soffres tanto

que, andando livre outr'ora pelos campos em rio largo e caudaloso, ficaste amarrada a um rochedo chorando essa fonte, porque desobedeceste a Tupan amando um mortal, dize, mãe, que hei de eu fazer se o meu coração pertence áquelle que é o braço temido, Monhongára, o goytacaz, filho do guerreiro forte, que venceu a meu pai ?

A yára, que ouvira a voz da filha, emergiu da agua e, tristemente, fitou-a sem lhe dizer palavra mergulhando, por fim, com um soluço forte que as aguas muito tempo repetiram. E Potyra seguiu a ajuntar-se aos que marchavam contra os irmãos de Monhongára.

Quando os guerreiros se avistaram os borés sonoros deram o signal do combate e os tamoyos avançaram furiosos atirando contra a taba as suas flechas inflammadas e soltando gritos horriveis. Os goytacazes, que não eram menos bravos, defenderam-se corajosamente, mas a sorte da guerra não lhes foi favoravel : os que escaparam da morte caíram nas mãos dos tamoyos que, depois de lhes haverem incendiado a ocára, tornaram triumphantes á sua aldeia para festejar a victoria.

Entre os prisioneiros veiu o valente Monhongára. Não havia guerreiro mais bello nem mais activo na desgraça. Durante todo o trajecto, apesar de trazer os pulsos apertadamente amarrados, a ponto do sangue escorrer marcando o caminho que fazia, não soltava um gemido e, quando a sua boca se abria era para injuriar os inimigos. Chegados á taba deram-lhe os tamoyos una compauheira para os ultimos dias e, como quizessem honrar o guerreiro, escolheram Potyra que era a mais formosa.

Não se negou a filha da yára e, nem por saber que aquelle a quem se ia entregar era filho do guerreiro que lhe roubara o pai, levou rancor no coração e a sua noite nupcial foi das mais felizes e tanto se amavam os dois que os mesmos tamoyos, encontrando-os, por vezes, juntos, passeando nos bosques ou reponsando á margem do correjo, tinham pena de que tão cedo se finasse mancebo tão formoso e esbelto e acabasse tragicamente um idyllio tão apaixonado. Mas o dia fatal chegava. Já se faziam os preparativos para a grande cerimonia, andavam todos em faina, e os dois, esquecidos de tudo, continuavam felizes — ella, revendo-se nos olhos d'elle; elle, extasiado nella. Na vespera do dia tremendo — a lua grande brilhava — Potyra contou ao seu esposo a sua origem aquatica propondo-lhe fugirem ambos para a fonte onde, por certo, a yára havia de os receber e agazalhar. Monhongára, posto que lhe parecesse indigno de um guerreiro da sua estirpe uma evasão, tão vencido estava pelo amor que se decidiu a acompanhar Potyra e foram os dois, muito unidos, cautelosamente, mal pisando as folhas, pedir á yára que os recebesse.

A lua branca espalhava a sua claridade melancolica pela extensa paisagem cheia de vozes mysteriosas. Os indios dormiam descuidados e os dois, sem serem sentidos, chegaram ao jazigo da yára, numa montanha cerrada e cheirosa. Potyra, debruçando-se e vertendo lagrimas ardentes, falou á senhora das aguas serenas :

— Yára, minha mãe, aqui me tens ainda e, desta vez, acompanhada daquelle que amei no primeiro movimento do meu coração. Bem sabes, porque

não te escondo um segredo, que, quando os tamoyos tornaram vencidos, eu, que no furor da peleja vira Monhongára, vim logo dizer-te o que por elle sentira. Quando os meus partiram para a nova campanha de vingança tornei a ti confessando-te o meu amor e tu não disseste palavra, agora vem em nosso auxilio, yára, minha mãe, recebe-nos em teu asylo, onde os tamoyos não poderão perturbar a nossa felicidade. Cede-nos um canto do teu humido palacio, yára.

Revolveram-se as aguas e branca, com os seus cabellos verdes, os olhos flammejantes, a yára surgiu á tona, falando á Potyra colérica :

— Vai ! torna para a tua óca com o esposo que amas. No seio das minhas águas não se aninham traidores e tu trahes, não só a tua mãe como a tua raça, dando o beijo dos teus labios ao filho do assassino de teu pai e o mais encarniçado inimigo da tua gente. Vai ! No seio das minhas aguas não se aninham traidores.

Chorosa, Potyra recuou fugindo á colera da yára e, sem animo de tornar á taba, aprofundou-se na selva com Monhongára. A selva, porém, repellia-a com os seus espinhos e com as suas víboras não querendo asylo a uma traidora. Se os dois buscavam refugio em uma caverna logo o sol os denunciava. Em torno delles não havia noite — um clarão delator cercava-os sempre nas horas mais tenebrosas e os tamoyos, que não continham o odio, já lhes andavam no encalço e elles sempre caminhando por montes e valles, sem repouso, repellidos pelas proprias féras até que, num bosque recondito, encontraram um velho pagé misericordioso que os rece-

beu piedosamente, ouvindo de Potyra a historia dolorosa da grande peregrinação em que andavam.

— Que havemos de fazer, meu pai? perguntou a infeliz.

O pagé concentrou-se como para ouvir o deus selvagem e, depois de longo-silencio, levantando a cabeça veneravel, disse :

— Filha, a yára d'agua não te repelliu, nem o bosque açulou contra ti as suas viboras danminhas ; nem as cavernas se illuminaram, nem as feras sahiram ameaçadoras contra ti — tudo isso é produto de teu remorso porque trahiste a memoria do morto e a tua raça. Ha um meio de ganhares a paz de coração, ha um meio unico...

— E qual é elle, pai ? implorou Potyra lançando-se aos pés do pagé.

— Esquece-o, disse o oraculo florestal, mostrando á Potyra o seu esposo Monhongára. Esquece-o e tornarás a encontrar a agua serena, a selva hospitaleira, as cavernas sombrias e as feras mais amigas, mas se tal não fizeres maior será a tua pena d'ora avante, porque a tua propria sombra fugirá de ti.

— E Potyra? perguntou Selva interessada, com os olhos brilhantes cravados em Poranga.

E a india disse :

— Apoiou as duas mãos sobre o hombro de Monhongára, curvou a formosa cabeça e, abandonando, em silencio, a cabana do pagé, perdeu-se com o seu esposo na floresta cerrada. Eis a historia que ouvi quando era ainda pequenina e andava peregrinando com a gente da minha raça.

Selva estremeceu vendo o olhar significativo de

Poranga e vermelha, sem poder dissimular a emoção, perguntou :

— Mas porque só agora te lembraste de contar-me esta história que, nem sequer, mencionaste no tempo de minha infância ?

— Não sei, disse a india ; lembrei-me della agora ; e, sem mais dizer levantou-se.

Selva ergueu-se tambem e as duas mulheres seguiram lentamente, uma apoiada á outra, como duas apsaras gemeas que houvessem baixado do céu e fóssem docemente seguindo o mesmo rumo.

Selva, que se havia recolhido aos seus aposentos com Poranga, sahio sob o disfarce masculino com o qual sempre apparecia aos da sua comitiva que a tinham por mancebo, menos Karina, senhor do segredo, porque não era outro senão o indio Urú, tão intrepido e tão destro no tempo em que florescia o povoado de Pirapora, nas brenhas. Tão pallida estava e tão fundas eram as olheiras que lhe cercavam os olhos lindos que não seria difficil, a quem a fizesse attentamente, perceber que havia chorado. Alquebrada, caminhava lentamente apoiada á india como Sakuntala quando se viu repellida pelo rei achando-se só, na floresta, com as arvores suas irmãs que a amparavam na desventura. Soluços subiam-lhe á garganta fazendo-lhe arfar o collo apertado nas sêdas das vestes bordadas.

Poranga, com os olhos em terra, seguia-a em silencio e, como se partilhasse do seu soffrimento de quando em quando suspirava. No céu, largo e calmo, appareciam as primeiras estrellas — era a

hora melancolica da Ave Maria annunciada, de longe, pelos dobres de um sino. Quando Selva chegou á varanda já ali encontrou Parajára que passeava nervosamente, de mãos ás costas, a cabeça baixa, meditando. Ao dar com as duas mulheres o indio deteve-se e fitou-as sem uma palavra, carancudo, não porque guardasse resentimento, mas porque continuava a seguir uma idéa com interesse e foi necessario algum tempo para que, a bem dizer, pudesse libertar-se della.

— Em que pensas, Parajára ? perguntou Selva contrafazendo-se para que o tamoyo não lhe percebesse a emoção.

— Estava revendo Pirapora. Cumprida a minha missão é ali naquelle verde e silencioso retiro que pretendo repousar, porque ali fui feliz.

Poranga suspirou como se o esposo tivesse revolido recordações queridas no seu coração.

— Pensas, então, em abandonar-me ?

— Selva não precisa dos conselhos de Parajára. Nas veias de Selva corre o sangue manso dos brancos; o sangue de Parajára rola como a agua raivosa dos grandes rios. Selva é meiga como a jurity; Parajára é vingativo como o urutú. A serpente não póde viver com a pomba.

Comprehendendo a intenção das palavras do indio, a donzella fitou-o e, para abrandá-lo, avançou risonha enlaçando-o com os braços, como fazia quando era pequenina e vivia nas brenhas entre a gente selvagem da tribu.

— Não, Parajára . . . não me deixarás só. Que será de mim se me abandonares ? Não me queiras vêr triste, não provoques o meu pranto. Vê e pensa

que não te zangas connigo por um crime, mas porque sou piedosa. Que culpa tenho eu de possuir um coração fraco? Não me queiras vêr triste. Achas que devo ser forte para a vingança, pois bem, ainda que me custe a vida, sê-lo-ei! Estás contente?

— Eu não, mas os espiritos de senhor e de senhora saberão agradecer o teu sacrificio.

E o indio apertou-a nos braços. Depois da refeição da noite dirigiram-se todos á dágaba, certos de que Affonso não se faria esperar, mas a lua atravessou o céu, cobriu-se o horizonte de nuvens côr de rosa, cessou de cahir o orvalho e o moço não appareceu.

O indio ficou deveras surprehido, logo, porém, que amanheceu despachou um emissario de confiança, que conseguira ganhar as boas graças de uma das mucamas de Leonor, para indagar e, por ella soube que a velha Ignez passára a noite em delirio, alvoroçando a casa, a bramar contra assassinos imaginarios, fugindo a um punhal que dizia vêr apontado ao seu peito pela mão de um indio.

Ninguem dormira. Para a madrugada, prostrada, a velha conseguira adormecer e lá estava entre os filhos e as negras, livida, com um padre á cabeceira, como uma moribunda. Ouvindo o emissario, Parajára franziu o sobrolho contrariado e, baixinho, em soliloquio, murmurou:

— É preciso que ella viva; a morte não basta. É preciso que viva.

A desordem em que se achavam os aposentos da viuva denunciava o que fôra a noite. Muca-

mas estiravam-se pelo chão, exaustas, outras cabeceavam pelos cantos e, posto que fôsse dia claro, uma lampada de óleo illuminava frouxamente a camara. Pallida, com os cabellos brancos em desalinho, D. Ignez dormia e, aos pés do seu leito, sentada, com os olhos arroxeados, Leonor contemplava-a. Affonso, afundado em uma poltrona de couro, olhava vagamente perdido num sonho.

A velha dama soffrera rudemente, em agitada crise, vendo assassinos que a perseguiam e ameaçavam, sentindo-se picada a punhal e, se a não houvessem contido num momento de maior desespero, teria sahido para a chacara fugindo ao delirio. Foi necessaria a presença do vigario para que a senhora tivesse um periodo de calma. Atirou-se afflicta para o sacerdote pedindo que a livrasse daquelles demonios que a perseguiam, accusando o rajá « que era um enviado de Satanaz » e chorando, em commoção tremenda. O padre conseguiu aquietá-la animando-a com palavras consoladoras, pondo-lhe á cabeceira um crucifixo para que afugentasse os máus espiritos que ella dizia andarem cabriolando em volta do seu leito e só quando a viu socegada, adormecida, sahiu em pontas de pés recommendando o maior cuidado e que não a deixassem só.

Dia alto, quando Affonso sahiu para repousar um pouco, ao chegar na varanda, vendo o sol trincou os labios e ficou absorto com o olhar no vago. Não se preocupava com o sofrimento de D. Ignez, outro cuidado empolgava-lhe o espirito—Maya. Maya perdida, porque a lua entrara em outra phase, minguando no céu. Durante toda a noite terrivel,

apesar do soffrimento da velha, a formosa resuscitada não o deixou, como se ali estivesse, acompanhando-o naquella camara funebre. Logo que a mãe, exausta, adormeceu, cahindo o silencio, pôz-se elle a pensar na formosa sombra. Aquella hora nocturna, com o apparecimento da lua, devia ella ir despertando para a vida ephemera, á espera de um amoroso que a retomasse á morte.

Revendo a dágaba recompunha toda a scena mysteriosa daquella noite inolvidavel e, por uma intensa abstracção, via-se de novo no recinto sagrado, entre os calados penitentes, diante do cenotaphio de onde se devia levantar para a vida lunar a esplendida criatura, larva e encanto, empusa divina que o attrahia.

De quando em quando um gemido de D. Ignez tirava-o do sonho, elle, porém, como se estivesse preso á poltrona, não se podia mover, extasiado, amando o sonho, escravo da visão que tão rapidamente se sumira desfazendo-se com o surgimento da manhan.

As palavras de Karma acudiam-lhe ao espirito. A revolta arrancava-lhe fremitos, a idéa repugnante do crime dava-lhe crispacões, mas como se, aos poucos, se fôsse com ella habituando, fitou os olhos no rosto livido da mãe e, sem horror, com a febre de um fanatico, viu aquelle corpo hirto, atravessado por um punhal e elle a' mergulhar as mãos no peito aberto, naquella mesmo peito que lhe havia dado a vida e o carinho, em busca do coração.

Na varanda, diante do sol, lembrando-se de que tão cedo não veria a sua bem amada, desfeita em nevoa, teve um accesso de raiva e, como murmu-

rasse contra aquella noite vasia, contra aquella crise que ali o prendera junto a um leito quando a livida princeza, talvez pensando nelle, passeiava por entre as arvores do parque, ao luar, deu com os olhos em um escravo que diante d'elle, cabisbaixo e humilde, apertava ao seio um pequenino cofre.

Não era dos seus homens que elle os não trazia com aquelle esplendor de sêdas nem os coifava tão ricamente cobrindo-lhes a cabeça com turbante de linho — era um dos servos do rajá. Estremecendo, certo de que ia receber novas daquella que, mesmo na morte, governava o seu espirito apaixonado, adiantou-se ansioso :

— Que queres ?

Levantando a cabeça e fitando-o o escravo levou um dedo aos labios como para significar que era mudo e, tirando do peito, dentre as sêdas fôfas da tunica, uma carta, entregou-a com o cofre ; isto feito cruzou os braços, curvou-se respeitosamente, retirando-se aos recuões. Affonso ficou algum tempo como em assombro, por fim, baixou os olhos sobre o presente e teria aberto o envolvero se não houvesse lido, em letras que pareciam de ouro, o nome de Leonor. Era então para a irman aquelle presente ? É ella ? Maya ? Quiz chomar o escravo para interrogá-lo, lembrando-se, porém, de que o infeliz era mudo, encolheu os hombros e um profundo suspiro escapou-se-lhe do peito.

Com uma ponta de despeito e não querendo tornar á camara, de onde havia sabido minutos antes, chamou uma das escravas e entregou-lhe o cofre e a carta para que os passasse ás mãos de Leo-

nor, retirando-se lentamente e triste para os seus aposentos, preocupado com aquelle amor doentio.

— Ah ! com a lua já, por certo, haverá voltado ás sombras da morte o doce e formoso espirito querido.

Leonor, logo que recebeu o precioso cofre e a carta, vendo seu nome em letras d'ouro, ficou em grande emoção e, esquecendo a mãe, que repousava, sahio do funebre aposento para que ninguém lhe pudesse lêr na physionomia o prazer do seu coração apaixonado. Entrando no seu aposento fechou-se por dentro, correu um olhar de exame por todos os cantos e, convencendo-se de que ninguém a podia surprender, abriu, com delicados cuidados, o envolvero retirando uma folha de papel preciosa e fina que parecia haver sido feita com petalas maceradas, tanto recendia. Com ansia, tremula, pallida, leu sorridente as linhas doiradas :

« Leonor.

No cofre de sandalo em que devia ir o meu coração, se eu delle não carecesse para guardar o amor, que é hoje toda a resistencia da minha vida, vai um ramo de anacampseros, planta do amor cujo aroma aviva a paixão. Sempre que a tiveres perto pensarás em mim. É o ramo nupcial que te offereço ficando eu com a outra parte, num escapulario, ao peito. As pastilhas que ahi vão foram feitas por um virtuoso brahmine. Queima-as na tua alcova, á noite, para que tenhas sonhos felizes

e pensa sempre, sempre em quem vive em miséria por não haver ainda alcançado a ventura de possuir-te.

*Varuna* »

A donzella, em grande exaltação de amor, beijou repetidamente a carta, apertou-a ao peito, molhou-a de lagrimas felizes; depois, com o ramo de anacampseros na mão, beijando-o, poz-se a dizer:

— Não, meu amado, para lembrar-me de ti não careço da herva do amor. Eu te devolveria o ramo se nelle não houvesse tocado, guardo-o, porém, commigo — ha de viver no meu seio como a hera vive agarrada ao muro e, á noite, antes que a tréva caia de todo, encerrada, queimarei as pastilhas para que, na nuvem perfumosa que subir do incensorio, minba alma parta a encontrar-se com a tua, meu doce amor, meu doce bem. »

Outras palavras disse ainda e só deixou os aposentos quando uma das mucamas, afflicta por não vê-la, foi procurá-la, chamando-a. Logo ao anoitecer, a pretexto de fadiga, os dois jovens recolheram-se e enquanto Affonso, á janella, contemplava a lua, em mingunte, como se nella visse o espirito de Maya, Leonor aspirava o perfume das pastilhas que, ardendo, enchiam o aposento de um leve fumo aromalissimo, e beijava o ramo de anacampseros dormindo com elle apertado ao seio, como uma reliquia.

## VIII

### ESPECTROS DO PASSADO

Todas as manhãs, ainda os escravos rumorejavam no «quadrado», respondendo á chamada com que o feitor lhes verificava a presença na forma para, em tempo, caso algum não respondesse, mandar capitães de matto em seu encalço, Affonso saltava da cama, corria a uma janella para olhar o cariz do céu, receioso de que o tempo houvesse mudado.

Uma nuvensinha rala, nevoa mais densa nos cerros ou simplesmente um frio mais picante na aragem faziam-no tremer. É que estava para desabrochar a lua cheia, a lua da resurreição de Maya.

Como lhe parecera longo aquelle mez, com as lentas phases do astro, desde que fôra diminuindo até tornar-se como uma garra no céu. Ao principiar o crescente, periodo da gestação lunar, a ansia tornou-se-lhe maior e, olhando contemplativamente a lua, parecia-lhe nella avistar a donzella. Sim, era

ella que, lá de cima, afflieta, lhe estendia os braços a pedir que a resgatasse com o sacrificio que exigia Siva. E elle, pensando no que lhe impunha o nune, sorria á visão decidido a attender-lhe ao rogo, de todo despreoccupado do remorso, conciliando a consciencia com o amor.

O que o fazia hesitar e tremer não era o acto cruel e infame, mas a idéa de ser preso, condemnado, posto a ferros em carcere ou mandado, em chusma de galés, para Angola. Quanto ao crime, tanto se lhe afizera á idéa, premeditando-o, gisando-o com insidias e traças para que o attribuissem aos negros, que já achava natural. Era um deus que o exigia dando em troca outra vida e o amor.

Quanta vez, encontrando a mãe a arrastar pesadamente os passos ao longo dos compridos e taciturnos corredores, tivera impetos de se lhe atirar á gorja, apertando-a a mãos ambas, até que o corpo tombasse amollecido.

Se lhe ouvia a voz, sempre lamurienta, irritava-se. Às vezes, porém, encontrando-a a chorar, commovia-se e, arrependido, revoltado contra a idéa sinistra, sentava-se-lhe ao lado, afagando-a, consolando-a. A subitas, porém, conturbava-se-lhe o espirito e, na tempestade intima, Maya reaparecia obsidiando-o, reaquistando-o á piedade filial, arrancando-o violentamente da ternura materna. Levantava-se de repellão, descia ao jardim isolando-se nos cantos mais sombrios onde pudesse ficar só e pensar, evocar a morta, vê-la, senti-la, amá-la em sonho.

D. Ignez, cada vez mais beata, passava os dias na igreja, de altar em altar, ou então na capella,

cercada de negras, a repassar rosários ou a tirar rezas. A casa, enfumarada, recendia a aromatas e os canticos religiosos resoavam tristonhamente. Vivía-se num ambiente de terror mystico.

Leonor, que se tornara retrahida, refugindo a todos, sempre encerrada no quarto, definhava a olhos vistos. Pallida, com a pelle côr de cera, os olhos pávidos, encovados num circulo denegrado, arvoava caminhando pela casa em passos ariscos, ora a rir airadamente, ora a chorar. Os cabellos soltos, emmaranhados, davam-lhe um ar selvagem e tão desleixada se tornara que, não raro, mucamas, que a viam passar, continham-na á força para compôr-lhe o timão enxovalhado. Tudo lhe esquecera, menos o ramo fatal de anacampseros, que trazia sempre no seio, de onde, de vez em quando, o retirava para levá-lo fervorosamente aos labios.

A residencia em tudo se resentia da falta de governo: eram os moveis que se cobriam de poeira, a baixella e a louça a esmo pelos aparadores, trapos pelo chão; o soalho empastava-se de lama dos pés dos escravos; cães e gallinhas, até lacoros, erravam ao farisco pela casa. As mucamas, soltas, desmandavam-se em gandaia, muito cynicas com abarregados. Negros em falario, gauderando guloseimas, abriam armarios e uchas, saqueavam a despensa. Á noite, eram scenas libidinosas, correrias de moleques e negrinhas que trambolhavam em aferro lubrico; ás vezes estouravam brigas por ciumadas ou então eram batuques pela noite dentro.

O feitor, por mais que fizesse, sem o prestigio dos senhores, não conseguia manter a disciplina e

as fugas de negros succediam-se, fazendo-se os conchavos na cozinha, ás escancaras. « Isto está acabado, diziam ; aqui é cada um cuidar de si antes que o diabo tome conta de tudo ».

D. Ignez giro-vagava pelos aposentos aspergindo-lhes as paredes, o soalho com agua benta ou defumando-os com palmas eervas santas queimadas num fogareiro de barro. Ás vezes mandava chamar escravas e, reuindo-as na capella com promessas de gratificações, pedia-lhes humildemente que a acompanhassem em terços e ladainhas.

Commentavam-se, a principio em boquejos e cochichos, logo depois abertamente, nas casas, nas lojas, nas igrejas, nos mercados e até nas gupiaras e lavras as miserias dos Saavedras. Os mancebos do convivio de Affonso, estranhavam-lhe o ar macambusio e, como os negros houvessem espalhado a noticia da loucura de Leonor, muitas das suas amigas, das mais intimas, attribuiam-na a castigo do céu.

« Pagou pela vaidade. Ora para o que lhe havia de dar a tineta : querer casar com um principe ! Isso só mesmo de cabeça virada. »

O vigario, tão amigo, outr'ora, da familia que, não só corria com todos os gastos do pé de altar como ainda com a mantença do presbyterio que, sob a capa de asylo caridoso, escondia um verdadeiro serralho, onde se succediam os baptisados, ainda que lastimasse a desgraça, entrava no côro da diffamação com lamentos compungidos da mais refalsada hypocrisia :

« Que a pobre senhora estava perdida de uma vez e em duas vidas, nesta e na outra, porque se

entregara ao demonio, mancommunando-se com feiçiceiros em mandingas e bruxarias. »

Effectivamente a viuva déra em fazer-se acompanhar de duas negras velhas e de um tio « congo », com os quaes se encerrava horas e horas e as mucamas, que espionavam o aposento onde se realisavam as « macumbas », ouviam cantos estranhos, tripudios, chocallar de maracás, rascar de ganzás e batuques soturnos, fugindo da fumarada que escoava por baixo da porta, estitica como de raizes e resinas áeres.

Affonso sabia pouco e, quando apparecia no arraial, sempre taciturno, os amigos evitavam-no, limitando-se a um cumprimento que, nem sempre, era correspondido.

Mas o que pôz em alvoroço a residencia foi o fim tragico de Leonor.

Uma noite de rigoroso frio, já se achavam todos recolhidos, apenas algumas negras velhas cavaqueavam, pitando, sentadas á beira do fogão, quando alguém se pôz a bradar fóra, batendo furiosamente á porta. Alarmadas com o alarido e o troar as negras levantaram-se sarapantadas e uma dellas, mais corajosa, perguntou quem era. Pelo nome e pela voz reconhecendo o advindo correu, de prompto, a tranca e um molecote entrou d'arranque, assombrado, a arquejar de canceira da corrida em que viera. Toda a gente acudiu ao rumor e o molecote foi logo dizendo, em voz ansiada :

« Que sinhá moça estava na matta, á beira do riacho, dançando e cantando, quasi núa, embrulhada em folhas, que nem mãe d'agua. »

A tal relato negras e mucamas précipitaram-se

d'escantilhão para o quarto de Leonor. Acharam-no escancarado, em desordem : a cama desfeita, gavetas abertas e revolvidas, roupa e objectos pelo chão. D. Ignez, ao ter noticia do que se dera, rompeu aos gritos, arrePELLando-se em crise hysterica, e pôz-se a correr a casa bradando pela filha.

Negros e negras foram expedidos em demanda da desaparecida e os matts refulgiram com o relume fumarento de archotes. Antes, porém, de alcançarem o riacho o guia conteve o bando, impondo silencio. Immobilisaram-se todos á escuta e ouviram, na quiéte da espessura sombria, a voz meiga de Leonor que entristecia a solidão.

— E . . . sussurraram, pávidos, os negros e, avançando a pé mansinho, como em tocaia, avis-taram a donzella onde e tal como a descrevera o guia. De quando em quando, fazendo breve pausa, ella levava as mãos em concha aos labios em gesto de abeberar-se. Percebendo, porém, o clarão dos archotes, voltou-se de golpe, aggressivamente, para a direcção do lume e, descobrindo os negros, pôz-se a gritar frenetica, sapateando raivosa :

« Não ! Não ! A que vindes ? Que quereis de mim ? Quem vos mandou aqui ? Ellas, não ? as invejosas, para que eu não me case ? Foram ellas ? Vindes tarde, bruxas negras. Já, agora não terão poder sobre mim os vossos feitiços. Tenho aqui o meu talisman, o talisman que elle me deu. »

E, tirando do seio o ramo de anacampseros, pôz-se a sacudi-lo como em esconjuro. E, assim fazendo, ia recuando, recuando até que, chegando á beira do riacho, justamente no ponto em que elle corria mais angusto e profundo, acachoando em

borbulhões, esgargalhou um riso percuciente e arrojou-se, de mergulho, nagua.

As negras, que o assombro havia estatelado, levantando uma grita de terror, avançaram para contê-la. Não foram, porém, tão rápidas que pudessem evitar o desatino da donzella que, envolvida nos golfões, rebolecando-se na espumarada, ora sumia, ora surgia á tona em trambolhô. Dois negros, porém, atirando-se afoitamente ao riacho, conseguiram agarrá-la pelos cabellos, que fluctuavam, puxaram-na, arrastaram-na por pedras até a margem.

Quando a viram a salvo negras e mucamas correram a ella, compadecidas e reprehensivas:

«Que é isso, sinhá? Vosmecê está gira? Vosmecê não tem pena de sua mãe, que está lá em casa feito maluca? Isso se faz? Vamo-nos embora!»

Leonor tiritava encharcada e, docil, sorrindo alvarmente, deixou-se conduzir; ao dar, porém, com os negros, que levantavam os archotes para diffundir a claridade, tomada de subito furor, entrou a debater-se procurando arrancar-se dos que a continham. Dominada, porém, rugia tentando mordê-los. Aos repellões e arranques com que forcejava livrar-se foram-se-lhe os ultimos andrajos. De mãos e pés amarrados a cipós, deitada em umas andas e coberta de folhas, assim entrou em casa, aos gritos, a misera donzella.

Ao vê-la em tal estado a mãe, que a esperava afflicta, desmaiou nos braços das mucamas que a cercavam. Medicos, chamados á pressa, nada conseguiram e, aggravando-se as crises, foi ella recolhida a um quarto, onde o furor se lhe manifestava

por um constante debater-se e investidas á porta e gritos.

Descorçoando da sciencia recorreu a velha a mandingueiros mandando buscar os de mais fama onde os houvesse, muitos comprados a peso de ouro. E, para os bruxedos, negras e moleques andavam em buscas e recados constantes, caçando sapos em aguagaes, catandoervas e raizes, escavando cemiterios para recolher terra de covas e ossos. E o mal cada vez peor.

Tão preocupado andava Affonso com o amor de Maya que, apesar de muito querer á irman, parecia indifferente á desgraça que a ferira. Chegava á porta do quarto de encerro, batia, annunciava-se; aos gritos, porém, da encarcerada, dava de hombros, retirando-se para os seus aposentos onde se encerrava, recusando-se a quem quer que o buscase.

A noticia dos tristes successos na residencia chegou ao conhecimento de Varuna que, desde logo, resolveu escrever a Affonso pedindo-lhe dia e hora para visitá-lo. Alvorçado com tamanha deferencia tratou immediatamente o mancebo de pôr a casa em condições de receber pessoa tão grada. Communicando, porém, a nova a D. Ignez estranhou que ella a recebesse de má sombra e até com repulsa :

— Não ! Não quero semelhante bruxo em minha casa. Que se fique onde vive com os seus fakers e jogues. Aquí, não !

— Mas porque isso, minha mãe ?

— Porque sim. Não quero !

— Então a senhora recusa-se a receber um prin-

cipe como Varuna, dizendo-o feiticeiro, e vive, entretanto, cercada de pais de quimbande com as suas malungas?

— Vivo, não é da conta de ninguem. São elles que me defendem dos « despachos » e outros maleficios da gente do tal príncipe. Não fossem os pais de « quimbande » e as suas malungas e eu não sei que teria sido de mim. Pois não vês que esse tal rajá nos persegue ?

— Varuna ! ?

— Sim. Antes da sua chegada viviamos aqui como em um céu aberto, foi esse diabo apparecer e tudo mudou como se nos calhasse em cima a maldição do céu. Que mais nos falta ? Eu, assim doente. Leonor, é como a vês : louca.

-- De amor.

— De amor ? !

— Ouça o que ella diz, minha mãe. Fala apenas no príncipe, o nome de Varuna não lhe sahe da boca. Imagina o perto de si, com elle vive no delirio, acaricia-o, tem-no por noivo. Leonor ama perdidamente o rajá e eu sei, garanto que esse amor é correspondido. Tenho tanta certeza disso que sou capaz de jurar que o príncipe não vem aqui com outro fim senão o de a pedir.

— Pedi-la ! Pedir uma louca ! ?

— A loucura de amor cura-se com o proprio amor.

— Tens certeza do que dizes, Affonso ?

— Toda, minha mãe !

— E tu ? porque andas tão mudado, tão triste e esquivo ? Amas tambem ?

— Não sei, minha mãe.

Disse encarado nella de má sombra e a idéa sinistra relampejou-lhe no espirito. Esteve um momento immovel, em silencio. Por fim, em tom energico, declarou :

— Precisamos receber o rajá, minha mãe, não tanto por elle, como, principalmente, por Leonor.

— Se achas que elle a pode salvar...

— Garanto !

— Pois então... Emfim!... e, suspirando: Queira Deus que te não arrependas. O meu coração adivinha... Queres, não? Pois seja feita a tua vontade.

Affonso tomou a peito restaurar a casa e, descendo ao quadrado, onde o feitor já não conseguia obediencia, impoz a sua autoridade aos negros, ameaçando com o tronco aos que resmungavam de má cara. Mostrava-se, com actividade trefega, em toda a parte, fiscalizando o serviço : no parque, dirigindo a recomposição dos canteiros, a póda das arvores, a limpeza dos tanques verdinhentos de limo ; nos salões acompanhando os que batiam os tapetes, espanavam os quadros, bruniam amarelllos ; contava as peças ricas da baixella, os talheres, a louça e, em breve, a casa reluzia desde o soalho de mosaico, em escaques de madeira, até o tecto de grandes almofadas esculpidas, e tudo que era metal brilhava acafelado.

As almas, essas não puderam soffrer trato e na mais turbulenta azáfama do serviço, no qual andava empenhada toda a escravatura, volta e meia estrugiu um grito agudo partido do quarto de Leonor, quando não era a plangencia lugubre das rezas com que a viuva e as negras do seu cortejo

sombrio esconjuravam os malefícios attribuidos ao rajá.

O proprio Affonso, apesar de entretido no trabalho, cuidando de uma coisa e outra, volta e meia arrincoava-se em algum vão, pensativo. Quando, depois de meticoloso exame, verificou que tudo estava bem, despachou um dos pagens mais appostos com mensagem para Varuna, emprazando-o para a visita.

D. Ignez contava agoniadamente as horas e o que lhe não sahia da lembrança, estarrecendo-a, era o punhal do bandeirante, não podendo comprehender como aquella arma fôra parar tão longe, ás mãos do principe indiano. Tremia de tudo, retrasindo-se ante qualquer sombra vaga, ao mais leve rumor e as longas noites, passadas em claro, sempre atormentadas, engelhavam-lhe cada vez mais o rosto macilento, cercavam-lhe os olhos cavos de olheiras rôxas e ás negras, que a não deixavam, sempre zumbidas em adulação, queixava-se amargurada :

— Vocês não imaginam. É uma antipathia que não posso. Não sei que tenho com esse homem que até o seu nome me causa repugnancia.

No dia da visita, ainda o sol estava em casa de Nosso Senhor, já a viuva andava pela casa, em aforçuramento nervoso. Mandou accender a capella e carregou-se de breves, rosarios, amuletos e nominaes e, exagitada, espiando, de instante a instante, á janella, não disfarçava o terror. Quando um molecôte, que fôra postado como atalaia, annunciou que dois cavalleiros, precedidos de enorme cão negro, vinham a galope pela aléa de mangueiras,

esteve a pique de desmaio e, certo, teria cahido se não se houvesse amparado ao respaldar de uma das altas cadeiras armoriadas.

O caminho que levava á residencia fôra juncado de folhagens floridas. Os cavalleiros, precedidos pelo molosso, que trazia ao pescoço larga colleira de ouro cravejada de pedrarias, montavam animaes de sangue: Varuna, um alfário negro, de crinas longas, tódo ajaezado de ouro, com um caparação attalico, cujas franjas roçavam pelas hervas; em outro ginete, não menos garboso e árdego, com jaezes de prata e teliz de sêda, o mordomo acompanhava-o trazendo, como insignia da grandeza do príncipe, um escudo de ouro, que era a imagem do sol.

Esbarrando os animaes os dois cavalleiros desmontaram ageis, atirando as redeas ao cão, que as abocanhou, sentando-se, de guarda, entre os cavallos.

Subindo á varanda, onde Affonso e D. Iñez os esperavam, Varuna inclinou-se com a mão espalmada no peito e o mordomo zumbriu-se, de braços estendidos. Introduzidos no salão, que trescalava, tantas eram nelle as flores, depois de breves palavras de gentileza, Varuna indagou de Leonor. Ao descrever o estado da filha, ainda que lhe occultasse a loucura, não ponde a viuva conter as lagrimas. Ouvindo-a, de braços cruzados, o mordomo mantinha no rosto bronzeo um sorriso enigmático.

Entraram escravas com um serviço de merenda e refrescos e a velha, que descobrira o sorriso do mordomo, voltou-se para elle, tão duros, porém, e

fitos lhe achou os olhos, em contraste com o frio sorriso, que estremeceu transida de pavor. Affonso e Varuna puzeram-se a conversar alegremente e, como falassem em armas demonstrou o rajá interesse de vêr as do mancebo que, immediatamente, o convidou a visitar os seus aposentos.

A sós com o mordomo, cujo olhar fulgurava em chispas, D. Ignez chegou a levantar-se para deixar a sala, ouvindo, porém, a voz do indiano, o sangue gelou-se-lhe nas veias e quedou paralyzada, respirando a offêgos.

— Senhora, não ha motivo para desesperardes da cura de vossa filha. Ha remedios para todos os males, excepto para os que vêm de Deus, como castigo. Se quizerdes tentar uma experiencia, talvez, em dias, a nuvem que ensombra o espirito da enferma se desvaneça como se dissipam no céu as das tormentas quando apparece o sol. Trazemos conosco um feiticeiro, ou gaddi, como lhe chamamos, para o qual não ha impossiveis. Domina os animaes e com elles vive como viveis com as vossas escravas, impõe-se á propria natureza sustando o curso dos rios ou fazendo-os retroceder. Uma semente, que levaria semanas na terra antes de vir a flux, germina-lhe na palma da mão só com o prestigio do seu olhar e, quando lhe apraz repousar longamente chaina a si a morte e, rigido, póde ser sepultado jazendo no tumulo o tempo que lhe convenha. É um negro africano cuja idade vai além de um seculo e conhece todo o mundo por o haver percorrido de extremo a extremo. Elle já aqui esteve, em tempo, conhece o paiz, principalmente esta região, e fala-nos de pessoas com

as quaes conviveu, umas já mortas, outras ainda vivas.

D. Ignez, mortalmente pallida, tremendo como azezoada, fez menção de querer falar; o indiano, porém, dominando-a com os olhos, continuou:

— É esse negro que, com a sciencia adquirida em tres ou quatro vidas, nos vem guiando e assistindo, conhecendo o homem, como profundamente o conhece, porque tem o poder sobrenatural de penetrar o pensamento, apára todos os golpes de traição que possam ser vibrados contra nós. Nada lhe falta, porque o rajá o estima, esse omnipotente, entretanto, é um grande infeliz porque soffre, sem um momento de paz, as torturas de um remorso.

— Um remorso! exclamou a viuva, levantando-se impetuosamente, de olhos esbogallados.

-- Sim, senhora: um remorso. Concorreu para a morte de um justo e para o sacrificio de uma innocente. Ainda hoje, quando se refere a tal crime, correm-lhe grossas lagrimas dos olhos fundos. O arrependimento, porém, como que lhe vai delindo a culpa e Deus, por certo, lhe dará o perdão no dia em que perecer torturada uma das maiores responsáveis da tragedia infernal que teve por theatro um dos cantos mais apraziveis desta região.

A serenidade com que falava o mordomo contrastava com a agitação da viuva, que empallidecia e córava alternativamente, respirando tão forte que as grossas contas do seu collar de ouro tinham. Os olhos parados, fitos, tinham uma luz sinistra: os labios entrebatiam-se em mussitação, estrincava os dedos, estremecendo, por vezes, como

em choque epileptico. O indiano, sempre calmo, continuava, encarado nella :

— Elle affirma que o dia do castigo não vem longe, castigo que ha de ser tremendo. Como a criminosa attentou contra o proprio irmão, um dos seus filhos será o verdugo que vingará a victima innocente, manchando as mãos no sangue que lhe deu vida.

Calou-se, a subitas, o mordomo para acudir á viuva que estremecia de mãos aferradas ao peito, como para conter o coração. Ao sentir o mordomo junto a si fez um movimento de repulsa. De repente, porém, olhando-o em face, perguntou em voz rouca :

— E esse feiticeiro . . . como se chama ? Como é o seu nome ?

O mordomo, cravando fundo os olhos na viuva, pousou lentamente a palavra :

— Jacob.

— Jacob ! ? exclamou a velha, retrasando-se arripidamente.

O mordomo acenou de cabeça accentuando o gesto com sorriso ironico.

D. Ignez sentiu-se como de pedra, cravada pesadamente ao solo, hirta. Forcejava comsigo para arrancar-se da presença daquelle homem, cujo olhar a magnetisava como o da serpente captiva o passarinho, que se lhe entrega, a piar. Torcia as mãos, debatia-se arquejante. De repente, em esforço maior, soltando um grito lancinante, foi-se da sala em desapoderada corrida. O mordomo, de braços cruzados, seguiu-a com o olhar triumphante, e quando a viu desaparecer, disse, sacudindo a cabeça :

— Senhor soffreu, soffreu muito com o veneno que lhe deste, mulher má. Todo o seu corpo se abriu em feridas e as dôres que elle curtia nas carnes e na alma sangravam-lhe pelos olhos tristes em lagrimas que faziam pena. E a menina ahí está e soffrendo tambem pelo teu sangue, mulher má, porque o teu veneno é tão forte que até lhe empegonhou o coração pelos olhos do teu filho, como as frechas hervadas do indio deixam sem esperança aos que ferem. Vai, vai gemer, vai soffrer. A morte não basta. É preciso que soffras como senhor soffreu, paralyzado pelo veneno do feiticeiro negro. Soffreu, mas Parajára jurou diante do cruzeiro de Pirapóra que o havia de vingar, e a vingança começou. A lua não tarda e o amor do homem é mais poderoso do que o amor do filho. A lua não tarda, mulher má; a lua de Maya começa a crescer no céu.

O aposento em que Affonso recebeu o rajá, amplo, com as paredes forradas de pannos d'arrás, o soalho em losangos de madeiras varias, tecto apainelado, com um grande lustre de bronze ao centro, suspenso de solida corrente, era, a um tempo, sala d'armas, bibliotheca e museu cynegetico. Altos armarios encerravam a preciosa livraria em encadernações luxuosas. Panoplias guarneciam as quatro faces e duas armaduras completas, em manequins, posavam, como sentinellas, uma a cada lado da porta principal em estylo nanuelino.

O sol coava-se por vitraes de assumptos de cavallaria e, além de quadros e retabulos, que ornavam as paredes, alto cruzeiro de pau santo, num calvario de onix, mostrava primorosa imagem de Christo em agonia.

Varuna elogiou sem reserva a belleza austera daquelle recinto de recolhimento, logo, porém, atirado pelas armas, que reluziam, muito acaçaladas, tendo por centro escudos de varias fórmãs, mostrou conhecê-las gabando-lhes, não só o caprichoso trabalho de alfagemaria, como a tempera do aço, em algumas ornado de tauxias.

Passando aos armarios dos livros reconheceu exemplares de edições raras, que tambem possuia, e percorreu sobre impressões e illuminuras com o conhecimento minucioso de verdadeiro bibliophilo. Os aparelhos e armas de caça e os tropheus de ariscadas monterias mereceram-lhe palavras de entusiasmo. Por fim, a subitas, perguntou por Leonor, estranhando não vê-la.

— Nem eu a desculpo, príncipe, quem a desculpa é a propria ausencia, porque só mesmo enfermidade grave teria poder bastante para prendê-la, sabendo ella que aqui virieis.

Um grito percuciente atravessou o salão. Varuna voltou-se de golpe, sinceramente commovido. Affonso, porém, que bem sabia de quem elle partira, affectando desgosto, disse :

— É uma louca que conservamos em casa por piedade por haver sido ama de minha irman.

Logo, porém, como para fugir ao triste assumpto, senão forçado pelo coração, disse timidamente:

— Graças que o tempo se firmou. Vamos ter noites limpidas, e como estamos em vespervas da lua cheia . . .

— A lua da miuha saudade . . . ! suspirou Varuna.

— Sim, a lua da saudade, confirmou Affonso.

Os dois mancebos ficaram um momento encarados um no outro e foi Varuna que baixou o olhar. Por fim, ainda que a custo, receiosamente, Affonso perguntou :

— E a princesa finada ? Esperais vê-la ?

— Sim. Na noite do plenilunio.

— E poderei eu falar-lhe ?

— Porque não ? Devo, porém, dizer-vos que, desta vez, ella não se demorará mais que uma noite na vida.

— Uma só noite ! E porque ?

— Porque . . . Quem póde conhecer a vontade dos deuses ? Os espiritos que lhe annunciam a vinda assim o communicaram ao sannyasi.

— Quer dizer, então que, se ella não fôr resgatada nessa noite . . .

— Aqui, pelo menos, não o será mais.

— Porque ! ? exclamou Affonso travando nervosamente das mãos delicadas do principe.

— Porque pretendo regressar á India antes do fim do mez. Vai para um anno que me acho afastado dos meus Estados e não quero, nem devo prolongar por mais tempo a minha ausencia.

Pesou no salão austero um silencio angustioso e foi ainda Affonso que o quebrou :

— Então . . . depois de amanha . . . ?

— Será a ultima visita de Maya.

— E poderei eu vê-la . . . ? insistiu.

— Sem duvida.

Bateram, de leve, á porta. Era uma mucama a chamar Affonso para attender á viuva que, ao entrar na capella desvairadamente, soltára um grito cahindo de boreco, como fulminada. Descul-

pando-se com outras visitas que tinha a fazer Varuna despediu-se, retirando-se, apesar dos rogos do mancebo que o olhava, impressionado, revendo-lhe nas feições finas, no olhar melancolico a suave belleza da apparição. Reunindo-se no salão ao mordomo, desceram, os tres, ao pateo, onde os cavallos esperavam á sombra, guardados pelo mastim. Feitas as despedidas montaram e partiram a galope.

— Então, Selva ? indagou o mordomo, mal sahiram da alameda do parque para a estrada.

Varuna lançou um rapido olhar ao estranho companheiro que lhe falava com tanta autoridade e, com sensível tristeza, disse :

— Elle quer ir, depois d'amanhan, vêr Maya pela ultima vez.

— E levará o que o deus exige, rosnou o mordomo sorrindo sinistramente.

— Porque assim affirmas ?

— Porque estou certo de que o fará.

Calaram-se. Por fim o rajá perguntou :

— É a velha ?

— Ah ! . . . a velha . . . Reviu o passado nas minhas palavras. Um juiz que ali estivesse, quando pronunciei o nome de Jacob, teria immediatamente lavrado a sentença condemnatoria. A sombra do senhor deve estar satisfeita.

— Ouviste os gritos de Leonôr ?

— Sim, ouvi.

— E não tiveste pena ?

— Pena ? ! E a mulher má teve pena das dôres e das lagrimas do senhor, do pranto e da loucura de Catharina, de todos os que por ella soffreram na casa grande de Pirapóra ? Não ! A sombra do se-

nhor deve estar satisfeita. Quem semeia espinhos não pôde esperar rosas.

A tarde esmorecia e os cerros, sob os ultimos raios do sol, pareciam restos carbonisados de uma cidade em chammas.

Raiou finalmente o dia que Affonso esperava desensoffrido, dia da visitação adorada, o ultimo da sua ansiedade e que podia ser o primeiro da sua ventura. Indo e vindo na camara, a passos sorumbaticos, de mãos ás costas e cabisbaixo, falava dentro de si, como em conversa com a propria alma :

— Uma só noite, a ultima, ou o todo sempre. Depende apenas de mim, de um gesto meu, do meu animo. Mas como poderei conciliar a felicidade com o remorso ? Como ? ! Vive-se dentro da noite, vive-se no negror humido de um ergástulo . . . O que vale é a vida e eu, sem ella, perdendo-a . . . não sei ! não sei ! . . .

Estacou, de cabeça a prumo, fechou duramente os punhos e atirando-os, como em ameaça ao céu, bradou :

— Mas não foste tu mesmo que o dissoste, Deus, impondo ao homem que, pela mulher que desposasse, elle deixaria pai e mãe, com o que quizeste significar que o amor da esposa preteriria todos os mais ? Sim, foste tu que o disseste e se alguem, para seguir o teu conselho, arredar o empecilho que se lhe oppõe á ventura e incorrer em crime, de quem será a culpa, senão do teu mandamento ? Cumpra-se a tua palavra. Achando-se, demais, em jogo duas vi-

das, porque ha de persistir na morte a que foi talada em pleno viço, continuando a existir a esmaecida ? Com o sacrificio que se me pede realisarei duas redempções — a da morta e a minha propria, porque estou certo de que não resistirei á perda do meu grande amor. De que serve á arvore um galho secco ?

Sentou-se cabisbaixo e ali se ficou pensativo, em luta intima com a consciencia :

— É minha mãe . . . é ! Pobre mãe ! Quanto lléo terá custado trazer-me até hoje, pela vida, dando-me o seu sangue, dando-me o seu leite, sacrificando-me o somno das suas noites, as horas todas dos seus dias ! Com o pranto vertido por mim, desde o instante do meu nascimento, poderiam ser baptisados todos os pagãos das selvas ; com os suspiros que tem exhalado, a pensar no meu destino, far-se-ia um vendaval capaz de arrancar da terra as arvores mais fortes ; com a força que empregou em trazer-me ao collo abalar-se-ia um rochedo. Pobre velha ! Mas que fica a fazer no mundo essa desventurada louca ? Foi o destino que trouxe a este arraial a mysteriosa donzella, irman de Prosérpina que, sendo presa da morte, surge na vida de quando em quando. Hei de eu ficar nesta hesitação ? E se Maya desaparecer para o sempre ? Se outro, de mais animo, de coração mais forte, realisar o que exige o deus cruento e possui-la ?

Levantou-se de golpe, lançou mão de um punhal, ergueu-se diante dos olhos contemplando-lhe a lamina brilhante :

— Eis a chave que me abrirá a porta da Ventura, o talisman da vida do meu amor. Oh ! minha

mãe . . . ! Porque te hei de eu querer tanto ! ? Porque me não fizeste detestar-te para que não fôsses o meu maior amor . . . depois de Maya e assim ficasses a salvo da sentença cruel ?

Debatia-se em tal supplicio quando o chamaram de fóra. Era um pagem com um bilhete de Varuna, a pedir noticias das senhoras e a lembrar-lhe a reencarnação de Maya, á noite, no apogeu da lua. Abriram-se-lhe espavoridamente os olhos, tremor convulso agitou-o da cabeça aos pés e, depois de um momento em que o coração lhe cresceu a ponto de o suffocar, tomou da penna e, tremulo, garatujou um pergaminho e, entregando-o ao pagem, com receio, talvez, de que as suas letras não fôsses entendidas, recommendou :

— Dize-lhe que lá estarei, á noite.

Com as palavras do mordomo a resoarem-lhe nos ouvidos : « Como a criminosa attentou contra o proprio irmão, um dos seus filhos será o verdugo que vingará a victima innocente, manchando as mãos no sangue em que se gerou », sempre que encontrava Affonso nos corredores ou em algum dos salões desertos, D. Iguez encolhia-se estarrecida, d'olhos apavoradamente abertos, como se nelle visse o « verdugo » da prophacia. Ao mancebo não passavam despercebidas taes demonstrações, esteve mesmo para interpellá-lá, conteve-se, porém, com receio de ainda mais lhe excitar os nervos abalados. No intimo, porém, estranhava aquella premonição, attribuindo-a a aviso que lhe houvessem dado os feiticeiros ou a propria alma, em presenti-

mento. O mesmo prestigio astral que fazia baixar o espirito de Maya desde a Eternidade até o corpo do qual se desprendera com a morte, aggravava o desvairo de Leonor cujos gritos percucientes vibravam no silencio merencoreo da residencia lugubre.

## IX

### O DESVAIRO

O horizonte fulvo ia, aos poucos, perdendo a cor brasina, como se esfriasse e todo o céu esmaecia melancolicamente. Aulidos ao longe annunciavam gados; aves cruzavam, d'efusio, os ares — as diurnas, demandando os ninhos, as da noite sahindo em vôo rapido, aos trissos.

Debruçado á janella, que um jasminciro em flôr emmoldurava, d'olhos perdidos na distancia, soltos no sonho, Affonso 'pensava em Maya. Aquella noite, que começava a estender-se no céu, como immenso panno de catafalco, pregado a estrellas, seria a ultima da sua visão de amor; se a perdesse nunca mais teria a ventura de gosar a presença daquelle ser celestial que descia á terra nos raios da lua cheia. Nunca mais! Se ainda pudesse esperar nova phase de plenilunio . . . mas o principe já andava em preparativos de partida. Na casa e no parque da Xica da Silva dia e noite atroavam martel-

ladas como na construcção de uma cidade: eram os escravos encaixotando, enfardelando moveis e alfaias, enjaulando animaes.

Na residencia a vida arrastava-se tristonha, cortada a gritos de loucura, como estrepitos de raio em céu tempestuoso, rythmada pela cantoria monotonica dos negros, e o fumo dos defumadores de exorcismo abrumava todos os compartimentos lufando á maneira da nevoa nos campos em noites de inverno.

Ultima noite! Chamado para jantar recusou-se. E ali ficou scismando, a ouvir os grillos e o coaxo enfadonho dos sapos por entre o estribilho das aguas trefegas do corrego que gargarejava no silencio.

Uma voz triste cantava tristemente na sombra. Pouco a pouco o negrume foi-se tornando transparente, a treva dissolvia-se em alvor e a copa do arvoredado começou a luzir, a brilhar. Aqui, ali appareciam alvuras como de roupas brancas a córar, alargavam-se, cobriam todo o relvado e, longe, um brumal translucido pulverisava argenteamente os cerros—era o luar que subia, abrindo-se, e a lua appareceu elevando-se de um cimo, redonda, enorme, como uma salva de prata, a salva em que fóra apresentada a Herodes a cabeça de S. João Baptista. E Affonso, um momento, distrahido com tal idéa, descobriu no astro a mancha do sangue do essenio. Logo, porém, tornou á sua preocupação.

Quando a lua tocasse o zenith Maya resurgiria. E como havia elle de a reter na vida, resgatando-a da morte? Afastou-se da janella torturado pelo pensamento. O coração batia-lhe açodado, as tem-

poras estalavam-lhe, sentia as pernas frouxas, dobrando-se-lhe em descabidas molles. Era victima de adversia, estava assediado pelo inferno. Deu dois passos tremulos, apoiou-se ao leito, inclinando a frente sobre a mão. A garganta reseccava-se-lhe, cerrava-se como arrojada a baraço. De repente, sem conter a commoção, rompeu em soluços, chorando como uma criança :

« Não ! Não ! Minha mãe ! Minha pobre mãe ! »  
E agitava desesperadamente as mãos diante dos olhos como se repellisse de si demonio que o obsidiasse.

Ao dar de frente com a porta deparou-se-lhe no limiar um vulto estatelado e a idéa da possessão firmou-se-lhe no espirito. Sim, aquelle que ali estava outro não podia ser senão o demonio e a mesma scintillação que lhe faiscava, em chispas, á cabeça e lhe vermiculava coruscantemente o corpo não era de gemmas, senão de fogo vivo, denunciando-o como um ser do inferno ali attrahido, sem duvida, pelo pensamento do crime hediondo. Estacou em attitude pávida, d'olhos pasmados, com um grito retido á boca em hiato. Mas o intruso falou da sombra em que se achava e a sua voz rolava grave, palavra a palavra, em pesado arrastar.

— A lua caminha, senhor. Maya não tarda a levantar-se da morte. Quando deixei a dágaba já o seu corpo, com a aproximação da claridade nocturna, começava a aquecer-se. Não será longa a sua demora na vida. Se desejais vê-la pela derradeira vez não vos detenhais. Aqui estou para acompanhar-vos. E para que tudo se faça com brevidade trouxe á redea um dos mais velozes ginctes

da cavalharia do rajá. Vêde como a lua corre, dir-se-á que se precipita sobre as horas, saltando por ellas, como animal selvagem que foge ao captivoiro. Se vos não apressardes talvez não chegueis a tempo de vêr a que espera um redemptor.

— Um redemptor, dizes, exclamou o mancebo adiantando-se para o apparecido, no qual reconhecera o mordomo de Varuna.

— Sim, um que a ame com o amor que salva, com o amor que não mede sacrificios, com o amor que vence a Morte.

— E se fôsse eu esse redemptor?!

O mordomo sorriu.

— Vós!?

— Sim, eu! Se houvesse tempo...

— Tempo ha. Mas não basta a occasião, é necessário que nella entre o que vos falta.

— Coragem, queres dizer...?

— Não. Coragem, sei que a tendes e para heroismos, mas...

— Fala! Dize!

— O vosso coração que vo-lo diga. Consultal-o.

D'impeto, como allucinado, correu Affonso á mesa e, armando-se com o punhal que ali estava, lançou-se em furia para a porta. O mordomo, porém, deteve-o :

— Onde ides, senhor, e a que ? Pensai antes de arriscardes o gesto. Em verdade a lua caminha rapida, ainda, porém, vos dá tempo a pensardes para que não tenhais de arrepender-vos mais tarde de um acto de desatino.

Affonso encarou-o d'olhos airados, respirando a folegos afflictos e, arrojando-se d'arma em punho

sahiu ao corredor obscuro. Ao passar junto do quarto da irman ouviu-lhe a voz triste, a cantar.

Que multidão seria a que lhe bradava como a criminoso em fuga? Onde se occultaria tamanha turba que o aturdia a vozeirar, furiosa? Em dado momento tão estrondosa se tornou a grita que elle estacou de golpe, aterrado, relanceando em volta um olhar de assombro. Ninguem! As vozes soavam-lhe no intimo, era a acusma do remorso que se lhe levantava nalma. Não estivessem, entretanto, seus olhos obnubilados pelo desvairo e teriam descoberto um vulto que o seguia agachado, rente com a parede, em deslize de sombra.

Uma fisga de luz fê-lo precipitar-se: era na porta da capella, que se achava entreaberta. Abrandou os passos, não ponde fazer o mesmo aos descompassados latejos do coração. Chegou-se pé ante pé, impelliu, de leve, a porta e olhou medroso. Diante do altar, onde ardiam duas velas, no clarão do luar que descia pela claraboia, jazia um vulto debruçado a um genuflexorio. Reconhecendo a mãe Affonso estremeceu.

Reteve-se contemplando-a commovido e os olhos se lhe foram enchendo de lagrimas. Afrouxavam-se-lhe os dedos, quasi a deixarem o punhal quando, em ansia de soccorro, buseando o recurso supremo em Deus, levantou os olhos e, através da claraboia, descobriu a lua, a grande lua da Vida, a reanimadora de Maya. Estuou-lhe, férvido, o sangue, encheu-se-lhe o peito de um alento largo, o coração que, pouco antes, se apiedara em ternura filial, accendeu-se-lhe em chammas insofriveis, como fogueira vasquejante a que houvessem lançado combustivel.

da cavalharia do rajá. Vêde como a lua corre, dir-se-á que se precipita sobre as horas, saltando por ellas, como animal selvagem que foge ao captivoiro. Se vos não apressardes talvez não chegueis a tempo de vêr a que espera um redemptor.

— Um redemptor, dizes, exclamou o maneebo adiantando-se para o apparecido, no qual reconheceu o mordomo de Varuna.

— Sim, um que a ame com o amor que salva, com o amor que não mede sacrificios, com o amor que vence a Morte.

— E se fôsse eu esse redemptor?!

O mordomo sorriu.

— Vós!?

— Sim, eu! Se houvesse tempo...

— Tempo ha. Mas não basta a occasião, é necessario que nella entre o que vos falta.

— Coragem, queres dizer...?

— Não. Coragem, sei que a tendes e para heroismos, mas...

— Fala! Dize!

— O vosso coração que vo-lo diga. Consultal-o. D'impeto, como allucinado, correu Affonso á mesa e, armando-se com o punhal que ali estava, lançou-se em furia para a porta. O mordomo, porém, deteve-o :

— Onde ides, senhor, e a que ? Pensai antes de arriscardes o gesto. Em verdade a lua caminha rapida, ainda, porém, vos dá tempo a pensardes para que não tenhais de arrepender-vos mais tarde de um acto de desatino.

Affonso encarou-o d'olhos airados, respirando a folegos afflictos e, arrojando-se d'arma em punho

sabiu ao corredor obscuro. Ao passar junto do quarto da irman ouviu-lhe a voz triste, a cantar.

Que multidão seria a que lhe bradava como a criminoso em fuga? Onde se occultaria tamanha turba que o aturdia a vozeirar, furiosa? Em dado momento tão estrondosa se tornou a grita que elle estacou de golpe, aterrado, relanceando em volta um olhar de assombro. Ninguém! As vozes soavam-lhe no intimo, era a acusma do remorso que se lhe levantava nalma. Não estivessem, entretanto, seus olhos obnubilados pelo desvairo e teriam descoberto um vulto que o seguia agachado, rente com a parede, em deslise de sombra.

Uma figa de luz fê-lo precipitar-se: era na porta da capella, que se achava entreaberta. Abrandou os passos, não poude fazer o mesmo aos descompassados latejos do coração. Chegou-se pé ante pé, impelliu, de leve, a porta e olhou medroso. Diante do altar, onde ardiam duas velas, no clarão do luar que descia pela claraboia, jazia um vulto debruçado a um genuflexorio. Reconhecendo a mãe Affonso estremeceu.

Reteve-se contemplando-a commovido e os olhos se lhe foram enchendo de lagrimas. Afrouxavam-se-lhe os dedos, quasi a deixarem o punhal quando, em ansia de soccorro, buscando o recurso supremo em Deus, levantou os olhos e, através da claraboia, descobriu a lua, a grande lua da Vida, a reanimadora de Maya. Estuou-lhe, férvido, o sangue, encheu-se-lhe o peito de um alento largo, o coração que, pouco antes, se apiedara em ternura filial, accendeu-se-lhe em chammas insoffríveis, como fogueira vasquejante a que houvessem lançado combustivel.

O astro parecia dilatar-se, mais fúlgido, e uma fôrma tenue, vaporosa, pairava no esplendor em languida fluctuação. Devia ser o espirito da morta que descia para reencarnar-se.

Os olhos do mancebo abriram-se desmedidamente e violento tremor sacudiu-o da cabeça aos pés. Crisparam-se-lhe os dedos agadanhando em a ferro o cabo do punhal. Avançou um passo, a custo, porque as pernas se lhe enrijavam em paralyxia, os pés prendiam-se-lhe pesadamente ao sólo, batiam-lhe, trépidos, os dentes.

D. Ignez ergueu o busto, persignou-se e apoiava-se ao respaldo do genuflexorio para levantar-se, quando Affonso, num impeto de allucinação, como impellido, atirou-se sobre ella, rugindo em furia e cravou-lhe a lamina na espadua. Um jacto de sangue expluiu a jorro e a victima tombou de costas, debatendo-se com um gargarejo rouco, porque o assassino lhe empolgara a garganta para abafar-lhe o grito. Forcejando em mantê-la de costas para que o não visse lutava e já a sentia amollecere, vencida, quando, resvalando nas lages, viscidas de sangue, teve de a largar para amparar-se.

Num repellão voltou-se a velha, e, rosto a rosto, reconhecendo-o, o grito que lhe sabiu do peito foi de tamanho horror que o assassino recuou e, tropeçando no estrado, teria cahido se não esbarrasse no altar e ali ficou adossado, de braços abertos como em crucifícamento, a olhar espavoridamente a velha que se estendera sobre o sangue e o encarava a fito, com o rosto refranzido em rictus e lagrimas a borbuharem-lhe dos olhos que o espanto escancarava. E pôz-se a dizer baixinho, com uma ter-

nura dolorida:—«Meu filho...! Meu filho...» E o esgar que lhe engelhava a face parecia um sorriso que as lagrimas molhavam.

Affonso inclinou-se para ella, attonito, estendeu-lhe os braços hirtos, de repente, porém, pondo-se de pé, agarrou a cabeça a mãos ambas apertando-a como se a esmagasse, e, com um grito, que mais parecia uivo de animal ferido, lançou-se da capella ás trevas do corredor. Um risinho sarcástico casquinou a um canto, por traz da grade do confissionario.

D. Ignez não comprehendia a monstruosidade de que fôra victima e, sem attender ao sangue, em que se esvahiá, insensivel á dôr da ferida profunda, girava de gatinhas como as feras quando as acuum matilhas, chamando pelo filho, a devassar, d'olhos afflictos, todos os cantos da capella, quando deu por um vulto que se adiantava a passos graves. Diante do sangue deteve-se, cruzou os braços e, de cabeça altivamente a prumo, encarou-a severo. A desgraçada, reconhecendo o mordomo, estatelou-se, d'olhos parados, diante, com os cabellos soltos em juba, de rojo pelo sangue em que patinhava. E o mordomo falou vagarosamente, como juiz que ditasse sentença :

— Senhora, foi numa noite linda como a de hoje que o indio tamoyo Parajára, que está aqui diante de Deus e da envenenadora, jurou vingar a morte do bandeirante. Senhor soffreu muito e muito soffreram todos os que se lhe mantiveram fieis. Pirapora, a casa do ouro, é hoje uma tapera: a floresta voltou aos terreiros, tomou conta da antiga residencia e as onças dormem onde dantes os homens

tinham as suas cabanas alegres. Nos tumulos do senhor e da senhora ajuntam-se as cobras de cho-calho e os tatús escavacam as covas dos que morreram combatendo. Só a cruz em que acabou o homem mau está de pé, com os braços como poleiros de corujas, lembrando o castigo.

Senhor soffreu muito, mas Selva não o trahiú; senhor morreu cercado pelos seus homens, com a filha pequenina perto do coração; o mau homem morreu só, crucificado e martyrisado pela negra Catharina, mãe de Ismael. Senhora foi ferida e vai morrer pela mão do seu proprio filho, porque Selva assim quiz. Foi por amor da criança, que senhora tentou perder, que o punhal do bandeirante vibrou no punho do moço. Parajára, que aqui está, jurou sobre o tumulo de senhor não descançar enquanto não vingasse o crime. Agora Parajára vai esperar a morte de senhora para levar a noticia a Selva e a Poranga.

O indio agachou-se, de mãos nos joelhos e, fitando os olhos terebrantes no rosto engelhado da velha, cada vez mais pallida, a acabar, continuou:

— Senhora fugiu carregando todo o ouro de Pirapora e a menina teria ficado mais pobre do que os mendigos, que esmolam de porta em porta ou no adro das igrejas, se Parajára não houvesse descoberto na floresta um thesouro cem vezes maior do que o do bandeirante. Senhora morre ferida pela mão do seu proprio filho e deixa a outra louca por haver respirado as flores venenosas do ramo que lhe deu o rajá. O moço já está soffrendo o remorso e será condemnado a galés, quando lhe denunciarem o crime, e tudo porque viu Maya, a que resurge

da morte, que outra não é senão o proprio rajá. Assim Selva dominou e martyrizou com o amor o coração dos filhos da envenenadora. Agora senhora vai partir para os caminhos tristes, onde a esperam os espiritos dos que soffreram. Maus encontros. Os soffrimentos lá em cima são eternos, continuos, sem o allivio do somno. Vai! É Parajára, tendo cumprido o seu juramento, regressa á floresta e á tribu dos seus irmãos.

D. Ignez oscillava e, de quando em quando, tentava humildemente falar implorando piedade, o tamoyo, porém, era inflexivel e continuava a recordar-lhe scenas de Pirapora até que, já exangue, o misero corpo pendeu e trambolhou nas lages.

Não era ainda a morte, bem o comprehendeu Parajára. Inclinando a cabeça D. Ignez pôz-se a dizer em voz flebil, aos arrancos, descabiudo, por vezes, tanto que parecia querer falar para a terra :

— É o castigo. Como a irman matou o irmão, assim o filho matará a mãe. Mas não foi o odio que lhe armou o braço, foste tu, indio cruel. Antes assim. Ao menos não saio da vida com essa dôr, mais funda do que a que fez o ferro. Não foi por odio que elle me matou.

— Foi por amor, contraveiu o tamoyo. Teus filhos foram victimas da illusão : a moça amando Selva, sob o disfarce com que ella a todos apparece dizendo-se rajá ; o mancebo amando-a sob a fórma mysteriosa de Maya, um embuste: Maya, a princesa morta que tornaria á vida se aquelle que della se apaixonasse offerecesse a Siva, para resgatá-la, o coração da propria mãe. Assim, foi para conseguir a posse da finada que o mancebo não recuou diante

do mais nefando dos crimes. Elle não hesitou em trocar a tua vida pela do ser imaginario e, se não levou a termo o seu proposito, arrancando-te do peito o coração, foi porque o remorso o deteve. Não lhe dês, porém, o teu perdão de mãe, porque elle não te amava, nunca te amou, convence-te.

A velha encarava-o com os olhos referendo em lagrimas. Num esforço, que fez, o sangue jorrou a golfos. Cerraram-se-lhe lentamente as palpebras e os braços descahiram-lhe ao longo do corpo, inertes. O indio, então, inclinando-se-lhe sobre o rosto, contemplou-o longamente, friamente, sem pena; por fim, levantando-se, disse com lentidão:

-- Agora Parajára pode voltar para os seus irmãos da floresta.

É cauto, rastejando como havia entrado, retirou-se da capella onde o luar se estendia em sudário sobre o corpo ensanguentado da assassinada.

O encontro do cadaver na capella pôz em alvoroço a negralhada assanhando-a em borborinho como o em que ficam os maribondos quando lhes atacam o cortiço e logo, os mais novelleiros, sahiram a assoalhar o caso e a residencia encheu-se de povareu curioso. Os commentarios multiplicavam-se todos, porém, attribuindo o crime aos escravos, talvez algum dos mocambeiros que, por vingança, conhecendo os habitos da senhora, a houvesse tocado no lugar santo. Mas o punhal encontrado desorientou as suspeitas. Que arma seria aquella de tão rico lavor? Certamente o assassino a apanhara na panoplia de Affonso, o que ainda mais

corroborava a crença de que o criminoso era alguém que conhecia a casa.

E faziam-se conjecturas, citavam-se nomes quando um carreiro appareceu espavorido annunciando haver encontrado o cadaver de Affonso no fundo de um grotão, desfigurado de haver rolado de um penhasco, escalavrando-se nas arestas agudas até tombar no lapêdo. Foi uma revolta no arraial e como alguns tapanhús, temendo castigos, houvessem desaparecido firmou-se no espirito de todos a certeza de que haviam sido elles os autores das duas mortes e a justiça deu-lhes no rastro por mat-tas e fraguedos caçando-os como a feras.

Com a partida do rajá a attenção do povo voltou-se para o spectaculo grandioso da desfilada da immensa comitiva levando com ella a esperanza de muitos corações. E o Tijuco recahiu na monotonia dos antigos tempos. Em tal serenidade, voltou á tona, tornando-se assumpto de todas as conversas, a tragedia da casa dos Saavedra, onde apenas ficara, entre velhos negros, a pobre louca, rota, desgrehada, cantando ou esbravejando ao longo dos corredores escuros da lugubre mansão, tida por mal assombrada. E, durante annos, no arraial e em todas as terras mineiras, falou-se do grande crime mysterioso e os que o contavam, em tom de lenda, diziam sempre: « Foi nas vespervas da partida do rajá do Pendjab. »

## MORTE DE AMOR

Todo o esplendor do sol coalhara-se no occaso e a serra, incrustada no horisonte cálido, destacava-se no relume do céu como esmalte em ouro. A tarde ia esmorecendo, languida. Ilhas de arvoredos, pouco antes luzidas, obumbravam-se manchando a varzea espelhada a riachos e lagôas. O ar respirava manso meneando mollemente as palmas dos coqueiros, e, pelas hervas floridas, a quando e quando, corriam arripios voluptuosos.

Os longes abrumavam-se e o silencio taciturno ia-se, aos poucos, enchendo de sons leves: cochichos, surdina perenne como ligeiro sussurrar de ramos.

Mas cigarras romperam em fretenir chiado e foi um alvoroço de alarma na quietação vespéral. Outras vozes surdiram: pios lugubres de urús, turturinos de rôlas, cascalhadas de siriemas, golpes tympanicos de arapongas, chalridos de periquitos e a

estridencia frenetica das siricoras á borda d'água. E, merencoreamente, a crebros grasnos e gargarisos de sapos e gias, grulhos soturnos de cururús, ralar de rans prorompeu em todas as marnotas e ipuêras o coxo enfadonho dos batrachios.

Nesgas de névoa estendiam-se nas baixadas, subiam pelos outeiros ondulando, fumegavam entre as arvores. Perlou-se o céu de estrellas. Aves cruzavam-se em zigue-zagues, umas chirriando, outras aos trissos; por vezes ainda uma volata de sabiá rolava. Um bando de jandaias voava em collar na altura, ia-se, ora em circulo, ora alongado, de repente desfez-se como desabrochado, desenvolveu-se em linha proseguindo em direcção á matta aos colleios colubrinos. E a noite, melancolicamente, esfumava a distancia, absorvia os aspectos da paisagem confundindo-a num só tom como se a submergisse. E os primeiros vagalumes scintillaram no escuro.

Um cruzeiro tosco, de cujos braços pendiam festões aureos de acacia, defrontava-se com a caverna em que habitava Frei Angelo, diante da qual achavam-se reunidos os tamoyos de Parajára.

O silencio em que se mantinham, a attenção apprehensiva com que fitavam a moradia agreste denunciavam cuidado grave. Opprimiam-se querendo, cada qual, avançar mais. Alguns esticavam-se alçando-se em pontas de pés, subiam a pedras, marinham em arvores olhando inquietos e já começavam a murmurar, impacientes, quando uma india appareceu no limiar da lapa. Voz rouca rompeu

afflicta da ansiedade da multidão : « Então, Poranga . . . ? ! »

Era, em verdade, Poranga, esposa de Parajára, a que fôra a flôr da tribo, que ali estava, mas tão demudada que só aquelles mesmos que com ella conviviam poderiam reconhecê-la : magra, engebbada e encanecida em velhez precoce : os olhos, outr'ora enormes, de negror brilhante, sumiam-se apagados e, acurvada, era verdadeiramente uma ruina da que fôra a mais formosa e senhoril das filhas da floresta.

Adiantando-se morosamente olhou a turba, fez menção de querer falar, mas, prorompendo em pranto soluçado, tombou de joelhos abraçando-se desesperadamente com o tronco do cruzeiro. Os indios cercaram-na commovidos e, como uma velha a interrogasse, meneou tristemente com a cabeça, dizendo em voz flébil :

— Está a acabar. Já as palavras lhe sahem despedaçadas, embaçam-se-lhe os olhos e o frio da morte regela-a. Por mais que as cunhans a interrogassem, não conseguiram que lhes dissesse que veneno tomou. Ha tantos nas flores, no leite das arvores, tantos na terra e nas aguas, tantos ! Quem sabe lá ! Talvez que a Frei Angelo, que a está ouvindo de confissão, ella agora o revele.

Acabara de assim falar quando Parajára, acurvado em alquebramento e desanimo, com os longos cabellos brancos rolando-lhe pelos hombros, os olhos cavos, extáticos, surgiu como uma apparição á entrada da caverna. Olhou em volta, esteve um momento contemplando o céu e, sem o mais leve gesto, silenciosamente, abatido, sentou-se em uma

pedra e, debruçando-se sobre os joelhos, com a cabeça entre as mãos, ali quedou como prisioneiro amarrado a voltas de mussurana, á espera do golpe da ivarapema.

Intacta exteriormente na sua natural aspereza, toda a caverna, por dentro, fôra accommodada para devoção e estudo. Frei Angelo, que trouxera da sua viagem basto sortimento de livros preciosos e paramentos, alfaias, imagens e mais objectos proprios do culto, transformara em capella o ambito mais amplo, installando em outro menor a bibliotheca. Em um vão, aproveitando para leito a abaque resahia de uma das paredes, fizera o seu dormitório ascetico. Raro, entretanto, era nelle recolher-se porque os dias passava-os doutrinando as almas simples dos indios, que o cercavam de veneração, ou grangeando a pequena almoinha onde colhia os legumes de que se nutria e rosas para os vasos do altar ; á noite, se não se entregava á penitencia, prostrado diante do crucifixo, estudava ou escrevia á luz de uma candeia de azeite, porque seria para elle tanto como sacrilegio aproveitar para misteres outros que não os da fé, a mesma luz que illuminava o Christo.

Tudo quanto trazia em si ou de que se servia fôra por elle proprio manufacturado com as materias que lhe offerecia a natureza prodiga. Assim, o habito que o revestia tecera-o e talhara-o elle proprio, as sandalias com que caminhava elle mesmo as fizera ; apollegara a escudella e a malga em que comia, a bilha em que conservava a agua. A cera

amarella dos cirios do altar, o oleo da lampada sacramental tirava-os elle dos colmeaes e das palmeiras. Frutos tinha-os á farta e sempre frescos, porque eram os presentes que, todas as manhans, lhe levavam os curumins, quando iam á lição.

Sem se mortificar em rigorosas penitencias, á maneira austera dos primitivos ermitões, como o suave pobresinho de Assis amava fraternalmente todas as criaturas. Em certos dias, sem contar os domingos, nos quaes todos accorriam á missa na capella, attrahia os indios praticando com elles sobre assumptos devotos, que a sua imaginação poetica floria. Explicava-lhes passagens dos Testamentos ou referia-lhes milagres e martyrios de santos, victorias assignaladas da Cruz sobre bruta gente e até sobre feras.

Ás vezes, no clarear de uma manhan, sonora de cantos de aves ou ao alvo esplendor de uma noite de luar os indios davam com elle em enlevo á entrada da caverna, murmurando palavras de amor, que eram hymnos. E sorria, brincava com os pequeninos, com os dóceis animaes que lhe comiam á mão e se lhe espojavam aos pés rosnando em som de caricia.

E assim como se alegrava diante das graças da natureza e da vida e com a felicidade do seu rebanho, nada o detinha no cumprimento dos seus deveres sacerdotaes — tempestades as mais desabridas ou as mais causticas soalheiras não o faziam demorar com o soccorro espirital a quem delle carecesse, fôsse onde fôsse, até entre ontras tribus distantes dias, através de brenhas e montanhas, além de rios e areas.

Para justificar-se do que fazia com os proprios inimigos, dizia : « O sol pouza em tudo e, em vez de manchar-se purifica o que toca. Assim o sacerdote deve conviver com todos os homens, seus irmãos, e onde os saiba mais viciosos e crueis ahí é que, de preferencia, deve assistir para converter, com o seu conselho, as almas tresvariadas, como o sol secca os lodações tirando-lhes a malignidade e tornando-os propicios á sementeira. »

As crianças, que o adoravam, porque a sua virtude era meiga, formavam-lhe alegre cortejo quando elle resolvia visitar a matta, porque as proprias arvores, como se elle as considerasse seres dotados de alma, interessavam-no — sorria se as encontrava viçosas, cobertas de flores ; estristecia-se até ás lagrimas ao se lhe deparar alguma a perecer, já murcha e sem folhas.

Com o regresso dos que haviam sahido em missão de vingança, o eremiterio, em vez de rejubilar, assombrou-se. O retrahimento taciturno de Selva, que se obstinára em tornar á floresta, á companhia de Frei Angelo, junto do qual gosara dias de perfeita e venturosa paz, os unicos de que se lembrava com saudade, communicou-se a todos em contágio melancolica. Passava os dias sorumbatica, mettida nos balesdos ou sentada á beira do rio, a olhar tristonhamente o correr dagua.

Frei Angelo preocupava-se com o abatimento em que a via e, conhecendo miudamente todos os episodios da tremenda vingança em que ella, ainda que a contra gosto, entrara como principal, perce-

bera nas referencias que, de continuo, fazia a Afonso mais do que piedade, mais do que remorso, saudade, e convenceu-se de que a sua pupilla trazia o coração alanceado e que, de tal ferida, que era de amor mortal, mais do que sangue o que se esvahiã era a propria alma.

Com os dias que passavam ia-se-lhe escoando a vida. Recusava todo o alimento, atravessava as noites em claro, a murmurar como se conversasse em segredo com algum ser invisivel e as cunhans, que a acompanhavam, mais de uma vez a surprenderam beijando, a chorar, um objecto que escondia nas duas mãos em concha. E assim, minada por doença mysteriosa, ia definhando, perecendo como a arvore em cujo cérne entrou o caruncho.

Uma manhan, sentindo-se como esvahida, pediu que a transportassem á caverna de Frei Angelo. Em umas andas de ramas dois indios levaram-na da residencia em que se installara, com simplicidade, para o que o eremita chamava o seu « mosteiro ».

O transito foi como o de uma procissão, com toda a tribu a acompanhá-la em commovido silencio. Parajára e Poranga seguiam a um e outro lado da maca -- a india a chorar, o tamoyo de expressão ferrenha, a cabeça altivamente levantada, com um olhar duro, de desafio ao céu. O que o rosto dissimulava não escondia o coração, cujos éstos se denunciavam no arfar precipite do peito largo e robusto.

Quando Frei Angelo descobriu o que restava de Selva naquelle leito de folhas vidraram-se-lhe de lagrimas os olhos e, incliuando-se carinhosa-

mente ao rosto, em attenção ao aceno que lhe fazia a donzella, escutou-lhe a voz flébil, voz que parecia vir de muito longe, já das extremas da vida: « Na capella, meu pai, diante de Deus. »

Sem forças para falar o monge accedeu com um gesto e os indios arriaram a maca á beira do altar, afastando-se a um signal do eremita. Parajára e Poranga deixaram-se estar, Selva, porém, acenou de cabeça recusando-lhes o que pediam, querendo ficar a sós com Frei Angelo para confessar-se e ungi-se. De cabeça baixa, na compostura humilde, de opprobrio com que os dois banidos da Graça deixaram o Eden, o casal retirou-se. O monge ajoelhou-se ao lado da maca e, docemente, abrandando em ternura as palavras, interrogou a donzella sobre o que fizera para attrahir a morte destruindo, com o peccado do suicidio, a mais perfeita das criações de Deus, que é a vida. A donzella soergueu o busto e encarou o confessor surpresa:

— Não, meu pai. A vossa suspeita não tem fundamento. Veneno algum tomei, nem tal faria, tendo-vos eu jurado obediencia em tudo. E porque havia eu de buscar a morte em flores ou hervas se a tinha commigo, dentro em meu coração? Não vos minto, meu pai. Quem morre é como quem nasce. Se nada se traz ao entrar na vida, della nada se leva ao sahir. Vou mostrar-vos a verdade abrindo-vos o coração.

Calou-se um instante passando a mão, de leve, pela fronte já fria e continuou por fim, lentamente, aos offêgos, como se grande peso lhe esmagasse o peito.

— Conheceis toda a minha vida até o momento

amarella dos cirios do altar, o oleo da lampada sacramental tirava-os elle dos colmeaes e das palmeiras. Frutos tinha-os á farta e sempre frescos, porque eram os presentes que, todas as manhãs, lhe levavam os curumins, quando iam á lição.

Sem se mortificar em rigorosas penitencias, á maneira austera dos primitivos ermitões, como o suave pobresinho de Assis amava fraternalmente todas as criaturas. Em certos dias, sem contar os domingos, nos quaes todos accorriam á missa na capella, attrahia os indios praticando com elles sobre assumptos devotos, que a sua imaginação poetica floria. Explicava-lhes passagens dos Testamentos ou referia-lhes milagres e martyrios de santos, victorias assignaladas da Cruz sobre bruta gente e até sobre feras.

Ás vezes, no clarear de uma manhã, sonora de cantos de aves ou ao alvo esplendor de uma noite de luar os indios davam com elle em enlevo á entrada da caverna, murmurando palavras de amor, que eram hymnos. E sorria, brincava com os pequeninos, com os dóceis animaes que lhe comiam á mão e se lhe espojavam aos pés rosnando em som de caricia.

E assim como se alegrava diante das graças da natureza e da vida e com a felicidade do seu rebanho, nada o detinha no cumprimento dos seus deveres sacerdotaes — tempestades as mais desabridas ou as mais causticas soalheiras não o faziam demorar com o soccorro espiritual a quem delle carecesse, fôsse onde fôsse, até entre outras tribus distantes dias, através de brenhas e montanhas, além de rios e areas.

Para justificar-se do que fazia com os proprios inimigos, dizia : « O sol pousa em tudo e, em vez de manchar-se purifica o que toca. Assim o sacerdote deve conviver com todos os homens, seus irmãos, e onde os saiba mais viciosos e crueisahi é que, de preferencia, deve assistir para converter, com o seu conselho, as almas tresvariadas, como o sol secca os lodagaes tirando-lhes a malignidade e tornando-os propicios á sementeira. »

As crianças, que o adoravam, porque a sua virtude era meiga, formavam-lhe alegre cortejo quando elle resolvia visitar a matta, porque as proprias arvores, como se elle as considerasse seres dotados de alma, interessavam-no — sorria se as encontrava viçosas, cobertas de flores ; estristecia-se até ás lagrimas ao se lhe deparar alguma a perecer, já murcha e sem folhas.

Com o regresso dos que haviam sahido em missão de vingança, o eremiterio, em vez de rejubilar, assombrou-se. O retrahimento taciturno de Selva, que se obstinára em tornar á floresta, á companhia de Frei Angelo, junto do qual gosara dias de perfeita e venturosa paz, os unicos de que se lembrava com saudade, communicou-se a todos em contágio melancolica. Passava os dias sorumbatica, mettida nos baledos ou sentada á beira do rio, a olhar tristonhamente o correr dagua.

Frei Angelo preocupava-se com o abatimento em que a via e, conhecendo miudamente todos os episodios da tremenda vingança em que ella, ainda que a contra gosto, entrara como principal, perce-

bera nas referencias que, de contínuo, fazia a Afonso mais do que piedade, mais do que remorso, saudade, e convenceu-se de que a sua pupilla trazia o coração alanceado e que, de tal ferida, que era de amor mortal, mais do que sangue o que se esvahiã era a propria alma.

Com os dias que passavam ia-se-lhe escoando a vida. Recusava todo o alimento, atravessava as noites em claro, a murmurar como se conversasse em segredo com algum ser invisivel e as cunhas, que a acompanhavam, mais de uma vez a surprenderam beijando, a chorar, um objecto que escondia nas duas mãos em concha. E assim, minada por doença mysteriosa, ia definhando, perecendo como a arvore em cujo cérne entrou o caruncho.

Uma mauhan, sentindo-se como esvahida, pediu que a transportassem á caverna de Frei Angelo. Em umas andas de ramas dois indios levaram-na da residencia em que se installara, com simplicidade, para o que o eremita chamava o seu « mosteiro ».

O transito foi como o de uma procissão, com toda a tribu a acompanhá-la em commovido silencio. Parajára e Poranga seguiam a um e outro lado da maca — a india a chorar, o tamoyo de expressão ferrenha, a cabeça altivamente levantada, com um olhar duro, de desafio ao céu. O que o rosto dissimulava não escondia o coração, cujos éstos se denunciavam no arfar precipite do peito largo e robusto.

Quando Frei Angelo descobriu o que restava de Selva naquelle leito de folhas vidraram-se-lhe de lagrimas os olhos e, inclinando-se carinhosa-

mente ao rosto, em attenção ao aceno que lhe fazia a donzella, escutou-lhe a voz flébil, voz que parecia vir de muito longe, já das extremas da vida : « Na capella, meu pai, diante de Deus. »

Sem forças para falar o monge accedeu com um gesto e os indios arriaram a maca á beira do altar, afastando-se a um signal do eremita. Parajára e Poranga deixaram-se estar, Selva, porém, acenou de cabeça recusando-lhes o que pediam, querendo ficar a sós com Frei Angelo para confessar-se e ungi-se. De cabeça baixa, na compostura humilde, de opprobrio com que os dois banidos da Graça deixaram o Eden, o casal retirou-se. O monge ajoelhou-se ao lado da maca e, docemente, abrandando em ternura as palavras, interrogou a donzella sobre o que fizera para attrahir a morte destruindo, com o peccado do suicidio, a mais perfeita das criações de Deus, que é a vida. A donzella soergueu o busto e encarou o confessor surpresa :

— Não, meu pai. A vossa suspeita não tem fundamento. Veneno algum tomei, nem tal faria, tendo-vos eu jurado obediencia em tudo. E porque havia eu de buscar a morte em flores ou hervas se a tinha commigo, dentro em meu coração ? Não vos minto, meu pai. Quem morre é como quem nasce. Se nada se traz ao entrar na vida, della nada se leva ao sahir. Vou mostrar-vos a verdade abrindo-vos o coração.

Calou-se um instante passando a mão, de leve, pela fronte já fria e continuou por fim, lentamente, aos offêgos, como se grande peso lhe esmagasse o peito.

— Conheceis toda a minha vida até o momento

desventurado em que nos apartamos, em Londres, vindo vós para a tranquillidade deste sitio, que elegestes para vosso retiro, seguindo eu, com o meu disfarce, para o Oriente, onde me instruí no que devia fazer para levar a cabo a prova rancorosa imaginada por Parajára.

Soluços embargaram-lhe a palavra. Descalhiu em vágado. O eremita amparou-a, soergueu-a nos braços, chamando-a carinhosamente :

— Então, Selva, minha filha . . . coragem ! Se foste cúmplice em tão nefando crime não o fizeste de motu-proprio, mas compellida por outrem e Deus levará á conta do perdão que mereces o muito que tens soffrido. Fala.

Mais repousada, contendo lagrimas, Selva continuou :

— Que remorso tenho de haver entrado em tal insidia ! Porque me não recusei ! Que falta então me fizestes, meu pai ! Conheceis, ponto por ponto, toda a lugubre tragedia com o desfecho horrendo do matricidio e o desespero em que elle deixou o desgraçado que, para fugir ao remorso, precipitou-se do alto de um precipicio ao pedregal de um abysmo. Lá fui eu vê-lo, meu pai ; tive-o nos braços e, sem o testemunho da vida, que me faria córrer de vergonha, beijei-o. Fiz mal ? Não sci. A morte é sagrada. Foi esse beijo que me envenenou, beijo mortal, beijo do desespero, beijo do meu amor infeliz. Elle é que me mata, meu pai e não outro veneno de flôr ou herva. Podeis imaginar o soffrimento de alguém que, amando a outrem mais do que a si mesmo, o excruciasse infligindo-lhe todas as torturas, levasse-o ao mais hediondo dos crimes de

onde o remorso, desvariando-o, o fizesse recorrer á morte? Imaginai-o se puderdes e tereis idéa do meu soffrimento. Felizmente está tudo acabado, cheguei, com a minha cruz, ao topo do martyrio. Perdoai-me e abençoai-me.

Abriu-se-lhe na tristeza do rosto um pallido sorriso, passou um lento e languido olhar em volta, tremeram-lhe os labios na expiração de um nome e serenou como se adormecesse.

Frei Angelo inclinou-se-lhe ao peito e auscultou-lhe o coração. Pondo-se, a impeto, de pé com as lagrimas a quatro e quatro pelas faces, dirigiu-se ao altar, tomou a campainha e tangeu-a com força.

Em violento macareu, foi a caverna instantaneamente invadida pelos indios que aguardavam fóra. Parajára e Poranga avançavam á frente. Diante, porém, da attitudo extatica de Frei Angelo e da immobildade da donzella comprehenderam que a Morte entrara no santuario e logo rompeu a grita das mulheres e dos curumins e o sussurro commovido dos homens acompanhou-o em echo fúnebre. Poranga atirou-se ao cadaver abraçando-se com elle, a chorar, e o tamoyo, cruzando os braços, estatelado, quedou-se a contemplá-lo, sem uma lagrima nos olhos duros. Rispidas crispações coriscavam-lhe nas faces arripiadamente. Por vezes na multidão uma voz plangente bradava o nome de Selva, como se a chamasse do longe para onde ella partira e outras repetiam soluçadamente o appello afflicto.

De repente Parajára tombou de joelhos junto da finada, como abatido por um golpe de maça e ali ficou cabiscahido, a orar, com estremeções que, a

quando e quando, o sacudiam violentamente. Frei Angelo fez signal aos indios para que se retirassem e no silencio do sacrario ficou apenas um leve murmuro de queixa : era a Poranga a chorar.

Levantou-se o indio e de doairo severo, olhando minazmente a imagem do crucificado, deu com o monge, que se mantinha de pé junto do altar. Os dois homens encararam-se como em desafio.

-- Parajára, disse, por fim, Frei Angelo, a tua obra está completa e mais extensa e cruel do que a gisaste na alma. Deves estar contente. Abi jaz diante de ti, a tua derradeira victima. Gosa á vontade o teu triumpho.

— Selva morreu de tristeza, padre ; resmungou o indio soturnamente.

— De tristeza, dizes . . . E porque ?

Carregando ainda mais o sobreceño Parajára encarou o monge, que proseguiu severo, deixando cahir as palavras uma a uma como para prolongar o supplicio do tamoyo.

— O recolhimento de Selva a esta solidão surpreendeu-me. Nunca imaginei tornar a vê-la quando della me despedi em Londres, tão certo estava de que o mundo, com os seus prazeres, havia de a seduzir e prender. Vendo-a de volta a estas brenhas estranhei tão singular resolução, comprehensivel em quem tivesse nas veias sangue de selvagem, nella, porém, absurda. Foi tua mulher que me revelou o segredo de tamanho sacrificio.

— Selva morreu de tristeza, insistiu o indio.

— Não é verdade, contraveiu o monge e, encarando o tamoyo com um olhar de desafio, affirmou :

— Selva morreu de amor, amor nascido onde plantaras odio.

Num arrauque de colera o indio arremetteu de punhos cerrados, com as pupillas scintillando áscuas e, batendo com o pé, em incontido furor, rugiu entre dentes :

— Antes assim ! Selva não podia dar o amor do seu coração puro ao filho da mulher má.

— Os filhos não respondem pela culpa dos pais.

— Padre, eu nasci na floresta, a Natureza foi a mestra que tive. A acacia não dá outra flôr senão a de ouro ; a jurema nasce com espinhos ; a filha do urutú traz o veneno materno. Padre, o livro que está ali no altar affirma o contrario do que dizeis. O filho da mulher má tinha nas veias sangue maligno. Selva não podia dar amor do seu coração puro ao que nasceu da assassina de senhor.

Avançou um passo em direcção á sahida, voltando-se, porém, de repente, pronunciou, como em sentença :

— Parajára não queria que Selva aprendesse a decifrar as palavras dos livros, que amollecem o coração. Parajára queria que Selva fôsse como as suas irmans da floresta. Foram os livros que a tornaram fraca. Ninguem deve deixar a casa sem fogo para que as cobras não entrem por ella e se anhem na rede do somno. Perdoar é esquecer, é deixar o coração apagado.

— Estás, então, satisfeito com a morte da que criaste ?

— Selva não podia dar o seu coração puro á filha da mulher má.

E, com taes palavras, retirou-se vagarosamente.

Frei Angelo que, apesar de instado pelas mulheres, conhecendo-lhes os costumes, eivados de reminiscencias barbaras, não consentira no velorio, achava-se sósinho, em joelhos diante da morta, absorvido em profunda ascese quando no silencio, picado apenas, de longe em longe, pela crepitação de um dos cirios do altar, ouviu estrellejo como de passos em saibro. Voltou-se e o que, então, se lhe deparou a dois passos de si fêl-o erguer-se de golpe : dois indios adiantavam-se sorrateiramente, armados, como se alli houvessem entrado com tenção de crime. Encarou-os altivo. Estavam compostos á maneira selvagem — o homem, com alto cocar de pennas longas, enduape, uma pelle de onça ás costas, arco e frechas ; a mulher com um toucado de garçotas e braçaes de plumas. Frei Angelo considerou-os um momento, reconhecendo-os de prompto : eram Parajára e Poranga.

— A que vindes, filhos, e porque estaes ornatos ?

Parajára adiantou-se vagarosamente e, depondo as armas, disse em palavras pausadas :

— Não vos queriamos perturbar, como, porém, déstes por nós, vamos dizer a que vimos. Esteve um momento calado, de olhos baixos, como a pensar, por fim falou : Padre, os tamoyos vêm-se despedir do amigo santo.

— Despedir-se . . . ? ! Despedir-se . . . Porque ?

— Porque vão partir, regressar á floresta, voltar á ocara abandonada. Quem os prendia aos brancos, já não existe. A morte levou-a e com ella foi-se o compromisso dos que a acompanhavam. Quando o corpo desaparece a sombra some-se e os tamoyos eram a sombra da que morreu. Antes de partirem,

como faziam quando ella era viva, os tamoyos fizeram-lhe o leito em que ella vai dormir o somno sem respiração, o somno de sempre. Abriram-lhe a cova, forraram-na de flores e o sitio que, para tal, escolheram foi aquelle que ella preferia para chorar. Ella ficará perto das raizes das arvores grandes que se cobrem de ouro. A missão dos tamoyos terminou.

— E agora ?

— Agora . . . Os caminhos ali estão, brancos de luar. Os tamoyos vão manchá-los com as suas sombras passageiras — irão por elles fóra como as folhas descem pelos rios. Nada mais os prende á taba dos brancos, na qual tanto tempo viveram soffrendo saudades. A saudade, Padre, é como as raizes pequeninas que ficam na terra de onde se arranca uma arvore. Muito tempo o terreno demora vasio, nascem hervas, o matto cresce sobre elle, um dia, porém, as raizes acordam, desenvolvem-se e a arvore reaparece. Foi o que se deu no coração dos tamoyos. Parecia que elles haviam esquecido a ocara natal com os bosques que a cercam, com os rios que passam perto, a cachoeira, as lagoas e tudo que lá existe e que é mais lindo do que em outra qualquer parte. Não, padre — as raizes da saudade estavam vivas no coração e agora que nada mais as contém, rebentaram com força. Foi a dôr que revolveu o coração dos tamoyos e pôz a descoberto as raizes da saudade. Os tamoyos vieram pela calada da noite, sem que os seus irmãos percebessem, trazer-vos o adeus da partida restituindo-vos tudo quanto lhes destes.

— Menos Deus, murmurou Poranga, persignando-se, d'olhos na cruz.

— Sim, menos Deus. Esse ficou-lhes na alma e os acompanhará na paz e na guerra, na vida . . .

— . . . e na morte, concluiu a india.

— Mas os tamoyos devem defesa á sua o cara, onde jazem as igaçabas dos seus mortos, continuou Parajára, e, como nada mais os prende aos brancos, voltam para tentar reunir os seus irmãos que andam errantes, fugindo ás algemas dos brancos, que os querem para escravos, e á mussurana das outras tribus que se acirram em vingar-se dos valentes que outr'ora as faziam correr, abandonando as tabas só com o estridor dos borés. Esses que ali estão, quasi todos nascidos á sombra da cruz, são espurios da raça, não servem para combates. A pedra, que é forte, ainda mergulhada no rio, não se embebe d'agua; a terra, com qualquer chuvisco, logo se encharca e amollece. Esses que aqui ficam não são tamoyos de guerra, serão, como a terra molle, bons para a cultura. Parajára e Poranga vão ao appello dos errantes, levados pela querencia. Antes que amanheça estarão além do rio, longe, e quando, á beira da sepultura, os que ficam perguntarem por elles, vós lhes direis que partiram, buscando encontrar-se, além das montanhas azues; no azul mais alto, com a que morreu de tristeza.

Disse e, ajoelhando-se diante da morta, ficou um momento a contemplá-la. Poranga inclinou-se sobre o rosto gelado e quasi o aqueceu a beijos. Mas no claro silencio da noite levantou-se, lugubre, a voz do acauan. Frei Angelo impoz a mão ao hombro do tamoyo dizendo-lhe, como em vaticinio:

— Parajára, é o acauan que agoura desgraça.

— Sim, Padre, concordou Parajára, tomando

as armas que depuzera no chão. Pode ser o signal da morte dos ultimos tamoyqs. Ninguem foge ao destino.

Levantaram-se os dois, e inclinaram-se diaute do monge, que os abençoou, e caminharam a passos vagarosos, seguidos pelo olhar saudoso do eremita. Á entrada da caverna pararam um momento, voltaram-se, ainda uma vez, olhando o altar, o esquite rustico e Frei Angelo, que os contemplava immovel, como petrificado. Parajára laixou a cabeça pensativo, de repente, porém, levantando o arco, como em desafio, bradou :

— Foi melhor assim ! Selva não podia dar o amor do seu coração puro ao filho da mulher má.

Sahiram. E o canto do acauan repetiu-se mais lugubre na tristeza do livido luar.

---

# INDICE

## SEGUNDA PARTE

### O thesouro mysterioso

|   |     |
|---|-----|
| I — O refugio dos ultimos tamoyos . . . . . | 7   |
| II — O eremita . . . . .                    | 33  |
| III — A caverua de esmeralda . . . . .      | 53  |
| IV — O senhor da ubira . . . . .            | 77  |
| V — A virgem e o asceta . . . . .           | 91  |
| VI — Além mar ! Além mar ! . . . . .        | 125 |

## TERCEIRA PARTE

### O rajá do Pendjab

|                                       |     |
|---------------------------------------|-----|
| I — No arraial do Tijuco . . . . .    | 149 |
| II — A familia Saavedra . . . . .     | 180 |
| III — O principe Varuna . . . . .     | 189 |
| IV — A recepção . . . . .             | 209 |
| V — Maya . . . . .                    | 224 |
| VI — Tormentos . . . . .              | 246 |
| VII — Jurity e uruti . . . . .        | 269 |
| VIII — Espectros do passado . . . . . | 290 |
| IX — O desvairo . . . . .             | 313 |
| X — Morte amor . . . . .              | 324 |